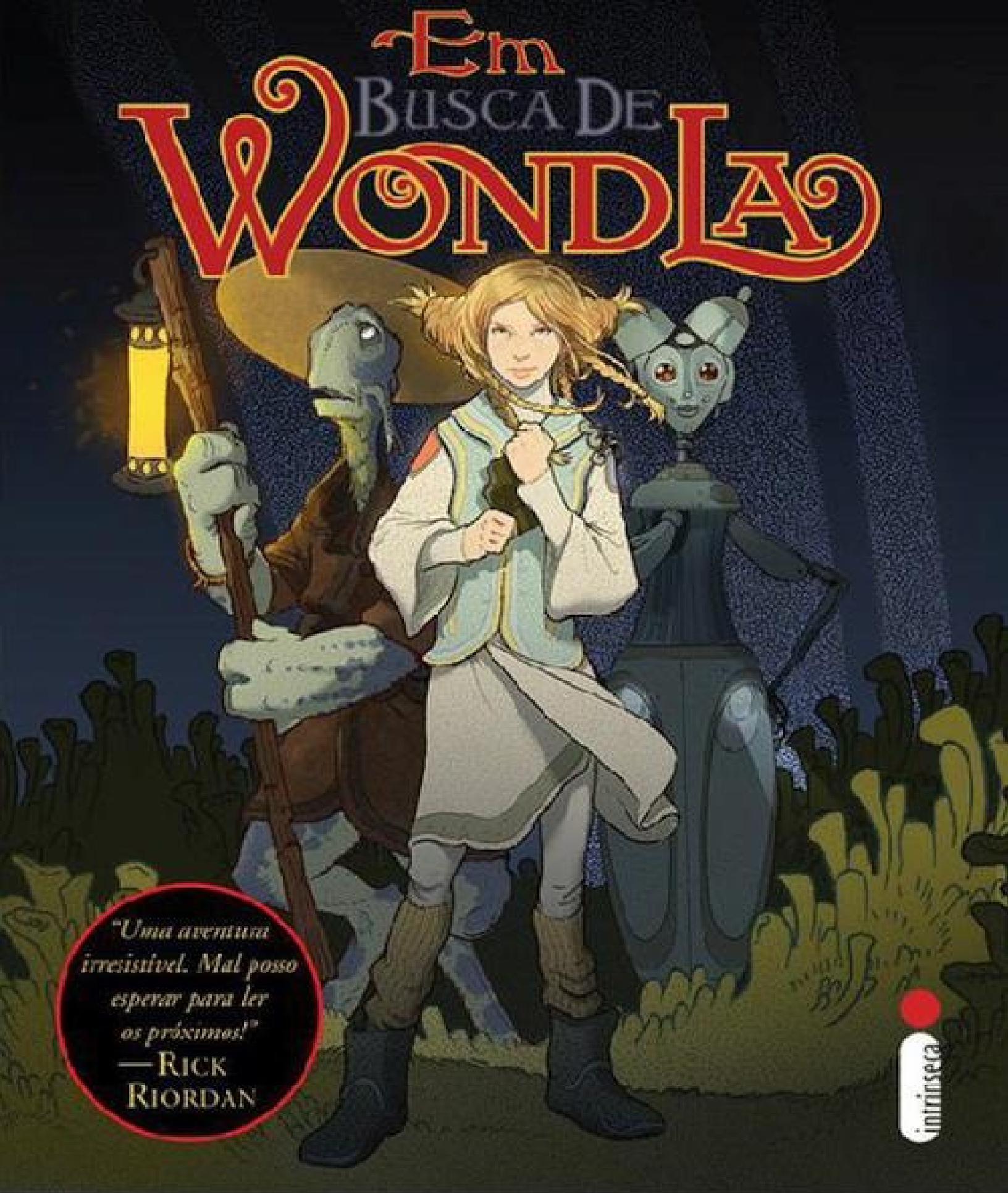
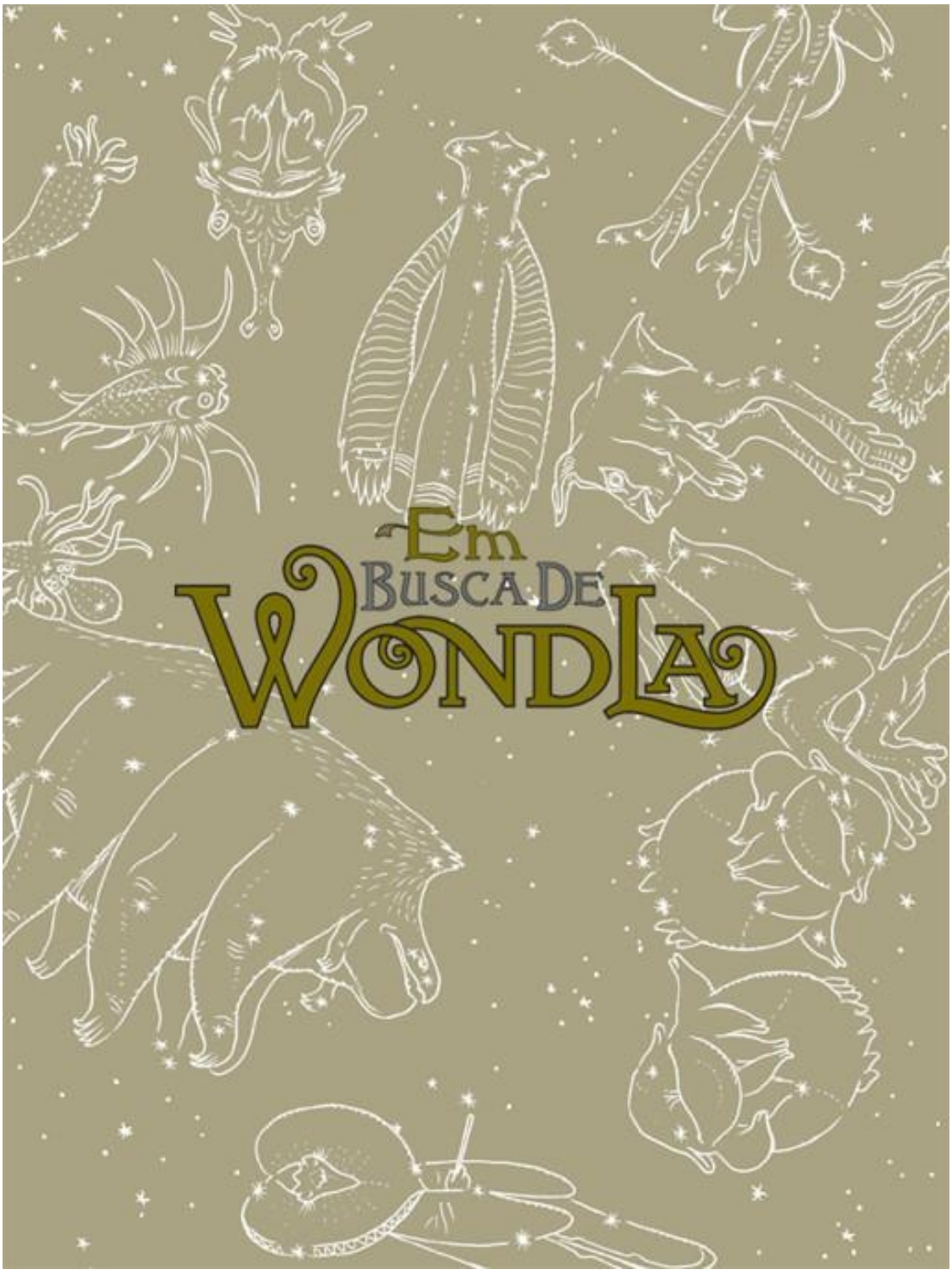
Em Busca de Wondla



"Uma aventura irresistível. Mal posso esperar para ler os próximos!"
—Rick Riordan

intrínseca

Tony DiTerlizzi


Em
Busca de
Wondla

Em Busca de Wondla

Tony DiTerlizzi

Com ilustrações do autor

TRADUÇÃO DE RENATA PETTENGILL



intrínseca

Copyright © 2010 Tony DiTerlizzi. Esta edição foi publicada mediante acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, em nenhuma forma ou nenhum meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou em um sistema de recuperação sem a permissão inscrita da Editora Intrínseca.

TÍTULO ORIGINAL
The Search for WondLa

PREPARAÇÃO
Sheila Til

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto

CAPA
Lizzy Bromley, John Lind e Tony DiTerlizzi

LETTERING ORIGINAL
Tom Kennedy

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Tony DiTerlizzi e Lizzy Bromley

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ADAPTAÇÃO DE IMAGENS
ô de casa

E-ISBN
978-85-8057-168-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Sumário

PARTE I

Capítulo 1: Sozinha
Capítulo 2: Habilidades
Capítulo 3: Segredos
Capítulo 4: Bum
Capítulo 5: Na superfície
Capítulo 6: Onipod
Capítulo 7: Formas de vida
Capítulo 8: Presa
Capítulo 9: Em pedaços
Capítulo 10: Corra

PARTE II

Capítulo 11: Feridas
Capítulo 12: Tocaieiro-do-areal
Capítulo 13: Santuário
Capítulo 14: Cinzas
Capítulo 15: Sentido anti-horário
Capítulo 16: Quebra-cabeça
Capítulo 17: Portas
Capítulo 18: Subsistência
Capítulo 19: Floresta
Capítulo 20: Água
Capítulo 21: Nevoeiro

PARTE III

Capítulo 22: Lacus
Capítulo 23: Trançado
Capítulo 24: Presentes
Capítulo 25: Salto
Capítulo 26: Muito longe
Capítulo 27: Mensagens
Capítulo 28: Artefatos
Capítulo 29: Marcas
Capítulo 30: Esperança
Capítulo 31: Tudo bem
Capítulo 32: O Peixe-dourado
Capítulo 33: Encontro

PARTE IV

Capítulo 34: Grande Migração
Capítulo 35: Gira-barbatanas
Capítulo 36: Sem fôlego
Capítulo 37: Sinal
Capítulo 38: Ruínas
Capítulo 39: Superfície
Capítulo 40: Escuridão
Capítulo 41: Verdade
Capítulo 42: WondLa
Epílogo

Mapa da região de Orbona
O alfabeto orboniano
Agradecimentos
Sobre o autor

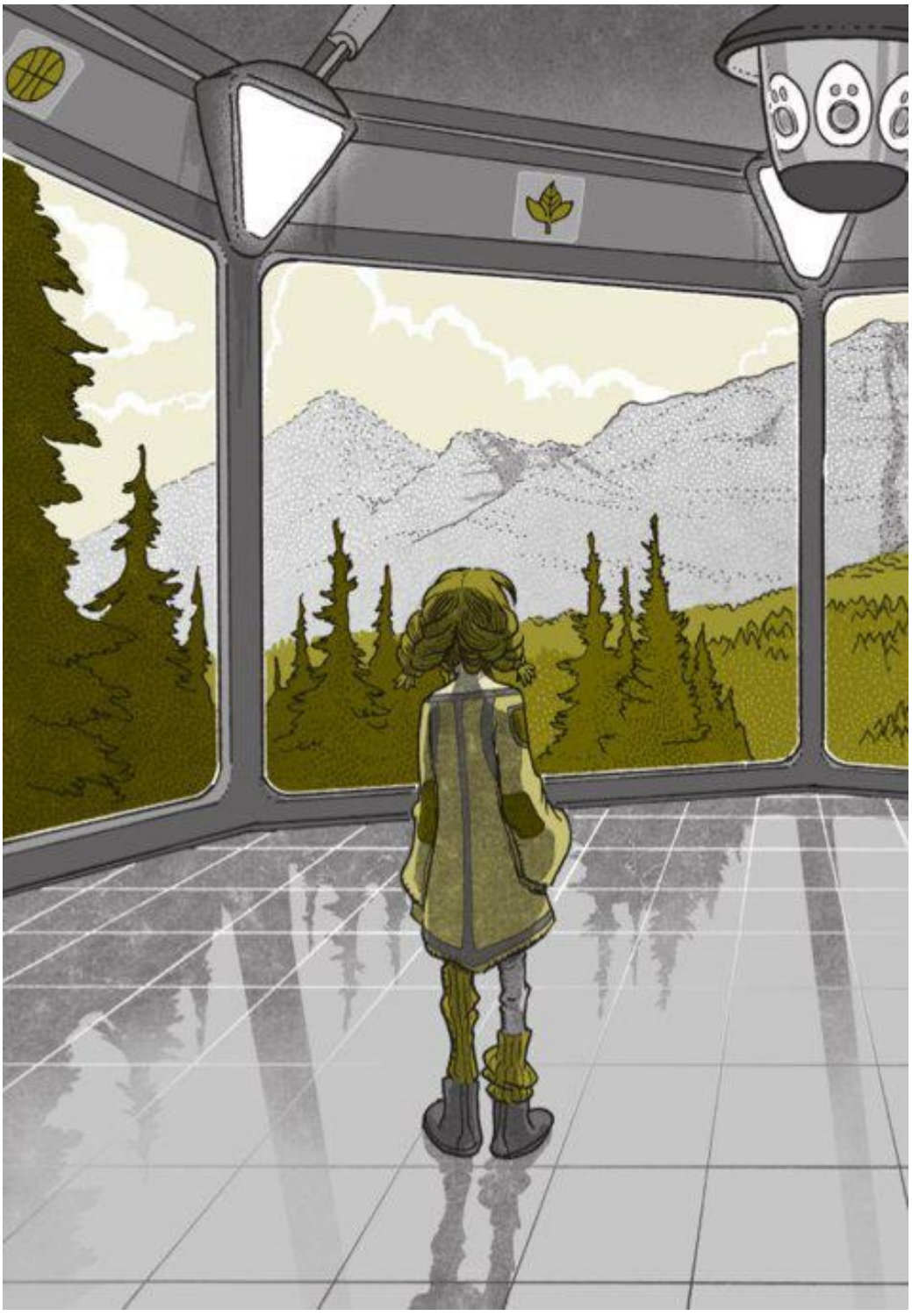
“Se você quiser que seus filhos sejam inteligentes,

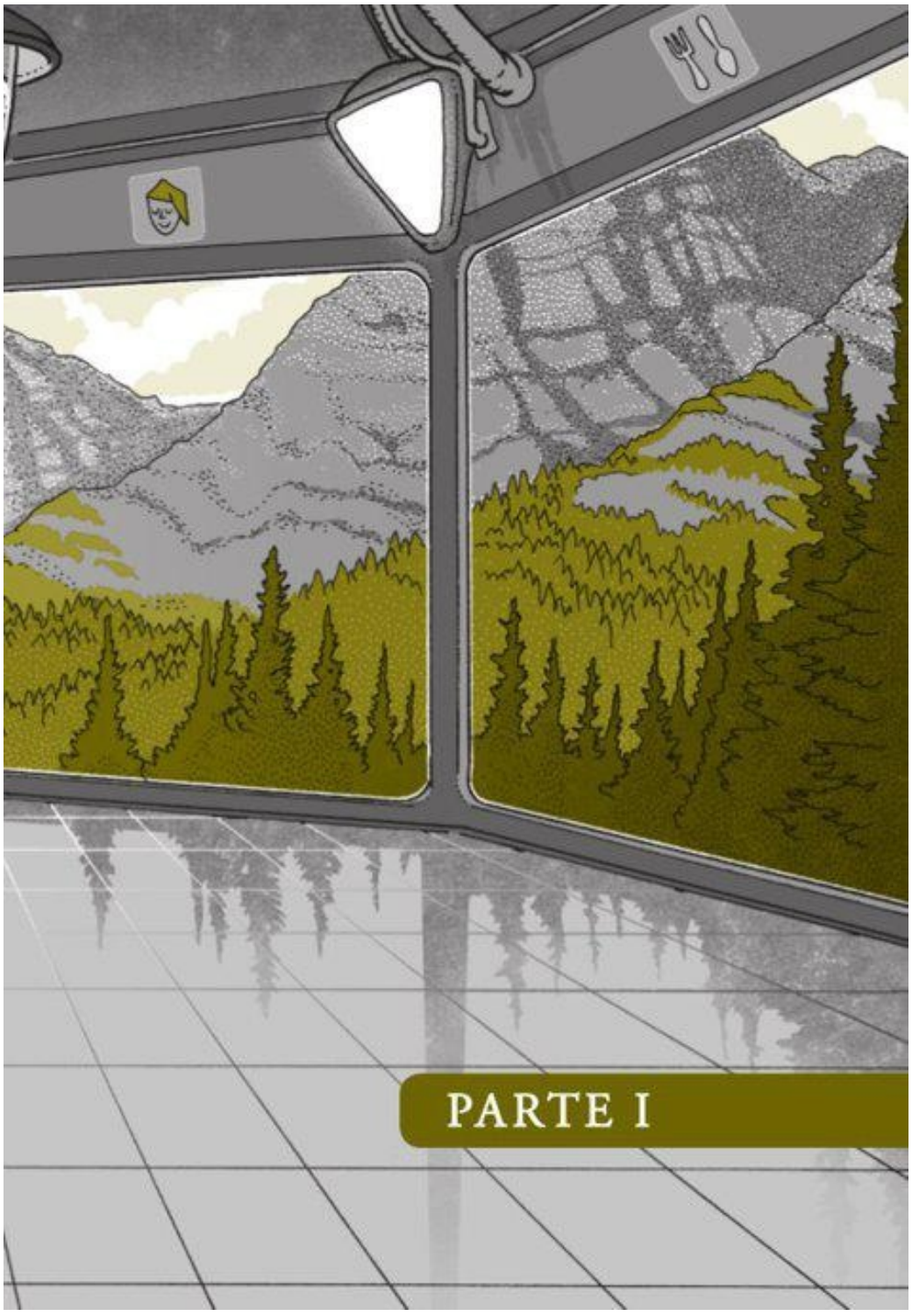
LEIA CONTOS DE FADAS.

Se quiser que sejam mais inteligentes,

LEIA MAIS CONTOS DE FADAS."

—Albert Einstein





PARTE I



CAPÍTULO 1: SOZINHA

Eva Nove estava morrendo. Os minúsculos pontos escarlate em sua mão lembravam os olhos encolerizados da cobra que acabara de picá-la.

Sentada no chão coberto de pequenas pinhas e agulhas de pinheiro, ela sentiu a espiral azeda da ânsia de vômito subir do estômago até a garganta.

Deixou cair o punhado de musgos, agora molhados de suor, que havia colhido do solo da floresta.

— Lenha — instruíra-lhe o Onipod horas antes, com seu jeito animado. — Encontre objetos inflamáveis, como galhos secos, gravetos ou musgos, e use-os para acender uma fogueira.

O grande aglomerado de rochas que Eva havia encontrado lhe parecera o local perfeito para construir um abrigo e passar a noite, e o terreno ao redor era coberto por tufos de musgos acinzentados. Ao se abaixar para colher um punhado deles, Eva notara que, estirada bem a seu lado, havia uma cobra marrom-avermelhada cheia de pintas banhando-se no fraco sol do entardecer. O problema foi tê-la percebido tarde demais para evitar a picada.

Agora, com as mãos trêmulas, Eva remexia em sua bolsa surrada à procura do Onipod. O aparelho portátil metálico era achatado como uma lupa e tinha, bem no centro, um pequeno orifício circular parecido com um olho. O coração de Eva batia forte, como se tentasse sair do peito. Ela engoliu em seco, interrompendo o ritmo frenético da respiração. O emblema na manga de sua túnica apagou e acendeu em sinal de advertência.

— Aqui é Eva Nove — sussurrou para o Onipod. — Iniciar A-M... am, A-M...

Eva fechou os olhos e se concentrou. Levou o aparelho à testa, como se o Onipod pudesse soprar para seu cérebro o comando de que ela precisava.

— Saudações, Eva Nove. Como posso ajudá-la? — perguntou o dispositivo em tom suave.

— Eu... am... — As mãos dela tremiam. — Preciso que inicie o Auxílio

Médico...

— Você quer dizer Assistência Médica Individual, sigla AMI? — corrigiu-a o Onipod.

— É — respondeu Eva, passando a língua pelos lábios secos e tentando não vomitar.

— É uma emergência?

— Sim! Preciso de ajuda agora! — gritou Eva.

— Qual é a natureza da emergência?

— P-picada de cobra — disse a menina, e engoliu em seco mais uma vez.

A ânsia de vômito pairava, à espreita, logo abaixo da língua, pronta para jorrar.

— Um momento, por favor. Iniciando Identicaptura. — Eva observou três pequenas luzes piscando em intervalos regulares ao redor do olho central do Onipod. — Iniciar Identicaptura da cobra. Precisamos determinar se é ou não uma espécie venenosa.

Com o olhar vidrado, Eva examinou a área — não conseguia nem focalizar o terreno à volta, quanto mais encontrar uma cobra camuflada no chão. Ela revirou os olhos. Sua respiração ficou mais lenta. O Onipod deslizou por seus dedos.

Eva caiu de costas, como um gigante sem vida tombando em uma minifloresta de musgos. Olhou para o alto, para o céu azul-cobalto de fim de tarde. Caído a seu lado, o Onipod repetia:

— Favor iniciar Identicaptura.

— Morta — foi tudo o que Eva conseguiu murmurar. — Estou mesmo morta.

Uma voz vinda dos céus ecoou pelo ar. Era doce e suave, como a que Eva ouvira dos lábios de uma linda mulher em um filme antigo.

— Eva. Eva, querida, levante-se, por favor.

Exatamente como em um filme antigo, Eva também pôde ouvir um baixo ruído de estática por trás da cadência melodiosa da voz.

Os pinheiros pareceram sussurrar o nome da menina quando a brisa do anoitecer soprou. Em algum lugar a distância, uma ave noturna cantou, saudando a noite. Eva forçou-se a abrir um pouquinho os olhos verde-claros.

— Eva Nove — insistiu a voz —, levante-se.

A menina virou-se de lado. Deitada na floresta, olhou atentamente para o tufo de musgo que mais uma vez pegara do chão. Observou que a delicada trama de ramos parecia uma árvore em miniatura, desbotada e sem vida.

Como uma planta tão pequena sobrevive em um mundo tão grande?, perguntou a si mesma. *Qual é o propósito de sua existência? Qual é o propósito da minha existência?*

— Eva, por favor...

— Estou morta — ela anunciava para o céu. — Não percebeu? Eu parti. Desfaleci. É meu fim. Mooorrri!

Eva voltou sua atenção para a arvorezinha de musgo e fez biquinho.

— Não que você precise se preocupar com isso — murmurou.

O tufo desapareceu de repente, dissipando-se em uma nuvem de poeira. Eva se encolheu abraçando as pernas e fechou os olhos, enquanto o mundo à sua volta também evaporava, transformando-se em nada. Em vazio.

Agora a voz estava bem a seu lado.

— Eva, o que aconteceu?

— Deixe-me em paz — respondeu.

— Você não se concentrou — disse a voz, suspirando. — Suas chances de notar a cobra seriam de noventa e oito por cento se tivesse feito uma varredura simples com o BioEscâner. Ela estava bem à sua frente.

Ainda encolhida e abraçando as pernas, Eva não disse uma palavra.

— Obviamente terei de registrar seu fracasso nesse teste de habilidade de sobrevivência. Tentaremos de novo amanhã. Combinado? — perguntou a voz.

Uma delicada mão acariciou o cabelo louro-escuro e meio trançado de Eva. A menina por fim se levantou.

Duas esferas escuras que emitiam um brilho âmbar refletiram seu rosto de um jeito distorcido, fazendo-a parecer um peixe em um aquário. Grandes pálpebras automatizadas se abriram e fecharam em um movimento igual ao de um ser vivo. Vários outros olhos pequeninos examinaram a menina, sem piscar, registrando inúmeros dados e os enviando para um cérebro computadorizado. O cérebro ficava acomodado em dois tubos metálicos na parte de trás de uma cabeça cuja frente era um rosto mecânico revestido de borracha de silicone.

— O que está havendo com você, Eva? — Os lábios automatizados moveram-se para perguntar. — Deveria ter passado nesse teste sem nenhum esforço. Está tudo bem?

Um dos braços retráteis da robô estendeu-se de um carrossel com diversos outros braços dobrados ao longo do tronco cilíndrico. Quatro dedos esguios, cujas pontas eram revestidas da mesma borracha de silicone da cabeça, massagearam os ombros de Eva na tentativa de consolá-la.

— Como anda sua concentração? — perguntou a robô. — Notei que você não chegou a dormir dez horas ontem à noite, o que indica que talvez não tenha acumulado quantidade suficiente de sono REM. Isso pode afetar consideravelmente seu desempenho.

— Agora não, Mater — disse a menina, desvencilhando-se da robô. —

Preciso ficar sozinha.

Ela cruzou a ampla sala quadrangular branca, dirigindo-se a uma porta de batente baixo. Os ladrilhos emborrachados em tom amarelo-claro absorviam o ruído de seus passos arrastados. Embora a câmara estivesse mal-iluminada, o pouco de luz que vinha dos holoprojetores presos no teto era suficiente para mostrar que o lugar estava completamente vazio... a não ser pela humana e pela robô azul-claro.

Eva parecia mal-humorada ao se arrastar em direção ao cômodo central do alojamento. Quando as amplas portas da holocâmara deslizaram e fecharam atrás da menina, uma cena bucólica repleta de detalhes vívidos foi projetada nelas. Nuvens macias como algodão vagavam ao sabor do vento em um magnífico céu azul-anil, acima de montanhas cor de lavanda. Dava a impressão de que todo o cômodo era um grande gazebo ao ar livre, com uma vista espetacular, embora uma das projeções não estivesse funcionando direito — ela tremeluzia e se transformava em uma cena idêntica, só que noturna, o que estragava a ilusão.

— Bem-vinda de volta, Eva Nove — falou o intercomunicador em tom descontraído. As palavras reverberaram por todo o cômodo octogonal. — Como posso ajudá-la?

A água corria em um riacho remoto e pássaros cantavam, enchendo o vestíbulo com os sons ambientes que correspondiam à paisagem.

— Oi. Abra a porta do quarto, Santuário, por favor — disse Eva ao cruzar o cômodo central, pisando forte e indo até a janela do outro lado.

Projetada nela, via-se a imagem espetacular de uma cachoeira que jorrava do alto de uma montanha gigantesca, produzindo uma névoa. A menina atravessou a cena, que tremeluziu como se fosse uma cortina holográfica, e entrou pela porta aberta de seu quarto pouco iluminado.

— Feche a porta, por favor.

Eva arremessou o casacolete na banqueta. Sentou-se na beirada da cama de espuma e tirou os botatênis. Ao se jogar para trás no colchão oval, olhou fixamente para o alto, para a infinidade de canos e dutos de exaustão que se cruzavam no teto branco. Havia marcas de infiltração nos ladrilhos das quinas do pequeno quarto, como se fossem flores amareladas desabrochando dos canos. Uma das lâmpadas da luminária acima dela piscava a intervalos irregulares e irritantes.

Ela colocou as mãos na parte posterior da cabeça e passou os dedos no sinal arredondado e protuberante que possuía na base da nuca. O calor da cama elétrica atravessava sua túnica, fazendo-a sentir-se aconchegada. Eva fechou os olhos e já estava pegando no sono quando a porta do quarto deslizou, abrindo-se

novamente.

— Você esqueceu a bolsa de equipamentos e o Onipod na holocâmara — falou Mater, adentrando o quarto equilibrada em uma única roda, cujo pneu já estava meio gasto. — É sério, querida, como espera completar o treinamento se não toma conta de seus pertences?

— Mater! — resmungou Eva, os olhos fixos no teto manchado, recusando-se a encarar a robô. — Deixe isso aí. Vou guardar tudo mais tarde.

A robô pegou da banqueta o casacolete surrado. A peça estava camuflada entre bichos de pelúcia, roupas sujas e papeletrônicos espalhados pelo quarto.

— Vai guardar isto da mesma forma que guardou o restante das suas coisas? Às vezes me pergunto...

— Mater, por favor, só quero ficar um pouco sozinha — vociferou Eva, ainda olhando para o teto.

Mater pendurou a roupa na fileira vazia de ganchos dispostos lado a lado na parede.

— O jantar será servido às dezoito horas. Seja pontual, por favor, Eva — pediu Mater.

Assim que a robô saiu do quarto, a porta fechou-se. Eva passou a mão atrás da cabeça e puxou o travesseiro. Então, apertando-o contra o rosto, gritou.



CAPÍTULO 2: HABILIDADES

— Estou preparando uma salada de espinafre com morango — anunciou Mater, cantarolando, quando Eva entrou na cozinha e deixou-se cair no banco.

Os tons de bege casca de ovo das paredes da cozinha e a sequência de armários amontoados não ajudavam muito aquele ambiente compacto a parecer aconchegante. Um fogão arranhado e descascado ocupava grande parte da parede oposta, acompanhado de uma enorme coifa presa ao teto. Ao lado havia uma pia com diversas torneiras e bicas que pareciam tentáculos anelados de metal. Eva cutucou com a unha um pouco de comida ressecada no tampo da mesa de aço.

— Estou muito feliz por termos conseguido consertar o sistema de irrigação da estufa na semana passada. Já conseguimos aumentar a colheita em setenta e seis por cento — disse Mater, colocando uma tigela cheia de morangos na frente de Eva. — Tome. Pode cortar estes aqui.

Eva escolheu um morango do tamanho de seu punho e apanhou uma faca no cepo.

— Essa é para cortar filé — informou Mater, tirando delicadamente o utensílio da mão da menina. Uma outra mão cheia de fios entregou a Eva uma faca de *chef* pequena. — Esta servirá bem.

Eva deitou o enorme morango de lado, pronto para ser fatiado.

— Não está se esquecendo de nada? Lavou as mãos? — perguntou Mater, ainda virada para a pia, onde agora lavava folhas de espinafre.

Eva revirou os olhos e juntou-se a ela.

Na pia, Mater preparava a comida a seu modo eficiente de sempre. Uma das mãos passava uma folha de espinafre grande e ondulada já limpa para outra, que por sua vez colocava a folha em uma tábua de corte. Uma terceira mão cortava o espinafre em quadrados perfeitos.

— Estive pensando — disse a robô — que precisamos parar e revisar alguns

procedimentos básicos antes de continuarmos com o treinamento para situações ao ar livre.

Eva enxugou as mãos na túnica, deixando parte da bainha molhada.

— R-revisar? — perguntou, engasgando. — Quanto tempo isso vai levar?

— Se começarmos amanhã, algumas semanas... ou, mais precisamente, vinte e quatro dias — respondeu Mater, colocando o espinafre cortado em uma saladeira de aço.

— Vinte e quatro dias? — perguntou a menina, sem acreditar no que estava ouvindo. — Por que nós não saímos simplesmente e fazemos de verdade alguns desses exercícios? Tenho certeza de que eu me sairia muito melhor.

Ela removeu a coroa verde de cima do morango e cortou a fruta.

— Você sabe muito bem que ainda não está pronta — respondeu Mater enquanto abria a porta grande de um armário cheio de recipientes de tamanhos diversos, etiquetados e meticulosamente dispostos, como se aquela fosse uma enorme prateleira de temperos.

— Estou pronta — disse Eva. — Sei mais do que você imagina. — Ela empurrou o morango cortado em quatro pedaços para junto da tigela e pegou outro ainda maior que o primeiro. — Além do mais, se sairmos para explorar, vamos poder encontrar... você sabe... outros.

— “Outros?" — repetiu Mater. Ela fez uma pausa e girou a cabeça. Com olhos imensos, a robô parecia uma coruja mecânica perscrutando Eva. — De que outros você está falando?

— Você sabe... outros. Seres humanos, como eu — disse Eva, o olhar fixo na fruta vermelha e madura que cortava.

— Eva Nove, já falamos sobre isso várias vezes.

Mater pegou uma caçarola pendurada no alto. Quando posicionou a panela sob uma das torneiras, automaticamente a água começou a jorrar.

— E, como já disse, não há quaisquer indícios de que existam outros como você aqui. É isso o que a torna tão especial.

Nessa última frase Eva moveu os lábios em perfeita sincronia com a robô, e então arrancou a coroa de outro morango.

— Mas é por isso que eu acho que devemos sair daqui. Para explorar e descobrir se isso é verdade — contra-argumentou a menina.

— Hoje você falhou na mais simples de todas as tarefas: a varredura com o BioEscâner. Ainda não está pronta. — Mater voltou a se concentrar no preparo da comida. — Fogão, queimador um, nível de calor seis, por favor.

— Mas eu me sinto tão presa aqui... — disse Eva, desanimada. — Não podemos ir lá fora nem por um pouquinho?

— Você irá na hora certa, minha querida. Agora...

— Acho que você não entende, Mater. Eu...

— Entendo, sim. Agora, por favor, preste atenção. Concentre-se no que está fazendo. — O tom de voz de Mater era austero.

— Como é que você pode entender? — Eva bateu a faca com força na mesa, fazendo um barulho enorme. — Você é diferente de mim! Você não pode ser picada por cobras! Você... nem é humana!

O silêncio invadiu a cozinha. Só o que se ouvia era o piscar de olhos de Mater. Ela estudou Eva com suas órbitas escuras. A água da panela no fogão começou a ferver. De algum lugar do alto a hélice de um exaustor zumbiu, sugando o vapor para fora do ambiente.

Eva olhava para a robô com uma expressão de desdém, esperando alguma reação. Ficou tentando imaginar o que Mater estaria pensando com todos aqueles zeros e uns percorrendo seu sistema nervoso elétrico. Foi então que se deu conta de que estava sangrando.

— Eva! — disse Mater, sobressaltada, e deslizou até ela.

— Cortei o dedo com a faca. Só isso — disse a menina, enfiando o polegar na boca.

Ao lamber o minúsculo corte, pôde experimentar o gosto de sangue. Sentir sua pulsação.

— Essa não é a melhor maneira de cuidar de um pequeno corte, Eva. — Mater se aproximou da menina e estendeu um braço que mais parecia uma vara. — Deixe-me ver isso.

Eva tirou o polegar da boca e deixou que Mater o analisasse. Ao mesmo tempo, Mater retomou os preparativos para o jantar, derramando na panela com água fervente várias pílulas que retirara do armário. A pequena cozinha foi tomada pelo cheiro de frango assado.

— É exatamente disso que eu estava falando — disse Mater. — Agora, o que você precisa fazer é esterilizar o local. E depois cobri-lo com um adesivo médico pequeno, para que cure sem infeccionar e a cicatriz fique imperceptível.

— Vou ficar bem, Mater. É um corte de nada. — Eva puxou a mão de volta. — Vou sobreviver.

— Eva, por favor, só...

— Está bem! — a menina gritou e saiu da cozinha como um furacão, resmungando baixinho: — Não é você que um dia vai morrer.

Ela andou até o cômodo central do alojamento e ativou manualmente uma porta lateral que levava ao almoxarifado. Quando a porta se fechou, Eva seguiu em frente, passando por um labirinto de estantes com todo tipo de objeto para

uso doméstico: gaxetas elétricas, hololâmpadas, pacotes de feixes de luz, diversos produtos de limpeza e kits de hidratação.

— Olá, Eva Nove. Posso ajudá-la a encontrar algo? — perguntou a voz serena do Santuário pelo intercomunicador.

— Tudo sob controle, Santuário — respondeu Eva, parando em frente a uma estante com produtos medicinais. — Só estou procurando um adesivo médico pequeno.

— Os curativos adesivos com pomada CuraRápida estão localizados na primeira prateleira de baixo para cima — falou o Santuário.

— Obrigada — disse Eva, abrindo um recipiente metálico.

Ela pegou dois curativos e guardou um na túnica. Rasgou a embalagem plástica com os dentes e pôs o adesivo sobre o sangue já coagulado no polegar. De pé naquele corredor sombrio de estantes, Eva parou para escutar. Através da parede de aço pôde ouvir Mater murmurando enquanto colocava a mesa. Eva caminhou até o fundo do almoxarifado e ficou olhando para o discreto contorno de uma porta lacrada.

Uma porta de cuja existência ela não deveria saber.

— Eva, querida? — A voz harmoniosa de Mater foi ouvida pelo intercomunicador. — Encontrou os adesivos médicos?

— Encontrei — respondeu Eva, embora soubesse que a pergunta era apenas retórica. Mater e o Santuário estavam conectados. — Só preciso pegar umas outras coisas... é... papeletrônico... para fazer anotações para a aula de amanhã.

— Bem pensado — disse Mater. — O jantar está pronto!

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, Eva relaxou na aconchegante cama elétrica assistindo a seu holoprograma favorito, *Cuti-cuti e seus Amigos.* Mater entrou no quarto mal-iluminado e atravessou a bagunça espalhada no chão.

— Tenho a impressão de que já pedi a você para arrumar isso — comentou ao se aproximar de Eva.

— Pode entrar — disse a menina com sarcasmo, enquanto via os personagens coloridos do desenho animado brincando no alto de sua cama.

Um guaxinim azul tentava ajudar um polvo laranja a construir uma casa com pedras e gravetos, mas a casa sempre desabava. Um gato de macacão prateado com o logotipo da Dinastas Empreendimentos deu uma risada e declarou:

— Vocês dois precisam de blocos de construção!

— Pausar programa, por favor — comandou Mater com seu tom de voz animado. — Tenho algumas anotações e achei que você poderia querer estas — disse, entregando um papeletrônico a Eva.

Enquanto Eva examinava a folha translúcida, linhas de texto rolavam para cima, alinhando-se com o olhar da menina.

— É apenas uma lista das seis habilidades básicas de sobrevivência — disse ela.

Eva olhou para Mater, e com isso o texto parou de rolar.

— Já estudamos isso.

— Bem, precisamos estudar novamente até que você aprenda tudo direitinho — disse Mater.

— O quê?! — Eva estava perplexa.

A robô colocou uma das mãos em seu ombro.

— Amanhã faremos uma prova oral sobre o significado de cada uma dessas habilidades — disse Mater. — Acerte todas as respostas e poderemos continuar o exercício de fazer fogo exatamente do ponto onde paramos hoje. Combinado?

Eva olhou a lista mais uma vez.

— Então não vamos precisar começar tudo de novo? Do início?

— Não precisaremos recomeçar do início *se* você passar na prova oral de amanhã — disse Mater. — Suas chances de sucesso são de noventa e nove por cento, portanto, espero um desempenho excepcional.

Mater virou-se e saiu deslizando do quarto.

— Boa noite, querida.

Depois que a porta se fechou, Eva pôde ouvir Mater ordenando ao Santuário que desligasse a energia no período noturno. Então olhou para a lista, para aquelas palavras brilhando no papeletrônico:

SEIS HABILIDADES BÁSICAS DE SOBREVIVÊNCIA PARA HUMANOS

1. Confiar na tecnologia
2. Saber enviar avisos
3. Encontrar abrigo
4. Produzir fogo

5. Achar comida e água
6. Ter noções de primeiros socorros

Eva saiu da cama e jogou um cobertor por cima do biomonitor que a espionava lá do alto. Calçou os botatênis e pegou a bolsa que estava na mesinha de cabeceira. Quando a puxou, sem querer derrubou o Onipod no chão. Com o tombo, ele iniciou a projeção do holograma de uma garota em tamanho natural vestida com roupa de ginástica. O rosto dela tinha uma estranha semelhança com o de Eva.

— Não, não, não! — disse Eva, abaixando-se para pegar o aparelho.

— Quem está pronto para um aquecimento com polichinelos? — perguntou a garota no holograma, animada demais para o gosto de Eva.

— Desativar companheira de ginástica — sussurrou Eva para o Onipod.

— Desativando — o equipamento sussurrou em resposta.

O holograma se desfez, deixando apenas uma aura esbranquiçada que iluminava o rosto de Eva.

— Posso ajudá-la em algo mais, Eva Nove? — perguntou o Onipod.

— Só um instante — respondeu ela, passando a mão magra pela pulseira de segurança pendurada no Onipod.

A menina manteve os olhos na porta, esperando para ver se o barulho havia atraído a atenção de Mater. Por fim, disse ao Onipod:

— Ordene ao Santuário que interrompa meu rastreamento e os informes de localização para Mater até que receba novas ordens, por favor.

— Rastreamento da MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis interrompido.

Eva abriu a porta do quarto e saiu para o cômodo central. Podia ouvir o barulho dos esguichos de desinfetante que subiam do piso sob seus botatênis — Santuário estava iniciando a limpeza noturna. O cheiro forte do produto químico pairava no ambiente, fazendo os olhos de Eva lacrimejarem e as narinas arderem.

Ela passou furtivamente pelo cômodo central, seguindo junto à parede mais afastada dos aposentos de Mater — que eram a sala de controle — na esperança de que a robô sempre vigilante não a notasse.

Felizmente, a porta que dava para o almoxarifado estava com defeito e não podia mais ser ativada por comando de voz. Eva apertou um botão verde fluorescente e a porta de correr abriu-se, com um leve zumbido. Eva ficou

parada, esperando para ver se a porta do aposento de Mater abriria por causa do barulho. O que diria se fosse flagrada ali? Adesivo médico, pensou. O antigo caíra no banho.

Eva entrou no almoxarifado, e o calor de seu corpo ativou as luzes do teto. Vendo a porta de correr se fechar, aproximou o Onipod da boca e sussurrou.

— Onipod, por favor, ordene ao Santuário que abra a saída de emergência dos fundos do almoxarifado.

— Saída se abrindo.

A porta de correr no fundo da sala abriu com um ruído. A sombra do corpo de Eva estendeu-se até a escuridão sombria e úmida.

— Aqui vou eu — murmurou ela.



CAPÍTULO 3: SEGREDOS

Eva apertou o botão luminoso vermelho que fazia a porta atrás dela se fechar. Passou os dedos em uma logomarca impressa na liga de metal, na qual se liam as letras *PRH*.

O Onipod entrou em modo luminescente, e um forte feixe de luz foi emitido de seu olho central. Enquanto Eva percorria o corredor longo e sinuoso, lembrou-se de quando descobrira aquela passagem secreta...

Tinha cinco anos e estava brincando de esconde-esconde com Mater.

O esconderijo favorito de Eva sempre fora o armário vazio debaixo da pia da cozinha, mas ela já havia crescido tanto que não cabia mais lá.

Como alternativa, descobrira o caminho que levava aos fundos do labiríntico almoxarifado e escondera-se atrás da prateleira inferior cheia de cápsulas de comida. Rindo baixinho, ela se encostara na parede e se escondera nas sombras à espera da voz brincalhona de Mater. Então, na superfície fria, sentira o contorno inconfundível de uma porta.

Mater a encontrara pouco depois, enquanto Eva tentava fazer o Santuário abrir aquela saída. A robô lhe dissera que era uma porta defeituosa, lacrada muito antes de Eva nascer.

A menina logo se esquecera da passagem misteriosa, até o dia em que fez outra descoberta.

Ao guardar um par de meias de lã na cômoda, Eva, então com oito anos, achou uma inscrição no metal na parte de *dentro* da primeira gaveta. Lia-se em letras maiúsculas: “CB01: ONISCIENTE: PLANTA BAIXA."

Eva havia tentado decifrar o código secreto durante dias. Ficara na dúvida se deveria ou não perguntar a Mater o que aquilo significava. Pensara muito no assunto, mas hesitou, porque foi também nessa época que a menina começou a se dar conta de que ela e Mater eram diferentes. Isso fez surgir um pensamento que ficava martelando em sua cabeça: não estavam lhe contando a história toda.

Os holoprogramas aos quais Eva assistia mostravam outros seres humanos, mas nenhum deles vivia no Santuário. Onde estariam? Quando perguntava isso a Mater, recebia a resposta de sempre: “Não há outros como você. É isso o que a torna tão especial."

Eva fora, mais uma vez, até a cômoda e ficara olhando para as palavras inscritas dentro da gaveta.

Foi quando perguntou ao Onipod o que era uma “planta baixa".

O aparelho tagarelara uma longa definição e exibira uma profusão de hologramas de vários projetos de arquitetura, depois perguntara se ela queria saber mais a respeito. Não, ela não queria.

Então, Eva perguntara o que significava “onisciente". O Onipod respondera que aquele era um adjetivo cuja origem remontava ao século XVII e que significava “que tudo sabe".

Por fim, Eva havia perguntado o que era “CB01". Para isso, o Onipod não tivera resposta. Mas informara que as letras e os números poderiam ser um código, talvez compatível com outro computador ou dispositivo.

Ainda intrigada, Eva continuara olhando para aquela mensagem cifrada, dia após dia, tentando descobrir seu significado. Com o tempo, esquecera completamente o assunto. Já havia se passado um ano quando ela foi mexer na cômoda para separar roupas que não lhe cabiam mais.

E mais uma vez deparara com as palavras secretas.

“Mostre-me a planta baixa do Santuário", pedira ao Onipod quando já estava com nove anos.

De novo, um holograma deslumbrante flutuara no ar, expondo nos mínimos detalhes os diferentes cômodos da casa da menina. Imediatamente, Eva percebera que havia buracos naquela imagem hipnótica. Faltavam algumas partes do Santuário. O Onipod não estava lhe mostrando tudo.

Eva pedira para ver a planta baixa *completa* do Santuário.

O Onipod, então, requisitara um nome de usuário e senha.

“CB01. Onisciente...", ela respondera na ocasião.

Eva, agora, já se aproximava da metade do longo corredor. A umidade aumentava enquanto a menina avançava pelo caminho sinuoso. A parede mostrava sinais de infiltração e o teto estava marcado por pequenos pontos de mofo.



— Falta pouco — sussurrou Eva, a voz ecoando na escuridão.

Na primeira vez que percorrera essa área não registrada no mapa, ficara ao mesmo tempo empolgada e morrendo de medo. Agora se movimentava sem hesitação. Seu destino ficava logo ali à frente...

Lembrou-se do momento em que se dera conta de que o mundo era mais do que apenas a vida no Santuário. Aos seis anos, ao se sentar para tomar o café da manhã, tinha perguntado a Mater:

“Por que não existem árvores em nossa casa?"

“Porque as árvores não conseguem crescer aqui", respondera Mater, jogando em uma xícara de água uma pílula efervescente, que se desintegrou enquanto submergia.

“Mas nós temos plantas na estufa. E meus programas mostram árvores. Carvalhos grandes, enormes, crescendo em florestas imensas", dissera Eva após terminar sua bebida, cujo gosto, Mater garantia, se assemelhava ao de laranjas recém-colhidas.

A robô colocara um braço ao redor de Eva.

“Bem, Eva, as árvores existem, mas não conseguem se desenvolver aqui, onde vivemos. Elas crescem... acima de nós."

“Podemos sair para ver?" Eva ficara empolgada com a ideia de explorar uma vasta floresta logo acima delas. “Podíamos brincar de esconde-esconde e fazer um piquenique."

“Tudo a seu tempo", respondera Mater, colocando uma tigela de mingau sabor aveia na frente dela.

Tudo a seu tempo...

Eva chegou ao final do corredor. Outra porta, idêntica à que ela abrira no almoxarifado, erguia-se fechada à sua frente, o painel de controle escurecido pela ação da água. Ela ajoelhou-se e ajustou a iluminação no Onipod, que passou de um feixe de luz denso para um brilho claro.

A área perto da porta estava coberta por uma coleção de objetos diferentes e incomuns, cuidadosamente dispostos em pequenas fileiras. Os itens variavam de peças de vestuário — sapatos e túnicas mal dobradas — a brinquedos e jogos, como um chocalho que se mexia sozinho e uma bola que dava risadas. Todos tinham algo em comum: pertenciam a Eva, e ela ainda não estava pronta para se desfazer deles.

A menina sentou-se virada para um grupo de bichos de pelúcia encardidos que lideravam as fileiras e abriu a bolsa.

— Oi, pessoal! — dirigiu-se Eva aos brinquedos e objetos amontoados à porta misteriosa. — Desculpe por ter demorado tanto a vir aqui. Tenho andado muito atarefada com meus exercícios e tal. Como vocês estão?

Os brinquedos não responderam.

— Bom, bom — continuou Eva. — Ah, eu? Estou bem... acho.

Ela mostrou aos brinquedos o curativo no polegar.

— Eu me cortei, vejam. Sim, estou bem. Obrigada por perguntarem. Aconteceu enquanto eu preparava o jantar. Não, não, não se preocupem. Vou ficar bem. — Ela passou o indicador no curativo do polegar. — Mas fui totalmente reprovada no teste de fazer fogo hoje. Fui picada por uma cobra e

morri. Dá para acreditar?

A silenciosa coleção de objetos a encarava.

Eva encolheu os ombros.

— Eu sei, eu sei. Acho que Mater queria que eu falhasse e colocou a cobra lá de propósito. Então caí dura, mortinha. Pensei que Mater fosse perder a cabeça!

Eva deu uma risadinha, que ecoou pelas paredes úmidas que a cercavam, e suspirou, saindo do alcance da luz do Onipod e afundando-se na sombra. Com um olhar de desalento, falou melancolicamente:

— O que eu posso fazer, gente? Não é que eu queira ser reprovada nesses exercícios. Quero passar. Quer dizer, quanto mais cedo eu passar, mais rápido vou poder sair daqui... Desculpem-me. Vocês têm razão. Mais rápido *nós* vamos poder sair daqui. — Eva olhou para o rosto de seus antigos brinquedos, iluminados pelo Onipod. — Eu só... eu só quero ter amigos. Não que vocês não sejam meus amigos. Mas, vocês sabem... — Ela mexeu em um fio solto de climatifibra pendurado em sua meia. — Quero conhecer outras pessoas... como eu.

Um estrondo abafado, vindo do Santuário, reverberou pelo corredor. Eva parou de falar e aguçou a audição... mas depois tudo ficou silencioso.

— O quê? — dirigiu-se aos brinquedos novamente. — Não. Agora vou ter de fazer uma prova oral para ver se lembro minhas habilidades básicas. Minhas habilidades básicas! É como se Mater não quisesse que eu saísse daqui. Isso não é justo.

Eva tirou o papeletrônico da bolsa. As linhas fracamente iluminadas piscaram no escuro quando a menina o enrolou e o colocou, com cuidado, dentro de um pequeno botatênis fielmente postado ao lado de seu par, perto dos bichos de pelúcia.

— Adivinhem o que eu trouxe! Esta é a lista do que vai cair na prova. Queria garantir que vocês também a tivessem.

O olhar de Eva pousou sobre um pequeno item meio escondido naquela bagunça organizada. Pegou-o delicadamente e o examinou mais de perto. Era feito de um material incomum, liso, e estava escurecido, desgastado. Era diferente de qualquer outra coisa que já segurara.

Quando vira esse item pela primeira vez, mais de um ano antes, Eva tentara identificá-lo com a ajuda do Onipod, mas o aparelho fora categórico: “Dados insuficientes. Faltam informações que permitam o reconhecimento."

Eva chegara à conclusão de que provavelmente era um pedaço de azulejo ou outro revestimento de parede, possivelmente uma simples placa, já que era quadrado. Nele havia uma imagem (com defeito, pois não se mexia mais) de

uma menininha de mãos dadas com um robô e um adulto.

Era o único item da coleção secreta de Eva que não lhe fora dado por Mater.

O único item da coleção que o Onipod não conseguia identificar.

Um item que outro ser humano havia deixado para ela, ali, perto da porta lacrada.

Prova.

Eva não conseguia distinguir bem o adulto na imagem. A área chamuscada escondia o rosto. Mas era possível identificar duas letras naquele pedaço deteriorado de revestimento: *L* e *a*. A menina também encontrara outra peça para o quebra-cabeça, menor que a primeira. Eva colara o fragmento no item maior. Continha letras impressas com uma bela tipografia: “Wond".

E assim a menina passara a chamar aquele objeto: “WondLa".

Ela observou a imagem que segurava. A menininha sorria. O robô sorria. Eva estava certa de que o adulto também estava sorrindo, por que os três caminhavam juntos, em harmonia, por um campo florido. Movendo-se em sincronia. Como amigos. Explorando as florestas da superfície.

Mas a robô de Eva não permitia que ela explorasse a superfície. Não a deixava sequer botar o pé fora do Santuário.

Um Santuário que estava ligado a outro Santuário.

Um Santuário que estava ligado a *muitos* outros Santuários.

Eva já vira a planta baixa onisciente.

Mas, assim como a porta à sua frente, que levava ao Santuário vizinho, todas as outras estavam bloqueadas para ela.

— Não sei por que Mater não quer que eu tenha outros amigos — disse Eva, ao colocar o WondLa de volta no lugar. — Mas ela nunca vai descobrir nada sobre o WondLa, ou sobre nós... não até que seja tarde demais.

Levantando o Onipod do chão, Eva esquadrinhou a coleção de brinquedos imóveis. A luz suave iluminou os rostos sem expressão. Ela parou em um deles, um boneco encardido do Cuti-cuti.

— Trouxe um adesivo médico para você também — disse, abrindo o pequeno pacote com os dentes e colando o adesivo na pata suja do boneco. — Não quero que pegue uma infecção quando fugirmos daqui.

Quando Eva Nove se levantava para ir embora, uma enorme onda de choque fez o Santuário inteiro tremer, cobrindo-a de poeira e escombros.



CAPÍTULO 4: BUM

A luz do Onipod dançava loucamente pelo corredor secreto enquanto Eva corria de volta para o Santuário. Ela ativou os controles da porta no momento em que outro estrondo sacudiu as paredes e a fez tropeçar pela porta aberta e cair dentro do almoxarifado. As prateleiras vibravam a cada estrondo e vários recipientes de desinfetante caíram no chão. Agarrada às estantes, Eva arrastava-se como uma cobra para a entrada do cômodo quando, de repente, a porta abriu com um zumbido. Mater estava de pé na entrada.

— Aí está você! — exclamou a robô, largando nas mãos de Eva o casacolete e um pacote enorme de comida. — Eu a procurei por toda parte. Está com seu Onipod?

— Estou — respondeu Eva, levantando a mão direita e mostrando o dispositivo pendurado no pulso.

— Pode me passá-lo, por favor? — perguntou Mater.

Eva entregou-lhe o aparelho. Na mesma hora, as luzes minúsculas começaram a piscar em sincronia com uma luz pequena no tronco de Mater.

— O que é isso? — gritou Eva durante outro baque enorme.

O barulho estava vindo de cima. Todas as luzes do Santuário piscavam.

— É mais um exercício? Ou uma simulação? Porque...

Uma sirene estridente a interrompeu, um som que Eva Nove jamais ouvira. Com olhos arregalados — assustados — ela encarou a robô. Mater estava em silêncio e parecia inabalada, mas algumas luzes em sua cabeça piscavam em sequência, rápido.

— Mater, o que está acontecendo? O que o Santuário está lhe dizendo? — perguntou Eva.

Ela saltou mais para perto da robô quando outra onda de choque retumbou acima da cabeça delas.

Mater piscou, saindo do transe, e dirigiu-se à menina:

— Um intruso arrombou as portas do Santuário e está descendo para a entrada principal. Venha. Temos apenas alguns minutos para colocá-la em segurança.

Com isso, a robô deu um giro e foi deslizando na direção do cômodo central. Eva vestiu o casacolete por cima da túnica bege enquanto ia atrás de Mater. O Santuário tremeu de novo.

— Portas da cozinha, abram, por favor — ordenou Mater, e entrou às pressas pela porta mais próxima.

— Espere aí, a cozinha? — Eva parou na porta, confusa. — Por que estamos indo para a cozinha? Não deveríamos seguir para a sala de controle?

— Agora não, Eva querida.

Mater a agarrou pelo pulso e puxou-a para dentro. A robô abriu um pequeno painel secreto perto da porta e começou a digitar uma sequência de números em um teclado. As portas da cozinha foram fechadas e trancadas. Apesar do barulho do alarme, Eva pôde ouvir as outras portas do Santuário também sendo trancadas. Em seguida, os sons ambientes do cômodo central do alojamento, assim como todos os aparelhos do Santuário, começaram a funcionar em volume máximo.

— O barulho vai ser uma distração, mas não nos dará muito tempo, então precisamos ser rápidas — disse Mater. Ela olhou bem nos olhos de Eva e colocou duas mãos em seus ombros. — Agora, ouça com atenção o que vou dizer, Eva. Você deve *sair* do Santuário e seguir para a superfície, a fim de ficar em segurança. Está claro que o intruso não é do bem, e eu não vou deixar que nada ruim aconteça a você.

Eva ficou sem fôlego.

— Sair? Agora? Quer dizer, eu quero, mas...

A voz de Mater permanecia tranquila enquanto as explosões destruíam a parte do Santuário que estava além da porta da cozinha.

— Não se preocupe, minha criança — disse ela. — Ficarei bem. Sei que não completamos nossos exercícios. Mas você...

— O sensor de incêndio do cômodo dois acaba de detectar fumaça — anunciou o Santuário pelo alto-falante do intercomunicador. — Favor lacrar o cômodo e iniciar o programa dos extintores.

Mater conduziu Eva até a coifa e começou a soltar os parafusos dos cantos da grade, utilizando os quatro braços ao mesmo tempo.

— Eva, aqui dentro há uma escada que a levará diretamente para a superfície.

Eva piscou, estarrecida. *Este tempo todo havia uma saída de emergência bem aqui na cozinha?* A planta baixa no Onipod só tinha mostrado uma saída, que ficava nos aposentos de Mater.

No cômodo central, uma forte vibração sonora fez as paredes do Santuário estremecerem. Seguiu-se uma explosão potente, como se uma porta tivesse sido despedaçada.

Eva se afastou um pouco da porta da cozinha, andando para trás, e esbarrou em Mater, que a essa altura já removera a grade e a colocara no chão. A robô continuou a passar instruções para a menina:

— Venho monitorando cuidadosamente o terreno ao redor do Santuário. Se os relatórios estiverem corretos, estamos escondidas no meio de uma área densamente arborizada próxima a um rio. Assim que você chegar lá fora, precisa correr para bem longe daqui, o mais rápido que puder, e achar um esconderijo entre as árvores.

Mater segurou Eva enquanto ela subia no fogão e entrava no exaustor da coifa. O espaço tinha cheiro de fumaça, como se alguém tivesse queimado uma torrada.

— Fique quieta até que o dia esteja claro — disse Mater — e, acima de tudo, não deixe esse intruso vê-la.

Ajoelhada no duto de exaustão, Eva olhou para Mater. Seu coração batia em sincronia com a respiração ofegante.

Isso não é um exercício.

— Os cômodos três e cinco também detectam fumaça... — anunciava calmamente o intercomunicador do Santuário quando outra explosão o interrompeu — ...iniciar o programa dos extintores.

Cômodo cinco. É o meu quarto.

Minha vida inteira está lá dentro. Minhas roupas... minha cama... toda a minha coleção de holoprogramas.

O cômodo cinco era o lugar no qual Eva havia idealizado inúmeros planos de como iria encontrar outros, iguais a ela, e trazê-los em segurança para sua casa. Amigos e familiares morariam com Mater e ela no Santuário, exatamente como mostrava a imagem do WondLa.

Outra explosão fez a cozinha estremecer.

— Eva, preciso que você se concentre e fique alerta — disse Mater, entregando-lhe o Onipod. — Lembre-se de tudo o que estudamos e de tudo o que aprendeu. — A robô levantou a grade e começou a apertar os parafusos. — Confie na tecnologia e *não* volte para cá a menos que receba uma mensagem minha dizendo para vir. Entendeu?

Eva fez que sim com a cabeça e, ao mesmo tempo, deu-se conta do que estava acontecendo. Seus olhos começaram a arder. Aquela não era uma situação que as listas houvessem previsto. É claro que ela sempre quisera explorar a superfície,

mas não daquele modo.

Não sozinha.

— O sensor de incêndio do cômodo seis acaba de detectar fumaça — informou o Santuário. Seu tom de voz era tão tranquilo que ele poderia muito bem estar cumprimentando Eva. — Favor lacrar o cômodo e iniciar o programa dos extintores. — Parte do aviso era quase inaudível, devido à estática.

Apesar do calor crescente vindo do fogo do lado de fora da cozinha, o corpo inteiro de Eva tremia como se ela estivesse com frio.

— Mater! Você... você tem de vir comigo! — gritou a menina. O cheiro de fumaça já impregnava a cozinha. — Por favor! — Ela entrou em pânico. — Você cabe aqui! Posso ajudar você a subir! Não me deixe!

Mater colocou uma das mãos na grade.

— Eva, ouça. Ouça com atenção. — A menina entrelaçou os dedos nos de Mater com tanta força que eles empalideceram. A robô continuou: — Eu desliguei a hélice do exaustor, mas ela é controlada por um temporizador. Logo vai ligar de novo, por isso você precisa se apressar. Assim que chegar ao topo do duto, verá um volante. Gire-o em sentido anti-horário para abrir a escotilha e saia.

A fumaça começou a invadir a cozinha por debaixo da porta, carregando um odor nauseante de metal soldado e plástico derretido. Eva ouviu um zumbido alto seguido de uma forte vibração sonora. A porta da cozinha deformou-se com a explosão, mas permaneceu fechada.

— Eva — falou Mater com seu tom de voz melodioso, porém ligeiramente alterado —, eu amo muito você e espero vê-la de novo, mas você tem de ir, AGORA!

Mater se afastou. Eva começou a esmurrar a grade, gritando:

— Não! Não! Não!

Uma tampa de metal deslizou, vedando o duto de exaustão. Eva ouviu uma grande explosão e a porta da cozinha voou pelos ares. Assustada, a menina ficou imóvel, sentada na base do duto pelo minuto mais longo de sua vida. Ela escutava o barulho de objetos sendo remexidos e revirados do outro lado da grade que encobria o que um dia fora sua cozinha. O que um dia fora seu lar.

Eva pensou em Mater. Pensou em seus velhos amigos, escondidos no corredor secreto.

Ela começou a subir na direção de uma luz distante que piscava no alto. Parecia estar a quilômetros. O brilho lá em cima ganhava a forma de uma estrela cada vez que as lágrimas brotavam de seus olhos.

Eva se aproximava, ofegante, da hélice imóvel do exaustor. Ao chegar mais

perto pôde ouvir o aparelho emitir um bipe ritmado. Eva analisava as enormes pás engorduradas e cobertas por crostas de sujeira quando o bipe ficou mais rápido.

A hélice do exaustor é controlada por um temporizador, Eva relembrou as instruções de Mater. V*ocê precisa se apressar*.

A menina agarrou-se ao motor no centro e subiu, passando entre as lâminas. O bipe acelerou um pouco. Sentada no enorme motor cilíndrico, ela recobrou o fôlego. O bipe agora soava a mil por hora. Eva ficou de pé e avistou um volante logo acima, iluminado por uma luz de emergência. Alcançando-o, tentou girá-lo.

Mas a coisa não se moveu um milímetro sequer.

— Gire, gire, gire — suplicou Eva.

O bipe cessou e o motor do exaustor voltou a funcionar. A vibração das pás quase fez Eva perder o equilíbrio, e elas bateram no bico de seu botatênis fazendo barulho.

Outra onda sonora sacudiu o duto, fazendo Eva gritar. A onda foi seguida pelo barulho de algo se partindo na base do duto e pelo som de metal sendo golpeado. A tampa da grade foi removida, e a fumaça começou a subir pelo exaustor. Sensível ao aumento do calor, a hélice rodou ainda mais rápido. O aparato inteiro vibrava, rangendo por causa do peso de Eva. A menina arriscou olhar para baixo através da fumaça que fazia seus olhos arderem. Conseguiu visualizar a claridade das chamas que subiam do fogão, agigantando-se na direção dela como uma cobra alaranjada e raivosa.

Uma vertigem quase a derrubou. Eva concentrou-se novamente no volante, tentando girá-lo com toda a sua força, até que, por fim, ouviu um leve rangido e a roda moveu-se bem devagar. A fumaça tinha se tornado tão densa que Eva não conseguia mais enxergar as próprias mãos esticadas à frente. Tossiu quando o vapor nocivo encheu seus pulmões. A coriza escorria de seu nariz até os dentes, trincados.

— Vamos! — gritava tentando desemperrar o volante, mesmo sem enxergá-lo.

Por fim ele afrouxou e girou, no exato instante em que os parafusos velhos e enferrujados que prendiam a hélice e o motor começaram a ceder, um após o outro. A cada giro, a escotilha abria um pouco mais e sugava o fogo e a fumaça. O exaustor soltou-se das paredes do duto e caiu nas chamas. Pendurada na escotilha, Eva ergueu-se e alcançou a borda do duto. Seu corpo flexível se espremeu para passar pela abertura e, então, tombou no solo.

Um solo no qual Eva Nove jamais pisara em seus doze anos de vida.



CAPÍTULO 5: NA SUPERFÍCIE

Esfregando os olhos, que ardiam, para remover ciscos e cinzas, Eva Nove seguiu, cambaleando, do duto de exaustão do Santuário em direção à floresta. Ajoelhou-se junto do espesso tronco da árvore mais próxima para recuperar o fôlego.

— F-frio — gaguejou. — P-posso ver minha respiração.

Eva mexeu os dedos no vapor que saía de sua boca e observou-o se dissipar. Jogou-se para trás e, através dos galhos das árvores, viu estrelas, milhões delas, que despontavam, por entre os blocos de nuvens densas no céu noturno. O brilho tênue da lua atravessava o tapete de nuvens enquanto Eva absorvia a vastidão do céu acima dela. Pela primeira vez estava testemunhando tudo aquilo.

— É tão grande! — Eva estava boquiaberta de admiração. — E mais iluminado do que eu pensava.

O ar revigorante da noite tinha cheiro de orvalho e mistério. Eva sentiu as climatifibras da roupa ajustarem-se para aquecê-la, enquanto a túnica anunciava a temperatura ambiente e a de seu corpo. Eva ignorou o relatório e olhou para a floresta que a rodeava.

Árvores de tronco largo e atarracado, quase tão grandes quanto o Santuário, erguiam-se dispostas em grandes carreiras. Os galhos em forma de taça balançavam e chiavam em sincronia com sons de estranhas gargalhadas e cochichos que vinham da densa vegetação rasteira. Plantas altas e esguias com bulbos nas extremidades cresciam entre as árvores e oscilavam suave e harmoniosamente, como se movidas pela brisa da meia-noite.

Um estrondo familiar sacudiu a floresta, fazendo com que seus moradores ocultos grasnassem e coaxassem assustados. Criaturas indistintas moveram-se com pressa nos arredores.

Eva engatinhou para trás da árvore e escondeu-se. Deu um pulo quando ouviu o bipe abafado do Onipod. Com as mãos tremendo, vasculhou a bolsa e resgatou o dispositivo de lá de dentro. Arriscando uma espiada por trás do tronco,

sussurrou ao Onipod:

— Aqui é Eva Nove. Prossiga.

— Saudações, Eva Nove — sussurrou o aparelho em resposta. — Você possui uma mensagem ainda não reproduzida da MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis, enviada há doze minutos. Devo reproduzir a gravação?

— Sim.

Eva sentiu a solidão a invadindo.

Uma imagem 3-D de Mater foi projetada acima do dispositivo.

— Eva, querida — disse o holograma —, esta mensagem foi gravada para o caso de você ter conseguido fugir do Santuário. Sei que ainda tem de conhecer melhor a superfície, mas preciso que ouça com atenção. Vá para o mais longe possível do Santuário e fique escondida a noite inteira. Assim que encontrar abrigo, envie sinais para a colônia mais próxima, a instalação subterrânea PRH cinquenta e um. Preciso que você permaneça escondida, aguardando um contato meu em tempo real ou uma resposta da colônia. Lembre-se: o Onipod irá ajudá-la. Eva, seja forte.

— Fim da mensagem — completou o Onipod.

— Não vou ficar aqui esperando.

Eva enviou o sinal de socorro, colocou o Onipod na bolsa e espiou por trás do tronco da árvore. Uma faixa fina de fumaça saiu pelo duto de exaustão e ganhou o céu na escuridão da noite. Nela estavam os restos incinerados de seu Santuário. Talvez até mesmo de Mater.

— Robô burra. — Eva enxugou os olhos com a manga da túnica. — Eu sabia que deveríamos ter explorado a superfície antes.

Mais um tremor forte reverberou duto acima, e depois uma figura tenebrosa e corpulenta surgiu por outra abertura, mais distante, no solo.

— A entrada principal — murmurou Eva, lembrando-se da planta baixa que o Onipod lhe mostrara.

A criatura gigantesca e sombria permaneceu imóvel na entrada enquanto examinava a floresta. De onde estava, Eva não conseguia ver direito o intruso, mas, quem quer que fosse, era grande e tinha muitas pernas e braços. Ele ergueu a cabeça enorme, farejou fazendo barulho e, então, parou de repente. Virou-se e elevou um dispositivo que parecia uma vara, apontando-o diretamente na direção de Eva. Ela ouviu um zumbido eletrônico que ficava cada vez mais agudo, seguido do estrondo de uma intensa vibração sonora. O tronco da árvore atrás do qual Eva se escondia explodiu, lançando-a para trás.

A onda de força havia aberto um buraco do tamanho de Mater no tronco

espesso. Desvencilhando-se dos fragmentos que caíram sobre ela, Eva ouviu a árvore perfurada ranger ao começar a tombar. A menina arrastou-se para fora do caminho, e a copa atingiu o solo logo atrás dela, espalhando folhas e galhos em todas as direções.

Eva se levantou e correu pela densa floresta. Logo escutava apenas o som de seus passos no solo macio.

Ele foi embora? Será que o despistei?, pensou.

Bem a sua direita, outra árvore foi reduzida a pedacinhos por uma explosão sônica. Ela estava sendo seguida.

Eva correu por algum tempo em zigue-zague na vegetação rasteira. Seus pulmões ardiam por causa do frio cortante do ar noturno. Movendo-se com agilidade para trás do tronco gigantesco de uma árvore, Eva tentou localizar o agressor. Apoiou-se em um galho baixo e re cobrou o fôlego, tentando imaginar onde estava.

A menina olhou para o alto, por entre as folhas largas logo acima. Na floresta sombria, não havia luar suficiente que lhe permitisse identificar os arredores e encontrar um lugar seguro onde se esconder.

Se eu conseguir chegar a um ponto mais alto, talvez veja melhor. Eva segurou o galho. Do mesmo jeito que fizera várias vezes no trepa-trepa do ginásio do Santuário, escalou-o e testou para ver se a plataforma de folhas rígidas aguentaria seu peso. Aguentou.

Eva pulou de uma plataforma de folhas para outra. Em poucos instantes estava no topo da árvore irregular, na copa iluminada pela lua. Espiando da ponta do galho mais alto, pôde ver a silhueta afunilada de seu agressor movendo-se rapidamente lá embaixo.

Mais uma vez o intruso parou e farejou o ar. Rodeou os troncos das árvores próximas. Apesar de a túnica e o casacolete manterem Eva protegida do frio da noite, ela tremia de medo, e esgueirou-se na plataforma de folhas para se esconder.

Preciso afastá-lo, pensou. *Mas como?*

Eva examinou o terreno logo abaixo. Na penumbra, conseguia ver que o intruso ainda estava nos arredores, golpeando os arbustos com sua arma de ponta bulbiforme. Em algum lugar a distância, a silhueta de um bando de pássaros voou para o alto no céu escuro. O intruso ficou paralisado, escutando. Caçando.

Distraí-lo, pensou Eva. *Mas com o quê?*

Abriu a bolsa e constatou que não havia muito lá dentro: o Onipod, um brilho labial, um esmalte de unhas com glitter, um kit de hidratação, um vasilhame para líquidos, alguns papeletrônicos... e o pacote de comida que Mater lhe dera.

Curiosa, Eva o abriu. Estava cheio de mantimentos: NutriBarras, embalagens de Ener-G-suco, tabletes purificadores de água e comprimidos de comida.

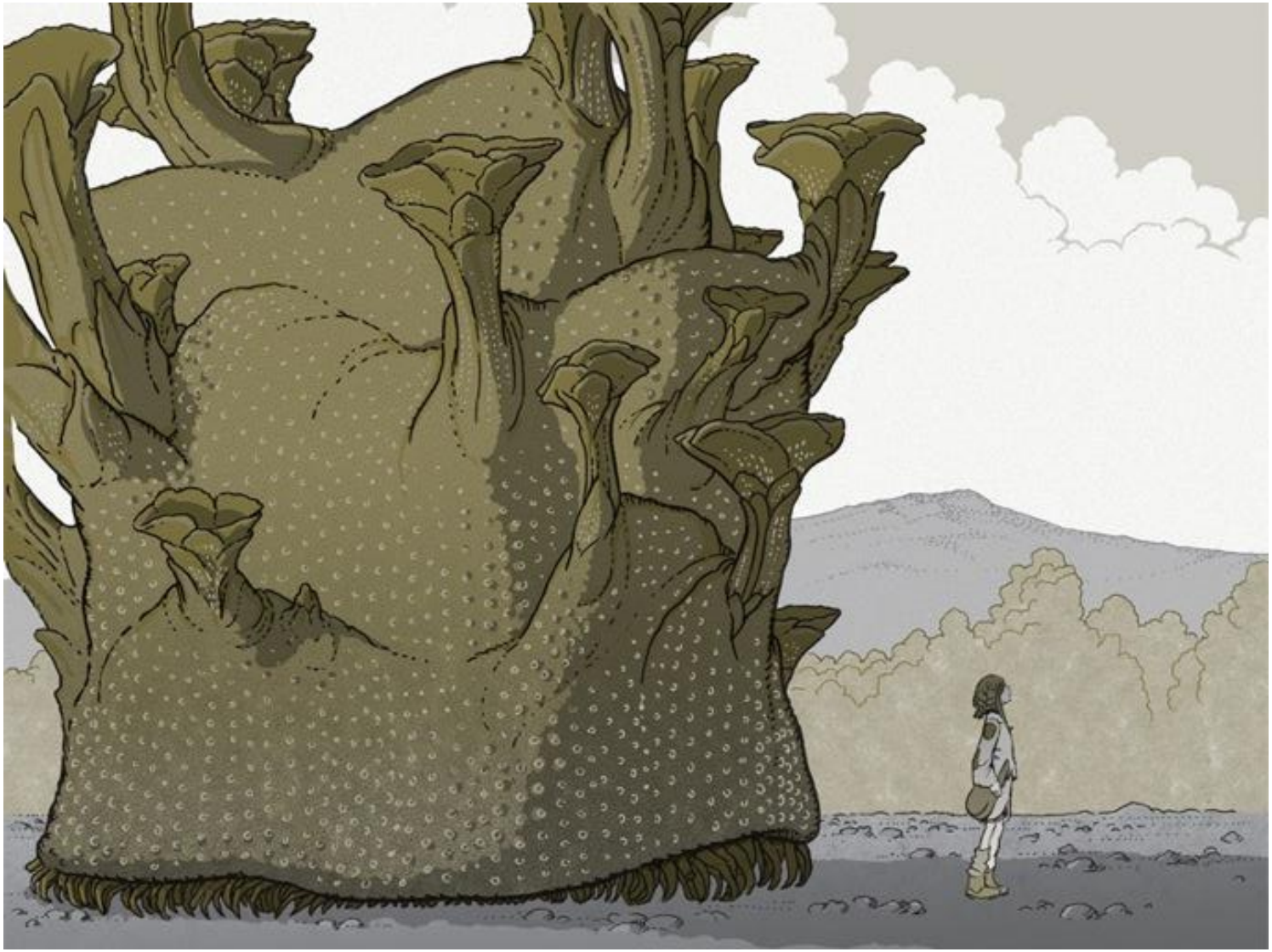
Comprimidos de comida. *Perfeito*, pensou ela, pegando um dos maiores, de cor marrom.

Eva olhou de relance para baixo, dando uma espiada no intruso que ainda circulava por lá. Movendo-se bem devagar, esticou-se e jogou o comprimido, que fez um som agudo ao bater em uma árvore distante. O intruso misterioso saiu em disparada pela vegetação rasteira em direção ao barulho.

Eva aguardou um instante.

Mais um, pensou. *Desta vez, jogue o mais longe que puder.*

A menina ficou de pé e arremessou outro comprimido na escuridão, mas não ouviu nada. Sentou-se novamente. Enquanto esperava, Eva olhou para o chão à procura de sinais do intruso. Horas se passaram. Como manchas de tinta, as sombras da copa balançavam pelo chão da floresta à luz do céu nublado, quase como se o solo estivesse em movimento. O deslizar das sombras começou a ter um efeito hipnótico na menina, cansada. Eva enroscou-se na folhagem larga da árvore e aguardou o amanhecer.



CAPÍTULO 6: ONIPOD

Eva foi despertada de seu sono por um coro de pios baixos e melodiosos.

Assustada, sentou-se de supetão.

Embora ainda estivesse um pouco escuro, a maioria das estrelas já perdera o brilho com a aproximação do alvorecer, e Eva viu que as nuvens densas ainda pairavam lá em cima. A brisa gelada e brumosa que soprava em seu rosto tinha um cheiro doce, como o de sabonete com aroma floral.

Enquanto absorvia as informações visuais do mundo de penumbra à sua volta a menina avistou a fonte dos pios. Três pássaros com características bem distintas estavam empoleirados nas folhas a seu lado. Eva inclinou-se para a frente, a fim de ver melhor na pouca claridade. Cada um deles era quase tão grande quanto a menina. Uma das criaturas bateu as asas, que se pareciam com barbatanas, e gorjeou em sinal de advertência, mas não levantou voo.

— Nossa! Pássaros! Pássaros vivos de verdade. Bem aqui, do meu lado — sussurrou Eva. Ao observá-los alisarem as penas com os bicos, Eva pegou o Onipod e murmurou para ele: — Aqui é Eva Nove. Favor iniciar Identicaptura.

O dispositivo iluminou-se ao responder:

— Identicaptura habilitada. Prossiga.

Eva apontou o Onipod na direção dos pássaros, e o aparelho emitiu um bipe agudo. Alguns segundos depois um holograma 3-D perfeito do pássaro, com seus três pares de asas, pairou como um modelo vivo acima do olho central do dispositivo. Sob o holograma, gráficos e listas se alternavam enquanto o Onipod tentava identificar a criatura. Por fim, o aparelho anunciou:

— Reino, filo e espécie: desconhecidos.

— Que estranho — disse Eva. Ela examinou se havia alguma avaria no Onipod. — Pensei que você fosse capaz de identificar qualquer coisa.

Quando virou o aparelho, uma luz clara refletiu em seu revestimento metálico e espantou os pássaros. Eva observou o bando cantar a altos brados e voar em

direção à linha do horizonte. Foi então que a menina descobriu a origem da luz refletida. Por trás das nuvens espessas e opacas uma esfera colossal de um branco ofuscante revelava-se no céu. Raios de luz irrompiam de seu núcleo ardente, atravessando o céu arroxeado e iluminando-o.

— Ah, não! — gritou Eva, encolhendo-se na plataforma. — É grande demais! É grande demais! — Eva cobriu os olhos com as mãos. — O brilho é muito mais forte que nos hologramas. Vai me queimar!

Um calor irradiou por seu corpo e fachos de luz laranja vazaram por entre seus dedos finos e pálidos. Depois de reunir coragem para espiar por entre os dedos, Eva respirou fundo e sentou-se. O sol levantava-se no taciturno céu matinal, revelando a paisagem do entorno.

Longe, a leste, logo abaixo do sol nascente, havia um horizonte entalhado de montanhas cujos picos se projetavam na atmosfera enevoada. Até onde Eva podia ver, uma floresta densa formada por árvores interligadas estendia-se para o norte e para o sul. Além dos limites da floresta, cascalhos e pedras espalhavam-se por todas as direções na planície que cercava a árvore de Eva. Atrás dela, a oeste, agrupavam-se mais árvores atarracadas e irregulares, exatamente como a espécie na qual estava empoleirada. Aquela aglomeração toda compunha uma massa verde-oliva, e quando Eva observou com mais atenção, percebeu que as árvores estavam... andando.

Andando?

Eva correu para a beirada da plataforma de folhas e olhou boquiaberta para o chão. Cascalhos e pedras cobertas de líquen passavam em velocidade constante sob a árvore à medida que ela caminhava lentamente com suas centenas de pequenas pernas semelhantes a raízes. Aquilo fez Eva lembrar-se dos hologramas de centopeias rastejando pelo chão.

— Árvores que andam? Não me lembro de ter estudado essas — disse Eva, franzindo o cenho, perplexa.

Sua túnica emitiu um bipe.

— Seu nível de hidratação está baixo, Eva Nove. Favor hidratar-se imediatamente. Obrigado.

Eva sentou-se e deu uma batidinha no emblema na manga da túnica, para confirmar que havia recebido a mensagem. O emblema projetou um gráfico representando Eva com dados estatísticos, como altura, peso, temperatura corporal e a hora.

Ela escaneou várias formações em taça, constituídas pelas folhas da árvore. No fundo do poleiro dos pássaros havia uma pequena poça d’água, como se fosse uma cuba. Eva pulou para a larga plataforma de folhas e afundou a mão na

poça. Levou a água fria até o nariz e cheirou-a, enquanto escorria pelos dedos, mas era inodora. Após pegar sua garrafa, coletou a água e provou-a com a língua. Sentiu um leve sabor de repolho; fora isso, era como qualquer outra. Jogou nela um tablete purificador e bebeu-a.

Eva parou por um instante, perguntando-se se tinha esperado tempo suficiente para que a água se tornasse pura. *Será que é tóxica? Será que vou ficar doente?* Tentou não focar sua atenção na água, nem na vastidão do céu claro da manhã, e apanhou o Onipod.

— Favor verificar se há mensagens.

— Você não possui novas mensagens, nem recados de voz nem de texto.

— Você... você pode enviar um recado para Mater?

— Tentativa de conexão de voz com a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis... — disse o Onipod enquanto suas pequenas luzes começavam a piscar em volta do olho central.

— Vamos... — disse Eva, passando o dedo no adesivo médico no polegar. — Esteja aí, por favor.

— Sinto muito, Eva Nove, não estou recebendo resposta — disse o Onipod. — Gostaria de deixar um recado?

— Não, obrigada.

Eva ficou de pé e estudou a floresta. Estreitando os olhos, viu as árvores andando e bandos de criaturas voando.

Onde estou?, perguntou-se. E*stava na floresta ontem à noite, agora não estou mais. Há quanto tempo estamos viajando?*

Ao longe, pôde ver.

A sudeste, uma pequena faixa de fumaça subia em espiral e dissipava-se logo acima do topo das árvores — era a fumaça do duto de exaustão do Santuário.

Mater.

Eva desceu da árvore ambulante e pulou para o chão de seixos. Enquanto a árvore arrastava-se lenta e pesadamente, a menina deu um passo para fora de sua sombra, na direção da planície descampada e sinuosa que se estendia entre ela e o que sobrara de seu lar subterrâneo.



CAPÍTULO 7: FORMAS DE VIDA

Eva inspecionou a pedra arredondada e lisa que segurava, quase esperando que desaparecesse em uma nuvem de pó, mas isso não aconteceu. Virou-a várias vezes nas mãos. Para começar, a pedra listrada de marrom e azul era pesada, muito mais pesada do que Eva imaginara que seria quando a pegou no chão. Era diferente de qualquer outro objeto que ela já segurara na holocâmara: lá, tudo era leve como o ar purificado que abastecia o Santuário.

Isto é *real*, pensou ao segurar a pedra à sua frente, *tudo isto*.

Os botatênis de Eva esmagavam areia e cascalho enquanto a menina caminhava pela planície sinuosa. O hodômetro no calcanhar do calçado emitia estalidos ao registrar a distância percorrida. Eva parou e verificou seu progresso.

— Percorri quase dois quilômetros. É a maior distância que já andei na vida.

Eva olhou para trás, para a planície. Entre tantas outras árvores, já não conseguia distinguir aquela em que estivera viajando. Juntas, elas pareciam uma manada holográfica de elefantes verdes. Olhando para cima, para os raios de sol que tentavam atravessar o céu carregado de nuvens, Eva foi tomada por um estranho torpor. Sentiu-se vulnerável e assustada: nunca estivera em um espaço aberto tão amplo.

Nunca.

Suas mãos suadas abriram-se e deixou a pedra cair. Ficou parada, paralisada.

Preciso correr, pensou. *Correr o mais rápido que puder de volta para casa.*

— Mas não posso fazer isso — disse Eva em voz alta. — Preciso ser forte.

Quem dera eu pudesse voar. Só assim poderia explorar o mundo todo lá do alto, na segurança das nuvens.

— Quem dera estivesse de volta, a salvo, em meu quarto. — Eva engoliu em seco. — Eu poderia estar assistindo a *Cuti-cuti e seus Amigos,* agora.

Mas agora sou livre. Ninguém pode me dizer o que fazer.

— Ninguém? Não tem ninguém aqui! Cadê todo mundo? — gritou Eva.

Preciso procurá-los. Preciso encontrá-los.

— Estou cansada. Não sei se posso fazer isso.

Ela olhou para a pedra caída no chão e ficou atordoada.

Preciso provar para Mater que eu estava certa e ela, errada.

O torpor passou. Eva enxugou o suor da palma das mãos na túnica. Virou-se para a faixa de fumaça ao longe e voltou a andar, pensando na robô enquanto seguia penosamente.

— Mater tinha razão. Sou um fracasso. Não sei se estou pronta para explorar a superfície — disse Eva, pegando o Onipod.

— Eva Nove — saudou-a o aparelho —, como posso ajudá-la?

— Iniciar sinal de transmissão — ordenou ela. — Coordenadas da instalação subterrânea PRH... número... é... Espere um instante. Você poderia reproduzir a mensagem de Mater de ontem à noite?

— É claro — respondeu o Onipod.

— Eva, querida — disse a gravação quando a projeção do rosto de Mater reapareceu —, esta mensagem foi gravada para o caso de você ter conseguido fugir do Santuário. Sei...

O Onipod foi desligado abruptamente quando Eva tropeçou em uma pedra quase imperceptível. A pedra começou a trepidar enquanto fugia de Eva com suas várias pernas. Seu exoesqueleto rochoso abriu-se, revelando duas asas membranosas lindamente coloridas. Zumbiu ao voar para longe e aterrissou perto de um grande buraco a distância. Eva observou-a se acomodar, mudando de matiz para se igualar ao grupo de pedras e galhos secos cor de marfim que havia ao redor do buraco.

— As pedras também andam? — perguntou Eva. — Talvez eu ainda precise mesmo de muito treinamento.

Ela verificou de novo sua localização e marchou a caminho da floresta na qual seu Santuário estava escondido.

Eva analisava a vegetação de formato estranho reunida logo à frente quando seu olhar foi atraído para vários pássaros que voavam em círculos em torno de uma árvore, como um salgueiro-chorão, adornada com longos galhos pendentes. No meio do ramo mais alto havia um objeto resplandecente, que Eva concluiu ser algum tipo de fruta. Reiniciou a Identicaptura, na expectativa de obter uma imagem holoescaneada de melhor qualidade dos pássaros, mas um deles pousou na fruta. Ágeis como chicotes, os galhos pendentes da árvore voaram para cima, abafando os gritos da ave enquanto a asfixiavam.

— Ai! — Eva deu um passo para trás, horrorizada. — O que é aquilo?

Ela apontou o Onipod para a árvore e esperou que o dispositivo capturasse a

imagem. Um modelo holográfico bastante detalhado materializou-se, girando acima do olho central do Onipod. Mais uma vez, o aparelho respondeu:

— Reino, filo e espécie: desconhecidos.

— Desconhecidos? — repetiu Eva, espantada. — Como pode ser? Claramente, é uma árvore.

Com olhos vidrados, a menina testemunhou a árvore devorar o pássaro.

— Tamanho, forma e coloração não conferem com quaisquer dos meus registros — relatou o Onipod. — Formato e movimentos básicos são similares aos de um animal do gênero *Hydra*...

— É i*sso* que ela é, então?

Eva ficou olhando para o holograma de uma hidra flutuando acima do Onipod. Seus tentáculos finos e delgados moviam-se como ondas fluidas sobre o corpo tubular.

— Entretanto — continuou o Onipod —, todas as espécies desse gênero são minúsculas. A maioria é microscópica.

— Aquilo lá é tudo, menos microscópico — disse Eva, apontando para a árvore, que naquele momento relaxava os galhos, voltando à posição original. O pássaro já era.

— Concordo — disse o Onipod. — Foi por isso que concluí que era desconhecido.

— Mas você disse que ela parece com essa tal de hidra — disse Eva. — Então, deve ser um animal.

Eva viu outros pássaros voando ao redor da fruta. E percebeu que havia outras dessas armadilhas de pássaros por toda a floresta.

— Coloração e textura são similares às de um vasto grupo de plantas chamado alga, mas não é possível chegar a uma conclusão — acrescentou o dispositivo. Ele agora mostrava vários espécimes de algas e setas apontando para diversos lagos, lagoas e mares nos quais essas plantas podiam ser encontradas.

Outro pássaro grasnou a distância enquanto mais uma árvore se alimentava.

O que está acontecendo?, perguntou-se Eva. *Por que não aprendi nada sobre essas coisas? Elas são mais perigosas que a cobra holográfica idiota que me picou*. Eva sentiu as pernas fraquejarem.

— Preciso voltar ao Santuário.

O Onipod reagiu a essa afirmação:

— Existe uma entrada de um Santuário a cerca de quinhentos e sessenta e oito metros em uma linha reta a partir daqui, ligeiramente ao sul. Posso sincronizar a distância com seus botatênis, se desejar.

— Não, obrigada — disse Eva enquanto analisava os limites da floresta.

À sombra das armadilhas de pássaros avistou o que parecia ser uma grande rocha inclinada, parcialmente enterrada: a entrada para um Santuário.

Mas não era o Santuário *dela.*

Eva correu pela planície de cascalhos em direção à entrada. Exatamente como vira nos hologramas de estações de metrô, a abertura levava para baixo do nível do solo em um ângulo progressivo. As paredes externas estavam cobertas de liquens. Gigantescos cogumelos desbotados cresciam no telhado erodido da entrada. Não se via qualquer porta em parte alguma. Eva concluiu, pela aparência desgastada do acesso, que o Santuário devia estar desocupado havia bastante tempo.

Tirou uma mexa do cabelo louro-escuro da frente dos olhos e espreitou a entrada descendente. A escuridão lá embaixo nada revelou.

Talvez alguém aí dentro possa ajudar, pensou ela, *alguém como eu. Talvez o transmissor deles esteja quebrado, como o nosso estava, e eles tenham tentado fazer contato com Mater e comigo por todos esses anos.*

Eva gritou túnel abaixo.

— Oláááááááááá! — ecoou o som ao rebater nas profundezas escuras.

Um guincho breve e agudo respondeu lá do fundo, seguido pela erupção de um enxame de pequenas criaturas voadoras feiosas, parecidas com caranguejos. Eva deu um grito e levou as mãos ao rosto para protegê-lo. Os bichos gorjeavam, e bateram as asas em direção ao céu matinal. Em seguida, um ronco grave e sonoro reverberou por todo o cenário. Lá embaixo, uma sombra gigantesca escureceu a entrada.

Algo que, na opinião de Eva, parecia ser uma enorme baleia voadora flutuou sobre a planície descampada. Com sua boca descomunal, a baleia aérea comeu o enxame inteiro de caranguejos voadores. Depois, seguiu seu caminho, suspensa por dois imensos sacos de ar. Aturdida com o tamanho monumental da baleia, Eva agachou-se. Só ergueu o Onipod depois que a baleia já tinha desaparecido atrás das copas das árvores, no canto mais remoto da planície.

Eva recuperou o fôlego e recostou-se na lateral da entrada erodida. Então, dirigiu-se a seu dispositivo:

— Aqui é Eva Nove. Iniciar BioEscâner. Favor fazer uma varredura da área em busca de quaisquer outras formas de vida.

— Iniciando BioEscâner.

Uma imagem de radar flutuou acima do olho central do Onipod. Eva mordiscou o adesivo médico no polegar e olhou a planta da entrada do Santuário girando à sua frente. Observou surgirem vários pontinhos espalhados pela planta, além de um ponto grande e bastante luminoso.

— Há várias formas diminutas de vida e de importância nada significativa — relatou o Onipod. — Entretanto, há uma forma de vida ativa, bem maior, indo em direção à escadaria da entrada do Santuário.

Eva sentiu um nó na garganta.

— É humana ou robótica?

— Desconhecida.

Eva ficou de pé e esquadrinhou a área. Embora a entrada ficasse relativamente próxima dos limites da floresta, a menina ainda estava a uma distância considerável da fileira de árvores.

— Forma de vida quase chegando à superfície.

Eva detestava que o Onipod mantivesse o tom de voz animado.

Pode ser o intruso de ontem à noite, pensou ela. *O que faço? O que faço?* Olhou um pouco mais ao longe.

— Não posso correr até lá. Estou muito distante — sussurrou Eva, a respiração acelerada. Olhou novamente para o ponto luminoso no Onipod.

O que quer que isso seja, chegará à superfície antes que eu chegue à floresta.

— Detectada aceleração na frequência cardíaca, Eva Nove — anunciou a túnica. — Favor...

Eva deu um tapinha no emblema da manga, interrompendo o relatório. Correu para a parte de trás da entrada do Santuário, que era ligeiramente inclinada, enquanto jogava o Onipod dentro da bolsa. Agarrou-se à haste de um enorme cogumelo, deu um impulso para cima da parte de trás da entrada e arrastou-se pelo pequeno telhado angulado.

O som dos passos tornava-se mais alto à medida que o ser, ou a coisa, aproximava-se da superfície. Eva prendeu a respiração e encolheu-se toda, como uma bola. Os pelos da nuca se arrepiaram. Podia *sentir* a coisa perto dela.

Talvez não me veja. Talvez vá embora.

O tempo parou enquanto ela aguardava toda encolhida e com as mãos na cabeça. O pescoço começou a doer. Não se podia ouvia qualquer som, exceto o gargalhar distante dos pássaros.

Será que voltou lá para dentro?

— Ovanda say tateel? — bradou uma voz.

Eva saiu lentamente da posição em que estava e arriscou olhar pela beira do telhado.

Ali, os olhos dela encontraram os de um ser que, tinha certeza, seu Onipod também não seria capaz de identificar.



CAPÍTULO 8: PRESA

Eva ficou olhando para a boca de bagre da criatura enquanto ela falava. Era esguia e muito menor que o intruso da noite anterior. Seu corpo cerúleo estava parcialmente coberto por um casaco marrom desbotado e largo.

— Ovanda say tateel? — repetiu o bípede.

Pela entonação, Eva supôs que a frase fosse uma pergunta. Presumiu, ainda, que a criatura fosse macho, por conta da voz grossa, mas não havia como ter certeza. Eva afastou-se, indo para trás do telhado da entrada.

— O-van-daa... saay... taa-teel?

Ele gesticulava com as mãos grandes. Em uma delas segurava uma garrafa cilíndrica abastecida até a metade com um líquido leitoso.

— Say tateel? Dat?

— Quem é você? — perguntou Eva, com a voz meio esganiçada. — Como entrou ali?

Você matou quem quer que morasse lá dentro e roubou o casaco?

A criatura inclinou a pequena cabeça e piscou como um pássaro enquanto seus olhos azul-escuros encaravam Eva.

— Bluh. Shassa avanda say tateel — balbuciou ele ao descer novamente os degraus da escada que levava para seu Santuário.

Perplexa, Eva sentou-se no telhado e esperou.

Ao longe, pôde ouvir a baleia aérea cantando ao cruzar os céus.

Nada mais aconteceu.

— Tenho CERTEZA de que isso não está naquela lista estúpida de sobrevivência!

Eva deslizou pela parte de trás da entrada do Santuário e foi na ponta dos pés até a abertura. Espreitou lá dentro e não viu qualquer sinal da criatura na escuridão.

Limpou a garganta.

— O-lá... aí... dentro — disse ela, concentrada. — Meu... nome... é... E-va... Nove. Você... mora... aqui?

Um arroto profundo ressoou lá de baixo.

— Se você pudesse só me dizer onde estão as pessoas que moravam aqui, seria realmente...

— Saaga na SASHA! — gritou a criatura, subindo as escadas pesadamente.

Ele emergiu das sombras, agitando os braços de modo frenético. Eva caiu de costas no chão e deu um grito. De barriga para cima, arrastou-se como um inseto, apoiada nas mãos e nos pés, tentando fugir da criatura enraivecida.

— Zaata! Zaata! — Ele a enxotava.

— Não me machuque! — gritou Eva. — Só estou tentando voltar para casa.

Quando ela se sentou, o Onipod deslizou para fora da bolsa, atraindo o olhar pensativo da criatura. Em segundos, com pernas arqueadas para trás, ele correu até Eva e pegou o aparelho antes que a menina tivesse chance de guardá-lo.

Eva deu um salto e ficou de pé.

— Devolva isso! Não lhe pertence! — disse, apontando para o dispositivo.

— Bluh — rosnou a criatura, pondo o Onipod no bolso.

Eva tampou o nariz ao sentir o fedor que sua boca exalava.

— Eca, você é nojento! — Ela abanou as mãos em frente ao rosto. — O que é isso que você está bebendo?

— Bluh, napana.

A criatura virou-se e começou a afastar-se dela, deu um último gole e jogou a garrafa vazia no chão antes de entrar de novo no Santuário.

— Espere! Preciso do meu Onipod! Ele é meu! — gritou Eva.

Sem se virar para atender às súplicas da menina, a criatura deslizou escada abaixo, a caminho da escuridão.

— Como é que vou acender uma fogueira? — gritou. Eva ficou andando, enfurecida, de um lado para outro, em frente à abertura. — Eu não vou descer aí!

Ele vai me matar, pensou ela. *Vai me comer e roubar meu casacolete.*

— Ai! O que vou fazer agora? — lamentou-se. — Não vou conseguir achar o caminho para regressar até meu Santuário sem o Onipod.

Eu posso esperar até que a criatura durma e então roubar o Onipod de volta.

— Não, isso não vai dar certo. Como vou saber *quando* ele dorme? Como vou saber *que tipo* de criatura ele é? Não tem ninguém aqui para me dizer isso!

Da floresta a menina ouviu o estalido de outra armadilha de pássaros capturando o café da manhã.

Eva parou e olhou para a fila de árvores. Ao longe, ainda conseguia avistar a

tênue fumaça que subia na bruma do fim da manhã. Virou para trás, para a entrada desgastada do velho Santuário.

— Onipod estúpido — resmungou, e partiu em direção à sua casa. — Só fico imaginando o que Mater vai pensar quando finalmente fizer contato comigo e aquela coisa responder — devaneou. — Ela vai dizer “Olá, Eva, querida. Você ainda está viva?", e, em resposta, vai ouvir “Blaaga, blaaga, blaaga!". Bem-feito para ela, por não ter me trazido aqui em cima antes.

Eva cruzou os braços ao se aproximar dos limites da floresta. Lá os musgos cresciam em extensos tapetes que cobriam todo o chão e espalhavam-se pelos troncos das árvores imóveis. Fracos raios de luz saudavam a vegetação incomum que despontava do solo.

Olhando para cima, para os galhos pendentes de uma armadilha de pássaros, Eva deu a volta na base da árvore perversa. Podia ouvir o grito dos pássaros vindo do alto, mas não conseguia vê-los através da copa balançante. Uma árvore ao lado chicoteou as gavinhas, capturando uma presa. Assustada, Eva tropeçou em um enorme arbusto arredondado cor-de-rosa com talos finos e orvalhados na ponta.

— Eca! O que é isso?

Ela tentou desvencilhar a mão da aderência viscosa da planta, mas seu braço estava preso. Glóbulos pegajosos aderiram a suas pernas e pés. Eva chutou os numerosos talos, mas logo estava grudada no arbusto. Olhou por cima do ombro. Perto dela havia os restos mortais de outra criatura desafortunada, cuja pele agora estava transparente, revelando o esqueleto. Já não havia mais os órgãos internos.

— Ovanda! — Eva gritou as palavras que o ser misterioso lhe dissera. — Ovanda tateel! Alguém me ajude, por favor!

A floresta permaneceu silenciosa. O pânico tomou conta da menina e ela começou a debater-se, tentando se libertar.

— Tateel! Ovanda! Socorro! — Eva gritou e continuou tentando se desvencilhar, até que perdeu a voz e ficou completamente imobilizada.

Estava exausta: quase não conseguiu levantar a cabeça para ver quem, ou o que, era o dono dos passos que se aproximavam.

Eva reconheceu as pernas esguias da criatura do velho Santuário. Agora, ele usava um chapéu com abas largas que fazia sombra em seu rosto. Uma mochila grande e desajeitada estava pendurada em seus ombros estreitos. Vários objetos pendiam dela, tilintando a cada passo que ele dava. A criatura parou, apoiou-se em uma bengala cheia de ranhuras e bufou na cara da menina.

— Ovanda tateel! Por favor, ajude-me! — implorou Eva, com a voz rouca. —

Você pode ficar com meu Onipod. Apenas me tire daqui.

Ela podia sentir uma queimação no dorso das mãos, na área em que as pontas lustrosas da planta seguravam-na com firmeza.

A criatura colocou a mão em um bolso da mochila e desembainhou uma pequena faca com formato de foice. Curvou-se e decepou a base dos talos da planta pegajosa que prendia Eva. A menina caiu no chão da floresta e rolou para o lado, tentando se libertar.

— Dat, dat, dat.

Ele removeu a rolha de outra garrafa da bebida fedorenta e derramou o líquido nas mãos de Eva. Imediatamente, os talos pegajosos se dissolveram e a queimação cessou. A criatura continuou molhando a menina com um pouco mais daquele líquido enquanto ela se desvencilhava da planta.

— Obrigada — disse Eva, ofegante. — Muito obrigada.

Ele bebeu o que sobrou na garrafa e levantou-se, tirando a poeira da roupa.

— Beeta sa feezi — disse a criatura, com uma sonora risada.

De repente, deixou a garrafa vazia cair no chão e ficou paralisado, com o olhar fixo atrás de Eva Nove.

— Daff effu Cærulean? — murmurou uma voz grave e gutural.

Uma silhueta enorme surgiu em meio à vegetação rasteira e encobriu Eva com sua sombra. Sem fôlego, a menina reconheceu a forma corpulenta do intruso da noite anterior agigantando-se acima dela. A arma sônica estava apontada para a pequena cabeça azul da outra criatura. Com um zumbido, uma rajada vibratória de curto alcance lançou a criatura esguia no chão imóvel.

CAPÍTULO 9: EM PEDAÇOS

Eva abriu os olhos.

Parecia que a cabeça ia explodir. Os pulmões tinham dificuldade em manter ar suficiente dentro deles. Mas, pior ainda, estava seu pé direito. Não conseguia senti-lo. Na verdade, não sentia quase nada da perna direita inteira. Tinha consciência de que quando saísse dessa situação, se saísse, ficaria dolorida por um bom tempo. Meio atordoada, tentou lembrar como havia chegado àquele apuro...

De arma em punho, o intruso a havia forçado a seguir para seu acampamento no meio da floresta. Ela mal conseguira perceber as muitas outras criaturas presas ali quando o brutamontes fez um gesto para que tirasse a bolsa e o casacolete. Então, ele lançou os dois objetos em uma pilha de espólios.

Depois de tirar a criatura azul e esguia do ombro e largá-la pesadamente no chão, o intruso amarrara uma corda no pé direito de Eva e a içara em uma árvore, deixando-a pendurada de cabeça para baixo. Enquanto a menina oscilava, presa a um galho alto, as pontas de seus dedos passavam a um metro do solo. Seu balançar diminuíra e ela acompanhara com os olhos o intruso içando outra criatura. Então, zonza, desmaiara...

Agora, consciente, absorvia todos os detalhes do lugar, de sua perspectiva invertida.

O amplo acampamento estava montado em uma clareira triangular, o perímetro delimitado por compridas estacas, cada uma com diversos lampiões apagados. As sombras alongadas da tarde apontavam para o centro do acampamento, onde ficava o amontoado de objetos pilhados. Estacionado perto desses itens estava um tipo de planador motorizado com asas onduladas, grande o suficiente para transportar o intruso.

Uma cacofonia teve início enquanto Eva esquadrinhava a área. Os barulhos vinham dos bandos de animais e plantas ambulantes aprisionados de todas as maneiras pelo acampamento inteiro. Grandes recipientes claros, muito parecidos

com os potes nos quais ficavam armazenadas as cápsulas de comida em seu Santuário, guardavam um sortimento enorme de insetos estranhos. Uma dupla de pássaros batia em vão as asas em formato de barbatanas, tentando fugir; assim como Eva, estavam amarrados por um laço apertado em volta dos pés.

Ele é um caçador, pensou Eva. *Estes animais são sua caça. Eu sou uma de suas caças.*

Do outro lado do acampamento estava o maior prisioneiro: um beemote com seis patas e couraça ferrugem. O formato dele lembrou a Eva os hologramas de tatuzinhos, se bem que aquele seria um tatuzinho gigantesco. O beemote emitia grunhidos melancólicos que ecoavam por toda a floresta. Também parecia estar amarrado.

Eva ficou impressionada com o tamanho do animal couraçado e logo se deu conta de que havia dois deles: o menor estava escondido ao lado do maior. O caçador apareceu, colocando-se entre os dois e carregando, agora, uma lança comprida e pontuda como arma.

O corpo grande e pesado do caçador era todo coberto por pelos ásperos e curtos em diferentes tons de cinza, quase como se feixes de luz atravessando as copas das árvores o salpicassem de sombras. A robusta cabeça alongada tinha dois penetrantes olhos amarelos. Seu olhar fixo e inerte fez com que Eva se lembrasse dos hologramas de corujas, ou até de alguns tipos de dinossauro. Em um de seus membros extensos estava preso um bornal esquisito, com fios elétricos que iam até o punho da lança.

Ele correu as garras pela lateral do beemote maior, parando para encarar ambos os animais. Eva pôde ouvir um zumbido familiar quando o caçador carregou a lança. A dupla de animais couraçados começou a se mexer nervosamente.

— Tuda neem — disse o caçador, colocando a ponta da lança entre os olhos inchados do menor e puxando o gatilho.

O animal tossiu, sufocando, e tombou bruscamente no chão.

O maior, sobrevivente, deixou escapar um gemido longo e triste.

Eva cobriu a boca com as mãos sujas para abafar um grito de horror. Ficou assistindo àquela cena, os cílios úmidos.

O caçador segurou com braços fortes as pernas do animal abatido e virou-o de barriga para cima. Então, após montar nele, removeu sua cabeça com um golpe da lança sônica. Um líquido viscoso e transparente escorreu do corpo e manchou o chão de azul ao encharcar o solo.

Eva focou no caçador corpulento quando ele começou a fatiar o animal morto em pedaços grossos com precisão cirúrgica. Queria fechar os olhos, mas por

algum motivo não conseguia, impressionada com o jeito como a lança sônica trinchava a carne sem qualquer dificuldade. Aquilo a fez lembrar-se de Mater cortando o espinafre na noite anterior.

O caçador arrancou a pele grossa e couraçada do bicho, removendo-a como se fosse um cobertor molhado. Então, começou a trinchar a parte interna. A carne espessa e gordurosa era cor-de-rosa e balançava como gelatina. Ele enfiou as garras mais fundo na cavidade torácica e puxou de lá um dos órgãos da criatura. Jogou o órgão, que mais parecia um cacho de uvas grande e escuro, para dentro da boca cheia de dentes e engoliu-o com grande satisfação. Eva fechou os olhos e sentiu o estômago embrulhar.

O beemote sobrevivente gemeu mais uma vez ao dar um forte puxão na corda que o prendia, e Eva pôde, então, vê-la amarrando seus pés enormes.

— Kap und gabbo... Ta, broog iffa yu nabba — devaneou baixinho o caçador.

— Oih-ah. Te banga nee peezil — murmurou uma voz rouca perto de Eva: o esguio ser azul havia acordado e apontava para o animal morto.

— Você não morreu! — gritou Eva, feliz em ver a criatura viva. Ela apontou para o caçador. — Somos prisioneiros daquele monstro. Precisamos descobrir como sair daqui.

Com vigor renovado, Eva tentou levantar-se para alcançar o laço que prendia seu pé. Incapaz de alcançá-lo, voltou à posição anterior, de cabeça para baixo, com um tranco.

— Dot, dat.

A criatura mexeu o dedo grosso em um gesto negativo.

Dando chutes com a perna solta, ele começou a balançar-se na direção dela. Logo estava balançando cada vez mais rápido, em grandes arcos. Eva compreendeu o que ele tentava fazer e passou a imitá-lo. O rangido dos galhos era abafado pelos outros prisioneiros, que faziam todo tipo de barulho. Pouco tempo depois os dois chocaram-se um contra o outro. Eva agarrou firmemente o casaco desbotado da criatura esguia e tentou ignorar o bafo fedorento que vinha de sua boca.

O caçador parou de fatiar o bicho por um momento, levantou a cabeça e pôs-se a escutar.

Eva prendeu a respiração.

O caçador retomou a tarefa macabra, as costas ainda viradas para Eva e seu acompanhante.

— Peesa van shuuzu — disse a criatura esguia levantando a mão em direção ao laço que a prendia.

Eva tentou concentrar-se no que ele estava querendo dizer, apesar de sua

cabeça estar latejando.

— Não sei o que você está dizendo — sussurrou ela.

— Peesa — disse ele, repetindo o gesto.

Ela apontou.

— Para cima? Você quer ir para cima?

— Ta! Ta! — Ele concordou com a cabeça. — Peesa.

— Eu já tentei isso, mas não consigo me levantar. Estou muito...

A criatura agarrou Eva pela cintura e com esforço projetou-a ligeiramente para cima, fazendo com que a tensão do laço amarrado em torno de seu tornozelo diminuísse.

— Pra! Dooma boffa! — falou o caçador, dando tapas na cara do animal couraçado sobrevivente, que deu alguns passos para trás, grunhindo de um jeito pavoroso.

Eva e seu companheiro de cativeiro ficaram petrificados. Ela podia sentir que o laço havia se deslocado e estava, agora, enrolado em volta do bico do botatênis, não mais em torno do tornozelo.

— Peesa. Faça isso de novo — sussurrou ela, e apontou para cima.

Mais uma vez a criatura azul a ergueu. Nessa hora, Eva mexeu o pé dentro da bota, fazendo com que ele deslizasse para fora do calçado. A menina caiu, batendo no chão com um baque surdo.

Deitada no solo da floresta, Eva sentiu dormência e formigamento quando o sangue voltou a circular pelas pernas. Viu o caçador cantarolando ao colocar a lança de lado e começar a separar as peças de carne. Quando a dor na cabeça diminuiu, Eva arrastou-se para baixo do ser esguio e tentou levantá-lo.

— Dat, dat, dat.

Ele apontou para seu próprio pé descalço.

Logo acima dos dedos grossos e cheios de calos havia um hematoma roxo que perfazia toda a circunferência do tornozelo, no exato local em que o nó apertado o prendia.

— Te — disse ele, mostrando a pilha de objetos roubados no centro do acampamento.

Eva olhou para o atarefado caçador, que estava logo atrás da pilha, e, depois, de volta para a criatura esguia. Ele estava fazendo que sim com a cabeça, ainda apontando para os objetos roubados.

— O quê? — sussurrou ela. — O que você quer que eu pegue?

Ele respondeu fazendo mímica, como se sua mão cortasse o braço.

— Ferir? Cortar? O quê?

Ele fez o gesto mais uma vez.

— Não entendo o que você quer dizer. Você quer que eu corte seu braço? Peraí... cortar! Uma faca? — disse Eva e arregalou os olhos. — *Sua* faca! Em sua mochila! — Ela reproduziu a mímica dele.

A criatura assentiu, abrindo um sorriso.

— Entendi — murmurou ela.

Ao se abaixar, Eva logo descobriu que, além de dormente, seu pé descalço estava dolorido por ter ficado amarrado. Seguiu engatinhando depressa em direção aos objetos furtados e esgueirou-se até a grande mochila da criatura. Com dedos ágeis, abriu o bolso onde estava guardada a faca em formato de foice. Na bolsinha ao lado, pôde distinguir o formato inconfundível do Onipod.

Eva tirou-o de lá e sorriu.

Com todo o cuidado, pegou também sua bolsa e seu casacolete do monte, os olhos sempre fixos nas costas peludas e atarracadas do caçador. Ao virar-se para retornar, notou um pequeno objeto semienterrado na estranha coleção de espólios. Puxou então a peça amarela e leu o rótulo. Em letras maiúsculas, na lateral amassada, estava escrito: “BATERIA CENTURIÃO T6D9". Eva enfiou o objeto na bolsa e verificou novamente onde o caçador se encontrava. Ele ainda estava ocupado com o corte da carne, então, Eva correu de volta para ajudar seu esguio acompanhante sem ser notada.

Pequenina.

Uma voz suave penetrou os pensamentos de Eva, como uma música antiga conhecida. Ela olhou em volta. *Há mais alguém aqui? A baleia aérea?*, pensou, examinando o terreno. O absorto caçador estava, agora, preparando a carne, enquanto os pássaros desesperados bicavam as próprias amarras. Seu acompanhante pendia de cabeça para baixo, silenciosamente, enquanto aguardava o retorno de Eva.

A menina correu o mais rápido que pôde e entregou-lhe a faca. Ao pegá-la, a criatura apontou para a floresta atrás de si e sussurrou:

— Tasha, zaata.

— Não.

Eva olhava atentamente para o caçador atarefado. Arrepiou-se ao pensar na possibilidade de ser perseguida na floresta de novo. *Como conseguirei escapar em plena luz do dia? Ele não irá atrás de pastilhas de comida de novo.* Uma ideia lhe veio à mente. Segurou o Onipod.

— Vou ajudar você. Mas terá de me ajudar também, ok?

— Bluh, sizzu feezi — respondeu a criatura, revirando os olhos.

* * *

Quando terminou seu trabalho com a carne, o caçador pegou várias fatias grandes e virou-se, indo em direção ao planador. Ao olhar para cima, percebeu que apenas um de seus prisioneiros estava lá, pendendo ao lado de um pé de botatênis.

— Feezi meed! — rugiu ele, jogando a carne no chão e empunhando a lança. — Ya battee meer de hagrim Anzríliu. Wha seesha?

Do alto da árvore, na qual as cordas estavam presas, Eva pôde ouvir o caçador gritando enquanto se aproximava.

— Aqui é Eva Nove — cochichou ao Onipod. — Habilitar companheira de ginástica. Começar aquecimento em quinze segundos.

— Começando em quinze segundos — respondeu o dispositivo. — Quinze... quatorze... treze... doze...

Eva arremessou o Onipod o mais longe que pôde para o interior da floresta. O aparelho metálico foi muito além do que tinham ido as pastilhas na noite anterior e aterrissou em algum lugar distante, assustando um bando de pássaros barulhentos. O caçador passou como um raio ao lado do prisioneiro esguio, inspecionando o matagal. Eva prendeu a respiração, contando na cabeça.

Cinco... quatro... três... dois...

— Quem está pronto para um aquecimento com polichinelos? — sibilou uma voz distante.

O caçador saiu em disparada em direção à isca, arrancando toda a vegetação que havia pelo caminho. Eva desceu da árvore na mesma hora em que seu acompanhante levantou-se, equilibrando-se em um pé só, segurando a faca. Os dois foram pulando até a pilha de espólios, onde ela o ajudou a resgatar as coisas dele.

Pequenina.

Eva girou, o coração disparado. Sentiu um calafrio e os pelos de sua nuca se eriçaram. *Há alguém escondido aqui nas sombras da tarde?* O beemote couraçado soltou um gemido fraco, e Eva virou-se para olhar para ele.

Pequenina. Ajude.

Eva engasgou.

Ajude.

Ela deu alguns passos ao lado da carcaça dilacerada e aproximou-se do animal gigantesco. Confusa, Eva encarou seus olhos grandes e protuberantes. Podia *sentir* que o beemote não estava apenas olhando para ela. De algum modo, ele a

entendia.

Liberte. A mim.

Ela ouviu a melodia da voz dele flutuando para dentro de sua cabeça. Eva colocou a palma da mão pálida na testa do beemote, no espaço entre seus olhos inchados. A pele ferrugem era quente e enrugada, como se tivesse sido moldada no solo pelo qual ela viera caminhando. Eva sentiu-se em harmonia com o animal, percebendo sua força... sua tristeza... seu medo.

— Grazeet! — A criatura esguia azul encheu as mãos com itens roubados e enfiou-os na mochila abarrotada. — Zaata! Zaata! Zaata! — gritou.

Sinto muito por seu amigo, pensou ela, transmitindo o pensamento para o animal couraçado. *O que posso fazer por você?*

O beemote começou a arrastar os seis pés no chão. Deu um puxão para a frente, tentando arrancar a corda.

Preciso. Ficar. Livre.

Eva ouvia seu acompanhante esguio aproximando-se, mas a voz dele parecia distante e abafada. A criatura azul colocou a enorme mão no ombro da menina e apontou para a floresta, empolgado. E nervoso.

Depressa.

Ignorando seu acompanhante, Eva andou até a perna traseira do beemote. O membro, do tamanho de uma coluna, fez sombra na menina quando ela ajoelhou-se e examinou o laço que o prendia. Assim como sua amarração, tratava-se de um simples nó corredio que estava tão apertado que causara uma laceração mesmo naquela pele grossa. O chão abaixo dele havia se transformado em uma lama escura por causa do líquido que escorria da ferida.

Para trás, disse Eva em pensamento para ele, *dê um passo para trás.*

Depressa. Livre.

A criatura esguia, desistindo de Eva, fugiu floresta adentro. Ainda em transe, Eva colocou a mão aberta na perna do beemote. Era mais larga que o corpo dela inteiro.

Você precisa dar um passo para trás, pensou ela. *Entendeu? Ande para trás.*

Ainda assim o animal couraçado não se movimentou na direção correta. Eva podia ouvir o ruído do laço se apertando ainda mais em torno do pé dele, fazendo com que o animal emitisse um novo grunhido baixo.

Chame. Outros. Livre. Agora.

Eva correu para a frente do animal, colocou as mãos na testa dele e começou a empurrá-lo.

Para trás, ordenou em pensamento para ele. *Vá para trás!*

Livre.

Vamos lá. Ela fechou os olhos. *Por favor, vá para trás e você ficará livre.*

Outros. Livre. Corra.

— Mexa-se! — gritou Eva. — Você precisa andar para trás!

O beemote parou. Ele começou a bambolear para trás. A tensão no laço amarrado em torno do pé dele cedeu. Ao empurrá-lo, Eva perdeu o equilíbrio, tropeçou e caiu de bruços. Desorientada, foi arrancada de seu transe e olhou para cima.

Saindo da floresta, o caçador ressurgia do outro lado do acampamento. Ele jogou o Onipod no chão e pôs-se a correr em direção a Eva Nove.



CAPÍTULO 10: CORRA

— Nass Anzríliu Keet!

O caçador saltou por sobre a pilha de espólios na direção de Eva.

A menina ficou de pé num pulo.

Corra. Depressa. Livre.

Ela correu para trás do animal couraçado. Rápido como um raio, o caçador apareceu em cima das costas do beemote, lança em punho, à procura de sua vítima. Eva jogou-se no chão e engatinhou por entre as enormes pernas do animal. Agachada embaixo da cauda grossa em formato de leque que estava escondida sob a barriga dele, Eva alcançou o nó do laço agora frouxo e retirou-o do pé ensanguentado do beemote.

Você está livre agora, avisou-lhe em pensamento.

— Tista baffa fooh! — gritou o caçador de cima da carapaça do beemote.

Ele apertou uma alavanca e a lança começou a carregar, seu zumbido aumentando de volume.

Eva escutou um *BUM* bem alto.

A menina cobriu a cabeça com as mãos, esperando que o peso do beemote morto fosse esmagá-la, mas o animal não caiu.

Em vez disso, ela ouviu uma voz familiar:

— Ovanda say tateel?

Eva abriu os olhos e deu de cara com seu esguio acompanhante azul. Ele estava ajoelhado ao lado do animal couraçado, com a mão estendida. Quando puxou Eva de debaixo do beemote, ela viu que seu companheiro segurava a outra arma do caçador, o rifle sônico usado no Santuário de Eva.

— Gabu Feeraptor!

A criatura cuspiu, jogando o rifle no chão. Ele apontou para o céu alaranjado, e Eva reparou que o sol estava se pondo atrás do tapete de nuvens escuras.

A criatura esguia saltitou de um lado a outro no acampamento cortando as

amarras dos outros prisioneiros e libertando os insetos contidos nos potes.

Eva andou até o caçador aturdido tombado no chão. Os braços enormes estavam molengos e ele, deitado de lado, respirava em ritmo lento próximo à carcaça do animal que matara. Eva sentiu alguém cutucá-la e ouviu uma melodia familiar em sua mente.

Estou. Livre. Pequenina.

Eva voltou seu olhar para a cabeça decepada do animal. Os olhos arregalados e sem vida haviam perdido o brilho e a boca pontuda estava ligeiramente aberta. Moscas bailavam na saliva branca e seca e endurecida no queixo e no barbilhão.

Corra. Livre.

Sim, pensou Eva em resposta, *nós devemos correr... ou...* Olhou para a lança caída no chão perto de seus pés. Era uma vara fina, cor de marfim, muito mais comprida que o rifle do caçador, com uma alavanca escura no meio. Os cabos elétricos em espiral estavam enrolados em uma das pernas do caçador. Ao analisar a ponta suja de sangue, Eva pensou em como aquela arma conseguira cortar uma camada grossa de carne com tanta facilidade. E pensou nas facas de cozinha e no fato de serem ferramentas.

Simples ferramentas.

Agora, sua cozinha fora destruída e um animal inocente estava morto. Ela se curvou para pegar a lança.

Não. Pequenina. Livre.

— Feezi! — gritou seu acompanhante esguio. — Zaata! Zaata!

Ele apontou para a floresta com seu chapéu. Usando a bengala como apoio, seguiu aos pulos na direção dela, grunhindo por causa do esforço.

Eva viu que seu pé descorado estava inchado e levantado de tal maneira que não poderia colocar qualquer peso nele.

— Vou ajudá-lo — disse ela.

— Dat, dat, dat — disse a criatura, fazendo que não com a cabeça. Ele apontou para a floresta outra vez. — Feezi zaata. — Ele virou-se, indicou o lado oposto e disse: — Anzríliu zaata.

— Não. — Eva pegou o Onipod do chão. — Você não vai conseguir. E eu não sei onde estou. Você disse que ia me ajudar.

— Bluh — disse a criatura com um suspiro, jogando as mãos para o alto.

Nessa hora, ouviram um rugido vindo de onde estava o caçador.

— Ah, não! — gritou Eva. — Ele está recobrando os sentidos. Vamos atirar nele de novo.

Ela examinou a área em busca do rifle sônico. Estava no chão, ao lado da pilhagem. O beemote deixou escapar um grunhido fraco.

Livre. Agora. Corra.

Eva olhou para ele. O animal fitava-a, emitindo um novo gemido.

Eu levo. Você.

— Zaata! Zaata! Zaata!

A criatura esguia foi mancando até o rifle.

— Espere! — disse Eva.

Eu levo. Você. Eu levo. Ele.

Ela fez um gesto positivo com a cabeça para o beemote e olhou para seu acompanhante. Equilibrando-se no pé são, a criatura esguia ajoelhou-se e pegou o rifle. Eva ouviu um zunido diferente quando ele começou a carregá-lo.

O caçador que recobrava a consciência sentou-se, ainda grogue, os olhos amarelos piscando rapidamente.

— Grasset de fugill Anzríliu! — berrou ele.

— Não! — Eva correu para sustentar o acompanhante. — Apoie-se em mim.

O caçador, enfurecido, pegou a lança e começou a levantar-se, carregando a arma.

Depressa. Pequenina.

Enquanto cambaleava em direção ao beemote couraçado com Eva, a criatura esguia apontava o rifle sônico para o caçador.

Suba. Em. Mim. Pequenina.

O caçador agora estava de pé, bufando alto. O zumbido de ambas as armas sendo carregadas ao mesmo tempo atingiu um tom irritante.

— Nós vamos conseguir — disse Eva quando eles alcançaram o beemote, que se ajoelhou, deixando o corpo rente ao chão.

A menina agarrou-se às placas da couraça e lançou-se para cima do animal.

— Vamos! Rápido! — gritou ela, a mão estendida para seu companheiro azul.

Sem conseguir manter a mira parada, o caçador apontou a lança para eles quando a criatura esguia montava o beemote. O zumbido era tão alto agora que fazia o corpo de Eva vibrar. Ela ignorou o barulho enquanto ajudava o companheiro ferido a subir nas costas couraçadas da montaria. A criatura esguia atirou com o rifle, que estava tão carregado que, com o coice, voou de suas mãos. O tiro derrubou uma montanha de gaiolas atrás do caçador.

Pule. Livre. Depressa.

— Vá! — gritou Eva.

O caçador destravou a alavanca da lança sônica. A intensa onda sonora foi tão potente que fez tremer toda a floresta nos arredores. Os lampiões do caçador explodiram e várias árvores que estavam na linha de fogo foram reduzidas a uma

massa verde e disforme.

* * *

Os olhos de Eva lacrimejavam e as lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas, levadas para trás enquanto o vento frio açoitava sua face. O beemote desceu sombra adentro com um salto gigantesco, como um gafanhoto imenso. Embora Eva estivesse agarrada ao animal com todas as suas forças, tinha um sorriso de satisfação no rosto.

Apesar do tamanho, o animal couraçado aterrissou delicadamente em uma clareira e enfiou a cauda grossa em forma de leque sob o corpo.

Livre. Pular. Novamente.

— Segure-se! — disse ela para o acompanhante esguio, também montado nas costas do animal.

Com um sorriso tímido, ele agarrou-se firmemente às placas couraçadas do beemote.

Então, com uma força tremenda, o beemote usou a cauda para dar um impulso, e os três decolaram em direção ao céu. Pássaros e outras criaturas voadoras bateram as asas, guinchando e fugindo daquela agitação. O beemote arqueou o corpo sobre um pequeno bosque de árvores ambulantes e aterrissou mais de cem metros depois. Em poucos instantes o trio havia transposto completamente a mata e agora se encontrava na planície pedregosa além dos limites da floresta.

A salvo. Agora. Pequenina.

— Nós conseguimos!

Eva abraçou o acompanhante.

— Ewa seetha tadasha — respondeu ele, dando tapinhas nas costas dela.

Ele soltou um longo suspiro de alívio e pegou uma garrafa de dentro da mochila. Depois de tirar a rolha, ofereceu a bebida a Eva.

— Ah, não, obrigada.

Eva podia sentir o cheiro azedo saindo pelo gargalo.

Seu acompanhante encolheu os ombros, tomou um gole e lambeu os beiços de prazer.

— Ta! Feezi! — Ele levantou um dedo quando uma ideia surgiu em sua mente. — Zuzu, zuzu — murmurou ao vasculhar a mochila.

Eva percebeu que a montaria couraçada deles estava quieta, pastando nos

liquens que havia ao longo da margem da floresta.

Obrigada, a menina agradeceu-lhe em pensamento, observando o crepúsculo banhar o terreno. *Está na hora de você ir se encontrar com seus amigos?*

Agora não. Calma. Descanso.

— Você passou por poucas e boas. — Eva deslizou das costas do animal para o chão. — Nós todos passamos.

— Oih-ah!

A criatura esguia encontrou o que procurava. Ele desmontou do animal, juntou-se a Eva no terreno coberto de musgos, pegou a mão da menina e colocou na palma dela uma bola metálica pesada.

— Kip! — disse ele.

Eva inspecionou o objeto, franzindo a testa, e olhou de volta para o acompanhante.

— Kip! Kip! — repetiu ele, apontando para a própria garganta peluda.

— O quê? Você quer que eu coma isso? — Eva calculou o peso da esfera na mão. — Não acho que eu consiga comer metal.

— Dat, dat, dat, feezi — disse a criatura, aproximando da boca de Eva a mão que segurava a bola. — Doot, doot... ba kip!

— Falar? — disse Eva.

Ao som de sua voz, a bola iluminou-se em um show de microluzes.

— Uau! O que é isso?

Ela observou o conjunto de luzes dançando pelo pequeno dispositivo. Uma nuvem minúscula foi soprada para fora de um buraco pequeno na parte superior da bola. Eva afastou-a do rosto.

— O que está fazendo?

— Dat — sussurrou o acompanhante. — Peesa tobondi feezi, ta kipli.

Novamente, ele aproximou a mão de Eva do rosto dela, a nuvem de pó pairando na direção da menina. Ele recostou-se, inspirou fundo e, então, apontou para Eva.

— Você... você quer que eu inspire este pó? — Eva fez careta. — Eu... não sei. Mas, obrigada — disse ela, devolvendo-lhe a bola.

A criatura fez que não com a cabeça, murmurou algo e soprou o pó na direção do rosto de Eva.

— Eca! — Ela tossia sem parar. — O que você está fazendo? Está tentando me matar? — Ela sentiu o gosto de metal na garganta e nas narinas.

A criatura recostou-se de novo e riu.

— Ah, você acha engraçado, não acha? — resmungou ela, jogando a esfera

metálica nele. — Então, pode ficar com sua bolinha iluminada estúpida! Preciso voltar para minha casa agora em ruínas.

Ela afastou-se, de mau humor.

— Tes, continue kippando — disse a criatura.

— Espere um instante! — Eva parou e girou o corpo para encará-lo. — Você acabou de dizer “continue"?

— Zazig. Eu tentei peebla foo — disse o acompanhante, pegando a bola, agora salpicada de impressionantes luzinhas.

Eva pegou-a de volta, hipnotizada.

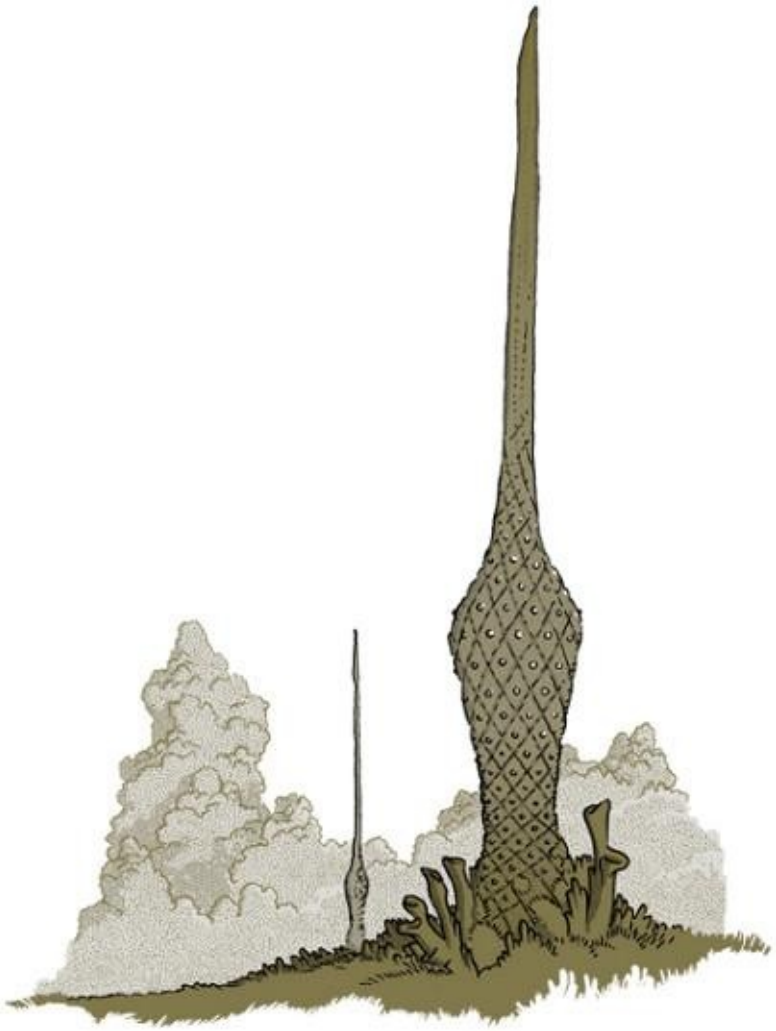
— Você... você quer que eu fale mais, não quer?

— Sim, continue kippando — respondeu ele, com um sorriso largo.

Eva piscou perplexa ao juntar as peças do quebra-cabeça.

— Você quer que eu fale para a bola, não é isso? Porque ela está gravando minha voz, e se eu fizer isso...

A esfera emitiu um ruído que assustou Eva, fazendo a menina derrubá-la no chão.



— Se você fizer assim — repetiu a criatura, pegando a esfera novamente —, você hret graaveem o que eu digo.

— Ela é um tradutor! Entendi! Com ela você vai compreender o que eu digo.

Eva deu um gritinho de satisfação ao segurá-la.

— Compreender. — A criatura balançou a cabeça em confirmação. — Geefa. Eu entendo agora.

Ele abriu a outra mão, segurando um dispositivo idêntico, também iluminado por várias pequenas luzes.

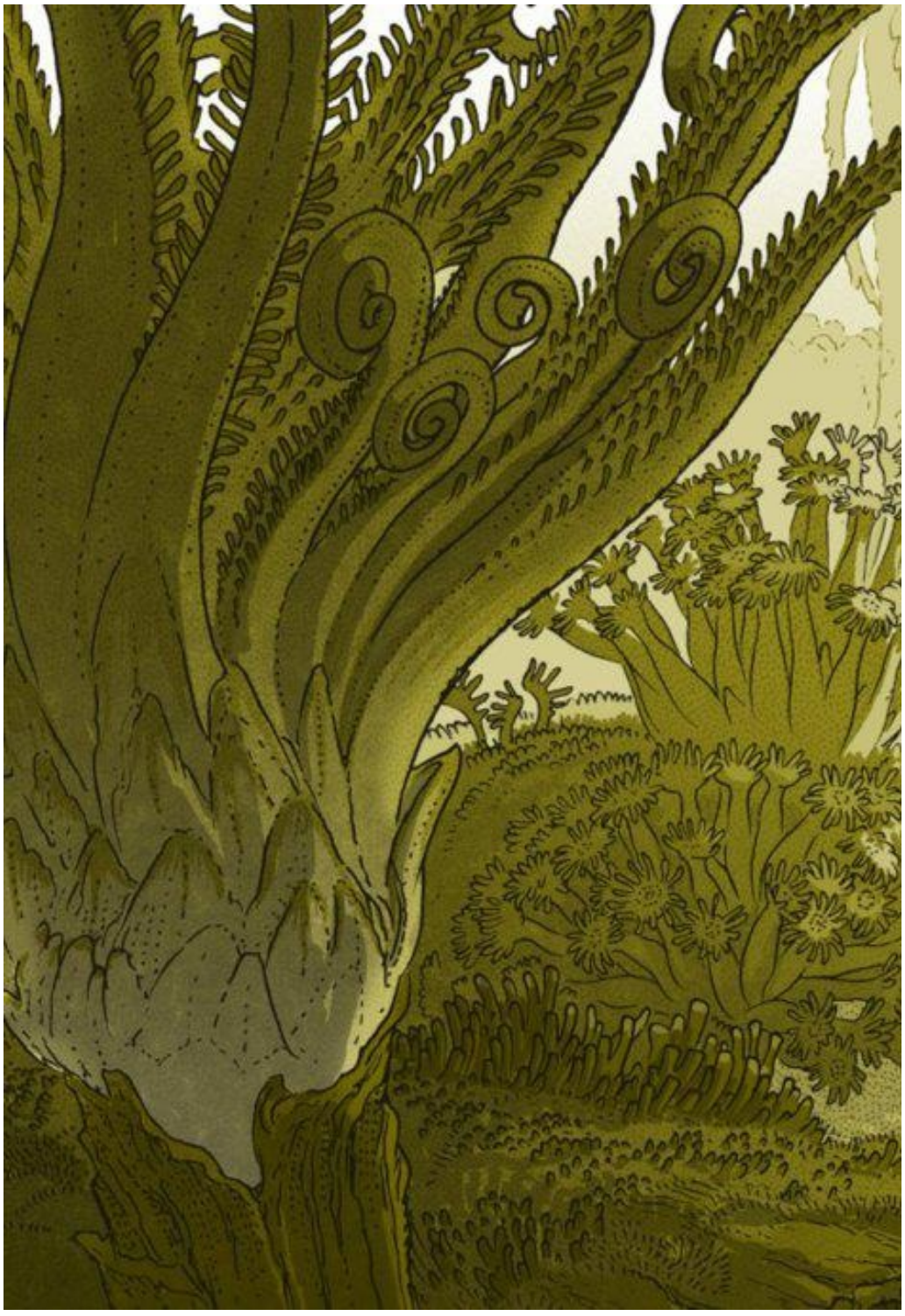
A criatura cerúlea de pernas arqueadas para trás levantou a palma da mão.

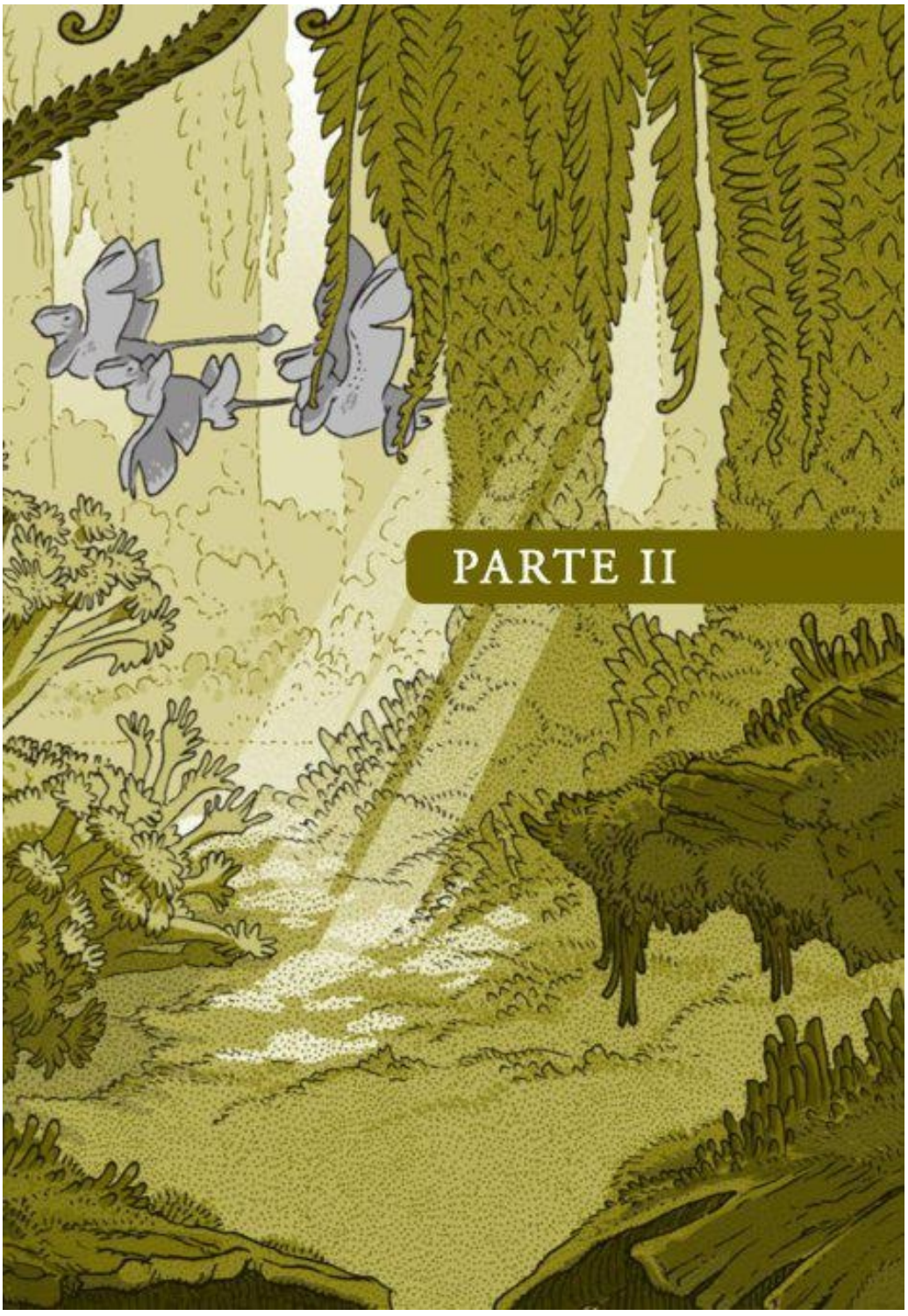
— Eu sou Andrílio Kitt, uma criatura velha em um mundo novo.

— Eu sou Eva... Eva Nove — disse Eva sorrindo e imitando os gestos dele. — Sou uma criatura nova em um mundo velho.

Final da

PARTE I





PARTE II



CAPÍTULO 11: FERIDAS

Então é o pó com gosto esquisito que está fazendo com que eu entenda o que você diz?

Eva Nove andava atrás de Andrílio enquanto seguiam pela beira da floresta. Ela carregava na mão o botatênis que lhe sobrara.

— É, sim. O “pó" é, na verdade, um monte de transmissores minúsculos. Eles enviam o sinal para o transcodificador de voz, a bola que lhe dei — respondeu Andrílio. Ele mancava ao luar e parecia estar à procura de algo. — A maioria de nós tem um. Sempre carregue o transcodificador consigo e entenderá todos que encontrar.

— Uau! Todo mundo, é? Posso falar com as árvores usando isso?

Eva olhava animada para o pequeno transcodificador.

— Não seja ridícula — disse Andrílio. — Todos sabem que as árvores daqui falam uma língua que só elas entendem.

Ele agachou-se, apoiando-se no pé bom, e inspecionou um tufo de musgo em meio às raízes retorcidas de uma árvore imensa. Arrancou um raminho e esfregou-o no nariz, que Eva reparou que não passava de um conjunto de poros no focinho estreito.

— Vamos parar aqui por alguns instantes — disse ele.

Andrílio tirou a mochila das costas e sentou-se sob a árvore para descansar. Eva deixou-se cair pesadamente ao lado dele no solo macio.

— Então, quem era aquele cara grande e assustador? Por que ele está atrás de nós? — perguntou ela.

Embora ainda um pouco abalada por conta da fuga, Eva estava feliz por falar com outro ser vivo, e não com um holograma ou um robô.

— Ah, o dorceano? — Andrílio arrancou um punhado de musgo do chão. — O nome dele é Feraptor. Ele alega caçar para a rainha. Para mim, ele é só um assassino cruel.

Andrílio fez uma pausa. Levantou a orelha endentada na ponta para ouvir os sons noturnos da floresta. Baixou a orelha e voltou à tarefa de coletar musgos.

— Por que ele destruiu minha casa? Por que está nos caçando?

Eva franziu a testa. Ficou toda arrepiada só de lembrar-se da imagem de Feraptor comendo os órgãos do animal abatido.

— Nós? Não sei se o interesse dele é em *nós*, Eva Nove. — Andrílio sacudiu o punhado de musgos para limpar a sujeira das raízes. — Acho que ele está atrás de *você*. Por algum motivo, ele pensou que eu a estivesse levando para longe dele.

Eva arquejou, incrédula.

— Atrás de mim! O quê? — Ela arregalou os olhos. — Eu não fiz nada para ele! Isso não faz sentido.

— Eu gostaria de poder lhe dar mais detalhes — disse Andrílio, abrindo a mochila. — No entanto, não há mais nada a dizer. Feraptor não é do tipo que revela esses assuntos.

Eva virou as costas para ele. Sentiu uma espiral de medo se alojar em seu estômago. Tentando não dar muita atenção para isso, ficou olhando o beemote couraçado aproximar-se deles a passos lentos e regulares.

Andrílio parou de remexer seus pertences na mochila e levantou os olhos.

— Acho que você acaba de ganhar um novo amigo — comentou ele.

— Ah, o Otto? — perguntou Eva, sorrindo para o beemote. — Ele disse que está tomando conta de mim como agradecimento por eu tê-lo libertado.

— Ot-to? Disse? — Andrílio piscou, admirado. — Ele fala com você?

— Claro que fala. Você não consegue ouvi-lo? — Eva abanou as mãos perto das orelhas. — A voz dele soa como uma melodia delicada em minha cabeça.

— Eu não o ouço. Mas *ele* disse a *você* que o nome dele é Otto? — Andrílio encarou-a, claramente desconfiado. Depois tirou da mochila uma bola de barbante.

— Não, fui eu que dei esse nome a ele — disse Eva, sorrindo.

A menina olhou para Otto enquanto ele coçava a orelha com a pata traseira.

— Eu sempre quis um animal de estimação de verdade, e agora tenho um.

— Um animal de estimação! Esse aí?! — exclamou Andrílio. — Eva Nove, já ouvi histórias de animais que se comunicam por telepatia, como canhos selvagens que são domesticados para servir aos fazendeiros que cultivam fruntas, mas isso que você chama de “tardígrado" não é um bicho de estimação.

— Não fui eu que o chamei assim. Eu já disse que essa foi a identificação feita pelo Onipod: uma espécie de tardígrado, também conhecido como “urso-d’água".

Eva balançou o Onipod na frente de Andrílio, para enfatizar.

Mas ele também disse que ursos-d'água são microscópicos, pensou ela. *Por que tudo aqui é tão gigantesco? Será que eu encolhi?* Jogou o Onipod dentro da bolsa de novo e pegou uma porção de comprimidos de comida.

— Bem, Otto deve voltar para sua manada. Estará mais seguro por lá — disse Andrílio pegando uma garrafa da bolsa.

— Eu já lhe disse que pode partir, mas ele se recusou — respondeu Eva, colocando os comprimidos na boca como se fossem balas. Aqueles tinham gosto de batata. Olhou de novo para Otto, que agora limpava o pé machucado. Eva continuou: — Ele disse que se desgarrou da manada e que os outros já estão muito longe daqui.

— Bluh, se você diz. Ele deve ir embora de qualquer jeito. Do contrário, Feraptor vai localizar seu rastro facilmente — disse Andrílio desenrolando um pedaço do barbante, que pôs junto ao punhado de musgo e à garrafa encostada no tornozelo inchado.

Eva pôde ver que o nó do laço tinha provocado uma ferida aberta, em carne viva, na pele grossa e calejada de Andrílio.

— Você vai acender uma fogueira? — Ela apanhou um pouco de musgo. — Posso ajudá-lo.

— Uma fogueira? Não. — Andrílio tirou o musgo da mão de Eva e posicionou-o sobre a ferida. — Preciso curar meu tornozelo para poder levá-la de volta até sua casa e seguir meu caminho.

Ele tirou a rolha da garrafa e encharcou o musgo com o líquido leitoso, deixando-o escorrer pelo corte no tornozelo. Eva o viu estremecer. Depois de soprar a ferida para diminuir a ardência, ele tomou uma golada da bebida e pegou o pedaço de barbante. Começou a enrolá-lo em volta do curativo improvisado.

— Hum, acho que deve haver um modo melhor de cuidar desse machucado — observou Eva enquanto via Andrílio inclinar-se para a frente e cortar o barbante com os dentes irregulares, arrematando com um nó elaborado a fim de manter o curativo no lugar.

— Estou bem, Eva Nove. Assim está ótimo.

Andrílio admirou sua obra-prima.

— Espere. — Eva sacou seu Onipod. — Aqui é Eva Nove. Iniciar AMI — disse ela.

O dispositivo piscou ao ligar.

— Assistência Médica Individual iniciada. Trata-se de uma emergência? — perguntou o aparelho.

— Arrá! Desta vez eu lembrei! — disse Eva, sorrindo. — Agora só preciso descobrir como fazer o restante. — Ela navegou por alguns menus do programa. — Hum... Não é uma emergência... Só quero adicionar um novo paciente.

Andrílio acomodou-se, tirou da mochila uma pequena bolsa cheia de sementes com casca e ofereceu algumas para Eva.

— Não, obrigada. — Ela continuou mexendo, nervosa, no programa. — Arrá! Aqui está! Registro de novo paciente. Talvez eu consiga descobrir como fazer seu pé ficar bom.

— Não se preocupe, Eva Nove — disse Andrílio. — É sério. Ficarei bem. — Ele mexeu os dedos do pé.

Eva ignorou-o, concentrando-se no Onipod. Andrílio jogou um punhado de sementes na boca.

— Novo paciente — disse Eva ao Onipod. — Nome: Kitt, Andrílio. Idade: é... Quantos anos você tem?

— Quase oito trilustralis — respondeu ele, cuspindo as cascas das sementes pelo lado da boca.

— Trilu... Como é que se escreve isso? Quer dizer, quanto tempo é isso?

— Ah, não deve haver uma palavra equivalente em seu idioma. Sabe, quando o transcodificador não consegue encontrar uma tradução adequada, ele usa uma palavra similar da língua raiz de seu idioma, qualquer que seja ela — explicou Andrílio.

Eva encarou-o, confusa.

— Deixe para lá — continuou ele. — O tempo celestial que rege meu clã deve ser registrado de maneira diferente do que rege o seu. Não sei exatamente quais ciclos da lua e das estrelas seu clã usa, mas nosso ciclo trilustraliano é o mesmo que nossos ancestrais usaram por várias gerações.

Eva abaixou o Onipod.

— Aquele velho Santuário onde eu... é... *conheci* você hoje não é sua casa?

— Aquela caverna abandonada? — Andrílio cuspiu o restante das cascas. — Aquilo serviu apenas de abrigo durante a noite. Não, minha casa era bem longe daqui.

Eva percorreu os olhos pela paisagem noturna. Não se sentia tão vulnerável e assustada quanto no decorrer do dia. No escuro tudo parecia mais próximo. Aconchegante. Mais confortável. E agora ela não estava mais sozinha, exatamente como na imagem do WondLa. Ela pensou em Mater.

— Tem uma família esperando por você em casa, Andrílio?

— Uma família? — Foi possível ouvir a golada que ele deu na bebida. — Nenhuma família. Não mais. — A voz dele soou distante. Solitária.

Eva ficou sentada, quieta, por um momento. Não queria ser intrometida nem deixá-lo chateado, ou dar a ele uma razão para abandoná-la novamente.

— Eu nunca tive família — disse ela, baixinho, olhando para Otto. — Sempre quis ter uma, mas nunca realizei esse desejo.

— Então você tem sorte, Eva Nove. — Andrílio juntou suas coisas e ficou de pé, colocando a mochila nos ombros. — Vamos. É hora de partir.



CAPÍTULO 12 : TOCAIEIRO-DO-AREAL

— Temos de ir naquela direção.

Eva parou à margem da floresta, apontando para o outro lado da planície. Já não conseguia mais ver a linha de árvores do lado oposto, porque a lua crescente estava escondida atrás de densas nuvens, banhando o mundo em escuridão. Mas seu rosto e o de Andrílio estavam ligeiramente iluminados pelo Onipod, que mostrava um mapa detalhado da área ao redor. Um ponto piscante indicava a localização do Santuário.

O Onipod desenhou uma seta no mapa.

— Andando em ritmo lento — disse ele —, vocês deverão chegar ao destino em aproximadamente uma hora e trinta e sete minutos.

— Se conseguirmos chegar até Mater, ela poderá nos ajudar a encontrar os outros — disse Eva, acompanhando com o dedo o caminho holográfico no Onipod.

— Poderá *nos* ajudar? — Andrílio desviou o olhar do Onipod. — Eu a levarei de volta à sua casa, Eva Nove. E lá, eu me despedirei de você.

— Mas nós fugimos juntos. — Ela o encarou. — Achei que fôssemos amigos.

— De fato esta tarde foi um tanto agitada — disse ele, colocando a mão no ombro de Eva. — Sinto que sou um indivíduo melhor por nossos caminhos terem se cruzado, mas minha viagem continua em uma direção diferente da sua.

— Por causa de Feraptor?

— Não — disse Andrílio. — Mas, quando nos separarmos, ele não será mais capaz de seguir nosso rastro com a mesma facilidade. O que é bom para todos, incluindo Otto.

Sob a fraca luminosidade do Onipod, Eva analisou o melhor que pôde a expressão dele; no entanto, como Mater, seu rosto não deixava transparecer.

— Então, tudo bem. Vamos embora. Tenho certeza de que Mater está esperando por mim.

Eva começou a andar pelo campo plano e escuro de cascalhos e pedras. Andrílio segurou-a pelo braço.

— Não, não, não — disse ele. — Não podemos viajar por este terreno.

Otto grunhiu em sinal de aprovação.

Eva zombou dele.

— Por que não? Eu “viajei" por toda esta área hoje.

— Esse leito de rio seco está cheio de tocaieiros-do-areal — declarou.

Eva ficou olhando para Andrílio por alguns segundos. Então, colocou o Onipod perto da boca dele.

— Tocai-o quê? Você pode repetir o nome? — pediu.

Andrílio empurrou o dispositivo, tirando-o de sua frente.

— Tocaieiros-do-areal são carnívoros ferozes que vivem debaixo da terra, de tocaia, em túneis profundos. Costumam caçar à noite e usam as vibrações na superfície para capturar suas presas.

— Avistei um buraco hoje. Será que algum deles vivia lá?

Eva pensou no buraco misterioso, cuja entrada era rodeada de pedras e galhos secos cor de marfim bastante peculiares... Talvez não se tratassem de pedras, no fim das contas.

Mordedores de túnel. Sim. Olhe.

As palavras de Otto flutuaram para dentro da cabeça da menina.

— Otto disse que agora há um deles aqui fora — disse Eva, perscrutando o cenário escuro, mas sem ver movimento algum.

— Sério? Ele continua lhe *dizendo* coisas? — Andrílio ergueu a cabeça na direção do urso-d’água gigante. — Vejamos se você e Otto estão certos.

Ele atirou a garrafa vazia no meio da planície sombria. Eva ouviu o som da garrafa quicando no terreno acidentado. De repente, um conjunto distante de fantásticas luzes azuis emergiu do solo, e elas cruzaram o campo aberto na direção da garrafa.

— Oih-ah! — Andrílio olhou para Otto. — Você está dizendo a verdade. Então, quer dizer, parece que esse Otto fala mesmo com você.

— Eu disse — falou Eva, cruzando os braços.

Os pontos bioluminescentes não ajudavam a revelar o formato do tocaieiro-do-areal, mas Eva pôde ver que o monstro era grande, talvez até maior que Otto. Suas luzes mudavam de cor, do azul ao verde fluorescente, e o animal emitia estalidos altos, como se estivesse falando em código.

Eva apontou o Onipod para o tocaieiro-do-areal, gravando seus sons.

— Conte, Eva Nove — falou Andrílio, dando uma risadinha —, o que *aquele* monstro está lhe dizendo?

— Rá, rá, rá... muito engraçado. — Eva empertigou-se. — Vamos dar uma olhada melhor nessa coisa — disse. Com o Onipod ainda apontado para o tocaieiro-do-areal, falou: — Favor entrar em modo luminescente.

O olho central do Onipod lançou um feixe branco de luz que atravessou a escuridão. Eva prendeu a respiração quando a luminosidade revelou uma fisionomia imponente à sua frente.

Antenas em formato de cordões entrecruzavam-se à frente do rosto do animal. Acima do tronco, orbitavam dois grandes olhos arredondados, esquadrinhando a noite escura, movimentando-se independentes um do outro. Abaixo da confluência de antenas, uma coleção de garras em forma de gancho e pinças peludas flexionava-se em ritmo constante. A boca cuspiu a garrafa de Andrílio e produziu estalidos compassados.

— Eva! — Andrílio a repreendeu. — Apague essa luz!

Ele empurrou o Onipod para baixo, desviando o foco para o chão.

Visivelmente abalada, Eva observou quando as luzes fortes do tocaieiro-do-areal diminuíram de intensidade.

— Você está querendo nos matar? — vociferou Andrílio. — Graças às estrelas essas criaturas não se aventuram pela floresta. Senão, estaríamos acabados.

— Eu... Eu sinto muito — disse Eva, ainda paralisada. — Eu não fazia a menor ideia.

— A menor ideia? Como é possível que você não conheça esses monstros? — perguntou Andrílio, pasmo. — Já deparei com vários deles aqui neste terreno. *Este terreno* em torno do lugar no qual você diz que fica sua casa.

Eva desligou o Onipod.

— Eu... Eu nunca tinha vindo aqui em cima antes. Nunca.

— Aqui em cima? — Andrílio ergueu a cabeça, observando a menina. — Então você quer dizer que acabou de sair do ovo?

— Do ovo? — Eva arqueou uma sobrancelha. — Eu não *acabei de sair do ovo*. Nunca nem estive em um ovo. Tenho doze anos e moro em uma casa subterrânea, um Santuário, exatamente igual àquele em que você passou a noite.

— Inacreditável — respondeu Andrílio, alisando a barba peluda.

A lua havia ressurgido de trás das nuvens, iluminando levemente o mundo com sua aparência agradável e misteriosa. Eva não avistou qualquer sinal do tocaieiro-do-areal.

Otto falou com ela. V*ocê. Casa. Vamos.* E deu um passo na direção da

planície descampada.

Mas e quanto ao monstro da areia? O mordedor de túnel?, perguntou-lhe Eva em pensamento.

Não machuca. Eu. Suba.

— Ele quer que nós montemos nele — disse Eva para Andrílio. Ela segurou em uma das enormes placas que compunham a carapaça de Otto e montou nele. Olhando para Andrílio, abaixo, prosseguiu: — Disse que os monstros da areia não vão incomodá-lo.

— Disse?

Ainda alisando a barba, Andrílio examinou o urso-d'água gigante.

— Sim, disse. — Eva adorava saber algo que ele não sabia.

Por fim, ele assentiu com a cabeça e subiu no animal.

— Muito bem. Vou acreditar no que ele lhe disse. Peça-lhe para ir margeando a floresta, para que ainda possamos nos esconder caso seja necessário.

Otto começou a sacolejar pelos limites da planície descampada. Andrílio pegou mais um bocado de sementes e lançou-as na boca.

— Isso pode ser uma boa ideia, Eva. Estou exausto, e esse descanso será bem-vindo para meu pé. Porém, devemos ficar atentos para o caso de Feraptor aparecer.

— Feraptor? Ele vai nos achar?



Eva percorreu a escuridão com os olhos, tentando imaginar o que mais estaria à espreita. Caçando.

— Talvez. — Andrílio cuspiu cascas de sementes no chão. — Os dorceanos são caçadores e rastreadores muito habilidosos. Sua casa está bem protegida?

Eva baixou os olhos para as mãos, à fraca luz do luar. O esmalte nas unhas estava quase todo descascado, substituído por sujeira e fuligem.

— Nossa casa? Não. Ele a invadiu e destruiu ontem à noite.

Andrílio observou a expressão no rosto de Eva enquanto mastigava.

— “Nossa"? Moram outras pessoas com você?

— Não. Só Mater, minha guardiã. Mas ela é apenas uma robô. Não é de verdade.

— Como as imagens luminosas que saem de seu dispositivo? — Andrílio apontou para o Onipod.

— Não, ela não é um holograma. Quer dizer, ela é uma robô... você sabe, não está viva... como você e eu.

Eva estava um pouco nervosa.

— Sei — disse Andrílio, ainda observando-a.

Eva ficou olhando para a frente, na direção de seu Santuário enterrado no meio da floresta escura.

Nem sei se o Santuário ainda está lá, pensou ela.

Como será que Mater está se virando? Será que está à minha procura?

Por que um robô toma conta de mim? Por que não é uma pessoa?

Eva também ficou se perguntando por que não fora treinada para lidar com árvores que comiam pássaros, ursos-d’água gigantes e monstros que escavam areia. Ou caçadores malvados.

— Sabe — confessou ela —, eu tinha a esperança de encontrar pessoas como eu vivendo nesses Santuários. *Muitas* pessoas como eu. Mas não vi ninguém. Onde elas estão?

Andrílio inclinou-se mais para perto dela.

— Eva Nove, eu já viajei por muitas terras e vi coisas maravilhosas. Uma criatura como você... nunca vi.

Eva fechou os olhos. De maneira alguma queria ter ouvido aquilo.





CAPÍTULO 13: SANTUÁRIO

Estamos chegando — disse Andrílio com os olhos fechados, de pé nas costas largas de Otto.

Eva observou enquanto ele abanava o ar da noite para seu rosto.

— Sinto um cheiro de fumaça que não é nem de animal nem de planta queimada. Devemos continuar a pé daqui em diante.

Ele pegou a mochila e desceu.

Mater não é nem animal nem planta... Espero que ela esteja bem, pensou Eva ao deslizar pela lateral de Otto e juntar-se a Andrílio. Estava um pouco arrependida pela maneira como descrevera Mater mais cedo. Sacudiu o Onipod.

— Aqui é Eva Nove. Favor verificar se há mensagens.

— Saudações, Eva Nove. Você não possui novas mensagens, nem recados de voz nem de texto — disse o dispositivo.

Eu fico. Otto falou. *Eu espero.*

Obrigada, Otto. Eva deu tapinhas de leve na cabeça dele.

— Vamos, vamos, vamos. — Andrílio foi conduzindo Eva para dentro da floresta misteriosa. — Não podemos correr o risco de sermos encontrados por Feraptor. É possível que ele volte para esta região.

— Voltar? Por quê? — Eva prendeu a bolsa no casacolete.

— Porque ele é esperto.

Andrílio colocou a mochila pesada nas costas. Olhou para cima, esquadrinhando o céu nublado da meia-noite.

— Pode ser que estejamos fazendo exatamente o que ele espera de nós... Não sei ao certo. Mas sugiro que você resgate sua mãe robô e siga viagem o mais rápido possível — completou ele.

Eva o acompanhou floresta adentro, usando o brilho fraco do Onipod para iluminar seu caminho.

— Ela não é minha mãe. Só toma conta de mim.

Andrílio deu uma risadinha.

— Bem, então ela deve ter muito trabalho. Você exige muito cuidado e dedicação, Eva Nove.

Eva bufou, mas nada respondeu.

— Conte-me, então, Eva — disse Andrílio, seguindo seu faro em meio a troncos grossos de árvores cheias de musgo. — Se essa robô não é sua mãe, o que aconteceu com sua mãe? Ou com sua família?

— Conte você primeiro sobre a sua — disse Eva com certa insolência na voz.

Andrílio ficou em silêncio enquanto adentravam cada vez mais a vegetação. Eva podia ouvir a efervescência de risos abafados da floresta acima do som de seus passos.

— Minha cara-metade — falou Andrílio, por fim —, minha parceira, ela ficou muito doente quando uma moléstia espalhou-se por nossa aldeia e infectou muitos. — Eva ouviu-o limpar a garganta. — Ela partiu deste mundo levando nossa cria, ainda no ovo, com ela.

Eva não disse uma palavra enquanto o seguia pela floresta. *Eu nunca fiquei doente*, pensou ela. *Não sabia que uma doença podia ser fatal.*

— E você? — Andrílio parou e olhou por cima do ombro. — Se a robô não é sua mãe, o que aconteceu com ela?

Eva respondeu, sua voz soando como um sininho numa orquestra de sons noturnos.

— Não conheci minha mãe ou meu pai. Só conheci Mater.

Ela pensou na robô empurrando-a pelo duto do exaustor na cozinha na noite anterior.

Andrílio analisou a expressão de Eva à luz do luar.

— Vamos voltar para ela, então, certo?

Eva fez que sim com a cabeça, concordando.

Eles seguiram adiante em silêncio por algum tempo, embrenhando-se cada vez mais na floresta. Até que Andrílio parou.

— Acredito que sua casa esteja logo à frente, Eva Nove.

Um zumbido descia progressivamente do céu noturno. A sombra de um pássaro gigantesco passou por cima da cabeça deles.

— Sheesa! — chiou Andrílio, empurrando Eva para a sombra de uma árvore ambulante. — Eu sabia!

— O quê? O que é?

Eva arregalou os olhos ao olhar através da copa da árvore.

— É Feraptor — cuspiu Andrílio. — Eu deveria ter sabotado o planador dele

quando tive chance. Agora ele está nos procurando lá do alto.

Eva escutou o ruído do planador, que começou fraco e distante e depois foi aumentando.

— Ele está voando em círculos — disse Andrílio, esticando o pescoço para obter alguma visão do planador que pairava acima deles. — Vamos deixar que passe por aqui de novo e então corremos. Certo?

— Ele não vai nos ver?

Eva girou o pé dolorido, preparando-se para correr.

— Ele pode sentir o calor de nosso corpo, mas a noite hoje está fria. Então, se conseguirmos chegar ao subsolo a tempo, talvez ele não nos detecte — respondeu Andrílio, mantendo o olhar fixo no céu escuro.

A fina lua retomou seu descanso atrás das nuvens. O ruído do planador ficou mais baixo e depois voltou a aumentar.

— Ele está voltando — disse Andrílio, agachando à sombra da árvore. — Prepare-se.

O planador passou acima deles.

— Vamos! Agora!

Os dois cruzaram uma pequena clareira, em direção à entrada do Santuário de Eva. Quando se aproximaram, a menina tropeçou na pesada porta de aço caída no chão. Andrílio empurrou-a para dentro. Os dois quase rolaram pela escada que descia até a casa de Eva.

Enquanto recobrava o fôlego, Eva assistia a Andrílio inspecionando os céus dali do telhado danificado da entrada.

— Feraptor está voando em círculos mais uma vez — relatou ele. — Ah, que bom! Agora está indo embora.

Eva ouviu o estranho ruído do planador de Feraptor enfraquecer gradualmente.

— Estamos a salvo por enquanto — disse Andrílio, cauteloso. — Por isso, devemos nos apressar. Vá, vá, vá.

Eva desceu a escadaria. Nunca utilizara aquela escada antes, embora soubesse de sua existência. Mesmo que não devesse saber. Abaixo, lâmpadas elétricas piscavam dentro da sala de controle — outro lugar no qual fora proibida de entrar. Eva hesitou.

— Talvez seja melhor que eu vá na frente, para ter certeza de que é seguro — disse Andrílio.

— Não, está tudo bem — disse Eva, ainda descendo. — Sei onde estou. Além do mais, você tem de partir, não tem? Agora estou sozinha, não é?

Andrílio olhou lá para baixo, do alto da escada.

— Talvez eu possa pelo menos ajudá-la a encontrar sua mãe robô.

Eva fez que sim com a cabeça.

— Certo. Obrigada.

Apoiando seu peso na bengala, Andrílio passou mancando por Eva, guiando-a para dentro do Santuário.

A escadaria terminava na parede dos fundos de uma sala de controle branca e vazia: os aposentos de Mater. Claro que Eva sabia da existência daquele lugar. Mater lhe dissera tudo sobre o local para onde ia à noite, e o Onipod mostrara todo o cômodo quando Eva vira a planta baixa onisciente, mas, mesmo assim, nunca tinha estado *dentro* dele.

A menina esperava encontrar um arsenal de equipamentos de alta tecnologia, mas só havia um holoputador projetando imagens das muitas divisões do Santuário. As cenas tremulavam num ritmo inconstante, flutuando no centro do cômodo.

— Como se faz para entrar? — perguntou Andrílio, olhando a porta trancada que levava ao cômodo central.

— Espere — disse Eva, passando os olhos pelos numerosos monitores; neles era possível ver o interior de cada aposento do Santuário.

Cômodo 1: Sala de controle. Eva acompanhou a imagem dela e de Andrílio olhando para as holoimagens, vistos de cima.

Cômodo 2: Holocâmara. Viu o projetor principal caído no chão chamuscado. Pedaços dele estavam espalhados e submersos nas poças do líquido dos extintores.

Cômodo 3: Ginásio. Os equipamentos de exercícios estavam pelos cantos, tombados. Havia uma quantidade considerável de escombros depositada no fundo da piscina quase vazia.

Cômodo 4: Estufa. Tudo preto. A câmera devia não estar funcionando.

Cômodo 5: Quarto de Eva. Esse parecia ser o mais danificado de todos. Pedaços dos pertences da menina formavam montes derretidos escuros e disformes, enquanto os canos de resfriamento derramavam água por todo lado.

Em estado de choque, Eva ficou olhando fixamente para a projeção. *Será que perdi tudo o que eu tinha?* Ela desviou o olhar daquela cena apavorante e continuou a busca por Mater.

Cômodo 6: Cozinha. Tudo preto. Eva presumiu que a câmera de lá também não estivesse funcionando.

Cômodo 7: Almoxarifado. Esse tinha sido saqueado. Todas as estantes estavam tombadas e os produtos, derramados pelo chão.

Cômodo 8: Sala do gerador. A outra sala de “acesso proibido" também estava

preta. Eva pôde perceber que a câmera estava funcionando, mas as luzes estavam apagadas.

— Foi ali que eu me separei de Mater — disse Eva, apontando para a tela em branco da cozinha. — Vamos procurar lá primeiro.

Ela apertou o botão verde fluorescente ao lado da porta, que não abriu. Apertou-o outra vez, com mais força. Nada.

— Não está funcionando? Será que há outro jeito de entrar aí? — perguntou Andrílio.

— Vou verificar se está danificada.

Eva andou até a holotela para ver a sala de controle. Tentou interagir com os menus do Santuário, mas não obteve resposta.

— Estranho. Ele não está me deixando acessar nada — disse ela. Eva olhou para cima e anunciou em alto e bom som: — Aqui é Eva Nove. Você está aí, Santuário?

A voz tranquila e familiar do Santuário respondeu. No entanto, havia interferência de estática, fazendo com que soasse indistinta e distante.

— Elemento *in Vitro* Alfa Nove, para entrar novamente no Santuário você precisa fornecer o código de autorização.

— Código? — Eva olhou para a câmera no teto, os olhos do Santuário. — Eu não sei código nenhum.

— A entrada na instalação subterrânea PRH cinco-sete-três é estritamente proibida sem a devida autorização — declarou o Santuário em meio à estática.

— Proibida? Eu *moro* aqui. Você sabe disso — falou Eva, olhando para todas as telas. — Por favor, deixe-me entrar. Preciso encontrar Mater.

— A MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis está incomunicável. Sua localização é, portanto, indeterminada. A integridade deste Santuário foi comprometida. Favor retornar à superfície e enviar o sinal de socorro pelo Onipod para a instalação subterrânea PRH cinquenta e um — declarou o Santuário.

— Eu já fiz isso — respondeu Eva, rispidamente. Ela acenou para a câmera segurando o Onipod. — Mas não há seres humanos lá fora. Em vez disso, há monstros, monstros da areia gigantes e árvores que comem você. Eu preciso da ajuda de Mater. Por favor, deixe-me entrar para poder levá-la comigo.

— A MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis não pode deixar a área do Santuário, Eva Nove. Favor retornar à superfície e...

— Eu disse que já fiz isso! — O nível de frustração de Eva aumentou. — Você tem de me deixar entrar!

— Encerrando comunicação. Até logo — disse o Santuário.

Ele desligou o holoputador, e todas as telas desapareceram. A sala de controle ficou escura.

— Não! Não! NÃO! — gritou Eva.

Ela andava de um lado para outro pelo cômodo, furiosa.

Andrílio apoiou-se na bengala.

— Não confio em máquinas falantes — disse ele.

Eva deixou-se cair pesadamente ao pé da escadaria e segurou o Onipod com ambas as mãos. Ele iluminou seu rosto carrancudo.

— Aparentemente — disse Andrílio percorrendo a sala escura com os olhos —, você foi desafiada com um enigma, Eva Nove.

— Um enigma?

Ela ergueu os olhos para encará-lo.

— Sim. — Andrílio inspecionou o teclado do painel de controle manual da porta. — Um enigma que você deve solucionar. Agora, é possível solucioná-lo de várias maneiras. Você pode usar a força, como fez Feraptor, para forçar a porta e entrar. — Andrílio apontou para as marcas chamuscadas que marcavam a porta. E continuou: — Você pode vencer pedindo delicadamente, o que já fez, e não obteve bons resultados. — Ele aproximou-se de Eva. — Ou pode responder à pergunta.

— O código de autorização? Mas eu não sei qual é — choramingou Eva.

— Então, quem sabe? — perguntou Andrílio.

— Mater sabe, mas ela nunca...

Eva parou a frase no meio quando de repente um pensamento invadiu sua cabeça. Ela lembrou a inscrição na gaveta em sua cômoda... aquela que lhe tinha dado acesso aos segredos do Santuário.

— Santuário — disse Eva, pondo-se de pé. — Aqui é CB zero-um.

O Santuário ficou em silêncio por alguns instantes. *Será que ele vai perceber que sou eu?*, ponderou Eva.

Ela passou o dedo na ferida cicatrizando em seu polegar.

— CB zero-um — respondeu o Santuário. — Senha de acesso, por favor.

Eva olhou para Andrílio. Então virou-se para o lugar no teto onde imaginava estar a câmera.

— Onisciente — disse ela.

— Como posso ajudá-lo, Cadmus zero-um? — perguntou o Santuário.

Andrílio olhou para Eva.

— Quem é Cadmus?

Eva deu de ombros.

— Abra a porta da sala de controle e permita que Eva Nove e Andrílio Kitt tenham acesso ao cômodo principal, por favor — ordenou Eva.

Com um rangido baixo, a porta foi destrancada. Abriu-se até a metade, visivelmente danificada pelo ataque de Feraptor.

Antes que ela pudesse entrar, Andrílio colocou uma das mãos no ombro de Eva.

— A verdadeira pergunta que alguém deve responder quando desafiado por um enigma é “Devo solucioná-lo? Preciso realmente saber qual é a resposta?" — disse ele.

— Sim. Eu preciso saber a resposta — respondeu ela, e colocou o pé nos restos queimados de sua casa.



CAPÍTULO 14: CINZAS

Ela vira as imagens e sabia que o lugar estava em ruínas. Mas quando pisou no cômodo principal de seu Santuário — sua casa havia doze anos —, Eva Nove ficou estarrecida. Tudo estava escuro, não mais iluminado pelas visões holográficas de lindas paisagens. O holoprojetor que criava as imagens pendia agora do teto, preso pelos fios, soltando faíscas como uma artéria cortada sangrando.

A maioria das portas, que geralmente ficavam escondidas por trás de hologramas de céus e montanhas, estava chamuscada ou fora aberta à força. A da estufa abria e fechava, batendo em um regador caído no chão.

Os sons eletrônicos de pássaros cantando e rios correndo tinham sido substituídos pelo chiado colérico de tubulações térmicas rachadas e dutos de ventilação quebrados jorrando água.

— É uma pena que tudo isso esteja destruído — disse Andrílio, pegando um garfo em meio aos detritos. — Há tanto mais a ganhar quando se pede permissão para entrar.

Eva atravessou o cômodo central pisando nos destroços e foi até a cozinha. Respirou fundo ao cruzar a porta avariada, usando o Onipod para iluminar o cômodo escuro.

O refrigerador estava totalmente aberto, mas sem qualquer comida ou prateleira. As torneiras da pia deixavam água fluir como lágrimas sobre um monte de pratos e utensílios domésticos quebrados. Outros pratos estavam espalhados em cacos cor de marfim nas bancadas e no piso. Com o auxílio da luz do Onipod, Eva olhou por cima da bancada, na direção do fogão, mas a robô não estava em lugar algum.

— Mater? — sussurrou ela, e espreitou pelo duto de exaustão que permitira sua fuga. — Mater, onde você está?

A menina voltou andando até o cômodo central, tentando decidir onde procurar em seguida.

— Andrílio? — gritou ela.

— Aqui, Eva — respondeu ele, colocando a cabeça para fora do almoxarifado.

— Algum sinal dela?



— Ainda não. Embora, na verdade, eu não saiba exatamente como sua mãe robô é.

— Ah, ela é assim.

Eva colocou o Onipod na horizontal e mostrou uma projeção de Mater.

— Seu dispositivo não consegue localizá-la?

Andrílio agachou-se e chegou mais perto para analisar o holograma.

— Não se ela estiver desligada, e, de acordo com o Santuário, ela está — disse Eva. Então apontou para a entrada destruída do ginásio. — Por que você não verifica ali enquanto eu tento o próximo cômodo?

— Certo.

Andrílio atravessou o cômodo central correndo na direção do ginásio. Sua mochila chocalhava a cada passo.

Eva adentrou a estufa, passando por cima do regador. Lá dentro as lâmpadas fluorescentes apagavam e acendiam, iluminando o antigo sistema de irrigação hidropônica, que agora não passava de uma pilha do que pareciam ossos quebrados. O gerador de dióxido de carbono chiou acima de Eva enquanto a menina examinava os corredores de frutas e vegetais revirados. Mais uma vez, não havia qualquer sinal de Mater.

— Eva Nove, corra aqui! — gritou Andrílio.

Eva correu de volta para o cômodo central e acabou tropeçando no regador.

— É Mater? Você a encontrou? — perguntou ela.

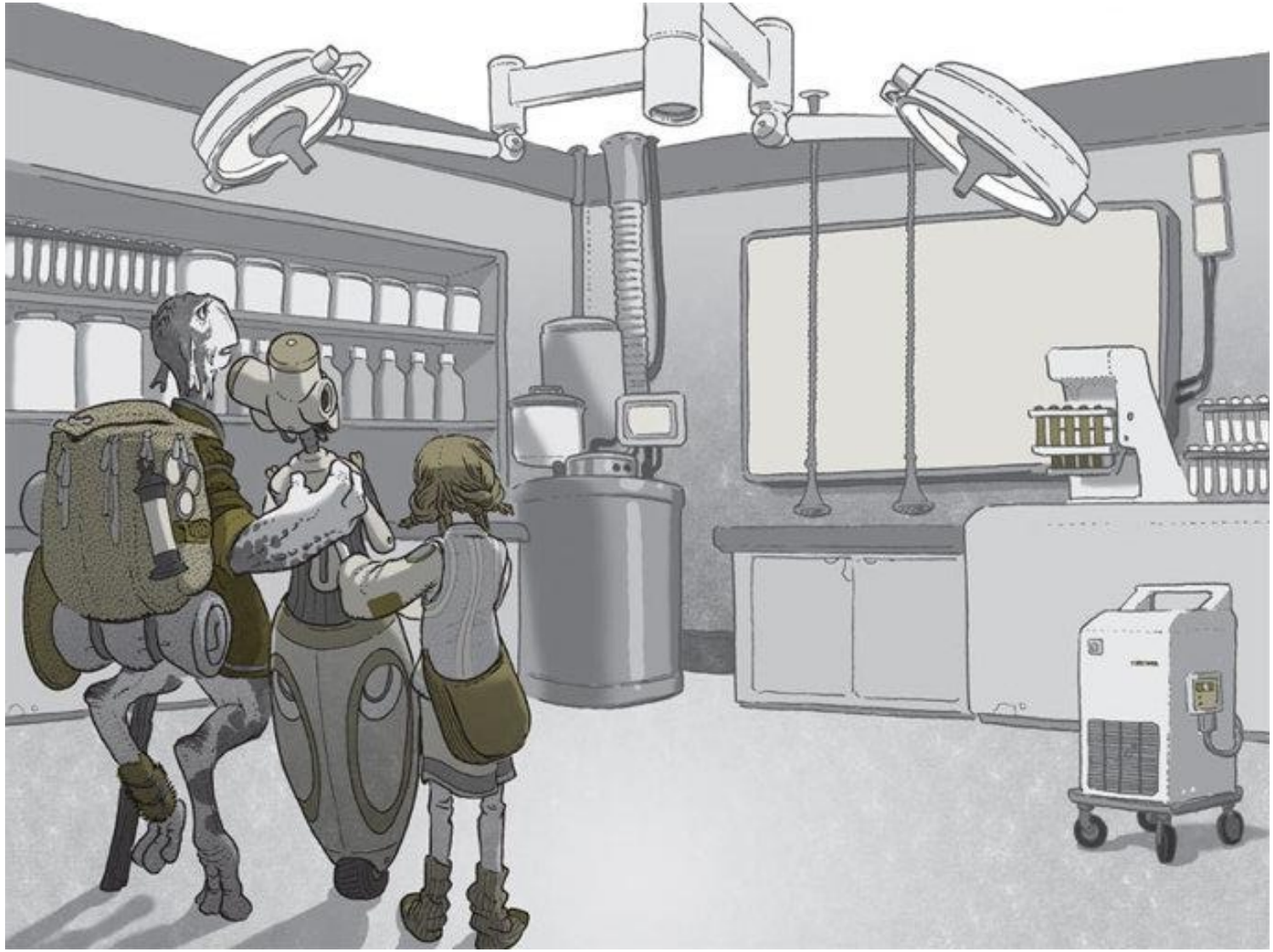
Andrílio gritou da entrada do ginásio.

— Por aqui!

Do mesmo modo que os outros objetos no Santuário em ruínas, os equipamentos de ginástica do ginásio estavam destruídos, retorcidos em ângulos estranhos. O fundo da piscina estava rachado e metade da água havia escoado. No canto mais fundo havia uma silhueta cilíndrica familiar.

Uma silhueta que Eva conhecia desde que nascera.

Mater estava deitada como um tronco caído no fundo de uma poça cristalina de água clorada.



CAPÍTULO 15: SENTIDO ANTI-HORÁRIO

— Mater! – gritou Eva, descendo aos pulos os degraus da escada da piscina esvaziada e arrastando-se até o fundo. Ela levou um choque elétrico fraco ao tentar erguer a robô. Gritou para Andrílio:

— Ajude aqui!

Ele tirou a mochila das costas e pulou na piscina, dando um banho em Eva ao mergulhar.

Os dois rolaram a robô inerte, devagar, até a parte rasa. Então, com grande esforço, içaram Mater para o deque de aço. Seus olhos redondos estavam pretos e lustrosos, sem qualquer vestígio da luz âmbar de outrora.

— Havia uma luzinha piscando quando eu a avistei — disse Andrílio, apontando para uma lâmpada na cabeça de Mater. — Mas se apagou.

— Tem água dentro dela — disse Eva ao correr os dedos pela cobertura metálica e polida de Mater, parando em uma pequena placa nas costas da robô. — Uma vez entrou água na bateria dela durante a aula de natação. Só preciso secá-la e tudo ficará bem. — Eva franziu a testa ao pinçar a borda do painel com as unhas. — Vamos! — resmungou ela.

— Qual é o problema?

Andrílio ficou olhando Eva arrastar as unhas na tampa fechada da bateria.

— Não consigo abrir a tampa. Está emperrada!

— Deve haver um modo simples de...

— Não! — Eva esmurrou a tampa. — Abra! Vamos! Abra!

A violência do murro de Eva soltou a trava interna e a pequena tampa abriu-se. A água da piscina saiu.

A bateria não estava lá.

— O quê? Onde ela pode estar? — Eva sentou-se, confusa.

— O que aconteceu? Roubaram a energia dela? — perguntou Andrílio.

— Não entendo. Por que a bateria dela não está aqui? — disse Eva, olhando para Mater.

Manchas de chamuscado percorriam uma das laterais da robô curvilínea deitada imóvel no deque. Todos os braços mecânicos estavam caídos ao lado do corpo, como as pernas de uma aranha morta.

— Espere!

Eva remexeu a bolsa até resgatar a bateria que encontrara no acampamento de Feraptor. Ela colocou a peça amassada no local apropriado e reclinou-se para ver se o brilho âmbar voltara aos olhos da robô, mas eles continuavam pretos.

— Oh, não! Por que não está funcionando?

Eva tentava controlar o pânico.

Andrílio colocou uma das mãos no ombro da menina.

— Sei que não é isso o que você quer, mas é preciso partir logo, Eva Nove. Feraptor voltará.

— Espere! Talvez esta esteja ruim. Há outras baterias no almoxarifado. Volto já!

Eva saiu correndo do ginásio, cruzou o cômodo central e entrou no almoxarifado. Pulando as estantes tombadas, passou os olhos pelas pilhas de tabletes purificadores de água e hololâmpadas jogadas no chão.

— Santuário, onde estão as baterias? — perguntou, ofegante.

— Olá, Cadmus zero-um. Posso ajudá-lo a encontrar algo? — perguntou pelo intercomunicador a voz do Santuário, falhando e permeada com estática.

— Quem? Ah! — Eva lembrou-se de que o Santuário achava que ela era outra pessoa. — Em que prateleira ficam as baterias de Mater?

— As baterias centurião T6D9 ficam no corredor cinco, na prateleira superior — respondeu o Santuário. — Os suprimentos, porém, esgotaram-se. A aquisição de novas baterias deve ser providenciada por meio de Santuários irmãos.

Eva escutou um chiado atrás dela. A porta que levava para seu lugar secreto abriu-se na escuridão.

— Eva Nove — ecoou a voz de Andrílio pelo cômodo central.

Eva saiu do almoxarifado num pé só e encontrou-o empurrando o corpo rígido de Mater sobre sua roda, transpondo os escombros e deixando um rastro de água.

— A luz começou a piscar de novo — disse ele.

Eva avistou uma pequena lâmpada vermelha na cabeça de Mater pulsando em ritmo constante.

Eva dirigiu-se à casa:

— Santuário, Mater foi encontrada, mas não está respondendo. Favor nos instruir sobre o que fazer.

— Leve a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis para a sala do gerador — respondeu o Santuário. — O acesso pode ser feito pela sala de controle.

Eva e Andrílio empurraram a robô até a sala de controle, onde uma porta oculta abriu-se ao lado da escada. Eva assentiu com a cabeça para seu acompanhante e eles levaram Mater para outra sala, na qual a menina nunca estivera.

Acima deles, lâmpadas piscavam no cômodo branco, revelando uma parede com armários de vidro nos quais havia várias placas de Petri e tubos de ensaio. No canto, um freezer cilíndrico bojudo exalava uma fumaça fria, e uma série de banheiras e tanques de vidro imaculadamente limpos dominavam a parede oposta. Eva sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

— Evidente que Feraptor não achou este lugar — disse Andrílio, olhando para uma fila de frascos de boca larga cheios de um líquido avermelhado.

— Esta é a sala do gerador? Parece mais um laboratório — disse Eva.

— Acessando o banco de dados da MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis. Favor aguardar — anunciou o Santuário.

Eva olhou para Mater. A lâmpada em sua cabeça coberta de cinzas piscava rapidamente. Os olhos de Eva percorreram o corpo chamuscado da robô e pararam em um monte de adesivos usados de Cuti-cuti logo acima da caixa que protegia a roda. Eva lembrou que ainda era criança quando os colou em Mater. Alguns dos adesivos ainda funcionavam, dançando e sorrindo animados.

O Santuário passou instruções para Eva.

— Remova cuidadosamente a cabeça de Mater zero-seis girando em sentido anti-horário. Ao removê-la, coloque-a aqui.

Nesse momento, um grande aparato robótico com a forma de um caranguejo elevou-se das frestas entre os ladrilhos brancos no piso. O aparato tinha um bocal vazio no meio. Eva e Andrílio apoiaram Mater no chão, com o rosto virado para cima.

— Você tira, certo? — sussurrou Andrílio.

— Certo.

Eva sabia que Mater podia ser desmontada; ela a tinha visto fazer isso uma vez durante uma limpeza de rotina. Mas não gostara de ver aquilo, porque só servira para lembrá-la de que quem cuidava dela era uma máquina.

A luz vermelha na testa de Mater parou de piscar e um bipe curto soou. Eva observou quando os ganchos que mantinham no lugar o conjunto cabeça-

pescoço foram destravados.

Sentido anti-horário, sentido anti-horário, disse Eva baixinho. Enxugou o suor da palma das mãos na túnica, segurou a cabeça e virou-a, mas ela não saiu.

— Não está funcionando.

Eva sentiu um frio na barriga. *Será que vou falhar neste exercício também?*

O Santuário repetiu as instruções:

— Remova cuidadosamente a cabeça de Mater girando em sentido anti-horário e coloque-a aqui.

— Acho que talvez você devesse tentar virar no sentido contrário. Pode ser que funcione — disse Andrílio, delicadamente.

Eva exalou o frio que a torturava por dentro. Concentrada, girou a cabeça de Mater no sentido oposto. Esta virou sem problemas e deslizou para fora do tronco. Eva pôs-se de pé, vacilante por conta do peso, e andou até o grande aparato mecanizado. Colocou a cabeça no bocal no meio do dispositivo e prendeu-a no lugar.

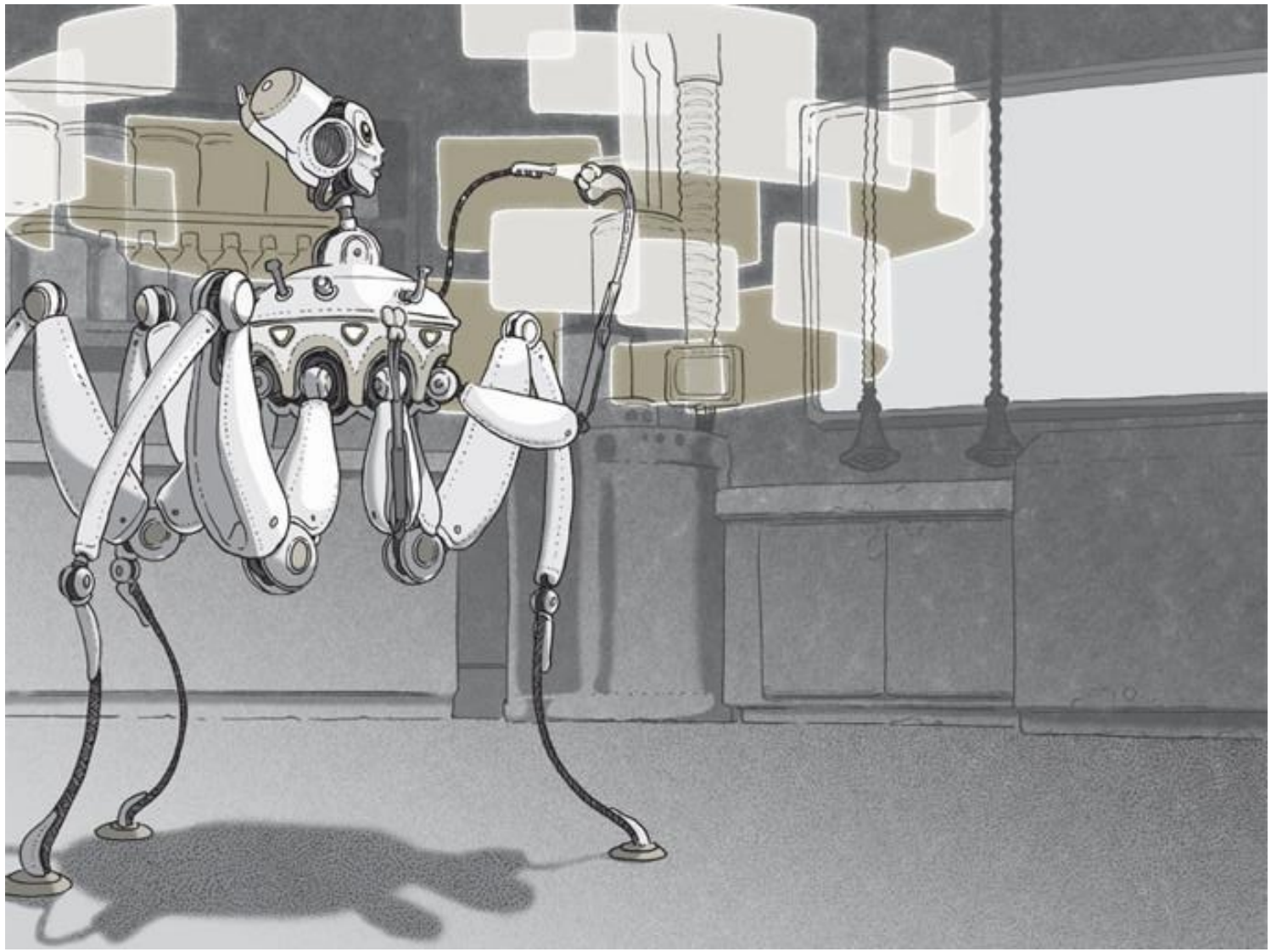
— Oih-ah! — Andrílio assoviou ao ficar de pé ao lado de Eva. — Você também precisará remover sua cabeça para recarregar sua energia?

— Andri! Minha cabeça não sai! — Eva riu e deu um tapinha de brincadeira nele.

— Olhe! — Andrílio apontou.

O terno brilho âmbar estava voltando aos olhos de Mater.

— Eva Nove! — disse a robô. — Minha criança, você está viva!



CAPÍTULO 16: QUEBRA-CABEÇA

— Estou tão feliz por você ter conseguido escapar! — disse Mater.

Havia uma série de eletrodos serpenteando da cabeça dela, dando-lhe uma aparência de Medusa com cabelos feitos de cabos. Todos os eletrodos estavam ligados a uma porta de conexão no computador central do Santuário.

Eva estava sentada em uma das banheiras de vidro vazias, os pés descalços para cima, o casacolete enrolado atrás da cabeça, como um travesseiro. Ela parou de beber o líquido azulado de uma garrafa.

— O que aconteceu com você? — perguntou.

Com as novas extensões de caranguejo, Mater alcançou seu corpo original, agora sem cabeça, e o ergueu.

— Bem, depois que você se foi, eu consegui sair da cozinha em meio a todo aquele caos.

Uma tomada gigantesca desceu do teto, encaixou-se no bocal do pescoço do antigo corpo e içou-o um pouco mais.

— Àquela altura, a casa estava toda tomada pela fumaça. Metade do Santuário pegou fogo quando o holoprojetor explodiu.

Eva observou um feixe de cabos sair serpenteando do teto, seguido por lâmpadas direcionais que se moviam em braços mecânicos.

Mater afixou aquelas várias sondas em seu antigo corpo e continuou:

— O intruso segurou-me em meio à fumaça e eu lutei para me libertar. Acabei tombando nos escombros em chamas. Quando me endireitei, percebi que a tampa da bateria estava aberta e que ela havia caído. Com o pouco de energia que restava, tentei vir até este cômodo. Só que me dei conta de que estava coberta por entulhos incandescentes...

— Então, você mergulhou na piscina do ginásio para apagar o fogo — concluiu Eva.

Braços embutidos na parede emergiram de painéis secretos e começaram a

fazer a manutenção do corpo original de Mater.

— Sinceramente, Eva, os extintores de incêndio não foram projetados para um ataque como aquele... — disse Mater, olhando seu velho corpo sem cabeça se movimentar e ganhar vida. — Eu precisei apagar as chamas antes de vir até aqui, e antes que algum de meus circuitos internos fosse danificado.

— E? — Eva pegou um punhado de comprimidos de comida da bolsa e começou a comê-los.

— O computador está fazendo meu diagnóstico agora — disse Mater.

A robô estava rodeada por uma miríade ofuscante de holomapas e menus projetados a uma velocidade vertiginosa. As imagens tremeram, falhando por uma fração de segundo, e Eva deduziu que o computador principal do Santuário tinha sido afetado de algum modo pelo ataque de Feraptor.

— Agora, fale-me um pouco a respeito desse estranho que você trouxe para cá — pediu Mater enquanto lia as estatísticas.

— Ah, o Andri? — disse Eva. — O nome dele é Andrílio Kitt, e ele é ótimo. Ele me ajudou a escapar do...

— Eva Nove? — A cabeça de Andrílio surgiu no vão da porta. — É disso que você precisa?

Sobre suas pernas arqueadas para trás ele apareceu com um novo par de botatênis e meias limpas para ela.

— Sim! Muito obrigada por fazer isso por mim — disse ela. Eva pegou os sapatos e os colocou perto das meias sujas postas de lado. — Eu não queria entrar lá e ver o quanto meu quarto foi destruído.

— Não sobrou muita coisa — disse Andrílio, apontando para os sapatos. — Só consegui achar um pé cinza e outro branco.

— Está tudo bem — disse Eva. — Os dois ficarão tão sujos lá em cima que vão acabar da mesma cor. Contanto que eu não fique descalça de novo...

— Que bom — disse Andrílio. Após olhar para o corpo suspenso de Mater, ele voltou para a porta. — Vou ver se há sinais de Feraptor por aqui. Se o caminho estiver livre, é melhor nós sairmos logo.

— Nós? — perguntou Eva, sorrindo.

— Sim — respondeu Andrílio, sem rodeios. — Eu preciso seguir meu caminho, e você, o seu. Entendeu?

Eva fez que sim com a cabeça. Ela percebeu que Mater observava Andrílio sair do cômodo e subir as escadas da entrada principal. Também reparou que o Santuário estava realizando uma Identicaptura, na tentativa de identificar seu esguio acompanhante.

— Como é que você entende a língua desse estranho, Eva?

— Já disse, ele não é um estranho. Ele é um amigo — respondeu Eva enquanto vasculhava a bolsa. — E eu entendo o que ele diz porque ele me deu isto. — Ela segurou o transcodificador de voz.

— Interessante. — Mater esticou um de seus muitos braços. — Posso ver?

— É claro — disse Eva, entregando-lhe o aparelho. — Mas tome cuidado. Nós vamos precisar dele.

— Pode deixar. Ah, e Eva... — Mater falou naquele tom de voz de filme antigo. — Você poderia, por favor, lavar as mãos? Elas estão imundas.

— Isso é sério? — Eva pulou da banheira vazia. — Depois de tudo pelo que passei você está me pedindo para lavar as mãos?

Ela deu um salto até uma pequena pia. A água escorreu em seus dedos cobertos de sujeira.

Mater segurou o transcodificador no alto enquanto o computador do Santuário o escaneava com um laser vermelho.

— Não seja dramática, Eva. Sei que você teve alguns contratempos durante os exercícios na superfície, mas, por outro lado, soube cuidar muito bem de si mesma. Além disso, eu a treinei para as piores situações possíveis. E não há espécies de cobras venenosas esperando por você em cada clareira. — Mater examinou o transcodificador, levando-o mais para perto de seus muitos olhos. — Eu a vinha preparando para quaisquer perigos que pudesse encontrar.

— Perigos? — Eva sacudiu as mãos para tirar o excesso de água. — Mater, você faz alguma ideia de como lá fora é assustador?

— Claro que faço. Sou eu quem prepara seus exercícios com a ajuda do Santuário — respondeu Mater, de forma pragmática. Ela virou-se para a porta. — Ah, olá, sr. Kitt.

Andrílio parou à porta, segurando uma garrafa com líquido até a metade.

— Pelo que vi, a área está livre — relatou ele. — Por enquanto, Feraptor ainda parece estar longe daqui. Mas é provável que volte em um ou dois dias. E vocês não vão gostar de estar por perto quando isso acontecer.

Mater encarou-o:

— O que ele está dizendo?

Andrílio a ignorou.

— Vocês devem ir embora agora, Eva Nove. É preciso que se afastem o máximo possível de Feraptor.

— Não entendo. — Eva franziu a testa. — Por que você acha que ele virá atrás de mim?

— Como já disse, não sei. — Andrílio deu uma golada na bebida. — Mas é óbvio que ele está colecionando o máximo de presas que conseguir capturar.

— Você poderia, por favor, dizer para mim o que está acontecendo, Eva? — A voz de Mater soou um pouco mais aguda. — O que ele está dizendo?

Eva pegou o transcodificador da mão de Mater e colocou-o na bolsa, junto à comida e à bebida.

— Ele falou que é hora de ir embora. Você está pronta?

— Por que precisamos sair daqui com tanta pressa? — Mater dirigia-se a Eva apesar de ainda estar virada para Andrílio.

— Porque Feraptor, o intruso, o *monstro* que destruiu o Santuário, vai voltar — respondeu Eva, e desenrolou as meias. — E por alguma razão doida, ele está me caçando.

— Feraptor? — repetiu Mater enquanto uma quantidade ainda maior de holomapas e gráficos rodopiavam em volta da cabeça dela. — Diga-me, então: por que não há qualquer registro de um “Feraptor" no computador principal? Ou, já que o assunto é este, de um animal como o sr. Kitt?

— Exatamente. Bem-vinda ao meu mundo.

Eva bufou baixinho.

— Já chega, Eva! — vociferou Mater. Com seu corpo de caranguejo, a robô aproximou-se de Andrílio. — Não é que eu esteja acusando o sr. Kitt de possuir alguma associação com o intruso que nos atacou. Porém, na medida em que meu sistema computacional onisciente não é capaz de identificar esse estranho, ou seus dispositivos, bem, então passo a ficar preocupada com a segurança e o bem-estar da minha criança.

— Eu não sou criança! — gritou Eva. — Eu...

Andrílio interrompeu:

— O que fez sua mãe robô ficar tão exasperada?

— Ela não foi capaz de identificar você no computador onisciente do Santuário — respondeu Eva. — Portanto, não sabe se pode confiar em você.

Andrílio bufou.

— A resposta é óbvia, Eva Nove. — E tomou outro gole de sua bebida. — Seu “computador onisciente" está errado.

Ele saiu do cômodo e voltou para a escada.

— O que ele disse? — perguntou Mater, mantendo o olhar fixo no vão da porta onde Andrílio estivera.

Eva sentou-se na beirada da banheira e calçou as meias limpas.

— Ele disse que o computador está errado. E eu diria que tem razão.

— Absurdo — disse Mater de um jeito orgulhoso. — A coleção de dados expansiva deste sistema é avançadíssima. Possui todos os seres conhecidos na...

— Mater! Nós precisamos ir — disse Eva. — Você já viu o que Feraptor pode fazer, então, junte suas partes e vamos embora!

A menina calçou os botatênis.

— Distância percorrida: zero quilômetro — anunciaram os sapatos.

Eva inclinou-se para ativar o hodômetro no calcanhar dos sapatos e olhou de novo para Mater.

— Vamos — disse. — Temos de nos apressar!

— Mater zero-seis não pode deixar esta instalação — disse o Santuário.

Eva parou por um momento, olhando para os alto-falantes do intercomunicador.

— Sinto muito, Eva, mas não posso ir lá para cima. Não fui projetada para isso — complementou Mater, estendendo uma das mãos para a menina. — Meu lugar é aqui, neste Santuário.

— O quê? — disse Eva, apanhando o casacolete. — Eu voltei para buscá-la! Você vem comigo.

— Não posso... Queria tanto poder. — Mater aproximou-se dela. — Agora, o que preciso...

— Não! — Eva afastou-se, apontando para o corpo suspenso da robô. — Você *tem* de vir! Eu preciso de você.

— De novo, sinto muito, querida, mas minha programação me proíbe de fazê-lo. Eu iria, se pudesse... mas não posso.

Mater olhou para baixo.

Eva pegou a bolsa enquanto o casacolete ajustava-se confortavelmente a seu corpo.

— Não acredito que você esteja dizendo isso — falou Eva. — Não acredito que isto esteja acontecendo.

— Santuário — disse Mater —, aqui é Mater zero-seis. Os danos causados à casa já foram analisados?

— Os danos ao Santuário cinco-sete-três foram de 84,53%, dos quais 76,8% são irreparáveis. Uma transmissão de emergência requisitando resgate imediato já foi enviada. — O intercomunicador expôs o relatório.

Mesmo com a estática, Eva odiava que o Santuário declarasse o estado de destruição de sua casa com aquela calma.

— Com base na ausência de transmissões em resposta dos Santuários irmãos, o que você sugere? — perguntou Mater enquanto olhava para os hologramas de gráficos e mapas flutuando à sua frente.

— Permanecer no Santuário por trinta dias. Se o resgate não ocorrer, iniciar o processo de desligamento e o pedido de guarda para a colônia mais próxima, a

instalação subterrânea PRH cinquenta e um.

— Permanecer? — gritou Eva. Ela ajustou as tiras da bolsa no casacolete. — Isso é ridículo, Mater. Não vou fazer isso. Você não vai fazer isso. Andri e eu vamos tirá-la daqui.

Mater permaneceu em silêncio. Imóvel.

Eva puxou o cabelo para o alto e o prendeu bem firme com uma de suas tranças.

— Vamos. Vou ajudá-la a subir as escadas e iremos juntas até o Santuário número sei lá o quê, ok?

— Eva, preste atenção... ouça! — falou Mater.

Eva parou e olhou para o rosto da robô, na esperança de encontrar na borracha de silicone e nos circuitos eletrônicos algum sinal de emoção verdadeira. Piscou e deixou rolarem as lágrimas que faziam seus olhos arderem. Mater era apenas um robô, mas tomara conta de Eva desde seu nascimento. Treinando-a. Protegendo-a.

— Eva. — A voz de Mater saiu baixa. — Eu não vou com você porque *não posso*. Minha programação me impede. Minha única finalidade é viver aqui para ensiná-la a sobreviver e ser bem-sucedida na superfície. Se você estiver pronta e tiver atingido idade suficiente, não precisará mais de mim. É assim que o programa funciona.

— Mas eu não estou pronta. — Eva fungou. — Eu preciso de você.

— Você *está* pronta, querida. Veja, você saiu prematuramente e sobreviveu. — Mater tirou a franja de Eva da frente dos olhos. — Siga as instruções do Santuário e ficará bem. Quem dera eu pudesse ir lá fora com você, mas meu lugar é aqui.

— Aqui? No meio dessa bagunça?

Eva enxugou as lágrimas na manga da túnica. Mais uma vez o Santuário, *seu Santuário,* não estava ajudando.

Aquilo era um tanto enigmático.

Eva pegou o Onipod e entregou-o a Mater.

— Por que está me dando isto? — perguntou Mater, pegando o dispositivo. — Com certeza você precisará dele no lugar para onde está indo.

— Onipod — ordenou Eva —, por favor, abra a Identicaptura e mostre a Mater e ao Santuário as formas de vida que existem na superfície.

Uma série de hologramas tremulou à frente das esferas iluminadas da robô. Pássaros com muitas asas. Árvores ambulantes. Ursos-d’água gigantes. Tocaieiros-do-areal. O caçador dorceano.

— Por favor — dirigiu-se Eva a Mater e ao Santuário —, identifiquem esses

organismos e me ensinem a interagir com eles.

Houve uma longa pausa. Por fim, o Santuário falou:

— Todos esses organismos estão classificados como não identificáveis por falta de dados suficientes. Não é possível concluir a maneira de interagir com eles. Proceda com cautela.

— E agora, você acha que estou pronta? — perguntou Eva, pegando o Onipod de volta.

— Eu... eu não sei — respondeu Mater.

Pela primeira vez na vida Eva percebia um quê de hesitação na voz da robô.

— Então você *tem* de me acompanhar. O Santuário não é um lugar seguro, a superfície não é um lugar seguro, e eu ainda não estou pronta para viver lá sozinha. — Eva encarou Mater e continuou: — Santuário, aqui é CB zero-um. Com base nas novas informações, por favor, analise se Mater zero-seis deve acompanhar Eva Nove até a instalação mais próxima.

— Analisando. Por favor, aguarde — respondeu o Santuário.

— CB zero-um? — perguntou Mater.

Eva fez “shhh" para ela em resposta.

— Cadmus zero-um — anunciou o Santuário —, a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis está liberada de suas obrigações no Santuário. Ela terá mais valia acompanhando Eva Nove até a instalação subterrânea vizinha PRH cinquenta e um.

Quando o Santuário terminou a resposta, o corpo recauchutado de Mater foi baixado até o chão e liberado pelo gancho que o segurava. Todos os equipamentos de manutenção recuaram para seus com partimentos ocultos nas paredes.

O antigo corpo de Mater deslizou em direção ao temporário. enquanto o aparato em formato de caranguejo voltava para dentro do piso de ladrilhos, o corpo original da robô apanhou sua cabeça e recolocou-a no tronco. Mater estava inteira de novo.

— Isso! — Eva deu-lhe um abraço apertado.

Andrílio retornou ao cômodo e ela sorriu para ele, que fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Eu... eu posso sair? — Mater parecia estar genuinamente surpresa.

— Você pode sair! Você vai sair comigo! — gritou Eva, apertando-a ainda mais.

— Obrigada, Eva — disse Mater. — Mas ainda estou surpresa pelo fato de não haver registros de organismos como esses em nosso extenso banco de dados.

— Estranho, não é? — Eva olhou os hologramas que flutuavam pela sala. —

Acho que ainda há muito o que aprender sobre todos os habitantes da Terra.

— Tera? — Andrílio não conseguiu repetir o nome direito. Uma expressão de confusão tomou conta de seu rosto peludo. — Tera é um lugar?

— É claro — respondeu Eva. — Aqui. Onde estamos. *Este* planeta se chama Terra.

A criatura esguia riu alto.

— Agora tudo faz sentido para mim — disse ele.

— O que é tão engraçado? — perguntou Eva.

O sorriso de Andrílio desapareceu.

— Você não está nesse planeta que chama de “Terra", Eva Nove. Você está em um planeta chamado Orbona.



CAPÍTULO 17: PORTAS

— No planeta Orbona? O quê? — exclamou Eva.

— Orbona? — repetiu Mater. — Não há nenhum planeta na Via Láctea com esse nome. Embora haja vários planetas ainda não identificados, sr. Kitt, tenho certeza de que está enganado.

— Shh! Espere. Mater, fique em silêncio por um instante — disse Eva, fechando os olhos; algo vago e distante foi soprado para dentro de seus pensamentos.

— O que foi? — perguntou Mater, alarmada. — O que está acontecendo, Eva?

Andrílio ajoelhou-se perto dela.

— O que houve?

— Acho que é Otto — respondeu Eva, ainda de olhos fechados. — Mas ele está tão distante que mal consigo ouvir sua voz.

— Concentre-se — disse Andrílio, com a voz suave. — Abra sua mente para o chamado.

— O que é Otto? — perguntou Mater. — Vocês podem me dizer o que está acontecendo aqui?

O caçador. Você. Casa.

Eva arregalou os olhos

— É Feraptor. Ele está aqui!

— Sheesa!

Andrílio ergueu uma das orelhas na direção da escada.

Até Eva pôde ouvir o barulho do motor do planador desligando.

— Não podemos fugir pela entrada principal — disse ela.

— Como você escapou antes? — perguntou Andri.

— Para o duto de exaustão da cozinha de novo! — disse Mater, pegando Eva pela mão. A robô saiu da sala do gerador à frente do grupo. — Vamos!

Enquanto atravessavam correndo a sala de controle da robô, Eva olhou para

cima e viu uma sombra escurecer o topo da escadaria.

— Vamos! Vamos! Vamos! — Andrílio saltava atrás delas, empurrando Eva e Mater para o cômodo principal. — Precisamos nos apressar!

— Espere! — gritou a menina, parando de supetão em frente à porta destruída da cozinha. — Não vai dar certo. Mater não vai conseguir subir pelo duto.

— Eva, querida — disse Mater. — Está tudo bem. Eu...

— *Não* está tudo bem — gritou Eva. — Voltamos para resgatar você, e você vai embora conosco!

— Não importa como sairemos daqui, mas precisamos decidir isso logo — disse Andrílio, nervoso, olhando por cima do ombro para a sala de controle.

Garras de um tom cinza-escuro seguraram a porta entreaberta. Com uma força brutal, conseguiram arrombá-la, revelando o rosto sinistro e predatório de Feraptor.

— Anderílio Keet — sibilou ele com seu sotaque carregado. — Vozê tem algo que me pertenze!

— Por aqui! — Eva puxou Mater para o almoxarifado. — Vamos para o outro Santuário!

— Espere, você precisa de mais provisões antes de sair? — perguntou Mater enquanto era arrastada pelo labirinto de estantes caídas e suprimentos espalhados pelo chão.

Andrílio as seguia, mancando depressa, se apoiando na bengala.

Eva virou-se e viu Feraptor cruzar o cômodo central num salto.

— Andri! Aperte o botão vermelho! — gritou ela de pé à entrada do corredor secreto.

Andrílio passou pela porta do almoxarifado com um pulo e bateu no teclado manual com a ponta da bengala. A porta danificada rangeu enquanto tentava fechar-se, mas não conseguiu ir até o fim. Mais uma vez Feraptor enfiou as garras pela fresta e começou a forçar a abertura.

— Vamos!

Eva conduzia Mater para a porta de trás enquanto Andrílio aproximava-se mancando. Atrás dele, o braço imenso de Feraptor tateava as paredes, procurando o painel de controle da porta entreaberta. Então, recolheu o braço e substituiu-o pela ponta bulbosa de seu rifle. O zumbido claro da arma sendo carregada reverberou nos ouvidos de Eva.

— Rápido! — gritou ela, puxando Andri para dentro do corredor secreto.

— Santuário, por favor bloqueie a porta do corredor irmão — ordenou Mater.

Os olhos âmbar da robô brilhavam na passagem escura. A porta de correr atrás deles deslizou e foi trancada. Do outro lado, Eva pôde ouvir o zumbido do rifle

de Feraptor ficando cada vez mais agudo.

— Vamos! Vamos! Vamos! — Andrílio as empurrava pelo corredor.

Feraptor atirou. A onda sonora intensa atingiu a parede do fundo do almoxarifado. Poeira e entulhos caíram sobre Eva. Em seguida, ouviu-se um leve rangido de algo vergando.

— O que foi isso?

Agachada no escuro, Eva olhou para cima.

— Isso foi a estrutura de sustentação. — A voz de Mater ecoou pelo corredor. — Ela foi danificada.

— Em frente! — gritou Andrílio.

O barulho de algo se partindo reverberou pelo corredor quando o teto acima do trio cedeu. Andrílio e Eva jogaram-se para a frente, caindo sobre Mater. Atrás deles um dilúvio de pedras e escombros foi despejado, bloqueando o caminho.

— Você está bem? — perguntou Mater.

Limpando a garganta, Eva arrastou-se até conseguir sentar-se.

— Estou bem, obrigada — respondeu. Eva tentou sacudir a sujeira e a poeira da roupa, mas só o que conseguiu foi espalhá-la. — E você? — perguntou, vendo que um dos braços de Mater estava dobrado em um ângulo estranho.

— Tentei amortecer a queda com o braço três — disse Mater, segurando as varas de metal retorcido que costumavam ser seu antebraço. — Apesar de este membro ter sofrido dano permanente, acredito que todo o restante esteja intacto.

Ela recolheu para dentro do tronco os fios remanescentes.

As duas ouviram uma tosse atrás delas.

— Andri! — gritou Eva, ajoelhando-se ao lado do acompanhante. — Você está bem?

Andrílio saiu de baixo dos escombros arrastando-se com um gemido.

— Ficarei bem, Eva Nove. Muito obrigado — disse ele, escorando-se na parede. — Aquele rifle maldito faz mais estragos que um trouro raivoso em um ninho de cristal de vadas — zombou ele ao acender o lampião e pegar uma garrafa da mochila. — Onde estamos?

Eva olhou para Mater.

— Boa pergunta. Diga-nos, Mater, onde estamos?

— Ao que parece, Eva, você já sabe. Então, por que não conta ao sr. Kitt? — respondeu a robô, ainda examinando o braço danificado.

Eva sacou o Onipod para projetar o holograma da planta baixa completa do Santuário.

— Nós estamos em um corredor que vai nos levar ao Santuário vizinho —

disse ela. — Um Santuário que, por algum motivo, nunca me permitiram visitar.

Mater olhou para ela.

— É verdade, Eva. É claro que isso foi uma decisão tomada por mim e por nosso Santuário. Uma decisão tomada como medida de segurança, à qual você desobedeceu, obviamente.

Eva irritou-se.

— Ah, é? Eu não acho...

— Eva Nove, mãe robô. — Andrílio colocou-se entre as duas. — Vamos deixar esse assunto de lado e prosseguir para o Santuário vizinho. Com sorte, vamos encontrar lá um abrigo no qual possamos passar a noite e esconder-nos de Feraptor.

Ele começou a andar, seus vários pertences tilintando na mochila enquanto se movia. Mater olhou para Eva por um segundo, com as pálpebras batendo e estalando, e então deslizou seguindo Andrílio, deixando para trás o braço quebrado. Eva os acompanhou, arrastando-se vagarosamente enquanto os três percorriam a passagem escura.

— Detectada aceleração na frequência cardíaca, Eva Nove — anunciou sua túnica. — Favor...

Eva desligou a túnica antes do final do relatório. Segurava nas mãos suadas o Onipod com força enquanto avançava pelo corredor. Logo o trio chegaria ao fim, o lugar secreto de Eva. Não havia mais aonde ir. Aquele era o único caminho para sair.

— Mater? — falou Eva de um jeito sereno, mantendo o olhar fixo no feixe de luz do Onipod.

— Sim, querida — respondeu a robô, ainda deslizando atrás de Andrílio.

— Hum... Tem uma coisa que você deveria saber. Algo que eu deveria ter lhe contado.

— E o que é? — perguntou Mater.

— Você estava certa. Eu saía escondida do Santuário de vez em quando e vinha até aqui.

Mater ficou em silêncio e diminuiu o ritmo para acompanhar os passos relutantes de Eva. Estavam quase na metade do caminho.

— E... bem — disse Eva, engolindo em seco. — Eu trouxe alguns objetos para cá, minhas coisas velhas, que você pediu para eu jogar fora.

— Eu sei — sussurrou Mater.

— Você... você sabe?

Eva ergueu os olhos e parou de andar.

Mater virou-se para ela.

— Está tudo bem, Eva — disse ela. — Você precisava ter seu espaço. Mesmo vivendo naquele Santuário grande e solitário, você ainda necessitava de um lugar no qual se sentisse verdadeiramente sozinha. Solitude.

Eva baixou os olhos de novo, processando essa informação.

— Mas, se você sabia, por que não me deixou encontrar as crianças do outro Santuário?

Mater envolveu Eva num abraço. Ela pôde sentir o calor do corpo da robô espalhando-se por sua roupa. Mater falou com suavidade:

— Eva, nosso Santuário me disse que os Santuários à nossa volta, incluindo este logo à frente, não estavam mais em funcionamento, e que havia noventa e oito por cento de chance de estarem desocupados. Mas, se entrarmos e houver pessoas lá, eu serei a primeira a pedir desculpas e admitir quanto errei ao manter esta passagem trancada. Tudo bem?

Eva assentiu com a cabeça, sem dizer mais nada. Eles seguiram em frente até o fim do corredor.

— Oih-ah! Não dá para negar que você vinha trazendo coisas para cá, Eva Nove — exclamou Andrílio, iluminando com o lampião os objetos amontoados em volta da entrada. — Este é um acervo e tanto.

Mater tomou a frente, a fim de se aproximar dos controles danificados da porta. Ela levantou a placa do controle manual e conectou vários fios a si mesma. As luzes vermelha e verde no painel piscaram.

— Está pronta? — perguntou ela, virando-se para Eva.

— Há alguma coisa aqui que você queira levar?

Andrílio abaixou-se, examinando o altar de pertences. Eva ajoelhou-se ao lado dele e pegou a boneco de pano do Cuti-cuti.

— Eu lhe dei isso no seu aniversário de três anos — devaneou Mater. — Você se lembra?

— Lembro — disse Eva, dando um abraço apertado na boneca es far rapada que piscava e sorria para ela.

Com isso a cabeça meio bamba soltou-se do corpo e caiu, espalhando o enchimento amarelado pelo chão.

Andrílio assustou-se.

Sem dizer uma palavra, Eva colocou a boneca de volta em seu canto especial. Pegou a cabeça delicadamente e encaixou-a de novo no tronco.

— Tome conta de todo mundo direitinho, hein? — disse ela para a boneca.

Enquanto os olhos de Eva absorviam cada detalhe de sua coleção uma última vez, ela parou em um objeto diferente, o único que não lhe fora dado por Mater. Ela pegou o WondLa do meio de seu tesouro escondido.

— O que é isso? — Mater esticou o pescoço para ver melhor.

— Não é nada de mais — respondeu Eva, mostrando-lhe a imagem desgastada. — É só uma coisa que achei... uma coisa que espero encontrar de novo.

Eva enfiou-o na bolsa e respirou fundo.

— Certo — disse. — Estou pronta.

— Certo — repetiu Andrílio.

— Certo — disse Mater.

Com um passo, Eva passou por cima de sua coleção e atravessou a porta do Santuário vizinho.



CAPÍTULO 18: SUBSISTÊNCIA

A primeira coisa que Eva reparou foi no cheiro. Era o odor barrento de terra molhada. Conseguiu reconhecê-lo por conta dos vários exercícios práticos de horticultura que fizera na estufa. Mas Eva não estava na estufa deste novo Santuário — estava no cômodo central.

As raízes das árvores plantadas acima, fora do campo de visão ali, tinham invadido o subsolo, rachando o teto de aço como se fosse uma casca de ovo. Eva pôde ver pelas portas abertas do cômodo que metade do teto caíra, abrindo-se para o céu noturno. Fungos e liquens incomuns cobriam as paredes que algum dia haviam sustentado holoprojetores e unidades geotérmicas de aquecimento.

Mater virou-se para Eva, os olhos cor de âmbar brilhando fracamente na escuridão do Santuário.

— Sinto muito, Eva. Queria muito que eu estivesse errada a respeito deste lugar — disse ela.

— Tudo bem. — Eva fungou. — Desculpe-me por não ter acreditado em você.

— Não se preocupe. — Mater deu um abraço apertado em Eva. — Nós continuaremos procurando.

— A entrada principal está soterrada — observou Andrílio, apontando para o que sobrara da sala de controle. — Não conseguiremos sair por lá.

— Vamos seguir até o próximo Santuário — disse Mater, examinando com o laser a porta de entrada do antigo almoxarifado. — Ou podemos passar a noite aqui. Como está se sentindo, Eva?

— Quero ver outro Santuário — disse Eva, melancolicamente. — Mas talvez seja bom descansar um pouco. Estou exausta.

— Muito bem — disse Mater.

— É bom descansarmos, Eva. Você teve um dia e tanto — concordou Andrílio, olhando para o teto. — Mas precisamos dormir em um espaço mais

protegido. Vamos verificar os outros cômodos.

Eva traduziu a fala dele para Mater e os três dividiram-se, explorando o Santuário invadido pela vegetação.

Na entrada do ginásio, Eva foi recebida por um grande grupo de cogumelos verde-esmeralda que se projetavam do solo em sua direção. Ela escutou os cogumelos inspirando e expirando conforme suas copas se expandiam e contraíam. A respiração deles acompanhava o ritmo de um som de gotejamento que ecoava do meio da vegetação do ginásio.

— Você está bem? — perguntou Mater ao aproximar-se de Eva.



— Estou — respondeu a menina, iluminando o restante da sala com o Onipod. — Só fico pensando se vou mesmo encontrar outros humanos aqui.

Os olhos de Mater percorreram os cogumelos que se espalhavam pelo ambiente, cobrindo quase todas as paredes do ginásio e os equipamentos enferrujados.

— Só o tempo irá dizer — sussurrou Mater. — Embora, devo admitir, eu ache difícil acreditar que estejamos realmente em outro planeta. Mesmo que o Onipod classifique tudo aqui como não identificável.

— Eu sei. Também não consigo acreditar nisso — disse Eva, vendo a água gotejar do teto e cair na lagoa que um dia fora a piscina.

A superfície da lagoa refletiu o brilho fraco do Onipod em ondulados anéis verdes. Caniços altos com esferas nas pontas erguiam-se à margem da água.

— Acredite. — Andrílio juntou-se a elas. — Bom trabalho, Eva Nove. Você encontrou um lugar para passarmos a noite.

— É sério? — perguntou ela, olhando para os fungos no chão ladrilhado.

— É sério.

Andrílio tirou a mochila das costas e colocou-a perto da lagoa. Inclinou-se na margem e bebeu da água.

— Você está bebendo isso?

Eva ficou olhando Andrílio mergulhar o rosto.

— Claro — respondeu ele, tirando uma garrafa vazia da mochila e deslizando-a pela água. — Contanto que eu beba a água que caiu recentemente, que está logo na superfície. Viu? — Ele erguia a garrafa agora cheia de um líquido quase transparente.

— Mas, e isso?

Eva apontou para partículas escuras flutuando numa espiral dentro da garrafa.

Andrílio gargalhou.

— Isto vai se acomodar no fundo, Eva Nove. Não fique aflita. Esta água é boa.

— Talvez ele possa beber isso, Eva, mas você, não — disse Mater, seu laser vermelho penetrando a garrafa.

— Mater disse que não posso beber — desculpou-se Eva.

— Blá. — Andrílio balançou a cabeça e sentou-se perto da lagoa.

Eva deixou-se cair ao lado dele, observando-o afundar o pé enfaixado na água.

— Eva, se não se importar, gostaria de analisar mais detalhadamente os organismos que você registrou na Identicaptura — pediu Mater.

— Claro, sem problemas.

Eva desafivelou o Onipod, tirou-o do pulso e entregou-o a Mater.

— Se precisar hidratar-se, tome mais de Ener-G-suco, querida — disse Mater ao pegar o dispositivo.

— Sim — concordou Eva, tirando a garrafa de plástico da bolsa.

— Eva Nove, você poderia pegar para mim a fruta que brota daquela planta? — pediu Andrílio, apontando para os caniços altos e finos amontoados do outro lado da lagoa.

— Aquelas ali? — perguntou Eva, levantando-se de um salto e indo até os

caniços delgados.

— Sim, sim — disse Andri, tirando o colchonete que estava amarrado à mochila. — Exatamente essas.

Eva colheu tantas frutas esféricas e translúcidas quantas pôde carregar, deixando cair apenas uma no caminho de volta.

— Muito agradecido — ronronou o amigo. — Elas parecem maduras.

Andrílio estava agora sentado em seu colchonete e arrumando outro, que estendera para Eva. A menina sentou-se e colocou as frutas no colo dele.

— Essas são frutas-vox — disse Andrílio, segurando uma e descascando-a. — São difíceis de encontrar, mas muito saborosas. Terei de me lembrar deste lugar.

A fruta era cheia de bagas de um verde resplandecente, e a criatura a devorou com satisfação. Andrílio estendeu metade para Eva.

A menina analisou-a.

— Não sei, Andri... Eu poderia passar mal.

— Sim. Você poderia passar mal — repetiu Mater, ainda olhando para o Onipod.

— Eu pareço estar passando mal? — perguntou o cerúleo, falando de boca cheia.

Eva abriu a tampa de sua garrafa e tomou um gole.

— Estou curioso — disse Andrílio ao descascar outra fruta-vox. — O que é isso que você está bebendo?

— O Ener-G-suco? — retrucou Eva. — É, você sabe... um tipo de suco.

— É uma solução aquosa enriquecida com vitaminas e com pH balanceado — respondeu Mater.

— Sabor chiclete — acrescentou Eva na tradução para Andrílio. — E, olhe!

Ela mostrou a língua tingida de azul.

O acompanhante esguio de Eva recuou, sem saber ao certo como reagir àquilo.

— Tome. Experimente um pouco — ofereceu Eva, passando-lhe a garrafa.

Mater parou de dar atenção ao Onipod, a fim de assistir àquela cena.

Andrílio cheirou a boca da garrafa. Então bebeu um pequeno gole, fez cara feia e cuspiu o líquido longe.

— Blá! Tem gosto de produto químico.

Eva ouviu Mater rir. Andrílio encarou a robô.

— Se você está com sede, deveria beber isto — disse ele, e então tomou toda a água que coletara.

— É, bem, eu agradeço muito, mas não quero vomitar — disse Eva, tomando

outro gole de sua bebida.

— Por favor, Eva, lembre ao sr. Kitt que a água dele não é potável. Provavelmente está contaminada com todo tipo de bactéria. Você poderia ficar muito doente se a bebesse — acrescentou Mater.

Andrílio virou-se para Mater com olhos estreitados.

— Esta água foi filtrada pelo solo de Orbona, Eva Nove. Ela tem o gosto do céu e da terra na qual se originou. A terra da qual vocês duas fazem parte agora.

Eva refletiu sobre aquilo por um instante, enquanto cutucava uma unha da mão.

— Eva, você tem seu kit de hidratação — disse Mater ao devolver o Onipod para a menina. Por um momento, pareceu que a robô havia entendido a frase de Andrílio. — E eu trouxe vários tabletes purificadores para o caso de você precisar beber a água local — prosseguiu. — Mas não creio que isso será necessário. Nós devemos nos encontrar com os habitantes das instalações subterrâneas vizinhas logo, logo.

— E quanto à sua mãe robô? — perguntou Andri, segurando a casca da fruta-vox e apontando para Mater. — Que comidas e bebidas ela ingere?

— Mater não come — respondeu Eva. — Ela é apenas uma robô.

— Embora eu seja um biocomputador híbrido e possua o que alguns poderiam considerar “órgãos vivos", não utilizo qualquer processo metabólico para obter energia. Em vez disso, recebo toda a minha carga de uma bateria centurião substituível.

Eva traduziu tudo para Andrílio assim que terminou a bebida.

— Alguém que não come nem bebe, mas que diz o que os outros devem comer e beber... Cada vez mais estranhíssimo — disse ele, olhando para a menina e para a robô.

Eva colocou a garrafa vazia de volta na bolsa. Nesse momento, deu uma espiada no WondLa. Tirou-o da bolsa e observou-o sob o facho tremeluzente do lampião. Achava estranho estar com o WondLa em outro lugar, longe de seu esconderijo.

— Esse é o objeto que você pegou de sua coleção, Eva Nove? — Andrílio atirou outra casca na lagoa e chegou mais perto da menina para ver melhor. — De tudo que deixou para trás, por que escolheu guardar isso?

— Isso? — perguntou Eva com os olhos fixos na imagem quase destruída.

A menininha ali estava feliz. Sorrindo. O robô ao lado dela também sorria. Ao lado do adulto sem cabeça. E todos estavam de mãos dadas, andando juntos, seguindo em frente.

Eles eram um só. Eram uma família.

— Eu chamo isso de meu WondLa — sussurrou Eva.

— Wond-La? — repetiu Andrílio.

— Por quê? — perguntou Mater.

— Se você olhar bem, essas são as únicas palavras que ainda é possível ler aqui. É o único objeto que tenho que não veio de nosso Santuário. Eu pensava que tinha vindo das pessoas que moravam aqui, mas acho que estava errada.

Eva deixou escapar um suspiro comprido e desalentado.

— Você tem razão, Eva — disse Mater. — Eu tenho o registro do inventário de tudo o que há nesses Santuários, e isso não veio daqui.

— Mas precisa ter vindo de algum lugar — respondeu Eva. — Acho que outro ser humano deixou isso para mim.

— Mas não está em nosso inventário — disse Mater, olhando para o WondLa. — Talvez tenha sido deixado por uma criatura semelhante a Feraptor ou ao sr. Kitt.

Eva alisou a imagem da menininha com o polegar.

— Parece que essa coisa é muito antiga. Muito suja — acrescentou Mater. — Tem certeza de que quer levar isso?

— Você não entende, Mater? — perguntou Eva, ofendida. — Olhe para a menina e para o pai dela. Olhe para o robô deles. Não vê como estão felizes? Quando foi a última vez que eu e você sorrimos assim?

— Na verdade, nós sorrimos há trezentos e setenta e oito dias, quando você me venceu em uma partida de hologamão — respondeu Mater. — Mas, ainda assim, há um motivo pelo qual isso não estava em nossa casa. Está coberto de mofo e cheio de bactérias.

Eva revirou os olhos.

— Você já viu algo assim? — perguntou ela, entregando o WondLa a Andrílio.

— Assim? — repetiu ele, limpando as mãos no casaco surrado antes de pegá-lo. — Não, Eva Nove, nunca. Mas vi objetos semelhantes a este no Museu Real de Consolu. — Ele devolveu o WondLa.

— No o quê? — animou-se Eva.

— No Museu Real. Fica na cidade de Consolu.

Andrílio deitou-se no colchonete, com a cabeça apoiada na enorme mochila, e fechou os olhos.

— Consolu é governada pela Rainha Ojo. Talvez lá você encontre alguém que tenha informações sobre seu povo.

— Você pode nos levar até lá? — perguntou Eva.

— O que ele está dizendo? — questionou Mater.

— Ele disse que existe um museu que possui objetos como este. — Eva ergueu o WondLa. — Ele vai nos levar até lá.

— Levar vocês? Eu não disse isso, Eva Nove. — Andrílio abriu um dos olhos para espiar a garota. — O que eu disse foi que Feraptor está em nosso encalço e que será melhor se nos separarmos.

— Nós não precisaremos mais dos serviços do sr. Kitt quando chegarmos à superfície — disse Mater. — Com o Onipod, seremos capazes de localizar um caminho seguro que nos leve à próxima instalação subterrânea.

— Você vai ver como esta coisa não serve para nada quando chegarmos lá em cima — resmungou Eva.

— Eva, não vamos...

— Agora não, Mater! — vociferou Eva.

A menina olhou para Andrílio. Ele parecia estar dormindo.

Mater suspirou.

— Acho que seria uma boa ideia eu verificar a integridade estrutural deste Santuário e ficar de olho em qualquer sinal de intrusos — disse antes de sair do ginásio. — Tente descansar um pouco, Eva. Amanhã continuaremos nossa busca.

Eva deitou-se no colchonete e ficou olhando para cima, para o fio de água que caía do teto rachado. Ficou ouvindo o *ping*, *ping*, *ping* na lagoa verde ao lado. Aquilo fez Eva se lembrar dos hologramas de cavernas. Cavernas escuras sempre lhe pareceram misteriosas e assustadoras quando as explorava na holocâmara, e, mesmo assim, de algum modo sentia-se segura. A salvo.

— Andri? — chamou.

— Sim, Eva Nove.

— Você acha mesmo que vamos encontrar outros seres humanos na cidade de Consolu?

A menina deitou-se de lado para ficar de frente para ele, a cabeça apoiada na mão.

— Não sei dizer ao certo, mas a cidade é grande. Criaturas de todo tipo vivem lá.

— Mater nunca esteve na superfície. E o Onipod não está funcionando muito bem... — Eva engoliu em seco. — Você... Você poderia nos levar até lá? Depois deixaremos você em paz, prometo.

A criatura esguia permaneceu imóvel, com os olhos fechados.

— Há uma cidade pesqueira, Lacus, que fica a mais ou menos dois dias de distância daqui, se caminharmos na direção leste, cruzando a Floresta Ambulante

— disse Andrílio. — Eu guiarei vocês. Mas, assim que chegarmos a Lacus, vocês seguirão sozinhas.

— Como vamos chegar a Consolum depois disso? — perguntou Eva.

— Consolu — corrigiu ele. — Vocês podem pegar a balsa que cruza o Lago Seranus. Ela as levará diretamente ao porto principal.

— Obrigada, Andri. — Eva deitou-se novamente em seu colchonete. — Muito obrigada.

— Descanse, Eva Nove. — Ele cruzou as enormes mãos sobre o tórax.

A menina tirou o casacolete e enrolou-o para usar como travesseiro. Assim que se acomodou, olhou para Mater, parada em silêncio na entrada do ginásio. A pele de borracha de silicone da robô brilhava na luz fraca do lampião.

Eva enfiou o desgastado WondLa no bolso interno da túnica, perto de seu coração vibrante, e fechou os olhos.



CAPÍTULO 19: FLORESTA

Eva encolheu-se quando os raios de sol do fim da manhã bailaram em seu rosto. Estava de novo na superfície, no meio de uma floresta. A Floresta Ambulante, como Andrílio a chamara antes de se separar momentaneamente delas para fazer suas necessidades.

Comparada ao dia anterior, aquela manhã estava calma. Normalmente, Eva teria gostado daquela tranquilidade, mas estivera inquieta, na esperança de encontrar moradores nos Santuários vizinhos.

Depois de se levantar e tomar um rápido café da manhã, o trio abrira a porta que levava ao Santuário seguinte. Para tristeza de Eva, descobrira que ali havia mais vegetação que no anterior. As sensações de incredulidade e de tristeza tomavam conta dela enquanto percorria a estrutura que lhe era tão familiar. Os espaços eram distribuídos do mesmo modo que os de sua casa, mas o chão havia desaparecido sob espessos tapetes de fungos, liquens e musgos estranhos. Eles haviam encontrado a entrada principal do terceiro Santuário escancarada e coberta por pequenos arbustos bulbosos. A cada passo que Eva dera, ajudando Mater a subir até a superfície, os arbustos sibilaram, expelindo esporos.

— Então? — perguntou Eva, olhando para Mater.

Naquele momento a robô estava silenciosa, exceto pelo som das pálpebras que piscavam. Os fachos de luz matizada que atravessavam a copa das árvores refletiam nela. Em toda a volta, a floresta emanava seu concerto de gorjeios, zumbidos, balbucios e risos. Um aroma doce pairava no ar, misturando-se ao odor familiar de terra molhada.

Eva reparou em um ponto de luz piscando na parte de trás da cabeça de Mater. Uma luz que não notara antes. Ela aproximou-se da robô e pegou uma de suas mãos com borracha na ponta.

— Eva, eu não consigo compreender...

A voz de Mater sumiu e ela parecia perdida em pensamentos.

Eva ficou imaginando como os códigos e programas responsáveis pelo

funcionamento da robô estavam processando todas aquelas novas informações. Mater virou-se quando uma folha minúscula e fina pousou em seu tronco metálico lustroso. A folha andou a passos lentos e largos e, então, deu um salto e pousou no tronco de uma árvore coberta de musgo, misturando-se a ele.

— Este lugar é mais luminoso, mais vivo do que eu esperava — disse Mater. — Pode ser que meus sensores ópticos estejam sobrecarregados. Parece haver um erro em minha programação.

— Você está bem?

Uma expressão preocupada tomava o rosto de Eva.

— É estranho — continuou Mater —, mas o programa reprodutor de emoções que normalmente uso em minha interação com você está me enviando sinais contraditórios: tanto de fascínio quanto de medo.

— Fascínio e medo? Estranho — disse Eva, perplexa.

— Isso é o que se chama estar *aterrorizado* — disse Andrílio, ao se juntar novamente a elas, e deu um tapinha nas costas de Mater. — Bem-vinda ao mundo real, mãe robô, um lugar lindo e perigoso. Agora você pode começar a viver de verdade.

— O que ele disse? — perguntou Mater.

— Que você está aterrorizada — repetiu Eva. — Por causa da beleza de viver neste lugar perigoso.

— Aterrorizada. Então deve ser isso — disse Mater, falando baixo.

Andrílio colocou a mochila nas costas, e com isso os muitos objetos nela chocalharam.

— Então, Eva, precisamos continuar andando se quisermos chegar a Lacus amanhã à noite.

Ele pegou a bengala e pôs-se a caminhar.

— Venha, vamos continuar. E fique alerta. Como disse, a situação aqui pode ficar perigosa.

— O que foi? — perguntou a robô para Eva.

— Espere um instante, Mater — disse Eva. — Andri, posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim, Eva Nove.

O guia parou e virou-se para ela.

— Se for ficar mesmo perigoso por aqui, não deveríamos poder falar um com o outro? — Eva perguntou, sussurrando.

— O quê? Nós estamos...

— Mater — murmurou Eva. — Ela precisa ser capaz de entendê-lo, e estou

ficando cansada de traduzir a conversa. Você não teria outro transcodificador de voz desses aí?

Andrílio olhou para a robô. Mater estava apontando o Onipod para a minúscula folha andante, registrando-a.

— Não tenho outro — disse ele. — Eu lhe dei meu último.

Eva suspirou, frustrada.

— Tudo bem.

— Espere — sussurrou Andrílio. — Ela também pode usar o seu, contanto que o dispositivo fique perto de vocês duas. Isso significa que precisarão ficar juntas, entendeu?

— É sério? — Eva sorriu. — Obrigada!

— E, Eva — acrescentou ele —, ela terá de engolir os transmissores para que o dispositivo funcione. Aperte o botão prateado e peça que ela o segure perto da boca.

Eva assentiu. Lembrou-se de como olhara para o transcodificador com desconfiança quando lhe fora mostrado pela primeira vez. Andou até Mater, que, de costas, analisava o holograma da folha no Onipod. Eva tirou o transcodificador do bolso.

— O que você encontrou? — perguntou, candidamente.

— Pensei que se tratasse de uma espécie de inseto — respondeu Mater, virando-se para Eva —, talvez até mesmo um do gênero... O que você está fazendo?

— Preciso que você deixe esta coisa, o transcodificador, funcionar em você.

— Eva, não sei se devo permitir isso. Poderia comprometer minha programação — respondeu Mater, olhando para Andrílio por cima do ombro da menina.

— Ouça — disse Eva —, se nós depararmos com qualquer uma das criaturas que lhe mostrei no Onipod, a situação pode ficar perigosa. Você precisa ser capaz de entender exatamente o que Andrílio nos disser sobre este planeta.

As pálpebras de Mater clicaram.

— Você está certa, Eva. O que preciso fazer?

Eva apertou o botão na base do transcodificador. Dele saiu uma pequena nuvem de transmissores.

— Comece a falar — disse Eva, sorrindo.

* * *

Eva e Mater andavam em fila indiana atrás de seu guia. Pelo restante da manhã eles atravessaram a mata densa seguindo a trilha sinuosa deixada por animais. Eva e Andrílio batiam papo enquanto Mater registrava milhares de dados com o Onipod. A presença deles espantou um bando de pássaros, que voou gorjeando alto.

— Eu já vi esses aí. O que são? — perguntou Eva.

— Gira-barbatanas — respondeu Andrílio. — Estão em toda parte e alimentam-se de tudo o que veem pela frente. Dê comida para um deles e logo estará alimentando o bando inteiro. Isso facilita pegá-los.

— Gira-barbatanas — repetiu Mater enquanto inseria a informação no Onipod.

Eva ficou olhando enquanto os pássaros desapareciam nas sombras da floresta.

— Pegá-los? Para serem animais de estimação?

Andrílio riu.

— Não, Eva Nove, para virarem comida. Eles são deliciosos se preparados da maneira certa.

— Comida?

Eva pensou nos gira-barbatanas que a haviam saudado na primeira manhã após sua fuga, empoleirados na árvore ambulante ao lado dela. Pensou nas armadilhas de pássaros capturando-os e devorando-os. Pensou em si mesma aprisionada, assim como a dupla de gira-barbatanas, no acampamento de Feraptor. Estremeceu ao lembrar-se do bárbaro esquartejando o urso-d’água gigante e comendo seus órgãos. Sentiu o estômago embrulhar.

Andrílio virou-se de novo para Eva, sorrindo.

— Que tal pegarmos alguns para o jantar hoje, hein? Conheço uma receita deliciosa.

Eva ficou nauseada ao ouvir as palavras dele.

— Como você é capaz de fazer uma coisa dessas? Isso é o que Feraptor faria! — disse ela.

Andrílio parou, girou e segurou Eva pelo braço.

— *Jamais* me compare a Feraptor — rosnou ele. — Aquele bárbaro é um monstro que mata por diversão. Eu só pego da floresta o que preciso para minha sobrevivência.

— É, mas...

— Você não entende, Eva Nove — disse ele, tentando controlar a raiva. — Chegará o momento em que você também terá de recorrer a esta terra para sobreviver. Aqueles comprimidos que carrega de um lado para o outro não vão

durar para sempre.

— Eles devem durar mais de um mês. — Mater aumentou o volume da voz ao se aproximar. — Trinta e quatro dias, para ser exata. Tire as mãos dela, por favor, sr. Kitt.

Eva olhou para Mater e depois para Andrílio. A criatura esguia baixou as mãos sem dizer uma palavra.

— Esse deve ser o tempo necessário para nos juntarmos aos outros humanos na próxima colônia — continuou Mater.

— Vou dizer para você, Mãe Robô, o que já disse para Eva: já viajei por todos os lugares e ainda estou para ver outros como *vocês duas*.

Andrílio deu as costas para elas e retomou a caminhada pela trilha.

— Bem, então talvez devamos seguir as coordenadas que o Santuário nos forneceu, em vez de irmos para essa cidade que você mencionou — respondeu Mater.

Ele parou e sacudiu a cabeça.

— Eu estava melhor quando não conseguia entendê-la — resmungou.

Eva botou as mãos na boca, segurando o riso.

— O que foi? — perguntou Mater.

Andrílio aproximou-se da robô.

— Muito bem. Mostre-me esse lugar aonde sua máquina lhe disse para ir.

Mater manteve os cinco olhos fixos em Andri.

— Pois não — respondeu.

Em alguns segundos um enorme mapa holográfico 3-D do terreno circundante flutuou acima do olho central do Onipod.

— Estamos mais ou menos aqui — disse Mater, mostrando um ponto arborizado na margem de um rio extenso. — A instalação subterrânea humana mais próxima fica do outro lado deste rio. Cerca de vinte e sete dias a pé de onde estamos, se mantivermos um ritmo constante durante oito horas por dia.

— Vinte e sete dias! — Eva olhou para o mapa. O lugar parecia mais perto quando tudo estava em escala reduzida. — Vinte e sete dias caminhando é muito tempo, principalmente com todas as criaturas perigosas que andam por aí tentando nos devorar.

— Ficaremos bem — disse Mater, entregando o Onipod a Eva. — Se racionarmos as provisões direito e utilizarmos as habilidades de sobrevivência que praticamos, devemos chegar lá sãos e salvos. Que tal, sr. Kitt?

— Será que há mesmo alguém lá? — Eva olhava fixamente para o mapa holográfico.

— Enviei um sinal de socorro e estou aguardando uma resposta — disse Mater. — Mas o sistema de comunicação deles deve estar desligado ou com defeito, como o nosso estava.

— Ou talvez não exista mais — disse Andrílio.

— Sr. Kitt, o senhor vai ou não vai nos guiar até lá? — perguntou Mater.

O olhar de Eva cruzou com o de Andri por um instante, e então ela olhou para baixo.

Andrílio bufou.

— Se é para lá que vocês querem ir, então me despeço das duas aqui.

Ele pegou uma de suas garrafas e prosseguiu na caminhada. Olhando para trás por cima do ombro, gritou:

— Ah, a propósito, Eva Nove... de acordo com o seu mapa, o acampamento de Feraptor estaria submerso no meio de seu rio. Boa sorte na viagem.

Eva analisou o holomapa. Pôde ver o ponto luminoso indicando seu Santuário. Estava abrigado perto de um rio extenso.

— Acho que ele está certo — disse Eva, apontando para o mapa. — Só o que vi ontem, além de muita floresta, foi um terreno enorme coberto por pedras e cascalhos. Não vi rio nem qualquer sinal de água em lugar algum.

Mater ficou quieta. Calculando.

Eva rompeu o silêncio:

— Queremos encontrar outros seres humanos, certo? Se formos para a tal cidade, é capaz de haver alguém lá que possa nos ajudar.

A menina espiou Andrílio enquanto ele contornava uma árvore ambulante.

— Vamos ver esse lugar aonde Andri vai nos levar, Mater. Por favor?

— Está bem, então. Vamos para Consolu. É mais perto que a instalação mais próxima, e talvez lá nós possamos descobrir qual é a melhor forma de proceder — concordou Mater.

Eva sorriu.

— Boa ideia!

— Mas, Eva — falou Mater baixinho —, não confio no sr. Kitt. Não há registros do planeta *Orbona* no Onipod. Precisamos continuar atentas. Entendido?

— Entendido. Mas até agora ele foi muito prestativo, não foi? — perguntou Eva.

— Só o tempo irá dizer. — Mater deu um tapinha no ombro de Eva. — Está bem. Agora, vamos.

Eva correu para alcançar Andrílio. Deslizando sobre sua roda, Mater seguiu-a,

e os três embrenharam-se cada vez mais na floresta.

* * *

Logo ficou evidente para Eva Nove que, quanto mais caminhavam pela floresta, mais peculiares eram as formas de vida.

— Extraordinário! — exclamou Mater ao passar por uma planta alta em formato de taça. A planta estava coberta por pelos espessos que se moviam de um lado para outro, coletando pequenas porções de pólen e outras partículas transportadas pelo vento, que pareciam boiar no ar frio e úmido. — Isso me faz lembrar os hologramas de criaturas submarinas.

Um grande inseto voador com penas mergulhou do alto das árvores até os arredores da planta-taça. Quando os cílios da planta arrebanharam o inseto para dentro de sua boca circular, a taça fechou-se em torno da penugem, gerando um coro de piados durante o processo.

— Andri, o que é aquilo? — Eva apontou o Onipod para a planta.

— Alguma espécie de quimera — respondeu ele, abrindo caminho em meio aos arbustos. — Não chegue muito perto. Elas podem ser temperamentais.

— Uma quimera, como o monstro? — Eva viu o holomodelo dele.

— Uma quimera também pode denominar algo híbrido, como eu — respondeu Mater enquanto olhava a taça abrir-se novamente.

— Ela contém, ao mesmo tempo, características do reino vegetal e do animal — acrescentou o Onipod.

O trio seguiu seu caminho através do bosque de quimeras, e alguns instantes depois chegou a uma pequena clareira coberta de musgos.

— Este parece ser um bom lugar para acamparmos esta noite — anunciou Andrílio. — Já faz algum tempo que não vejo árvores ambulantes, então, devemos ficar seguros.

— Ei! Posso fazer uma fogueira? — perguntou Eva, acenando com o Onipod.

— Boa ideia, Eva — respondeu Mater. — Veja se consegue localizar lenha. Vou determinar o local mais apropriado, distante das árvores.

— Nada de fogueiras — disse Andrílio, tirando a mochila das costas.

— E por que não? — perguntou Mater. — Seria bom para Eva poder ter essa experiência prática.

Ele desamarrou os colchonetes da mochila.

— Para começar, porque estamos perto do coração da Floresta Ambulante. As

árvores poderiam pôr-se em debandada se percebessem qualquer sinal de perigo.

Eva olhou para as árvores de troncos espessos ao redor da clareira. Os últimos raios do sol poente pintavam as copas com um vibrante tom dourado.

— E tem mais um detalhe — continuou Andrílio. — Feraptor detecta sua caça pelo calor. O fogo também poderia servir para enviar um sinal luminoso diretamente a ele. Nada de fogueiras.

O trio acampou sob uma cobertura de nuvens espessas e escuras. A lua não fez qualquer aparição naquela noite. Andri cuidou do tornozelo e dormiu cedo. Mater patrulhou o perímetro do acampamento, registrando todos os sons noturnos produzidos na floresta.

Eva verificou o hodômetro no botatênis ao tirá-lo do pé. Leu quatorze quilômetros e meio. Conforme a climatifibra foi aquecendo seu corpo cansado, a menina caiu num sono profundo e sereno.

* * *

Na manhã seguinte o trio continuou caminhando pela mata densa da Floresta Ambulante. Eva estava quieta, absorvendo o cenário, registrando no Onipod vários habitantes locais.

— Eva Nove, venha aqui! Você precisa ver isso — disse Andrílio, saindo com um passo largo das sombras das grandes árvores entre as quais vinham viajando para entrar em um campo ensolarado de samambaias que iam até a altura da cintura.

Quando Eva se aproximou, encontrou o guia parado de pé na frente de uma formação cônica pontuda, nodosa e muito alta.

— Essa parte aqui se parece com o holograma de um abacaxi — disse Eva, apontando para o padrão perfeito de nódulos na base da formação.

— Não, não, Eva. Isso é um poste de sinalização. Um aviso — disse Andrílio, andando em volta dele e indicando vários outros que estavam colocados nas redondezas. — Se vocês depararem com eles, cuidado.

— Sinalização de quê?

Eva esticou o pescoço para ver a ponta rombuda do cone.

— Quem colocou isso aí? — perguntou Mater ao juntar-se a eles e inspecionar aquela formação elevada.

Eva reparou que a sinalização era quatro vezes maior que a robô.

— Estamos no limite do coração da floresta — sussurrou Andrílio,

ajoelhando-se próximo à base. — Está vendo isso aqui, Eva Nove? Todos os olhos estão virados para o centro. Na direção do coração.

Eva agachou-se perto do local que o amigo estava indicando e viu protuberâncias arredondadas e brilhantes nas pontas dos nódulos.

— Isso aqui? — perguntou Eva, olhando atentamente. — Isso aqui são olhos?

— Pode acreditar — disse ele.

Ele se levantou e apontou na direção para a qual os olhos pareciam estar virados: um bosque cerrado de grandes árvores entrecruzadas. As copas eram tão densas que Eva não via nada além do manto verde.

— No meu clã — continuou Andrílio, falando baixinho —, dizem que só quem é puro de espírito entra ali.

— Mas quem colocou essas sinalizações? — perguntou Mater de novo.

— A floresta — respondeu Andrílio. — Agora, vamos continuar.

— Um segundo. — Eva franziu a testa. — Você quer dizer que foram as árvores que os colocaram aqui? Ou talvez alguma criatura gigantesca?

— Não, Eva. Nem as árvores nem qualquer criatura — respondeu Andrílio.

— Bem, isso não faz sentido. O que você quer dizer, então, quando fala que foi a floresta que os colocou ali? — perguntou a menina.

Ele prosseguiu pelo campo de samambaias.

— Eu quero dizer exatamente o que disse: a floresta colocou avisos para que você saiba que deve ser cuidadoso e gentil durante a travessia. Entendeu?

— Não exatamente.

Eva parou e olhou as árvores ao redor. Nuvens pesadas, carregadas de chuva, deslizavam acima deles.

— Ainda estou confusa — continuou a menina. — Como pode uma floresta fazer qualquer coisa? Quer dizer, uma floresta é só um pedaço de terra com um monte de árvores crescendo nela.

— Concordo — disse Mater.

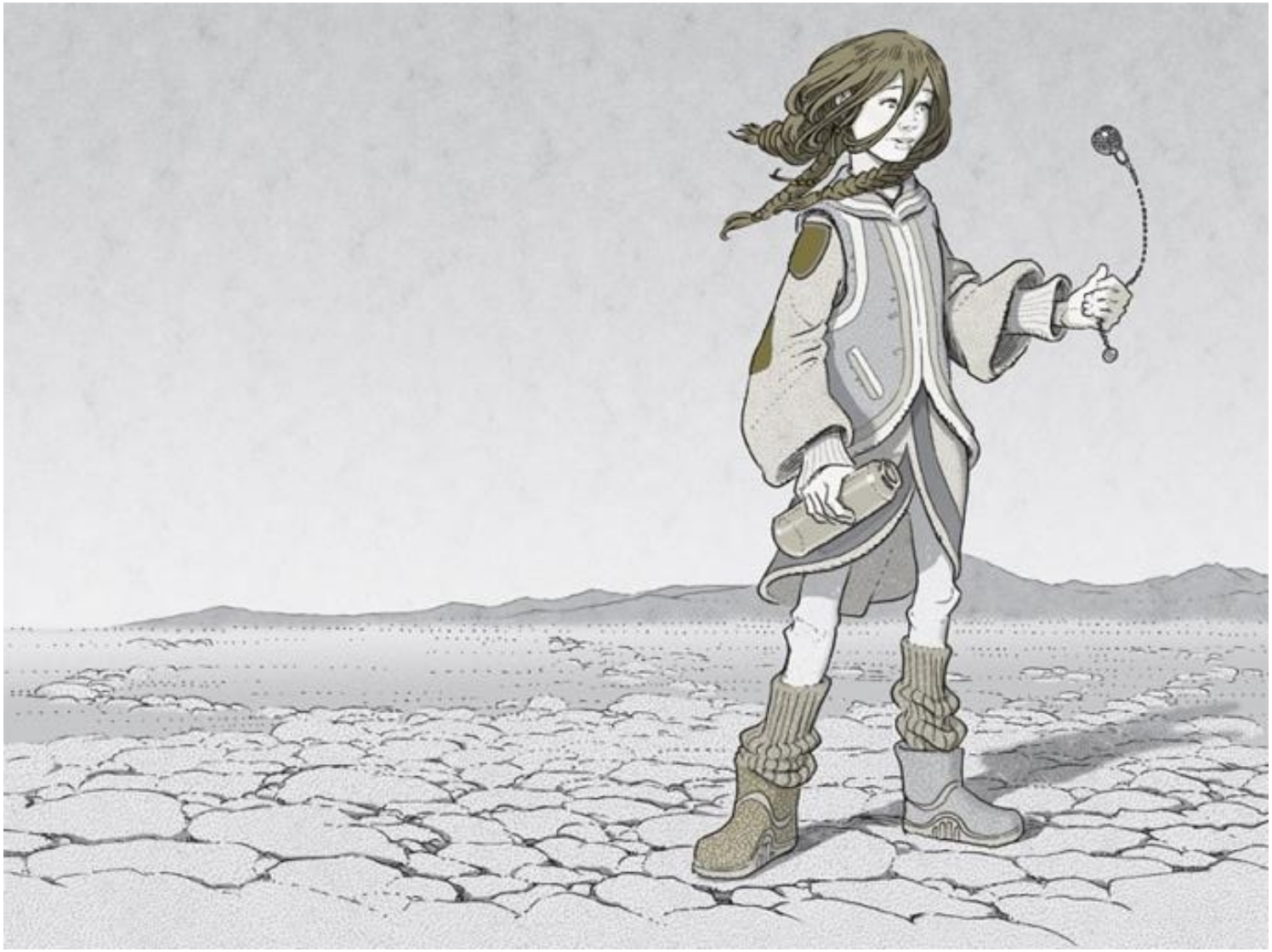
— Talvez em seu planeta de origem, Eva Nove, mas não aqui.

Andrílio bateu em um segundo poste de sinalização com a bengala. O poste que estava perto de Eva também se agitou. Os vários nódulos escuros piscaram e os olhos viraram na direção da fonte do tremor. Então, todos percorreram a área em torno, simultaneamente, parando em Eva por um instante antes de retornarem à posição original. Eva piscou, admirada, de frente para o poste de sinalização, e a seguir olhou para o guia à espera de mais explicações.

Andrílio apoiou-se na bengala.

— Aqui as florestas são vivas. Elas observam. Movem-se. Alimentam-se.

Têm um coração que pulsa. Como você. Como eu. Como tudo.



CAPÍTULO 20: ÁGUA

— Aqui é um bom lugar para descansarmos — anunciou Andrílio, tirando a mochila das costas.

O trio havia saído da Floresta Ambulante e chegado ao leito seco de um vasto lago. A areia endurecida no solo marfim estava rachada em um padrão entrecruzado que parecia não ter fim, estendendo-se pela planície até se perder de vista.

— Podemos ir margeando a floresta — disse Andri, apontando para trás. — Assim, seguiremos para o norte até a margem do Lago Seranus, onde fica Lacus. Devemos chegar lá ao anoitecer.

O olhar de Eva percorreu a linha de árvores que sumia no horizonte. A distância, avistou um pequeno bando de gira-barbatanas voando em círculos. Abaixo, uma figura enorme cor de ferrugem caminhava de forma lenta e constante em direção ao trio.

Você. A salvo.

— É Otto! — gritou Eva, partindo em disparada até o urso-d'água gigante. — Mater, venha conhecer Otto. Você não vai acreditar.

O beemote ia na direção de Eva alternando as pisadas com suas seis patas. A menina pôde ouvi-lo grunhir e cantar enquanto se aproximava. Eva correu até ele e estendeu os braços sobre seu rosto enrugado, abraçando-o. Uma língua enorme e rugosa lambeu-a, como gesto de agradecimento.

— Ah, Otto! Estou tão feliz em ver você!

Eva sentiu um bem-estar emanando dele e invadindo todo o seu corpo. O*brigada por nos avisar de Feraptor.*

Você. A salvo. Bom.

Mater deslizou até o lado deles.

— Minha nossa, Eva. Ele é do tamanho de um elefante.

— O Onipod disse que é uma espécie de tardígrado, ou urso-d'água. — Eva

subiu no topo da cabeça colossal do bicho. — Otto ajudou em nossa fuga, minha e de Andri. E foi ele quem me alertou sobre a volta de Feraptor para nosso Santuário.

— Foi mesmo? — Mater olhou para o animal. — E como é que você entende o que ele diz e eu, não? O transcodificador não funciona nele?

— Não. Ele canta para mim e eu recebo suas “impressões" mentalmente. — Eva coçou atrás de uma das orelhas pesadas e molengas do bicho. — Impressionante, não é?

— Impressão telepática — disse Mater ao deslizar mais para perto de Otto, seu laser analisando cada centímetro da carapaça que cobria o corpo dele. — Que interessante.

O urso-d’água gigante viu a luz do laser pelo canto do olho e pulou para capturá-lo. Mater recuou rapidamente e apontou o feixe para baixo, para o solo arenoso, onde Otto tentou pegá-lo como se fosse um brinquedo.

Eva riu.

— Ele acha que é um vaga-lume! Continue fazendo isso!

— Agora chega, Eva. — Mater desligou o laser. — É melhor providenciar seu almoço antes de continuarmos.

Enquanto Eva guiava Otto de volta para perto de Andrílio, Mater deslizava a seu lado. Ela deu um tapinha no emblema da manga da túnica da menina.

— Por que o AnatoEscâner está desabilitado? Quando foi a última vez que você o verificou? — perguntou Mater.

— Sei lá — respondeu Eva, afagando a lateral de Otto. — Ele estava enchendo minha paciência com os “favor hidratar-se imediatamente" e “favor urinar imediatamente", então o desliguei.

— Desligou? — Mater parecia horrorizada. — Eva, você deve deixá-lo ligado. O programa é projetado para manter você em boa forma. Pare por um instante e deixe-me reativá-lo.

Eva parou, suspirando alto e revirando os olhos.

— Ah, vamos. Não é assim tão ruim... — disse Mater, ligando o emblema na manga.

Andrílio foi até as duas enquanto elas se aproximavam do acampamento temporário. Saudou Otto coçando o queixo dele na região do barbilhão.

A túnica de Eva emitiu um relatório em tom animado:

— Coração, pulmões, atividade cerebral e outras funções corporais dentro de limites saudáveis. O nível de ingestão de líquidos, porém, está baixo, Eva Nove. Favor ingerir líquidos imediatamente. Obrigado.

— Pare um pouco e hidrate-se, está bem, querida? — pediu Mater.

— Está bem, está bem — disse Eva, sentando-se ao lado da mochila de Andrílio.

Ela abriu a bolsa e pegou o kit de hidratação. Puxou um tablete branco e colocou-o em um infusor metálico redondo. Uma corrente fina estava presa ao infusor, e Eva agora a segurava ao girá-lo no alto, num movimento parecido com os que vira nos hologramas de antigos caçadores usando boleadeiras. O tablete começou a chiar, e então Eva interrompeu o movimento, segurando o infusor. A menina em seguida o colocou na garrafa, como se faz com um infusor de chá, e a água começou a brotar dele.

— Muito bem — disse Mater. — Você produziu corretamente a reação necessária para retirar a umidade do ar e não desperdiçou uma gota sequer.

Eva olhou para ela e sorriu. Havia praticado o ato de fazer água inúmeras vezes no Santuário, mas esta era a primeira vez que fazia isso ao ar livre. Ela espiou Andrílio, que a encarou e depois olhou a garrafa abastecida até a metade, boquiaberto.

— Você retirou água do ar? — perguntou ele. — Eva Nove, estou impressionado.

— Viu? Eu não poderia fazer isso se tivesse acabado de sair do ovo — disse Eva, com um sorriso, ao revirar a bolsa e resgatar um tablete de Ener-G-suco, que jogou na garrafa, pintando a água de azul.

— Eva, você pode me passar o infusor do kit de hidratação? — pediu Mater. — Pegarei mais água para você enquanto descansamos aqui.

— Claro.

Eva tirou o infusor vazio da garrafa e entregou-o a Mater com o restante do kit. A robô deslizou em direção ao campo aberto e começou a encher garrafas. Otto seguiu-a, aparentemente intrigado com a robô que cuidava de Eva.

Andrílio tirou algumas frutas-vox da mochila e começou a descascá-las. Sentou-se ao lado de Eva e ofereceu-lhe um pedaço.

— Experimente — disse ele. — Pode ser que goste.

Eva pegou a fruta e cheirou-a. Possuía um aroma cítrico. Eva apontou o Onipod para a fruta.

— Favor iniciar Identicaptura — disse ela.

Eva observou Andri comendo e olhando para o holograma da fruta-vox girando acima do dispositivo.

— Essa poderia ser uma planta do filo *Chlorophyta*, gênero *Volvox* — gorjeou o Onipod. — Se for o caso, ela compreende uma colônia de micro-organismos. Há mais informações, incluindo ciclo de vida, relação com o meio ambiente e relevância para os seres humanos. Devo prosseguir?

— Uau! Pela primeira vez você meio que sabia o que era isso — disse Eva. — É venenosa?

— Negativo — respondeu o Onipod.

— Ela vai sair andando? — perguntou a menina.

— No momento, é impossível determinar se a planta que produziu essa fruta possui nível de consciência suficiente para se locomover voluntariamente ou não. São necessárias mais informações.

Eva olhou para Andrílio.

— Ela não vai a lugar algum — disse ele.

— Eu sei lá! — respondeu Eva. — Em meu planeta, o espinafre não sai passeando nem come pássaros.

Eva levantou a casca translúcida e tirou de dentro uma das bagas. Cheirou, lambeu e, por fim, beliscou um pedacinho. A fruta-vox era ácida, porém doce, e fez Eva lembrar o gosto de groselha. Ela jogou a baga inteira na boca, saboreando-a.

Andrílio sorriu quando o caldo verde da fruta escorreu por seu pescoço peludo. Ele limpou os bigodes com o dorso da grande mão.

— E, então, Eva Nove? Você já está morrendo?

Eva deu uma risadinha e comeu a fruta-vox inteira.

— É diferente das frutas que cultivamos na estufa — disse ela —, mas achei melhor que os tabletes de comida.

— Que gosto eles têm?

Andrílio tomou um gole da água que havia coletado da lagoa no Santuário.

— Têm gosto de... de nada — disse Eva. — Acho que são só goma.

— Por que você os come, então? Qual é o prazer disso?

— Porque eu preciso — respondeu Eva. — Assim como você.

— Blá. — Andrílio jogou mais uma baga na boca. — Tem razão, eu como porque *preciso*. Mas também como porque *quero*. É um dos poucos prazeres da vida.

* * *

Do alto das costas largas de Otto, Eva e Andrílio observavam as árvores no limiar da floresta avançando lentamente em um bando gigantesco. Logo abaixo dela, Eva ouvia o barulho dos cascalhos arenosos sendo esmagados pela roda de borracha de Mater. Em vez de caminhar perto da menina, a robô escolhera

deslizar ao lado do urso-d’água gigante, escaneando a superfície do terreno e escutando as informações que o Onipod fornecia. Eva ouviu o dispositivo informando com seu jeito animado:

— Na verdade, esta planície de deserto salgada surgiu a partir de um lago que secou. Provavelmente se estende até o litoral...

Embora estivesse em uma área totalmente aberta e a uma distância considerável da floresta, Eva sentia que Otto irradiava conforto. É claro que ter Andrílio e Mater a seu lado também a deixava mais tranquila. No percurso, Eva começou a trançar algumas das fibras que haviam se soltado de sua túnica e da parte de cima da meia.

— O que é isso que você está fazendo?

Andrílio limpava a ferida no tornozelo causada pelo atrito da corda. Eva olhou para ele de esguelha.

— Uma coisa. Você vai ver.

Andrílio deu uma espiada na linha do horizonte quando o sol começou a se pôr. Nuvens convergiam formando um cúmulo-nimbo gigantesco acima do grande lago.

— Acho que vai chover hoje à noite — disse ele. — Posso sentir o cheiro do ar se modificando.

— Sério? — Eva seguiu o olhar dele para a maciça nuvem cinzenta. — Eu adoraria sentir uma chuva de verdade caindo do céu.

O amigo lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Sentir... chuva? Você nunca sentiu?

Eva balançou a cabeça negativamente.

— Não. Nasci e fui criada no subsolo. Como eu poderia ter sentido?

— Você consegue tirar água do ar, mas nunca pegou chuva. Inacreditável! — disse ele.

Eva terminou de trançar as fibras, deixando as pontas esfiapadas. Parou por um instante e então vasculhou a bolsa, da qual tirou um pequeno cortador de unhas a laser.

— É estranho, eu sei. Mas pegar chuva não é como tomar banho?

— Não. Mas creio que seja purificador em todos os sentidos.

Andrílio pegou um punhado de sementes e começou a comê-las.

Eva levou o cortador a laser à altura da cabeça e separou uma mecha de cabelo. Com um movimento rápido, cortou uma de suas várias trancinhas. Colocou o cortador de unha de volta na bolsa e separou os fios de cabelo.

— O que você está fazendo? — perguntou ele de novo.

Eva teceu o cabelo junto com a trança de fibras retiradas da roupa.

— Já disse, você vai ver. — E mudou de assunto: — Então, conte-me, sr. Kitt. O que vamos fazer quando chegarmos a Lacus?

Andrílio cuspiu as cascas das sementes.

— Vou mostrar a vocês onde encontrar boa hospedagem e uma balsa que as levará até a outra margem do lago, onde fica Consolu. Quanto a mim, provavelmente vou continuar seguindo para o norte, ao longo da costa, uma região que ainda preciso explorar.

— Por que não fica comigo e com Mater? — perguntou Eva, mantendo os olhos na confecção da trança. — Você tem nos ajudado tanto, e embora eu consiga tirar água do céu, estaríamos completamente perdidas aqui sem você.

Ele riu, o olhar desviando-se para as nuvens distantes.

— Não, Eva Nove. Eu devo continuar em frente. Continuar procurando.

— Procurando? Procurando o quê?

Eva parou.

— Consolo.

— O lugar para onde estamos indo? — perguntou ela.

— Não. Não esse.

Andrílio fechou os olhos. Sua expressão parecia entalhada de dor.

— Depois que minha parceira faleceu, não pude mais ficar em minha aldeia. Não pude mais ficar em lugar algum. — Ele abriu os olhos azul-escuros, piscando-os na tentativa de livrar-se daquela lembrança. — Então, coloquei todos os nossos pertences na bolsa e parti.

Ele deu um tapinha na mochila. Os vários objetos tilintaram ao mesmo tempo. Andri abriu um dos bolsos e tirou uma joia. Para Eva, parecia um colar feito de conchas do mar cravejadas de pedras preciosas. Ele contemplou-o ao segurá-lo com as mãos calejadas.

— É lindo — disse Eva.

— Tão lindo quanto minha parceira — respondeu ele, pondo o colar de volta na mochila.

— Então você partiu... para ir aonde? — perguntou Eva.

— A qualquer lugar.

Andrílio observava o horizonte.

Otto parou de andar. Transferiu o peso de um pé para outro e soltou um grunhido gutural.

— Sr. Kitt! — Mater levantou a cabeça, tirando os olhos do Onipod e apontando para trás, para a Floresta Ambulante. — Lá em cima!

Sobre as copas das árvores um pássaro gigante voava, emitindo um zumbido baixo.

— Sheesa! É Feraptor! — Andrílio pegou a luneta pendurada na mochila e olhou através dela com desprezo. — Ele está no planador, vasculhando a floresta.

O urso-d'água gigante grunhiu novamente.

— Temos de achar um lugar coberto, agora! — avisou Andrílio, baixando a luneta. — Ele terá dificuldade em nos avistar no meio da floresta.

— Corra em direção às árvores, Otto — falou Eva.

E nos esconda o mais rápido que puder, ordenou ela em pensamento para a montaria.

Otto virou o corpo e se pôs a caminho da linha de árvores, emitindo um grunhido grave e chiado que soou como galhos sendo esmagados.

— Ele não conseguirá chegar lá a tempo — disse Andrílio, pegando a mochila. — Precisamos ir correndo.

— Espere! Otto vai conseguir.

Eva mantinha o olhar atento em Feraptor.

O caçador voou em círculos acima da floresta e, então, tomou a direção deles.

— Não sei o que o Otto tem em mente, mas diga a ele que não pule, Eva — disse Andrílio. — Feraptor com certeza vai nos ver.

— Sr. Kitt, Eva, o que é aquilo? — falou Mater, conseguindo fazer com que sua voz fosse ouvida acima do ruído de seu motor enquanto corria ao lado deles.

Várias árvores ambulantes enormes separavam-se das outras na floresta e cruzavam a planície aberta, indo rapidamente na direção de Eva e seus acompanhantes.

— Não tenho ideia. Eva, o que está acontecendo? — perguntou Andrílio.

Proteger. Esconder. A salvo.

— Não tenham medo — disse Eva. — Elas estão aqui para nos ajudar.

Em poucos instantes as árvores haviam rodeado o grupo de Eva. Sob a espessa cobertura verde, os viajantes foram escoltados de volta para a densa floresta. O planador de Feraptor zumbia voando em círculos acima deles. Todos encolheram-se.

— Oih-ah! — disse Andrílio, baixinho, olhando para cima através dos galhos cerrados. — Isso eu nunca vi antes.

— O quê? — sussurrou Eva.

— Olhe. — Andri apontou. — Ele está transportando algo grande numa rede de carga.

Eva observou o planador que voava sobre a planície. Havia vários sacos presos às asas e uma pesada rede balançava logo abaixo dele.

— Será que Feraptor está abandonando a floresta? Talvez esteja indo para Lacus também... — observou ela.

— Não com aquela carga.

Andrílio olhava pela luneta.

— Ele está se afastando — disse Mater, calmamente, enquanto analisava o radar no Onipod. — Está cruzando o leito do lago e já vai para bem longe de nós.

Quando Eva e Andrílio olharam para baixo, para Mater, viram Otto arrancando e comendo, com seu focinho achatado, uma folha de líquen do tronco de uma das árvores.

— E isso também é algo que eu nunca tinha visto — disse Andri, balançando a cabeça enquanto olhava para o urso-d'água gigante.

— O quê? O fato de as árvores e Otto serem amigos? — Eva estava intrigada.

— E de você e Otto serem amigos — resumiu, apontando para a menina.

Eva franziu a testa, confusa.

— Não percebeu, Eva Nove? — perguntou o amigo, indicando as folhagens em volta deles. — A floresta está viva. Hoje ela protegeu um dos seus. Um que é puro de espírito.

Eva piscou ao cair em si.

— Eu?

— Sim — Andrílio abriu um sorriso largo que exibia todos os seus dentes. — Agora vamos. Já estamos quase em Lacus.



CAPÍTULO 21: NEVOEIRO

Um nevoeiro denso caiu ao anoitecer, ocultando grande parte do terreno. Ali das costas de Otto, Eva via a neblina abaixo deles como um mar escuro e traiçoeiro, e sentia como se a montaria fosse sua leal embarcação. *O Poderoso Otto*. Mesmo com aquela cerração, Eva ainda conseguia enxergar Mater, uma vez que a pálida luz do Onipod iluminava a silhueta da robô que deslizava ao lado deles.

— Estamos chegando — disse Andrílio, baixinho. — Está sentindo o cheiro do lago?

Eva respirou fundo. O aroma do ar era de minério úmido. Não se assemelhava a nenhum odor que já sentira, embora a fizesse lembrar um pouco das plantas recém-regadas na estufa de seu Santuário.

— Olhe ali. — Andrílio apontou para a frente. — Está vendo?

Eva estreitou os olhos na penumbra e tentou focalizar o local que ele indicava. Mal conseguiu discernir alguns fachos de luz a distância. O cúmulo-nimbo que vinha se formando durante toda a tarde pairava enorme e pesado sobre eles. De vez em quando, raios serpenteavam pelo céu, mas nunca atingiam a superfície do lago.

— O Onipod indica que há grande quantidade de formas de vida na colônia da qual estamos nos aproximando — declarou Mater. — Tem certeza de que ficaremos em segurança, sr. Kitt?

— Sim — respondeu Andri. — Já estive várias vezes na cidade. O povo daqui, os alcioneus, é amigável e confiável. Eles vivem inteiramente da água.

— E aqui encontraremos informações sobre outros seres humanos? — perguntou Mater.

— Talvez, Mãe Robô — disse Andrílio. — Turistas acidentais passam por aqui, então, é possível que vocês obtenham alguma informação. Vou apresentá-las a um amigo que provavelmente ajudará.

O cheiro do lago ficou mais forte quando Eva e seus acompanhantes aproximaram-se da margem açoitada pelo vento. O bater das ondas era um som que ela já ouvira em simulações. Agora que Eva escutava o barulho da água de verdade acariciando a terra, não via a hora de chegar bem perto.

Otto parou de repente e Andrílio juntou seus pertences.

— Chegamos — disse ele, desmontando do beemote.

Eva segurou a bolsa e deslizou pela lateral, aterrissando na margem pedregosa. Uma água escura circundou a sola emborrachada de seus botatênis. Gritos distantes de gira-barbatanas carregados pela brisa fria preenchiam o céu noturno.

Eva olhou para o grande lago. Aquela vastidão ondulada estendia-se para tão longe que se misturava ao denso nevoeiro no horizonte. Quando os relâmpagos cintilaram lá no alto, Eva pôde ver o que pareciam ser torres gigantescas empoleiradas no topo de uma ilha.

Mater estava imóvel e silenciosa, virada para o lago, a luzinha piscando na parte de trás da cabeça. Eva aproximou-se dela.

— Consegue acreditar? Um lago de verdade — disse a menina, pegando uma das mãos quentes de Mater. — É tão grande! Nunca pensei que nós fôssemos ver algo assim.

Mater recitou:

Nas alegres águas do mar azul-escuro,
Nossos pensamentos tão ilimitados, nossas almas tão livres.

Eva olhou para a robô quando ela acabou de recitar. Mater acariciou a bochecha de Eva com os dedos de borracha de silicone.

— A ponte para Lacus fica logo à frente. Estamos prontos?

Andrílio acendeu a lanterna pendurada na mochila. Andando pela marola, ele seguiu até Eva e Mater.

— Eva Nove, você deveria mandar Otto seguir o caminho dele — disse.

— O quê? Não! — recusou-se ela.

O amigo ajoelhou, encarando Eva fixamente.

— Ele não pode ir para onde estamos indo.

— Mas ele é meu amigo... como você.

Andri tirou o chapéu.

— Eu entendo. Mas Otto ficará fora do alcance de tipos como Feraptor

quando estiver misturado à manada. Ele deve ir.

Eva assentiu e foi com os ombros caídos até Otto, que estava à margem do lago. Ele levantou a enorme cabeça e grunhiu de alegria ao vê-la aproximar-se.

Pequenina. Proteger.

Eva encostou a testa na dele. *Estou em segurança, graças a você*, comunicou-se por pensamento. *Você deve ir e encontrar sua manada, onde também ficará seguro.*

Não. Outros. Aqui.

Você ajudou-nos muito, respondeu Eva. Lágrimas caíam de seus olhos. *Vou sentir sua falta, mas você precisa achar outros como você. É o que eu estou fazendo também.*

Pequenina. A salvo?

Eva olhou para o grande lago. O reflexo das luzes da cidade era engolido pela superfície ondulada e enegrecida. Deu uma olhada em Mater, que continuava fazendo perguntas sobre Lacus a Andrílio, que parecia impaciente, talvez um pouco nervoso, ao tirar da mochila uma pequena manta marrom puída e maltrapilha.

Estou a salvo aqui?, pensou ela para Otto.

Não. Certeza.

Então você pode ficar um pouquinho mais?, pensou Eva. *Tente esconder-se. Se eu precisar, chamo você.*

Pequenina. Proteger.

Vou proteger você também.

Eva fungou alto enquanto caminhava de volta até seus acompanhantes.

— Otto disse que vai descansar aqui esta noite. Ele vai embora amanhã cedo — disse Eva para eles, triste.

— Bom. Otto tem sido de grande valia. Diga a ele, por favor, que tem meu mais profundo respeito — disse Andrílio, entregando para Eva e para Mater outras mantas de tecido. — Cubram-se com isso.

— Para quê? — perguntou Mater, pegando a manta.

— Como já disse, a cidade recebe turistas acidentais — respondeu ele —, mas é melhor manter vocês duas escondidas até descobrirmos se Feraptor também tem vindo para estes lados.

Ele enrolou-se na manta e cobriu a cabeça com um capuz largo.

— Muito bem — disse Mater.

Eva ajudou a robô a cobrir-se com a grossa manta e depois fez o mesmo.

Andrílio, então, apontou para a frente com a bengala, ao longo do litoral.

— Certo. Devemos ir por ali.

Eva e Mater seguiram a criatura esguia pela praia até uma passarela balançante acima da água. Quando começaram a cruzá-la, Eva percebeu que a cidade não ficava em uma ilha e sim, de alguma forma, suspensa sobre as profundezas do lago.

Enquanto os relâmpagos bailavam no céu, Eva virou-se para trás e viu Otto entrando no lago, deslizando em silêncio para baixo da crista enevoada. Um trovão distante retumbou.

Eva estava ao mesmo tempo aflita, tonta e suando frio. Enquanto atravessavam a ponte, agora bem acima da linha da água, parte da névoa dissipou-se, revelando a vastidão absoluta do mar. Ela apertou com força a mão de Mater, sentindo as climatifibras da túnica comprimindo-se para protegê-la do vento fresco e salgado.

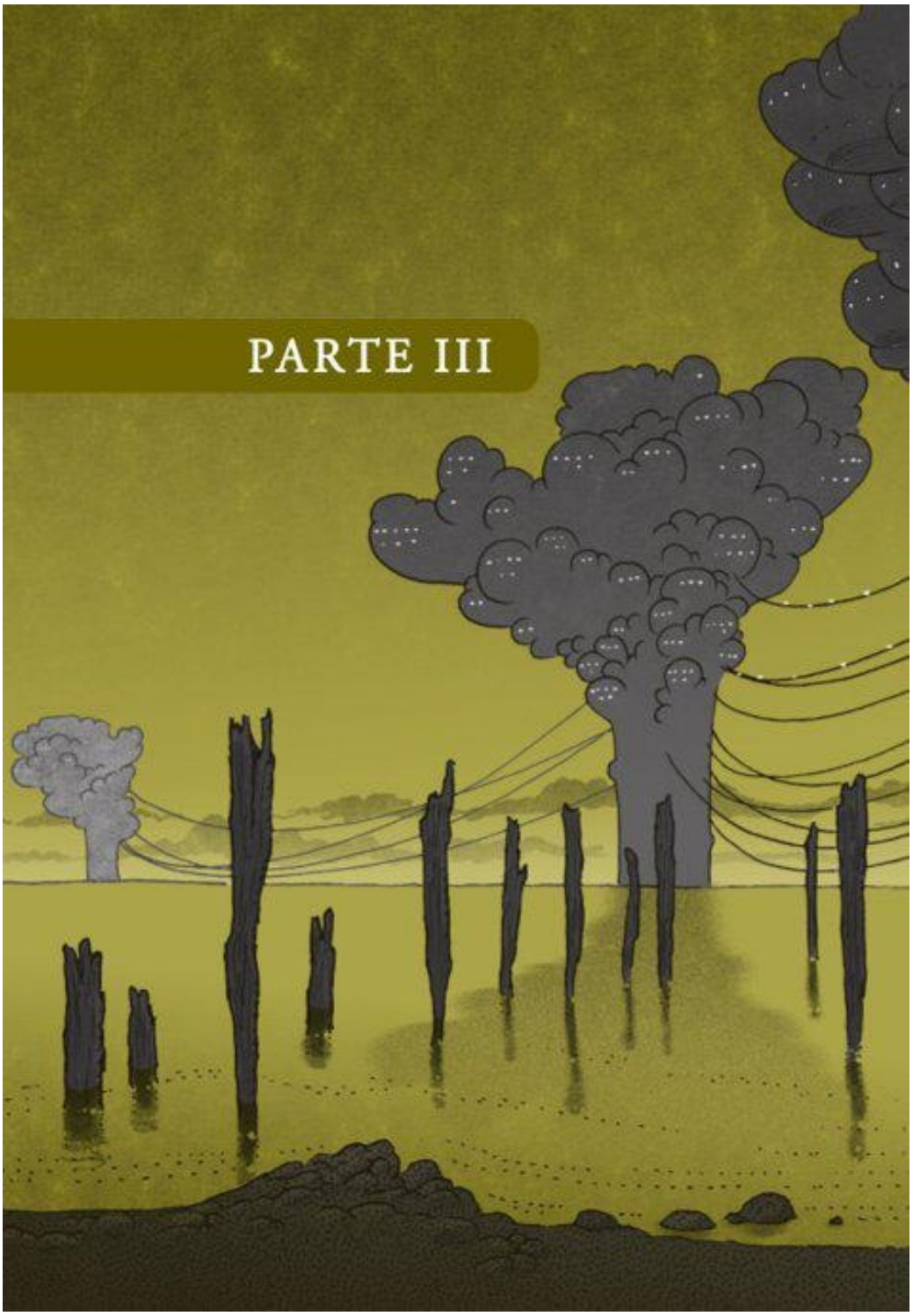
Eva olhou admirada para a torre com forma de tigela da qual se aproximavam. Ao chegar perto, descobriu que aquela construção era formada por pequenas cabanas esféricas sobrepostas de forma aleatória. O conjunto, sustentado por uma coluna gigantesca, era mais largo que o Santuário e mantinha os habitantes muito acima do nível da água. Várias passarelas como a que eles estavam atravessando saíam da construção e conectavam-se a outras. Havia gira-barbatanas empoleirados em todos os recantos e fendas. Mesmo com a luminosidade fraca, Eva podia ver marcas de guano seco por todos os lados das cabanas.

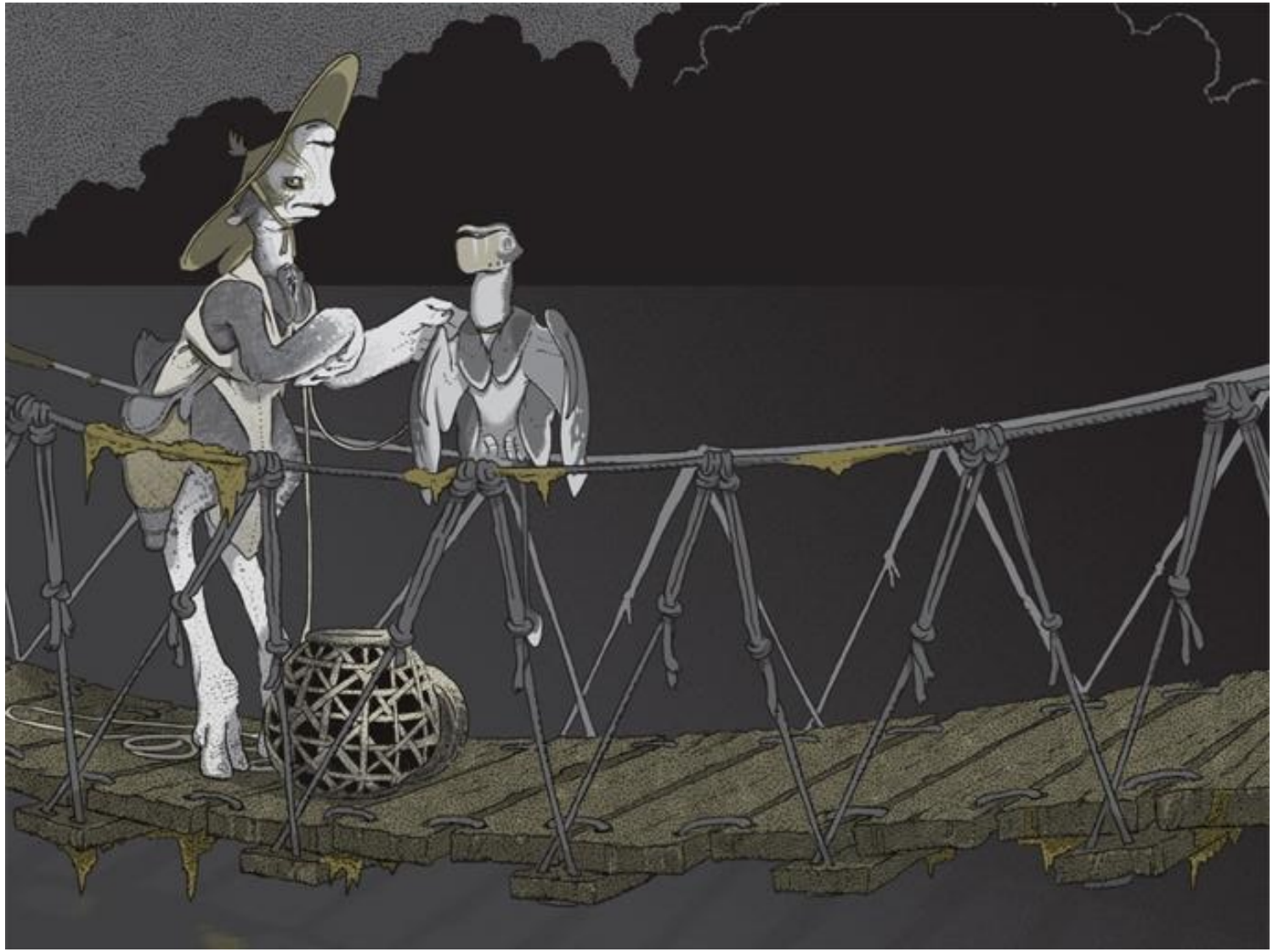
De onde estava, Eva contou cinco torres, mas a névoa era tão espessa que não havia como ter certeza da existência de outras.

Mater puxou-a mais para perto enquanto continuavam atrás de Andrílio. Um trovão propagou-se pelo céu noturno. Absorvendo todo aquele cenário com os olhos bem abertos, Eva Nove colocou uma das mãos no bolso interno do casacolete. Ao encontrar o objeto achatado que lhe era tão familiar, correu os dedos pelo WondLa e fez um pedido.

Final da

PARTE II


PARTE III



CAPÍTULO 22: LACUS

Um enorme sino de vento formado por conchas saudou Eva e seus acompanhantes quando eles cruzaram a entrada de Lacus. Um arco feito com galhos de árvores, remos e uma miscelânea de outros objetos resgatados do fundo do oceano pairava, imóvel, sobre a passarela suspensa. Um conjunto sortido de lampiões esféricos dourados piscava com o balanço provocado pela brisa fresca que soprava do Lago Seranus.

— Precisamos achar um lugar onde dormir — disse Andrílio, virando-se para Eva e Mater. Ele parou e ajeitou as mantas em volta da cabeça das duas, improvisando capuzes. — É melhor vocês passarem despercebidas o máximo que puderem até descobrirmos se Feraptor também está aqui.

— Espero sinceramente que não esteja — disse Mater. — Aquele saqueador já provocou estrago suficiente.

Andrílio começou a guiá-las pelo frágil corredor externo que circundava a primeira coluna gigantesca. Ao contornarem a estrutura elevada, aproximaram-se de vários habitantes de pernas compridas, que olhavam para a escuridão abaixo. O formato do corpo deles parecia com o de Andrílio, mas a estatura era menor e as pernas, mais finas e compridas. Como os hologramas que Eva vira de cegonhas e garças. Sinais coloridos decoravam a cabeça em formato de cunha e o contorno dos olhos grandes e avermelhados.

Um deles segurava um punhado de cordas finas. Eva percorreu com os olhos a extensão das cordas e viu que estavam amarradas aos pescoços de um grupo de gira-barbatanas. Ela sacou o Onipod.

— Não, não, não, Eva — disse Andrílio, empurrando o dispositivo para baixo. — Nós estamos incógnitos, lembra? Guarde isso, por enquanto.

Os habitantes pararam e olharam para o trio que se aproximava. Andrílio cumprimentou-os fazendo um movimento de cabeça ao passar.

— Andri — sussurrou Eva —, eles são parecidos com você.

— É. São os alcioneus, a espécie que habita Lacus. Vêm do mesmo lugar que

eu.

— Aqueles gira-barbatanas são os animais de estimação deles?

Eva olhou para trás quando um dos alcioneus desatou os nós das cordas finas e colocou os pássaros em gaiolas redondas de treliça.

— Não, eles estão pescando.

Andrílio guiou-as pelo corredor espiralado em torno da enorme coluna.

Eva pôde ver mais pescadores lá embaixo, perto da superfície da água. Um deles segurava um lampião arredondado e com luz bastante forte logo acima do mar. Vários outros puxavam pelas cordas os gira-barbatanas, cujas patas chapinhavam a superfície escura.

Andrílio apontou com a bengala para a torre ao lado.

— Meu amigo mora na próxima colônia. Vamos continuar.

Ele levou Eva e Mater por outra ponte baixa e bamba. Deixaram a primeira torre para trás e seguiram na direção de uma muito maior. Quando os relâmpagos serpentearam pelas nuvens, Eva pôde ver que na segunda torre ainda mais habitações equilibravam-se no topo.

Perto dali, um pescador solitário estava de pé na parte mais baixa da ponte vergada, centímetros acima da água. Um gira-barbatana enorme pulou para a ponte e grasnou. Eva observou que havia alguma coisa grande presa na garganta do pássaro, logo acima do laço que apertava seu pescoço. O pescador enfiou a mão na boca do gira-barbatana, tirou um peixe marrom com pernas de aranha e jogou-o em um balde.

— Boa noite — disse Andrílio ao passar por ele.

O pescador levantou os olhos, piscou ante a visão do estranho trio e balançou a cabeça, cumprimentando-o. Ele alimentou o gira-barbatana com um peixe magro e pequeno e o pássaro pulou de volta na água.

— Os alcioneus tiram sua alimentação da água dessa forma há mais de um milênio — explicou Andrílio. — Eles têm uma relação ímpar com o gira-barbatana.

Uma melodia cadenciada flutuou do alto da segunda torre e misturou-se ao melancólico ribombar de um trovão distante até chegar aos ouvidos de Eva. Aquela combinação de sons acalmou-a enquanto cruzava a comprida passarela. Soava quase como se alguém a estivesse chamando. Fazendo um convite.

Eles adentraram na base da torre passando por um arco alto com escadas em espiral. Andrílio apontou para um dos muitos lampiões coloridos que iluminavam o caminho.

— Oih-ah! Olhe, são luzes verdes. Significa que há cômodos disponíveis, caso meu amigo não possa nos abrigar. Venham.

Andri continuou a guiá-las.

Os três seguiram pela escada em espiral deserta dentro da torre e saíram num pátio circular, onde se viram rodeados por uma quantidade enorme de cabanas redondas construídas umas sobre as outras de forma aleatória. Havia tantas choupanas e barracos empilhados acima deles que as habitações formavam um vaso cônico, erguendo-se na direção do céu taciturno. À luz fraca que emanava das numerosas janelas, Eva notou que as cabanas de baixo eram vitrines de lojas, e que eles haviam chegado a um mercado ao ar livre. Muitas das lojas estavam fechadas, com sua colorida propaganda de pano balançando silenciosamente na praça deserta.

— Que domicílios simplórios — disse Mater, analisando a arquitetura. — Embora haja uma complexidade extraordinária na maneira como se entrecruzam.

— É impressionante! — A voz de Eva ecoou pela praça silenciosa enquanto capturava hologramas com o Onipod. — Podemos dar uma olhada por aí?

— Não até descobrirmos se Feraptor está aqui. E guarde esse aparelho insuportável! — vociferou Andrílio.

— O quê? — Eva soltou o Onipod, que ficou pendendo de seu pulso. — Não estou fazendo nada de errado.

— Eu sei. — Andri olhou para o alto, para o breu da noite. — Mas talvez Feraptor consiga captar a carga elétrica que seu aparelho emite. Agora fique perto de mim. Estamos quase chegando.

Ele perscrutou a área e então conduziu Eva e Mater até uma escadaria instável que levava a uma porta redonda e iluminada no segundo nível de cabanas. Ele parecia inquieto enquanto ajudava Mater a subir os últimos degraus. Balançou a mão na frente de uma luz embutida na porta, que então passou de azul para amarela. Uma voz lá dentro respondeu:

— Entres.

Andrílio abriu a porta maciça e o trio entrou.

Um cheiro parecido com o de flores apodrecendo num vaso de água pairava no ar quando os três entraram no aconchegante ambiente à meia-luz. A saleta fora construída a partir de uma série de arcos de madeira entrecruzados formando o teto e as paredes. Uma cortina separava o trio do restante da casa, e atrás dela Eva escutou várias vozes conversando. Um dos alcioneus emergiu na entrada iluminada passando pelas finas cortinas, permitindo que Eva observasse todos os detalhes físicos da criatura. Sua roupa era estampada com cores vivas, o que ressaltava ainda mais os sinais distintivos em sua pele. Eva também se deu conta de que aquele alcioneu tinha duas bocas: uma no alto da cabeça, bem abaixo das narinas que deixavam ouvir sua respiração, e uma na parte inferior,

que ela logo descobriu que servia para falar.

— Andrílio Kitts! — disse a fêmea, porque foi esse o gênero que Eva determinou para ela. — Tão bom vês você de novos.

— Anfítria Portocosta.

Andrílio aproximou-se dela com a mão levantada. Eles apertaram as mãos espalmadas em um tipo de cumprimento.

— Minha alma cansada alegra-se em vê-la novamente. Diga-me, como está sua família?

— Estão todos bem. Esperes — disse Anfítria. — Zooze! Zoozi! Andrílio está aqui!

De dentro da casa pôde-se ouvir um grito agudo, e um frangote alcioneu saltou de trás da cortina, segurando uma marionete entalhada à mão amarrada à ponta de uma vara comprida.

— Aunderílios! — gritou ele, abraçando as pernas esguias de Andri.

— Meu pequeno Zoozi. — Andri deu tapinhas de leve na cabeça do menino. — Como você está?

— Bem! — respondeu Zoozi. — Estamos brincandos de marionetes! Desejas brincar?

— Claro. Mas me deixe apresentar minhas amigas primeiro... Ei, veja só! Donzæna. Nossa, você está cada vez mais alta... e mais bonita — exclamou Andrílio.

A colorida Donzæna colocou a cabeça no vão da porta. Eva reparou que se tratava de uma alcioneia adolescente, mais velha que Zoozi. A jovem sorriu para Andri mas não falou nada e ficou olhando Eva e Mater. Atrás dela, um macho colorido, vestido de maneira similar ao pescador pelo qual o trio passara, adentrou na saleta.

— Cardumo. — Andrílio levantou a mão espalmada para cumprimentá-lo. — Como vai, meu amigo? Ainda pegando muitos peixes?

— Andrílio Kitts — respondeu o pescador. — Há sempre sorrisos nesta casa quando você chegas. Entre!

— Já vou, já vou — disse Andri —, mas, primeiro, devo apresentá-los a minhas amigas.

— Ah, sim, por favor — disse Anfítria. Ela analisou Mater e Eva com os vivos olhos laranja. — Quem são suas acompanhantes camufladas? — perguntou ela.

Embora fosse maior, a anfitriã parecia menos colorida que Cardumo e os pescadores que Eva vira.

— Primeiramente — Andrílio dirigiu-se à família falando baixinho —, devo

dizer que elas estão sendo caçadas por um dorceano.

— Quens é ele? — perguntou Anfítria. — Alguéns que conhecemos?

— O nome é Feraptor. Ele alega estar trabalhando para a rainha — respondeu Andri.

— Feraptor? — repetiu Cardumo. — Alguns aquis viram um planador dorceano viajandos de um lado para outro pelo lago.

— Deve ser ele — disse Andri, olhando para Eva e Mater. — Não tenho certeza do que está planejando, talvez algum tipo de tráfico de caça.

— Um caçador dorceano... — As pálpebras escarlate de Anfítria piscaram enquanto observava Eva. — Por que essas duas?

— Elas são diferentes de todos os que já vi em minhas viagens — disse Andrílio. E olhou para a cicatriz no tornozelo. — Essa deve ser a razão pela qual Feraptor está atrás delas. Aquele caçador é uma alma insensível e perigosa. Se vocês não nos quiserem aqui, entenderemos.

— Bem, vamos conhecê-las e veremos.

Anfítria fez um gesto para que Eva e Mater tirassem as mantas.

Andrílio tirou o capuz de Eva primeiro.

— Esta é Eva Nove.

— Sheesa! — exclamou Donzæna. Seu pai cutucou-a com o cotovelo ossudo. Os olhos de Anfítria se esbugalharam. — Eu nuncas vi nem uma coisa assim! — Ela ajudou Eva a tirar a manta. — Diga-me, Eva Noves, de ondes é que você vem?

— É... — começou Eva.

— Mim ajudas também! — disse Zoozi, puxando a manta de Mater.

A família Portocosta inteira reagiu com espanto.

— E esta é a mãe de Eva — explicou Andrílio.

Anfítria encarou Mater, depois Eva.

— Elas sofrem metamorfose quandos ficam adultas? — perguntou.

— Não. — Andri riu. — Ela é quem cuida da educação da criança.

— Eles nunca tinham visto um robô? — sussurrou Eva.

— Os alcioneus e os cæruleanos, meu clã, não produzem coisas assim — respondeu ele.

— De ondes é que você vens? — perguntou Anfítria a Mater.

— Nós somos do Santuário subterrâneo PRH cinco-sete-três — respondeu Mater, os olhos âmbar brilhando bastante. — Você sabe da existência, ou ouviu falar, de alguma outra instalação humana?

Anfítria piscou, obviamente desnorteada, e olhou para Andri, esperando uma

tradução.

— Elas estão procurando o clã delas. Seria possível, de algum modo, arranjar um lugar para passarmos a noite? — perguntou ele.

Zoozi foi até Mater e correu os pequenos dedos por seu contorno metálico lustroso.

— Ela é um brinquedo lindo, Mamães.

— Um brinquedo? — reagiu Mater, horrorizada.

— Você está certo — disse Andri, dando um tapinha leve na cabeça de Zoozi. — Ela é um brinquedão para essa jovenzinha aqui. Mas a presença tanto do brinquedo quanto da menina deve continuar em segredo. Ninguém na cidade pode saber da existência delas.

— Por causa de Feraptor? — perguntou Anfítria.

Os olhares dela e de Cardumo se cruzaram.

— Até agora nós conseguimos escapar por pouco da perseguição incansável dele — admitiu Andri. — Como disse, não queremos colocar você ou sua família em risco. Elas pegarão a balsa para Consolu amanhã cedo.

Do lado de fora, o cúmulo-nimbo rufou seu imenso tambor, fazendo tremer o céu da meia-noite. Anfítria pegou a mão de Eva e encarou-a com seus penetrantes olhos laranja.

— Posso? — perguntou ela.

Mater começou a falar, mas Andrílio a fez calar-se.

— É... claro — respondeu Eva.

Eva ficou observando enquanto a alcioneia esfregava a mão da menina humana no topo de sua cabeça, perto das narinas e da boca secundária.

Anfítria fechou os olhos e inspirou profundamente.

Sentiu o aroma de Eva.

A composição de Eva.

A eletricidade de Eva.

— Suas alma é boa e você é amigas de Andrílio. Pode ficar — anunciou, ainda segurando a mão de Eva. — Vocês todos podem ficar.

— Muito agradecido — disse Andri, tirando a mochila das costas.

Anfítria conduziu Eva pela mão e dirigiu-se a todos:

— Nossa casas é sua casa. Entrem.



CAPÍTULO 23: TRANÇADO

Ao passar pela cortina, Eva entrou na sala de estar da família Portocosta. Grandes almofadas coloridas e mantas lindamente estampadas decoravam o piso circular de ripas entrecruzadas. Uma janela redonda acortinada dava para o silencioso mercado central logo abaixo. Diversos lampiões de luz fraca pendiam, como uma penca de frutas grandes, no meio da sala. Anfítria levantou as mãos no alto e esfregou um dos lampiões redondos de vidro. Todo o grupo de lampiões tremeluziu e emitiu uma luz forte.

A claridade iluminou uma pintura que cobria o teto. Parecia um desenho de constelações imaginárias, com um enorme planeta e várias luas detalhadamente retratadas. Na lateral do planeta, que Eva presumiu ser Orbona, estava pousada uma imensa nave espacial, e uma fila de criaturas entrava nela. Seu interior estava cheio desses indivíduos, e havia um olho, com uma íris horizontal, pintado no nariz da nave. Encantada com o mural, Eva esbarrou em uma bandeja apoiada no tampo de uma mesa baixa.

— Perdão — disse Eva, recolocando a bandeja decorada de volta no lugar.

Ela viu que a bandeja estava cheia de tira-gostos. Fatias de legumes e frutas coloridos estavam dispostas lado a lado perto do que pareciam ser espetinhos de peixe-aranha. Uma grande variedade de molhos circundava uma tigela ornada no centro da mesa, a qual abrigava uma pequena chama.

— Não tem problema, Eva — disse Anfítria. — Está tudos bem. Nós podemos comer isso antes do jantars. Vocês jás comeram?

— Não, obrigada — respondeu Mater. — Nós...

— Elas já comeram — completou Andrílio. — Mas, você sabe, quando se trata de sua comida, eu estou sempre com fome.

— És claro, mas primeiro vamos servir a bebidas da família para nossos convidados — disse Anfítria, indo até o fundo da sala.

Havia um saco decorado preso na parede oposta, com flâmulas desbotadas pendendo em cada lado dele. O saco parecia estar cheio de algum tipo de

líquido. Algumas varetas e tubos pendurados faziam Eva lembrar-se dos hologramas de gaitas de fole. De uma cesta embaixo dele Anfítria retirou três pequenas taças alongadas. A anfitriã encheu-as com o líquido que esguichava dos vários tubos, acrescentando um pó das extremidades das varetas com batidinhas.

— O que ela está preparando? — perguntou Eva.

Andrílio explicou:

— É uma tradição entre os alcioneus que você tome a bebida feita no *coração* da casa: o tonel da família. Da mesma forma que não há duas casas iguais, nenhuma casa faz uma bebida igual à da outra.

Uma Anfítria sorridente entregou as bebidas para o trio. Andri bebeu a dele de um único gole.

— Muito agradecido a você — disse ele, fazendo um gesto com a cabeça e devolvendo a taça.

— E a você — respondeu Anfítria, e depois olhou para Eva.

A menina cheirava o conteúdo da taça. O aroma enigmático de um tempero de outro mundo rodopiou por seu rosto. Eva olhou para Mater, que analisava a bebida com um laser.

— Isso parece ser uma combinação de ervas e temperos destilados — disse Mater. — Os compostos básicos são similares aos de anis, canela e talvez grãos de café. Coloque um tablete purificador e pode beber, Eva.

— Não — sussurrou Andrílio. — Apenas beba.

— Sim, beba! — disse Anfítria, ainda sorrindo.

O restante da família estava agora inclinado para a frente, a fim de ver melhor aquela curiosa interação.

— Você vai insultá-los se adulterar a bebida, não importa como o faça — acrescentou Andri baixinho, empurrando a taça de Eva mais para perto do rosto dela.

— Eu entendo, sr. Kitt. No entanto, eu... — começou Mater.

— Ah, Mater — Eva interrompeu-a. — Eles estão abrindo a casa deles para nós, lembra? — A menina tomou a bebida de um gole só. Quando o líquido desceu pela garganta, as ervas e os temperos picantes fizeram seu corpo estremecer. — Muito agradecida a você — disse Eva, imitando o gesto do amigo.

— E a você — disse Anfítria, pegando a taça e olhando para Mater.

— Ah! — Eva pegou a bebida de Mater. — Não se preocupe com ela. Mater não come nem bebe. É uma robô.

— O que é uma robôs? — perguntou Donzæna.

Anfítria analisou Mater, inclinando a cabeça para o lado.

— Por que ela não bebes?

— Ela não precisa. Funciona com bateria — disse Eva, devolvendo a bebida.

Andrílio interceptou a taça, virou-a de uma só vez e limpou a boca com o dorso da mão em seguida.

— É verdade. A mãe é uma máquina. Um aparelho.

— Ela é um brinquedo, Mamães. Lembra? — perguntou Zoozi.

— É isso mesmo — respondeu Andri sorrindo. — Você não alimenta seus brinquedos, alimenta?

— Ah, sim — disse Anfítria, balançando a cabeça positivamente para mostrar que havia entendido, e o restante da família fez o mesmo.

— Venha e sentes — disse Cardumo, espalhando as grandes almofadas pelo chão. — Conte-nos sobre sua viagem.

— É, já faz algum tempo desde a última vez que esteves aqui, Andrílio — acrescentou Anfítria, sentando-se em uma das almofadas.

Donzæna entregou outras para Eva e Mater descansarem um pouco.

E, assim, Eva e seus acompanhantes aproveitaram a hospitalidade de Anfítria e sua família. Todos ficaram ouvindo Andri contar a história do encontro com a estranha criatura chamada Eva Nove. Ele descreveu a fuga ousada do caçador perverso, Feraptor, e falou do surpreendente companheirismo de Otto, o urso-d'água gigante.

Mais tarde Cardumo ensinou a Eva uma canção tradicional de pesca alcioneia. Depois de inserir as palavras no Onipod, Eva juntou-se ao coro, cantando:

Ah, o vento estava atrás de nós
e a maré subia até os joelhos.
Ao recolhermos nossos presentes
dos mares verdes e generosos.

Meus pés estão frios e molhados,
mas eu ando sem me preocupar.
Logo, logo estarei em casa,
a família me aguarda no lar.

Mamãe prepara uma refeição

enquanto meus filhos me abraçam.
Não me agradeçam pelos presentes.
Ao mar verde e generoso é que agradeçam.

Cante! Cante! Cante!
Para o mar verde e generoso.

— Somos muito gratos por tudo o que você está fazendo por nós, Anfítria — disse Andri, carregando a mochila pesada logo atrás de Eva.

A menina e Mater seguiam a anfitriã por uma escadaria em ruínas, coberta de equipamentos de pesca, até um sótão vazio. Eva escutou gira-barbatanas empoleirados gorjeando baixinho em suas cestas.

— Você sabe que nossa casa está sempre abertas a você, Andrílio — disse Anfítria, abrindo a porta redonda e entrando. — As todos vocês.

— Muito agradecido — respondeu ele ao segurar a porta aberta para Eva e Mater.

— Obrigada. — Eva agradeceu ao entrar, acenando com um movimento da cabeça.

— Agradecemos sua hospitalidade, sra. Portocosta — acrescentou Mater, erguendo uma das mãos espalmada.

Anfítria observou a mão feita de fios e bateu nela rapidamente.

O sótão era uma versão menor da sala de estar, com várias cestas de pesca amontoadas ao pé da janela baixa. Embora estivessem vazias, as cestas preenchiam o ambiente com um odor salgado. Anfítria levantou os braços, acendeu os lampiões do cômodo e, então, cobriu a janela com uma cortina. Pegou três grandes almofadas, maiores que as da sala de estar, e colocou-as no chão.

— Há um sanitários uma porta adiante — disse ela enquanto desdobrava uma manta. — Alguém quer mais alguma coisa paras comer ou beber? Chá de maresia, talvez?

— Não, obrigado, Anfítria. Você já fez muito por nós. Ah, quase ia me esquecendo... — disse Andri, vasculhando a mochila e tirando dali a última fruta-vox que tinha, que lhe entregou. — Trouxe para Zoozi o café da manhã preferido dele.

— Muito agradecida a você — disse a matriarca, pegando a fruta. — Zoozi ficará bastante feliz.

Andrílio abriu um sorriso largo, mostrando os dentes, antes de Anfítria sair. Ela parou na porta e virou-se para Eva:

— Vocês nãos têm de ir embora de manhã. Serão todos bem-vindos se quiserem ficar mais tempo. Quanto tempo desejarem.

Eva arregalou os olhos. Pensou em explorar o mercado pela manhã, conhecer os habitantes do lugar e aprender a pescar. Pensou em si mesma e em Mater morando lá com Anfítria e a família.

Anfítria continuou, com seu tom de voz solene:

— No entanto, vocês devem estar cientes de que ter um dorceano em seu encalço é comos ter um gira-barbatanas à caça de um peixe-aranha. Não importa quão para o fundo você nade a fim de se esconder, ele sempre captura sua presa. — Ela acenou. — Boa viagens, Eva Noves e Mãe Robô. — Então saiu, fechando a porta.

— Bem, isso não foi muito encorajador — disse Mater, deslizando até a janela e olhando para a praça vazia lá embaixo. — Você acha que Feraptor está aqui, de fato, sr. Kitt?

— Acho que não — respondeu ele, pegando uma de suas garrafas e rearrumando as almofadas. — Os alcioneus são uma comunidade muito unida. Se ele tivesse sido visto andando por aqui, Anfítria saberia.

Eva percebeu que ele a observava tirar a bolsa e o casacolete.

— Estamos a salvo esta noite, contanto que fiquemos por aqui e passemos despercebidos — disse ele.

— E depois? — perguntou Eva ao tirar o Onipod do pulso.

Ela descalçou os botatênis e as meias e colocou o Onipod dentro de uma das botas. Jogou-se pesadamente em uma almofada vermelha macia e sentiu-se bem ao esticar os dedos dos pés ao ar livre e fresco.

— Amanhã de manhã levarei vocês para a estação das balsas e me despedirei — respondeu Andrílio, colocando uma almofada debaixo das pernas e examinando a ferida no tornozelo.

— Apesar de nossas diferenças, sr. Kitt — disse Mater deslizando para o meio do cômodo, onde ele e Eva descansavam —, preciso admitir que não teríamos conseguido chegar até aqui sem sua orientação. Sendo assim, obrigada.

— É, Andri, obrigada!

Eva aproximou-se dele e o abraçou antes de lhe dar um beijo estalado na bochecha. Andrílio permaneceu imóvel, com uma expressão confusa no rosto.

— Ah! Eu já ia me esquecendo! — disse Eva, engatinhando até onde estavam seus pertences, e puxou algo de lá. — Eu queria lhe dar isto.

Ela desenrolou o trançado que fizera antes. Linhas cor de marfim da túnica e grossas climatifibras de suas meias três quartos estavam entrelaçadas aos fios louro-escuros de seu cabelo. A esse trançado também haviam sido acrescentadas

contas coloridas.

— Estique o braço — instruiu ela, apoiando a trança no colo.

Colocando a garrafa no chão, Andrílio só olhava. Eva pegou a grande mão calejada dele, virou a palma para cima e a posicionou sobre o trançado. Juntou as duas pontas e começou a amarrá-las em torno do pulso de Andrílio.

— Aprendi a fazer isso em um dos meus holoprogramas — disse ela. — É uma pulseira especial, uma *pulseira da amizade*, que fiz para você usar. Com ela você nunca vai se esquecer de nós. E vai saber que, onde você estiver, aonde quer que vá, continuaremos sendo amigos. Para sempre. — Ela fungou ao terminar de dar o nó na pulseira. — Pronto — disse, admirando seu trabalho. — Ficou boa, não ficou?

Os olhos verde-claros da menina brilhavam, marejados.

Andrílio levantou a mão e contemplou a pulseira. Espiou a menina e sua mãe robô, ambas em silêncio, observando-o. Pegou sua manta maltrapilha e sua garrafa, levantou-se e foi para a porta.

— Vou fazer uma varredura na cidade agora à noite, Eva Nove, para ter certeza de que vocês estão a salvo — disse ele, cobrindo a cabeça com a manta, e abriu a porta antes de olhar para trás e completar: — Descanse. Você terá um dia cheio amanhã.

Com isso, Andrílio Kitt saiu para o frio da noite. Trovões distantes rugiam enquanto a cidade de Lacus dormia.

* * *

O canto de gira-barbatanas tirou Eva de seu sono profundo. Através da cortina ondulante, ela avistou a luminosidade lilás que precede o alvorecer invadindo o cômodo. Ainda enrolada na manta, engatinhou até a janela a fim de ver a cidade que acordava.

Lá embaixo pescadores alcioneus reuniam equipamentos para sua saída matinal, enquanto outro grupo arrumava pequenos tapetes formando um círculo no meio da praça a céu aberto. Eva queria vestir-se e explorar a cidade antes de ir embora. Mal podia esperar para ver tudo à luz do dia.

Mater estava de pé em modo *dormir*, com as pálpebras fechadas, na penumbra do cômodo. O casacolete e a bolsa de Eva estavam perto dela. A mochila de Andrílio continuava ali, mas a criatura esguia, não.

Eu adoraria capturar algumas holoimagens de Lacus antes de irmos embora,

pensou Eva.

O mais silenciosamente que pôde, Eva calçou as meias grossas e pegou os botatênis.

— Distância percorrida: trinta e quatro quilômetros — anunciaram os sapatos.

Eva desligou o hodômetro no calcanhar do botatênis. A robô sempre vigilante acordou.

— Bom dia, Eva, querida. Dormiu bem? — perguntou.

— Bom dia, Mater. Dormi muitíssimo bem — disse Eva ao calçar uma das botas, sentindo-a adaptar-se a seu pé a fim de mantê-la confortável. — Onde está Andri?

Mater deslizou até a janela e espiou lá fora.

— O sr. Kitt saiu cedo para reservar nossa balsa para Consolu. Disse que voltaria logo, para se despedir de nós.

Ao deslizar o outro pé para dentro da bota, Eva sentiu a presença do Onipod. Tirou-o de lá, enfiou-o no bolso da túnica, sob a manta, e então pôs o calçado.

— E aonde você vai? — perguntou Mater, virando-se para Eva. — O sr. Kitt nos disse claramente para permanecermos aqui.

Mater não vai deixar de jeito nenhum que eu saia para conhecer a cidade. Terei de pensar em uma desculpa muito boa.

— Ah, eu só preciso usar o... é... o banheiro — disse, apontando para o emblema na manga da túnica enquanto andava até a porta. — Sabe, antes que o AnatoEscâner me mate.

— É claro. Irei com você — concordou Mater, deslizando para perto dela.

— Não precisa. É sério, você não tem de vir comigo — disse Eva.

Mater ficou olhando para a menina, as pálpebras estalando a cada piscada.

— Feraptor não está aqui, lembra? — A menina cobriu-se com a manta e abriu a porta. O frio enevoado da manhã invadiu o cômodo. — Fique de olho nas minhas coisas — pediu, apontando para o casacolete e a bolsa. — Volto já.

— Muito bem. Volte logo — disse Mater, com um suspiro.

— Voltarei. Não se preocupe. Vejo você daqui a pouco.

Eva sorriu assim que a porta se fechou.

Terei de ser rápida, pensou.

Parada no corredor do lado de fora do quarto, Eva olhou para a luminosidade matinal que pintava Lacus com um brilho dourado. Os anéis de cabanas esféricas entrecruzadas que compunham a cidade ascendiam para o céu do alvorecer como uma gigantesca tigela. Estendidas por toda a estrutura havia cordas cheias de bandeirolas coloridas, balançando e enroscando-se na brisa da manhã. Eva pôde

ver os cidadãos de Lacus saindo de suas casas enquanto a cidade ia acordando. Sentiu um arrepio e correu até a cabana vizinha, na qual ficava o sanitário. Ao abrir a porta, avistou dois alcioneus conversando lá dentro.

— Oi! Meu nome é Eva. — Ela ergueu a mão.

Um dos alcioneus sussurrou algo para o outro e ambos passaram por ela apressadamente ao sair do sanitário. Eva usou o banheiro modesto e saiu.

— Espero que as outras criaturas desta cidade sejam mais parecidas com a família de Anfítria — falou para si mesma ao tirar o Onipod de baixo da manta.

Do corredor, enquanto registrava os hologramas da cidade e de seus habitantes, Eva notou a música, a mesma melodia cadenciada da noite anterior.

Ela parou e fechou os olhos, hipnotizada pela maravilhosa distração.

— Criança humana. — Ela ouviu um sussurro soprado na música.

Eva abriu os olhos e observou os arredores. Um bando de gira-barbatanas voava pela praça enquanto os cidadãos começavam a abrir suas tendas. Examinou a movimentação dos habitantes: viu pescadores indo para as pontes inferiores, um varredor limpando a rua e um grupo de alcioneus alongando-se em seus colchonetes, mas ninguém se dirigia a ela.

— Criança humana — sussurrou a música novamente. — Eva, a nona. Nove Evas. O humano criança.

— Quem é você?

Eva olhou as centenas de janelas ao redor da praça, tentando localizar a origem da música e do sussurro. Lá no alto, o bando de gira-barbatanas grasnou voando em círculos, como se estivesse apontando para uma cabana minúscula espremida entre dois barracos maiores no nível mais elevado da cidade. Enquanto seus olhos acompanhavam a grade de ripas da escada que levava até lá, Eva partiu na direção daquele ponto afastado. Parou por um instante em frente à porta de seu quarto, mas a melodia misteriosa dançava em seus ouvidos. Em transe, colocou o Onipod no bolso e seguiu para a minúscula cabana.



CAPÍTULO 24: PRESENTES

Eva andou com cuidado pela passarela instável que circundava as muitas residências de Lacus. A cada passo, subia mais e mais na cidade vertical. Mais de uma vez precisou desviar-se de um habitante desnorteado à medida que os moradores saíam das cabanas para cumprir suas tarefas matinais.

— Como sabe quem eu sou? — disse, olhando para cima, para a enorme quantidade de janelas ainda distante, lá no alto.

— Eu sei muitas coisas — murmurou a música em resposta. — Muitas coisas eu sei.

— Você é como eu?

A menina estreitou os olhos para tentar enxergar no brilho do sol do alvorecer, tentando situar-se.

— Eu sou como você — sussurrou a voz —, mas você não é como eu.

Chegando à fileira mais elevada de casas, Eva parou na frente de uma grande cabana redonda de onde saía um dos cabos que prendiam as flâmulas. A bandeira mais próxima, de um laranja desbotado e pintada com estrelas e símbolos, dançou e girou ao vento, revelando uma escadaria estreita ao lado da casa. Eva galgou os degraus enquanto a música gradualmente a envolvia, atormentando-a, mas ao mesmo tempo conduzindo-a.

Ela atravessou uma ponte estreita e bamboleante que levava até a entrada de um pequeno barraco espremido entre os outros. A música vinha lá de dentro. Eva balançou a mão em frente a uma luz azul embutida na porta, como vira Andrílio fazer, e a luz mudou para amarelo.

— Aqui. Entre — cantou a voz, baixinho. — Entre aqui.

— Olá — disse Eva, empurrando a porta e dando um passo à frente, entrando no domicílio escuro e estreito.

Foi recebida por um cheiro forte de sabão queimado e temperos. Acima dela, um emaranhado de cortinas grossas pendia do teto em raias, como se fossem as

teias de aranha que a menina vira em hologramas. Olhando para o labirinto de cortinas, Eva esbarrou em algo pequeno, e isso a assustou tanto que ela quase tropeçou e caiu.

O chão estava repleto de vários objetos. Caixas, vasos, recipientes e latas cobriam cada centímetro da área de circulação.

— Presentes dados — entoou a voz rouca. — Dados presentes. Olhe por onde anda, Eva, a nona.

Eva caminhou devagar pelo monte de presentes, tomando cuidado para não tirar nada do lugar. Entre a aglomeração de itens no chão, estava o objeto que produzia a música. Um vaso iluminado vibrava em sincronia com a melodia transcendental emitida por uma trompa longa e contorcida. Atrás dele, pesadas cortinas com borlas separavam a antessala do restante da cabana.

— Não tenha medo de mim — disse o sussurro por trás da cortina. — Tenha medo de mim não. Pode entrar.

Eva engoliu em seco, ergueu a mão e empurrou a cortina para o lado.

O restante da pequena moradia também era escuro, exceto pelo pálido raio de sol que passava pela enorme janela. E isso não ajudava muito a aquecer o frio da manhã aprisionado lá dentro. O aroma misturado de flores, temperos e óleos era mais forte ali, e deixava Eva nauseada. O mar de presentes ocultava o chão que rangia. O padrão da trama das paredes arredondadas era simples e seguia até o teto. Como na antessala, cortinas escuras indicavam o caminho, seguindo na direção dos recessos sombrios da cabana, onde Eva avistou a fonte da voz.

Sentada na escuridão, bem longe da luz do sol, estava uma criatura redonda, gorda e pálida. Era maior que Eva e possuía vários braços curtos e roliços. Estava sentada, perfeitamente equilibrada, em um banco de uma perna.

As duas ficaram se olhando em silêncio, enquanto a criatura gorda se abanava preguiçosamente. Ao lado dela, um tentáculo com três pinças na extremidade depositava ovos translúcidos em uma tigela. Um dos braços curtos da criatura esticou-se e pegou um ovo, passou-o para outra de suas várias mãos e jogou-o na boca enorme. Eva pôde ver que havia algo minúsculo mexendo-se dentro da casca translúcida do ovo antes de ele ser devorado. Seu estômago ficou embrulhado.

— Ovos de minhoca-aguilhão — disse a criatura gorda sem mexer os lábios. — Minhoca-aguilhão em ovos. Você sabe, elas sempre botam vinte e três. É só eu continuar comendo que ela continua botando. Três e vinte. Vinte e três.

Eva olhou para cima. A afunilada minhoca sem-fim estendia-se por toda a casa, suspensa nas cordas que seguravam as cortinas. Os olhos de Eva acompanharam aquele corpo serpenteante por alguns segundos, mas as espirais

da minhoca guiaram seu olhar de volta à misteriosa criatura gorducha. Ela observava Eva com olhinhos luminosos que pareciam duas fendas, posicionados longe um do outro na larga cabeça.

— Eu sou Arius. Arius sou eu: aquela que vê.

— Você... Você não é humana. — Eva manteve distância. — Eu achei...

— Você achou que só um humano, um ser como você, conseguiria estabelecer uma comunicação. — Arius cantarolou a música. — Comunicar-se não é um pensamento restrito aos seres humanos.

— Eu sei. — Eva estava desapontada. — Desculpe-me. É que você disse que era como eu, então eu pensei que fosse... você sabe...

— Como você, eu sou. — Arius comeu mais um ovo com a boca desdentada. — Mas você não é como eu.

Eva franziu o cenho.

— Eu tenho irmãos e irmãs. Irmãos e irmãs que conheço. Irmãos e irmãs dos quais me escondo — cantou Arius. — Você tem irmãos e irmãs. Irmãos e irmãs que não conhece. Irmãos e irmãs dos quais tem sido escondida.

— Irmãos e irmãs? — Eva ficou ao mesmo tempo empolgada e confusa. — Um irmão ou uma irmã? Como você sabe?

— Como disse, eu vejo muitas coisas — respondeu Arius, pegando mais um ovo de minhoca-aguilhão. — Muitas coisas eu vejo, e muitas coisas você faz. Você ainda tem muitas coisas a fazer.

Eva ficou parada em silêncio por um instante, tentando compreender a estranha fala de Arius. Será que ela estava imaginando aquilo tudo? Será que era verdade? Eva ficou meio tonta.

— Você gostaria de saber mais, talvez? — Arius passou um ovo de uma das mãos para outra. — Talvez de saber mais você gostaria?

— Você sabe se há outros humanos aqui? — perguntou Eva, ajeitando a manta e apertando-a ainda mais em volta do corpo.

— Geralmente eu peço um presente. *Um presente especial*. — Arius apontou para o grande número de bugigangas amontoadas no chão. — Um presente especial para responder à sua pergunta.

— Eu... Eu não sei se tenho alguma coisa para dar.

Eva transferiu o peso de uma perna para a outra. Pensou no Onipod em seu bolso. Mater perderia a cabeça caso Eva se desfizesse do aparelho.

— Nada a se preocupar. Você é um presente em si mesma, Eva, a nona — ronronou Arius. — Foi por isso que eu a chamei aqui. E aqui você está: um presente.

— Não sei se entendi direito.

A menina deu um passo para trás, olhando para as oferendas empilhadas no chão em volta de Arius. *Será que ela chega a abrir esses presentes?* Seus pensamentos voltaram-se para a coleção de animais capturados por Feraptor.

— Não posso sair e voltar com alguma outra coisa para você?

— Nenhuma outra coisa pode você trazer — tilintou Arius. — Você trouxe a coisa que eu quero.

— Acho melhor eu ir embora — disse Eva, esgueirando-se para trás na direção da cortina que separava aquele cômodo da entrada, e o vaso musical continuava a tocar sua canção enigmática.

— Você deve saber que eu vejo o tempo. O tempo é, para mim, como uma corda. — Arius encarava Eva com seus diminutos olhos de fenda. — Uma corda na qual o passado se revela atrás de nós. Uma corda na qual o futuro se trança para formar o presente.

— E como isso faz de mim um presente?

A menina permanecia na entrada do cômodo, pronta para correr.

— Você, como eu, é uma fibra dessa corda. — Arius comeu mais um ovo. — A corda é feita de fibras de mim, de você, de tudo. E você, ser humano, pode afetar o trançado. Quero ver como seria. Para fazer isso, preciso de você. Você precisa de mim.

— Você pode me dizer onde estão os outros seres humanos? Ou quando vou encontrá-los?

Eva deu um passo para dentro do cômodo.

— Chegue mais perto e você verá. — Arius gesticulou com um de seus braços curtos. — Eu verei se você chegar mais perto.

Eva transpôs com cautela a valiosa coleção de oferendas, indo na direção da fraca luz do sol. Sentiu o suor escorrer pela nuca sob a manta esfarrapada, mas isso não a fez diminuir a força com que a segurava.

— Mais perto ainda — disse Arius, abanando o leque. — Ainda mais perto.

Eva analisou-a. Aquele ser não possuía pernas propriamente ditas, apenas tentáculos roliços e inúteis que pendiam flácidos por baixo de seus rolos de gordura.

Ela não conseguiria me alcançar se eu saísse correndo, pensou Eva.

Eva continuou, um passo após o outro, até que estava bem na frente de Arius. Sua pele marfim tinha a textura de um cogumelo, e Eva reparou que havia símbolos estranhos tatuados em cada um de seus muitos braços. Sentiu o cheiro doce e fermentado dos ovos em seu hálito.

Mais rápida que um raio, uma das várias mãos de Arius lançou-se à frente, agarrou Eva pelo pulso e segurou-a com firmeza.



CAPÍTULO 25: SALTO

— Solte-me! – gritou Eva. — Por favor, Arius, por favor!

A criatura gorda fechou os pequenos olhos e cantou:

O enxame antigo de novo retorna,
para reclamar uma terra que não pode mais ser reclamada.
Uma ninfa, nascida da terra, forjada pela máquina,
irá liderar o caminho através do ódio, através do medo,
através da guerra.
O coração será seu aliado e a festa chegará ao fim.

Eva parou de debater-se, hipnotizada pela entonação da voz de Arius:

Do oeste uma máquina poderosa governa.
Estrelas trarão um sonho, enquanto outro sonho morre.
Nas areias do tempo, a ninfa encontrará a resposta
para a pergunta que atormenta sua alma,
mas a resposta não será suficiente...
e, entrando em movimento, uma equação tem início,
uma equação poderosa com muitas, muitas respostas.

Os olhos de Eva tremiam e seu corpo ficou dormente quando Arius segurou-a com ainda mais força e completou:

Você será caçada até os confins da terra,
contudo, o fim revelará tudo o que procura.
Mas, primeiro, o governante de uma grande cidade a manterá cativa.
O passado se defrontará com o futuro...

nenhum dos dois, porém, perceberá que são reflexo um do outro.
Um irmão colocará você em seu caminho.
Siga em frente, criança humana, e mantenha sua perspicácia,
porque mesmo os mais perversos têm uma família que os ama.

Arius afrouxou sua pegada lancinante e Eva caiu de costas na pilha de oferendas. A garota levantou-se com dificuldade e seguiu a passos rápidos por entre os objetos acumulados, voltando para a entrada, onde a estranha música cadenciada tocava. Empurrou a porta, abrindo-a completamente, e correu como um furacão pela passarela bamboleante que saía da cabana de Arius. Correu escada abaixo e retornou para o caminho principal que circundava o nível mais alto de habitações.

Ao parar para recobrar o fôlego, esfregou o pulso esquerdo, na região em que a profetisa havia segurado. Eva viu um sinal formando-se na mancha avermelhada em sua pele. Eram um círculo perfeito e outro, menor, dentro. Um sinal idêntico ao que Arius tinha em um dos braços.

— O que é...?

Eva afastou a franja para trás enquanto analisava a marca sob a luz do sol. Em meio à respiração irregular, ouviu um barulho vindo do alto.

Um som conhecido.

O zumbido de um planador motorizado.

Feraptor planava dentro da torre circular e pairou apenas alguns metros à frente de Eva.

— Detectada aceleração na frequência cardíaca, Eva Nove — anunciou a voz gorjeadora da túnica, abafada sob a manta. — Favor iniciar a meditação de relaxamento para diminuir os batimentos cardíacos. Obrigado.

— Finalmente Feraptor consegue zeu prêmio ezquivo.

O caçador pulou do planador e aterrissou bem em frente a Eva. Ele segurou-a com suas muitas garras.

— Solte-me! — gritou a menina, tentando desvencilhar-se.

Quando percebeu que Feraptor agarrava apenas a manta com que se cobria, então, ela a largou e deixou-se escorregar pelo tecido, livrando-se das garras dele, e correu o mais rápido que podia.

— Sheesa! — rugiu Feraptor, lançando a manta longe e voltando ao planador.

Eva viu a manta cair alguns andares e pousar enrolada em uma das muitas cordas das quais pendiam as flâmulas da praça.

Ela correu para bem longe de Feraptor, descendo pelas passarelas vacilantes, que naquele momento estavam repletas de alcioneus. Tentou localizar a casa de

Anfítria em meio àquela miríade de cabanas. Enquanto passava em disparada ao lado de um enorme cartaz tremulante, ouviu o ruído inconfundível da arma de Feraptor sendo carregada.

Ouviu-se um zumbido baixo, e a passarela atrás dela foi feita em pedaços com um golpe da onda sônica. Pedestres correram em todas as direções. Em meio ao caos, Eva esgueirou-se para dentro de uma das casas próximas e bateu a porta, fechando-a atrás de si.

Uma família de alcioneus, claramente estarrecida, ficou de pé na antessala, e Eva, em pânico, dirigiu-se a eles:

— Por favor — implorou, ofegante —, preciso me esconder. Podem me ajudar?

Os donos da casa gritaram ao empurrá-la para fora pela porta da frente. Feraptor avistou a menina e direcionou o planador para mais perto dela, a arma varabum em punho. Eva desceu correndo pelo caminho circular, tentando distanciar-se da arma. Mais uma vez escutou a vibração sônica. O passadiço à sua frente explodiu em pequenos fragmentos. Uma pilha de cestas de pesca foi abaixo.

Eva deu meia-volta e correu na direção de onde tinha vindo. Já havia percorrido vários metros quando outra parte da passarela foi aniquilada pela arma sônica de Feraptor. Agora seu caminho estava interrompido em ambas as direções.

Rápida como um chicote, Eva voltou, correndo para o vão. Deu um enorme impulso, saltou-o e caiu do outro lado, de bruços. As tábuas danificadas abaixo de Eva começaram a ceder, e ela agarrou-se aos fragmentos ainda intactos da passarela. Suas pernas ficaram no ar, enquanto ela cravava as unhas na madeira, segurando-se para não cair. Por cima do ombro, viu Feraptor próximo, pairando no planador, a varabum apontada diretamente para sua cabeça. Arriscou uma olhada para baixo, para as várias flâmulas e bandeiras balançando com a manta na brisa da manhã.

— Não se mexa, pequenhinha — ronronou o caçador. — Feraptor vai pegaar você.

Eva engoliu em seco. Suas mãos começaram a escorregar pelas tábuas. O caçador estava a uma distância quase suficiente para alcançá-la.

— É izo. Fique paraada.

Eva soltou a tábua e caiu na passarela um andar abaixo. Tombou com o lado direito do corpo e gritou por causa da dor lancinante no braço e no cotovelo. Ao se levantar, apoiada na mão esquerda, logo estava novamente sob a sombra do planador, que vinha descendo.

Correndo e saltando, Eva se arremessou da passarela no meio do pátio aberto. Despencou vários andares através de bandeiras e flâmulas, debatendo os braços.

Enquanto caía entre os cartazes retorcidos, sua mão agarrou algo e puxou. Eva segurou-se com força a uma bandeira, apesar da dor que se espalhou por todo o seu braço direito, por causa força da inércia em seu corpo em queda. Ela lutou para se projetar para cima, até um cabo transversal no qual estavam presas bandeiras e cartazes maiores que lençóis. Feraptor ainda teria de localizá-la enquanto pilotava a aeronave para baixo, na direção das flâmulas tremulantes, a arma sônica carregada e pronta para disparar.

Eva olhou para baixo e viu que devia estar a uns dez metros de onde o cabo estava preso, na base de uma passarela. Ignorando o latejar do braço, começou a balançar-se para a frente e para trás, alternando as mãos, na direção do suporte do cabo. Feraptor avistou-a e aproximou-se.

— Socorro! Socorro! — gritou Eva.

Ela viu os alcioneus que estavam na passarela correrem com os braços esticados na direção do cabo no qual estava pendurada.

Eva forçou-se a aguentar a dor no ombro e balançou mais rápido. Ouviu um ruído agudo de algo quebrando-se quando o suporte do cabo cedeu por conta do peso extra. O cabo inteiro — bandeiras, Eva e tudo mais — despencou na direção da praça.

Ela ainda segurava o cabo ao cair no carrinho de mão de um vendedor, espalhando cestas de peixe fresco pelo chão. Em uma fração de segundo bandos de gira-barbatanas voaram e devoraram a refeição gratuita do carrinho destruído. Cidadãos saíram com vassouras e varas para afugentar os pássaros. Feraptor saltou do planador e localizou Eva no meio do tumulto.

Desorientada, ela pôs-se de pé, as pernas bambas, tentando ajustar o foco. Balançou a cabeça a fim de livrar-se da tontura e percebeu que não estava longe da casa de Anfítria. Correu em direção à cabana. Logo conseguiria ajuda.

Mater estava lá.

Andrílio estava lá.

A família de Anfítria estava lá.

Eva pensou no que Feraptor havia feito com seu lar.

Mudou de direção e correu por um beco estreito. Uma onda sonora alta emergiu e a parede ao lado de Eva explodiu em pedaços de argila e madeira. Esquivando-se dos destroços, a menina continuou correndo pelo beco sinuoso. Ao ouvir grunhidos e resmungos atrás dela, percebeu que Feraptor não caberia naquele espaço.

O beco acabava em uma passarela que circundava a imensa coluna que

sustentava a cidade. Por uma fração de segundo Eva olhou por cima do ombro a fim de localizar Feraptor, mas não havia sinal dele.

Ele caiu da passarela de cima, aterrissando bem na frente dela.

— Peguei vozê — falou Feraptor com um sorriso de escárnio enquanto apontava a varabum para Eva.

Ela caiu para trás, cobrindo o rosto com as mãos. Um grupo de pescadores enfurecidos agarrou o caçador por trás, fazendo-o perder a mira, e o tiro saiu para o alto e arrancou um pedaço da passarela. Sem perder tempo, Eva levantou-se com esforço e seguiu em disparada para a ponte mais próxima.

O caçador desvencilhou-se dos agressores que o agarravam pelas costas e saiu em perseguição à menina. Ela conseguiu chegar a outra ponte, que seguia acima da água na direção da torre de casas ao lado. Eva partiu para lá, ignorando a queimação nas pernas fatigadas.

Eva viu que havia outra ponte acima dela e uma abaixo, cheia de pescadores. Rapidamente pulou para a de baixo, e com isso um bando de gira-barbatanas voou, gorjeando. Nesse momento, correu mais rápido que nunca. Olhou para o alto e viu que Feraptor estava acima dela e se aproximando. Não havia como despistá-lo.

Prestando atenção a seu perseguidor, Eva deu um encontrão em um alcioneu que pescava. Ambos caíram, o pescador gritando, indignado. Arquejando intensamente, Eva levantou-se com esforço.

— Por favor! Por favor, ajude-me!

Um estrondo explodiu atrás deles. Eva girou o corpo e viu Feraptor agigantando-se em seu encalço, saído do meio das tábuas partidas. Ele pulara mais de vinte metros para chegar à ponte em que ela estava. Quando empurrou o alcioneu furioso para o lado, Eva escutou o zumbido do rifle sendo carregado.

— Você é minhas, fugitiva pequenhinha — disse o caçador, apontando a arma para ela.

Eva levantou-se e encarou, tremendo, o monstro que se aproximava.

— Por que você está me caçando? O que você quer? — gritou ela.

— Você é um prêmio que vale todo o trabalho dessa perseguição — disse Feraptor.

O cano da varabum estava a apenas alguns centímetros do tórax de Eva.

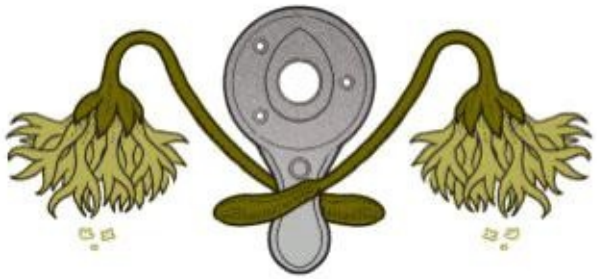
— Eu não sou um prêmio! Você nunca vai me pegar!

Ela cuspiu na cara do predador.

Aturdido com a ferocidade da menina, Feraptor piscou para se livrar do cuspe. A piscadela durou apenas um segundo, mas era exatamente o tempo de que Eva precisava. Ela mergulhou de cima da ponte e submergiu nas profundezas da

gélida água verde.

À medida que a superfície cor de esmeralda do lago aproximava-se, Eva repassou na mente o aviso de Anfítria sobre o gira-barbatana à caça de um peixe-aranha no mar, nunca capaz de esconder-se.





CAPÍTULO 26: MUITO LONGE

Talvez tenha sido a água gelada o que provocou a perda de consciência da menina. Ou talvez tenha sido o medo que tomou conta de seu coração durante a longa queda da ponte até atingir a superfície do lago, como se fosse uma boneca.

Eva Nove submergiu nas profundezas verde-azuladas do grande lago, os raios de sol reduzidos a fitas pálidas de luz que brincavam acima dela. Uma silhueta enorme e sombria surgiu do fundo escuro para resgatar seu corpo inerte.

Um beemote.

As patas de Otto impulsionaram-no para cima, em direção à superfície. Nadando como uma tartaruga enorme e cheia de pernas, ele colocou-se delicadamente abaixo de Eva e empurrou-a na direção da luz do sol.

Respire. Pequenina. Ar.

Eva repousava imóvel nas costas largas e encouraçadas do urso-d'água, enquanto ele nadava por baixo da passarela.

Ela não viu os pescadores na ponte jogando cordas para resgatá-la.

Não viu Andrílio pulando na água e nadando em sua direção.

Não ouviu Mater gritando, mais alto do que um robô deveria, por sua filha.

E não sentiu o braço pesado de Feraptor agarrando-a ao voar sobre Otto em seu planador, levando-a para longe, bem longe.

* * *

Eva piscou quando uma luz branca fez suas retinas arderem.

Será que estou de volta ao Santuário?, pensou.

Um odor de produtos químicos e ácido invadiu seu nariz.

Não, não estou.

A menina sentou-se, grogue. Sentia uma dor aguda que começava no cotovelo direito e subia pelo braço. Eva massageou o ombro.

Acho que está só dolorido. Vejo isso depois. Ela percebeu que o Onipod ainda estava a salvo no bolso.

Esfregou os olhos com a palma da mão e examinou os arredores. Para todos os lugares que olhava, não importava a direção, tudo parecia embaçado e distorcido, como um holograma no momento exato em que uma hololâmpada queima. Levantou-se com as pernas bambas.

Eva tinha a impressão de estar vendo o cômodo fortemente iluminado através de um copo de vidro, porque os objetos ao redor estavam deformados no espaço. Ela estava de pé em uma plataforma circular branca. Outra plataforma, de mesmos tamanho e formato, pairava logo acima. Era como ela se estivesse dentro de algum tipo de recipiente gigante através do qual não pudesse ver nada.

Onde estou? Um turbilhão de lembranças invadiu sua mente... Lacus... Arius... Feraptor... correndo... pulando.

— Será que morri na queda? — murmurou para si mesma.

Não, pensou. *Se estivesse morta, o braço não estaria doendo.*

— Mas estou com frio. A pessoa não fica fria quando morre?

Eva esfregou a bainha da túnica. As climatifibras estavam funcionando, mas, sem a proteção extra do casacolete, a menina se sentia como se estivesse dentro de um freezer. Ela deu uma batidinha no emblema da manga, ativando o AnatoEscâner.

A túnica de Eva fez o relatório, com seu jeito animado:

— Coração, pulmões, atividade cerebral e outras funções corporais dentro dos limites saudáveis. O nível de ingestão de líquidos, porém, está baixo, Eva Nove. Favor ingerir líquidos imediatamente. Obrigado.

— Claro — respondeu ela. — E a temperatura?

— A temperatura ambiente é de dez graus celsius. A temperatura corporal é de trinta e sete graus. Obrigado.

Bem, não estou morta. Hora de sair daqui.

Eva chegou perto da borda da plataforma. Levantou as mãos à frente e tocou a parede. Era similar a vidro jateado e coberta por uma camada transparente, pegajosa e úmida, como se um óleo houvesse se condensado ali.

— O que é...?

Eva cheirou o resíduo da gosma na palma da mão. Era dali que vinha o odor de produto químico e, apesar de ser transparente, era mais espessa que água.

Estou dentro de quê?, perguntou-se.

Eva limpou com a mão a parede enevoada que a aprisionava. Por alguns

instantes conseguiu enxergar através dela, antes que o líquido escorresse novamente e cobrisse a parte limpa. A verdade era que Eva estava confinada em uma cela cilíndrica dentro de um cômodo circular repleto de outras celas idênticas.

Mais curiosa que assustada, Eva deslocou-se pelo perímetro de sua prisão, esfregando em vários pontos a umidade que cobria a parede. Descobriu que estava entre outras duas celas. Uma abrigava uma pe quena criatura saltitante que arremetia aleatoriamente de encontro às paredes impenetráveis. Na do outro lado, Eva reconheceu, através do borrão do líquido que encobria as paredes, a forma e a cor de um filhote de urso-d'água.

Olá, rapazinho. Consegue me ouvir?, pensou ela. *Não tenha medo.*

O urso-d'água não respondeu.

Houve uma movimentação no centro do cômodo. Eva escutou vozes abafadas. Limpou o vidro embaçado e viu duas figuras conversando.

Uma criatura atarracada, mais baixa que Eva, surgiu bamboleando em cima de quatro cotocos de pernas. Seus quatro braços flácidos gesticularam quando falou com a voz fanha pelo focinho longo e cônico:

— Venha, venha. Você precisa ver esses novos espécimes, Zim. Temos recebido vários deles a semana toda. São espetaculares.

Levitando atrás da pequena criatura vinha a que fora chamada de Zim. Ele era fisicamente parecido com Arius, embora fosse menor e estivesse vestido com um traje mais adornado. Como Arius, tinha uma boca larga que não se mexia quando ele falava.

— Conte-me tudo, por favor. Ele deixou alguns duplicados ou múltiplos?

— Vejamos.

O nanico colocou a mão em um dos muitos bolsos de seu cinto e tirou de lá um aparelhinho compacto. Com o dedo curto, apertou um botão no controle remoto.

Um ruído agudo e estridente invadiu a caixa craniana de Eva. Trincando os dentes, ela cobriu os ouvidos para abafar o penetrante som. Com os olhos semicerrados, viu evaporar o líquido na parede de vidro, revelando o cômodo e todos os seus ocupantes. De repente, o ruído insuportável cessou.

Ao soltar o ar, livrando-se da dor, Eva descobriu que o extenso cômodo fortemente iluminado era desprovido de cor. Pisos ladrilhados brancos refletiam o brilho que vinha do teto. Eva tinha a sensação de que todo o teto abobadado era uma gigantesca lâmpada. A criatura que segurava o aparelho também estava de branco: um macacão colado ao corpo, confeccionado em um material que lembrava a Eva luvas de látex. A cabeça estava coberta por um capuz cheio de

óculos de segurança com lentes grossas.

— Parece que só temos um repetido — disse ele ao ir bamboleando até a cela em que estava o filhote de urso-d'água. — É um animal jovem. Ele o trouxe ontem, com alguns outros. Eu o aceitei porque achei que ficaria bem ao lado dos adultos. Quer mantê-lo?

Com um de seus muitos braços, Zim pegou um bloco de anotações de uma das dobras de seu casaco adornado e passou-o de mão em mão.

— Sim, vamos adicioná-lo à coleção. Então, o total desta semana seria...?

O baixinho de macacão ficou parado contando os prisioneiros nas celas.

— Treze... Não... Ele trouxe mais um hoje. Quatorze no total — disse ele.

— Então, ao todo são treze espécimes, correto? — Zim anotou a informação no bloco.

— Correto — respondeu o outro, puxando outro controle remoto minúsculo de um de seus muitos bolsos.

A cela que prendia o urso-d'água flutuou até o centro do cômodo.

— Muito bem — disse Zim, calculando. — O total acumulado, então, é de setecentos e quarenta e nove até hoje. Ele ainda tem uma quantidade considerável de capturas a fazer.

— Bem, ele disse que teria trazido ainda mais, só que alguns fugiram.

A criatura atarracada guardou o minúsculo controle remoto e substituiu-o por outro. Uma haste fina elevou-se do fundo da cela do urso-d'água. O filhote andava de um lado para o outro, urrando.

— Sua Majestade está satisfeita com o que ele já trouxe até o momento. No entanto, se ele espera conquistar a absolvição daquele irmão deplorável, é melhor não permitir que mais nenhuma das presas *fuja*.

Zim guardou o bloco no casaco e flutuou até a cela do urso-d'água, no meio da sala.

Eva sentou-se por um instante.

Ele? De quem eles estão falando?, pensou. Então a resposta ficou clara.

— Eu fui capturada... por Feraptor — sussurrou Eva.

Uma espiral nauseante de pavor tomou conta de seu estômago.

— Então vamos preparar este aqui da mesma forma que o adulto? — perguntou o baixinho enquanto prosseguia mexendo nos controles remotos.

Zim cruzou seus vários braços atrás das costas e pairou próximo ao reservatório de vidro em que estava o urso-d'água. Eva viu o reflexo distorcido da imagem dele encarando-o de volta.

— Não. Vamos fazer uma exibição anatômica — respondeu Zim sem mexer a

boca. — Porém, se o caçador trouxer exemplares extras deste aqui, recuse-os.

— Como quiser, Curador.

Quando a criatura atarracada apertou um botão no controle remoto, a haste espalhou uma névoa fina na cela do urso-d'água. O animal foi congelado imediatamente. Eva sobressaltou-se.

— A paralisação foi concluída. Ele ainda está vivo, caso queira examiná-lo — avisou o colega de Zim enquanto apertava outros botões.

Garras potentes brotaram do chão da cela, paralisando o urso-d'água congelado em posição ativa, como se ele tivesse sido pego no meio de um salto com sua cauda propulsora.

— Muito grato. Entretanto, tenho a maior confiança de que agora já possuo uma compreensão abrangente desses organismos nativos primitivos — comemorou Zim.

— Que bom! — disse o baixinho, acoplando uma mangueira branca à base da cela e ligando-a.

O recipiente encheu-se de um líquido viscoso translúcido. Eva não conseguia entender o que estava acontecendo porque Zim bloqueava sua visão.

— Quase pronto — entoou a criatura baixinha enquanto o líquido era drenado da cela com um som borbulhante. — Perfeito. Esse pequeno ficará esplêndido ao lado dos adultos.

— Ficará mesmo — disse Zim, esfregando várias mãos curtas umas nas outras.

— Só vou transferi-lo para uma vitrine e depois continuo.

E com a ajuda de outro controle remoto o baixinho vestido de branco trouxe mais uma plataforma redonda. Apertou mais botões e a parede de vidro da cela do urso-d'água dissipou-se. O espécime foi colocado em sua vitrine.

— Pronto, Curador Zim. Tudo pronto para o museu de Sua Majestade — anunciou, orgulhoso.

Eva ficou olhando fixamente para o urso-d'água enquanto ele flutuava, paralisado no meio de um salto, girando devagar acima de sua base. Porém, a couraça, a pele e muitos dos músculos do animal tinham sido eliminados, revelando em detalhes órgãos internos, vasos sanguíneos e nervos. Aquilo lembrou a Eva os hologramas que ela registrara no Onipod, mas ali não era um modelo feito de raios luminosos. Ele era real. Aquele urso-d'água estava vivo apenas alguns segundos antes... e agora...

Engasgando, Eva fechou os olhos para conter a náusea.

— Um trabalho impressionante, Taxidermista — disse Zim ao andar em volta do urso-d'água suspenso. — Observe. É possível ver claramente o estômago

cardíaco e o estômago pilórico... E, aqui, o gânglio percorre toda a extensão do corpo na altura do abdome. Fascinante. Faz lembrar os lorípedes que examinamos em Ceres.

— Lembra mesmo — respondeu o taxidermista atarracado. — Espero sinceramente que a rainha goste das novas aquisições.

A rainha, pensou Eva. *Andri mencionou uma rainha em algum momento.*

Zim empurrou o espécime até uma porta circular larga, cujas muitas lâminas retraíram-se.

— Sua Majestade regozija-se com todos os seus trabalhos primorosos, senhor, assim como eu.

— Ah, antes que eu esqueça... — disse o taxidermista ao acompanhar Zim até a porta — ...Há esse espécime que Feraptor trouxe hoje, e ele gostaria que você desse uma olhada.

O coração de Eva parou.

— Pois não? — Zim voltou ao cômodo.

— Por aqui.

O taxidermista conduziu o outro na direção da cela de Eva. Ela chegou para trás o máximo que pôde, encolhendo-se no fundo. E viu quando os dois rostos diferentes espiaram a cela que a prendia.

— Ele disse que foi difícil capturar esse espécime raro, e que ele tem relação com todas as relíquias que você vem coletando nas Terras Desoladas — disse o taxidermista, apontando o dedão gorducho para Eva.

— É sério? — Zim deu a volta na cela. — Agora que você mencionou, os adornos realmente de fato guardam alguma semelhança com os itens que desenterramos de um local remoto, e a aparência física é distinta de todos os outros espécimes vivos que coletamos até o momento.

— É mesmo — disse o taxidermista, balançando a cabeça afirmativamente. — E se de fato isso tem relação com seu outro trabalho, Feraptor gostaria de saber se... talvez... a rainha estaria disposta a renegociar as garantias dele.

— Não posso responder a isso diretamente, mas repassarei a questão a Sua Majestade — respondeu Zim ao analisar uma trêmula Eva. — Por favor, adie a preparação deste aqui até que eu saiba qual é o desejo da Rainha Ojo. Sua Majestade pode preferir mantê-lo em observação... Muito interessante mesmo.

Zim moveu-se rapidamente até a porta.

O taxidermista tampinha seguiu-o.

— Tudo bem. Voltarei daqui a pouco. Preciso de bases de montagem extras.

Ele apertou um botão em um controle remoto e o som estridente retornou. As celas ficaram de novo enevoadas pela condensação.

CAPÍTULO 27: MENSAGENS

— Hiperventilação em curso — anunciou a túnica de Eva.

— Favor...

— Preciso sair daqui! — disse Eva, a respiração acelerada enquanto desligava a túnica.

Ela ouviu um trinado abafado familiar vindo do bolso. Com mãos trêmulas, remexeu a túnica e pegou o Onipod.

— Não consigo parar de pensar no pobre urso-d'água — disse para si mesma.

Se não me apressar, vou acabar em uma vitrine sem a minha pele.

Eva levou o Onipod até os lábios e sussurrou:

— Aqui é Eva Nove.

— Saudações, Eva Nove — murmurou o dispositivo em resposta. — Você possui várias mensagens ainda não reproduzidas, todas enviadas pela MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis. Fui instruído a só reproduzir as mensagens se você estivesse desacompanhada. Posso prosseguir?

— Sim, por favor — respondeu Eva.

— Primeira mensagem enviada há oito horas e vinte e três minutos — continuou o Onipod.

Eva sentiu uma pequena onda de paz e tranquilidade em sua cela fria quando o rosto de Mater foi projetado acima do aparelho.

"Eva, se você receber esta mensagem, entre em contato o quanto antes. Preciso saber se está bem", disse Mater, com estática na voz.

Eva não sabia ao certo se o fato de o Onipod ter sido molhado quando ela pulara no lago estava agora causando a estática ou se o problema era o lugar em que estava detida, que não permitia que o sinal chegasse com perfeição.

— Próxima mensagem, por favor — pediu a menina.

Seus olhos percorreram o cômodo, com medo de que o taxidermista

retornasse, mas tudo continuava quieto.

“Eva", disse o holograma de Mater. “Estou tentando entender o idioma daqui, mas sem seu transcodificador de voz tem sido um pouco difícil. Cardumo nos mostrou um mapa do lago, e com base na trajetória percorrida por Feraptor acredito que ele a tenha levado para Consolu. Lembro de ter ouvido o sr. Kitt dizer à sra. Portocosta que o caçador alegava estar trabalhando para a rainha, então, ele pode estar mantendo você nas terras do reino. Tente permanecer calma e alerta, e não se esqueça das habilidades de sobrevivência. Chegaremos aí em breve. Entre em contato comigo imediatamente para que eu possa localizar seu sinal."

— Próxima mensagem — sussurrou Eva, segurando o Onipod com cuidado em ambas as mãos.

“Oi, Eva. Por favor, entre em contato comigo" disse Mater. “Estou muito preocupada com você. Por favor, por favor. Preciso de notícias suas."

— Fim das mensagens — completou o Onipod.

O tom da última mensagem não lembrava de forma alguma a habitual voz calma da robô.

— Nós podemos, por favor, entrar em contato com Mater? — perguntou ela.

— Tentativa de conexão de voz com a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis...

As pequenas luzes ao redor do olho central começaram a piscar.

Eva perscrutou o cômodo enquanto cutucava a unha.

— Vamos... Vamos.

— Eva! — A cabeça de Mater pairou acima do dispositivo. — Eva, é você?

— Sim, sou eu! Sou eu! — Eva enxugou os olhos na manga. — Estou bem. Feraptor nem está aqui. Ele me colocou em uma cela. Estou presa em um lugar estranho onde preparam os pobres animais capturados para serem exibidos para a rainha. É horrível.

Por um momento não houve resposta. Então, apareceu uma imagem circular nítida da cabeça de Andrílio, como se o Onipod estivesse vendo pelos olhos de Mater.

— Olá, Eva Nove. Fico feliz em ver que está viva! — disse ele.

— Ah, Andri! — gritou Eva. — Vocês precisam me tirar daqui!

— Ouça com atenção, Eva. — A voz de Andrílio era firme. — Otto está nos transportando pelo lago até Consolu, onde iremos resgatá-la. Mas é provável que só consigamos chegar aí em uma hora ou mais.

Eva engoliu em seco.

— Eu... eu não acho que ainda estarei aqui em uma hora. — A imagem do

urso-d’água sem pele voltou à sua mente. — Vocês têm de me ajudar. O que eu faço?

— Examine sua cela — respondeu Andrílio. — Há algum modo de fugir dela?

— Não sei. Acho que não. — Eva colocou o Onipod no chão e ficou de pé, batendo na parede da cela com o punho. — Sequer consigo quebrar isto! — Frustrada, ela deslizou novamente para o chão do compartimento. — Será que eles não podem simplesmente me deixar ir embora? Eles não têm o direito de me manter aqui.

— Não sei ao certo por que você está sendo mantida prisioneira, Eva. — Andri parecia intrigado. — Mas se o pedido de libertação não funcionar, você terá de tentar outro método. Pense. Está vendo algo que possa ajudar em sua fuga?

Eva encostou na parede de vidro e limpou a grossa camada oleosa. Fez uma varredura panorâmica do cômodo branco com o Onipod.

— Não sei, acho que não. Venham logo, por favor!

Não houve resposta. Eva olhou novamente para o Onipod.

— Ei, vocês ainda estão aí?

— Sheesa! Olhe! Ele está ali!

Eva viu Andrílio apontando por cima do ombro de Mater e acompanhou, por meio dos olhos da robô, um planador mergulhando do céu.

— Feraptor! NÃO! — gritou Eva, olhando assustada para o holograma.

A imagem que vinha da câmera de Mater tremeu um pouco quando o caçador saltou do planador nas costas de Otto, jogando Andrílio no lago. Apontando a varabum carregada para Mater, ele rosnou:

— Ótimoo para Feraptor. Ótimoo para meu irmão. Doiz de vozêz em um dia.

O holograma sumiu.

— Conexão interrompida — anunciou o Onipod.

— Não! Tente reconectar! — gritou Eva. — Depressa!

— Tentativa de conexão de voz com a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis...

As luzinhas do dispositivo piscavam. Eva engoliu em seco. O frio que começara em seu estômago espalhou-se por todas as veias e artérias de seu corpo.

— Lamento, Eva Nove. Não obtenho resposta — disse o Onipod. — Gostaria de deixar um recado?

Eva fechou os olhos com força e encolheu-se.

Mater precisa de mim. Ela é só uma robô. Uma robô que deveria viver em um

Santuário, e eu a convenci a sair de lá. Agora ela está... ela está...

O som agudo e estridente retornou, e a condensação nas paredes da cela evaporou. O taxidermista entrou no laboratório empurrando uma pilha de bases de montagem flutuantes.

— Certo. Quem é o próximo? — disse ele, apertando em seguida um botão no controle remoto.

Uma cela que estava do outro lado do cômodo flutuou até o centro. Dentro dela uma silhueta familiar olhava em volta e emitia estalidos ritmados.

Um tocaieiro-do-areal aprisionado ocupava quase todo o espaço de sua câmara cilíndrica. Eva encostou o rosto na parede da cela enquanto analisava o crustáceo monstruoso na luz branca. Sua carapaça colorida continha um par de pinças extremamente afiadas.

Ele se parece com os hologramas que vi de louva-a-deus, pensou Eva. *Um enorme louva-a-deus.*

Parecia que o prisioneiro era novo, já que bem menor que o gigante que Eva vira na outra noite, com Andrílio. Mesmo assim, a criatura era bem maior que ela. A menina ativou a Identicaptura.

— Está pronta para posar para a rainha, minha belezinha? — ronronou o taxidermista enquanto apertava mais botões.

Dentro da cela do tocaieiro-do-areal uma haste elevou-se do fundo.

Um estalido veio da cela de Eva.

Em resposta, o tocaieiro-do-areal emitiu estalidos em ritmo acelerado.

— O que é isso?

O taxidermista virou-se para olhar para Eva. Dentro da cela, a menina estava de pé pressionando o Onipod na parede de vidro. A gravação dos sons do tocaieiro-do-areal adulto com o qual havia deparado estava sendo reproduzida no volume máximo.

Um enorme barulho de algo se quebrando emergiu da cela do tocaieiro-do-areal. O animal havia destruído o vidro usando as pinças. O taxidermista nanico correu para trás e tropeçou na mangueira que bombeava o solvente que dissolvia a pele dos prisioneiros. Ele aterrissou de costas no chão, e seus vários controles remotos espalharam-se pelo piso.

Agora libertado, o tocaieiro-do-areal abria e fechava as pinças ao se lançar sobre o acovardado tampinha. Os olhos grandes e arredondados do bicho giravam enquanto ele absorvia as informações visuais desconhecidas ao redor. Eva acenou com o Onipod, e o monstro de muitas pernas disparou na direção da cela da menina. Enquanto isso, o taxidermista abriu a porta e saiu do laboratório arrastando-se. A porta de correr fechou-se assim que ele saiu.

— Venha! — gritou Eva ao dar um passo para trás em sua cela. O tocaieiro-do-areal deu a volta na câmara, sondando a parede de vidro com suas vária antenas. Ela reproduziu o som gravado outra vez. — Venha me pegar!

O monstro ergueu-se, levantando as poderosas garras atrás. Mais rápido que num piscar de olhos, as paredes de vidro da cela de Eva foram estilhaçadas e a parte de cima tombou. Com a potência do golpe, Eva caiu de costas do lado de fora, batendo com tanta força no chão que até ficou sem ar. Numa fração de segundo o tocaieiro-do-areal aproximou-se, emitindo estalidos e parecendo confuso enquanto olhava para o Onipod. Eva encolheu-se, cobrindo o rosto com as mãos. Ao fazer isso, o tocaieiro bateu no Onipod, arrancando-o da mão de Eva e lançando-o longe. O aparelho deslizou pelo chão polido, cruzando o laboratório inteiro, e parou do outro lado, o tempo todo reproduzindo a voz do animal adulto. O tocaieiro-do-areal seguiu-o.



Eva deu um grito apavorado. Dois dedos de sua mão direita estavam dobrados para trás, e escorria sangue de um talho na palma, provocado pelo golpe do animal. Ela tentou vencer a dor latejante e se concentrar. Com a mão esquerda, deu um tapinha no emblema na manga da túnica.

— Há um sangramento em sua mão direita, Eva Nove — relatou a túnica. —

Qual é a natureza do ferimento?

— Eu... — Eva, no chão, contorcia-se de dor. — Eu machuquei minha mão e parece grave, grave. Acho que meus dedos estão quebrados.

— AnatoEscâner: situação de emergência ativada. Favor sincronizar o Onipod usando AMI.

Com os olhos cheios de lágrimas, Eva observou o tocaieiro-do-areal cutucando o Onipod do outro lado do laboratório.

— Isso não vai ser possível — resmungou ela.

— Puxe o punho direito da túnica e cubra o ferimento imediatamente — instruiu a túnica.

Encolhendo-se, Eva puxou o punho da roupa até cobrir a mão. O corte profundo ensopou o tecido de vermelho.

— Cola procoagulante aplicada no local do trauma, seguida de pomada CuraRápida — disse a túnica.

A climatifibra do punho liberou um líquido leitoso e o sangramento da mão de Eva cessou. O punho encharcado de sangue descosturou-se da manga, separando-se dela, e contraiu-se na pele de Eva, agindo como uma atadura para o corte na palma da mão.

— Aplicando o controle da dor — anunciou a túnica.

Eva sentiu uma picada no braço, logo abaixo do emblema. Uma agradável onda de relaxamento emanou para dentro de seu corpo, anestesiando a mão e o braço. Ela respirou fundo e concentrou-se novamente.

— Iniciando o tratamento contra inchaço nas falanges. Favor puxar o restante da manga até a ferida e restringir os movimentos — instruiu a túnica.

Eva obedeceu, sentindo uma comichão gelada quando as climatifibras em volta dos dedos quebrados ficaram frias.

— Tratamentos médicos complementares devem ser aplicados em parceria com o Onipod. Obrigado — finalizou a túnica.

Ainda tonta por causa do medicamento, Eva levantou-se com dificuldade e pegou os controles remotos do taxidermista, que estavam espalhados pelo chão, com a mão boa.

— Não vou deixar que nenhum de vocês morra — disse ela, apertando rapidamente os botões nos controles.

Celas flutuaram pelo cômodo, batendo umas nas outras; sondas foram erguidas do chão; a mangueira começou a esguichar solvente na cela vazia do tocaieiro-do-areal; luzes no teto piscaram. Por fim, um botão fez com que as paredes de todas as celas se agitassem em ondas, como membranas líquidas, permitindo que os prisioneiros rastejassem, pulassem e voassem livremente.

A atenção do tocaieiro foi desviada para os animais livres, e ele os perseguiu pelo laboratório. No meio daquela confusão, Eva esgueirou-se pelo cômodo e resgatou o Onipod antes de sair pela porta enorme, que se fechou automaticamente assim que ela passou.

Eva viu-se em um corredor escuro e grandioso, em forma de arco, como o de uma catedral. Havia portais redondos por toda a extensão, e complexos lustres em formato de água-viva iluminavam o caminho. As paredes eram sustentadas por enormes pilares segmentados, com uma textura tão orgânica que eles pareciam ter tido vida um dia. Eva estava a apenas algumas portas do laboratório quando escutou vozes vindas do outro lado do corredor.

— Por aqui! Depressa, Zim! — disse o taxidermista ao correr na direção da menina. Sua voz de matraca ecoou pelo corredor: — Precisamos deter esse espécime imediatamente. Ele não pode fugir para o museu.

Eva esgueirou-se na sombra de um portal e prendeu a respiração. Era como se estivesse brincando com Mater de esconde-esconde.

Os dois passaram correndo por ela.

— Foi aquela criatura bípede incomum. De algum modo ela chamou o tocaieiro e comandou-o — continuou o taxidermista.

— Fascinante — comentou Zim ao pararem na entrada do laboratório. — Você poderia, por favor, borrifar o cômodo antes de entrarmos? Isso fará com que tudo lá dentro fique paralisado.

Eva arriscou ser vista ao espiar de seu esconderijo.

— Eu deixei todos os controles remotos caírem, incluindo os dos guarda-pilares de emergência — explicou o taxidermista, parecendo desesperado.

— Guarda-pilares? — Zim flutuou até uma coluna localizada ao lado da entrada. — Essa, com certeza, é uma forma de eliminar o perigo.

Ele tirou do casaco um controle remoto preto, apontou-o para um dos pilares e acenou a mão curta na frente do trio de luzes no aparelho.

Eva olhou para cima. Do topo da coluna surgiram três olhos luminosos, e de dentro dela veio um som estridente.

— Siga-me, por favor — ordenou Zim, flutuando até a porta do laboratório.

Uma longa perna quadrangular deu um passo à frente, saindo da coluna, seguida por outras duas. Eva arregalou os olhos quando um autômato de seis metros de altura surgiu marchando da base do pilar no qual estivera. Linhas de pequenas luzes dentro da estranha camada que o revestia piscavam ritmadamente, a partir dos três pés em direção aos três olhos. Braços segmentados, que terminavam em garras de todos os tamanhos, estendiam-se do tronco. Eva afundou na sombra do recuo da porta, observando o guarda-pilar.

Ele parou no corredor de pé-direito alto na frente da porta do laboratório e olhou para Zim, abaixo.

— Atrás desta porta há um carnívoro selvagem fugitivo — explicou Zim ao flutuar em volta do guarda. — Preciso que entre e imobilize-o imediatamente. Use quaisquer meios que sejam necessários, entendeu?

O guarda-pilar respondeu com um som estridente enquanto Zim abria a porta. Nesse momento, uma criatura alada semelhante a um caranguejo gorjeou ao sair do laboratório voando pelo corredor. A porta fechou-se atrás do guarda-pilar depois que ele entrou.

— Isso é exagero, você não acha? — perguntou o taxidermista ao escutar o caos do outro lado da porta. — Esses recursos só devem ser usados se estivermos sendo atacados. Nós poderíamos ter apenas chamado alguns guardas reais para cuidar disso.

— Talvez, mas se aquele enorme artrópode subterrâneo for tão mortal quanto Feraptor diz, então é melhor não corrermos o risco. O guarda-pilar vai dar conta dele com muita eficiência — gorjeou Zim.

Enquanto a atenção deles estava voltada para a luta que ocorria no laboratório, Eva esgueirava-se pelo corredor.

CAPÍTULO 28: ARTEFATOS

Eva Nove descobriu que o corredor em arco era simplesmente um grande círculo do qual partiam salas misteriosas. Com um suspiro de alívio, ela conseguiu sair sem ser notada. Quando a porta se abriu, Eva deu um passo à frente e viu-se no piso superior de um enorme salão com vários andares.

O teto do Salão Nobre era parecido com o do laboratório, só que em escala muito maior. Vigas antigas entrecruzavam-se, compondo uma hipnotizante rede geométrica de sustentação para o teto arqueado e transparente. Do lado de fora, Eva avistou cartazes coloridos tremulando com a brisa da tarde, todos enfeitados com o símbolo de um olho com uma íris horizontal.

Espalhados pelo salão, seres de todas as formas, tamanhos e cores olhavam interessados para as fileiras de vitrines de exposição que margeavam as paredes listradas. A arquitetura era tão orgânica, tão magnífica e tão excepcional que por alguns instantes Eva esqueceu-se do perigo que corria e simplesmente ficou vagando por ali, absorvendo a grandeza de tudo aquilo.

Da sacada, olhou para baixo, para o piso do museu. Árvores perfeitamente preservadas da Floresta Ambulante eram exibidas no centro do salão, suas copas mais altas próximas ao andar no qual Eva se encontrava. Havia várias criaturas aladas penduradas nas vigas do teto, congeladas em pleno voo. A menina atravessou o corredor de exposição procurando um rosto, qualquer rosto na multidão, que fosse parecido com o seu. Mas tudo o que viu foram chifres, presas, bicos e focinhos.

Ela seguiu pela grande rampa, parando em cada um dos outros três andares antes de chegar ao térreo. Andando em zigue-zague pelo pesado tráfego de visitantes, Eva continuou sua busca por outro ser humano na multidão. Passou pelos gigantescos guarda-pilares, rigidamente dispostos em uma linha pelo perímetro do Salão Nobre, funcionando como grandes suportes para a construção.

— Favor tratar dos dedos fraturados imediatamente. Obrigado — lembrou-lhe a túnica.

Ao se aproximar de uma mostra impressionante da flora orboniana, Eva esgueirou-se entre os troncos grossos das árvores. Agachando-se atrás de um exemplar suspenso de árvore ambulante, verificou se estava bem escondida de todos que passavam. Com a mão sã, ativou o Onipod.

— Aqui é Eva Nove. Favor iniciar a Assistência Médica Individual — sussurrou ela. — Isto é uma emergência.

— AMI iniciada. Qual é a natureza de sua emergência? — perguntou o dispositivo.

Eva odiava ter de admitir:

— Quebrei os dedos da mão direita — disse, lembrando-se das advertências de Andrílio a respeito dos tocaieiros-do-areal.

— Favor posicionar o Onipod sobre o ferimento — pediu o aparelho.

Eva segurou o Onipod acima da mão. O olho central transformou-se em um aparelho de raios X, permitindo que ela enxergasse o interior do corpo ao mover o dispositivo. Ela viu que as primeiras falanges dos dedos mínimo e anelar estavam quebradas.

— O *digitus annularis* e o *digitus minimus* sofreram fraturas simples na região proximal. Acessando a utilitúnica PRH para o preparo de uma tala. Favor aguardar — disse o Onipod.

Eva esticou o pescoço por detrás da árvore para espiar e percebeu que no alvoroço que era o Museu Real ninguém parecia prestar qualquer atenção à menina humana escondida.

— Remova de dentro do botatênis direito a biqueira reforçada de borracha — disse o Onipod ao projetar um diagrama que mostrava como remover uma peça em formato de U guardada no bico do sapato.

Eva colocou o Onipod no chão e puxou o botatênis direito, mantendo a mão machucada o mais imóvel possível. Então, retirou a biqueira.

— Certo — disse ela. — Já tirei.

— Coloque os dedos fraturados dentro da biqueira, como indicado. — O Onipod ilustrou as instruções. Eva seguiu-as. — Remova o punho da manga esquerda da utilitúnica. — A climatifibra do punho descosturou-se, soltando-o. — Agora, amarre-o bem firme em torno da biqueira, como indicado.

Eva fez o que lhe foi pedido. Ao amarrar o tecido em torno da biqueira, que agora agia como uma tala para seus dedos, ela estremeceu, trincando os dentes.

— Imobilização completada — finalizou o Onipod. — Evite atividades que possam agravar o ferimento e mantenha o curativo limpo e seco. Use AMI para

verificar a lesão a cada vinte e quatro horas. Obrigado.

Eva calçou de novo o botatênis e colocou o Onipod no bolso. Ela saiu do esconderijo rapidamente e misturou-se à multidão de visitantes do museu.

Ao caminhar pelo térreo do Salão Nobre, descobriu que havia uma entrada de cada lado. Eva apressou o passo na direção da dos fundos, a mais próxima, e passou por um campo de pasto preservado com ursos-d'água. Ela já estava quase na entrada dos fundos quando avistou Feraptor.

Aproveitando-se de que ele estava de costas, Eva rapidamente escondeu-se atrás de um enorme aquário cheio de peixes-aranhas e ficou de lá observando-o. O caçador virou a cabeça de lado enquanto falava com outro visitante do museu, e Eva percebeu que não se tratava de Feraptor, e sim de outro dorceano. Ela suspirou aliviada e seguiu na direção oposta, para a entrada da frente, só por precaução.

Andou mais depressa ao se aproximar da porta. Sentia o calor do sol do fim de tarde irradiando pelas enormes janelas arqueadas e decoradas acima das portas amplas em formato de semicírculo. Já estava quase cruzando a entrada quando algo atraiu seu olhar.

Algo em uma das exibições.

O que atraiu sua atenção ficava no final do corredor, à sua esquerda. Eva parou na porta da frente enquanto multidões de pedestres passavam por ela. Hipnotizada, andou devagar na direção do corredor daquela mostra. Havia uma engenhoca voadora com manchas douradas pendurada no início do corredor, mas foi a vitrine iluminada sob ela, a que saudava os visitantes na entrada, que despertou seu interesse.

Um casacolete amarelo desbotado, com mangas compridas e emblemas gastos, estava exposto atrás de um vidro espesso. Além dele, havia um par de meias de lã sujas e puídas e um único pé de botatênis. Uma sequência de versões manchadas e amassadas de seu Onipod ficava ao lado. Por todo canto, legendas eram projetadas nas superfícies arredondadas de bolhas de vidro que flutuavam. Eva não sabia ler aqueles símbolos, mas se lembrou das palavras que Andrílio dissera a respeito de seu WondLa.

Vi objetos semelhantes a este no Museu Real de Consolu.

Ela adentrou na mostra, olhando fixamente para os itens expostos nas vitrines: algumas colheres enferrujadas, pilhas de tigelas trincadas, folhas de papeletrônico inoperantes, uma hololâmpada quebrada e a inconfundível cabeça de um robô revestida de borracha de silicone, havia muito, desgastada.

Eva chegou para a frente e apoiou a testa no vidro da vitrine.

Bom, isso com certeza prova, pensou ela. *Mater e eu não estávamos sozinhas*

neste planeta.

— Mas parece que agora estamos — murmurou Eva, de frente para os olhos sem vida da cabeça danificada do robô, que estava sem o topo.

Ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Sem se mexer, avistou o rosto familiar do taxidermista refletido no vidro. Com um sobressalto, deu meia-volta. A criatura atarracada abriu um sorriso de escárnio.

— Não adianta correr. Você não vai escapar — disse, com sua voz fanha.

Atrás dele havia guardas reais altos, de capacete, um de cada lado. Os dois seguravam varabuns ornamentadas e reluzentes.

* * *

O golpe do cano sólido da varabum em suas costas fez Eva entrar cambaleando no laboratório do taxidermista.

— Ai, isso dói! — reclamou, lutando para se desvencilhar das amarras.

— Ah, isso fala! — disse o taxidermista, empolgado. — Imagino que você tenha um transcodificador de voz. — Ele acenou com a cabeça para os guardas: — Revistem-na.

Um guarda alto revistou Eva e colocou os itens encontrados em uma mesa branca: o transcodificador de voz, vários controles remotos roubados, metade de uma NutriBarra e o Onipod.

Isso não é bom, pensou Eva.

— Excelente! — O taxidermista examinou o Onipod de perto, através das grossas lentes de seus óculos de proteção, virando-o com as mãos pequenas. — Guardas, muito obrigado pela ajuda. Informem ao Curador Zim que localizamos o fugitivo, por favor. Vou prepará-lo para a rainha em breve.

Ainda bem que ainda estou no alcance do transcodificador e consigo entender o que ele está dizendo.

Os guardas reais deixaram o cômodo pela porta de enrolar automática. Um caranguejo voador ainda solto saiu gorjeando de seu poleiro no alto de uma cela vazia.

Bom trabalho. O lugar ficou bem bagunçado, pensou Eva.

— Você fez uma baderna enorme aqui — disse o taxidermista ao apertar um botão no controle remoto. Uma cela vazia flutuou até o centro do cômodo. — Vai demorar um pouco para pôr tudo isto em ordem — continuou ele, pegando de volta um de seus controles roubados.

Eva olhou ao redor. Havia gosma amarelo-esverdeada salpicada por todo lado no laboratório antes imaculadamente branco. O tocaieiro-do-areal não estava à vista.

Preciso sair daqui.

— Posso entender por que Feraptor queria renegociar o pagamento do trabalho depois de capturar você — disse o taxidermista. Ele apertou outro botão e as paredes de vidro da cela agitaram-se em ondas, como uma membrana líquida. — Deve ter dado muito trabalho persegui-lo. E Feraptor gosta de uma boa perseguição, ah, se gosta.

Eva olhou nos muitos olhos do taxidermista.

— Ele destruiu minha casa. Quase me matou. Você não tem qualquer motivo para fazer isso. Deixe-me ir embora, por favor — disse ela.

— Você fala demais para um roedor sujo.

O taxidermista abafou o riso ao empurrar Eva para uma cela. Ela deslizou direto através da membrana e caiu no chão. Levantou-se com dificuldade e tentou pular para fora, mas a parede membranosa tinha se solidificado, prendendo-a. Uma haste fina elevou-se do centro do piso.

— Por favor, não faça isso! Eu não fiz nada para você! — implorou Eva, a visão embaçada pelas lágrimas que brotavam dos olhos. Seu corpo estava entorpecido por causa do remédio para a dor, mas mesmo assim ela tremia de medo.

— Você será uma ótima aquisição para nossa coleção.

O taxidermista encaixou a mangueira na base da cela de Eva e apontou o controle remoto para ela.



CAPÍTULO 29: MARCAS

— O que temos aqui? Zim passou flutuando pela porta de enrolar automática do laboratório. Atrás dele entraram vários guardas reais, seguidos por uma criatura alta muito bem-vestida.

— Curador Zim, Vossa Majestade — disse o taxidermista ao se aproximar da rainha, e beijou um dos vários pingentes pendurados em seu pescoço cheio de pregas. Ele deu uma olhada rápida na bagunça espalhada pelo laboratório, nervoso como um de seus próprios prisioneiros. — Não esperava sua visita. Estou... honrado.

A rainha anuiu com a cabeça e deslizou pelo cômodo, passando por seus guardas.

Embora ainda não houvesse sido congelada pelo vapor mortal, Eva estava paralisada de medo enquanto aguardava seu destino.

Um par de olhos da cor do arco-íris, cada um com uma pupila horizontal escura, observou a menina. O rosto translúcido e perolado era decorado com pinturas que mais pareciam arabescos. A cabeça angulosa estava envolta em uma gola dupla pregueada e adornada com uma coroa feita de fungos e liquens coloridos. Um transcodificador de voz enorme pairava acima dela, seguindo cada movimento da rainha.

— Esta é a criatura da qual lhe falei, Vossa Majestade — disse Zim, pairando ao lado dela. — Ela nos foi entregue por Feraptor, como parte de sua tarefa. Acho que pode ter ligação com os artefatos que desenterramos daquele local remoto ao sul daqui.

Ambos encaravam Eva. Perto da imponente Rainha Ojo, Zim parecia pequeno, como um passarinho voando ao redor.

— Se me permite acrescentar algo — disse o taxidermista, pigarreando —, este pequeno inseto fugiu daqui por alguns instantes. Foi capturado no Salão dos Artefatos, perto dos objetos que você mencionou, Curador Zim.

Controlando suas emoções, Eva levantou-se para encarar a rainha.

— A senhora... a senhora é a Rainha Ozo?

— Pronuncia-se “Orro" — zombou o taxidermista.

A Rainha Ojo olhou para Zim.

— O dialeto desta criatura é estranho, Vossa Majestade — disse Zim, intrigado. — Diferente de todos os que já ouvi.

— A senhora... a senhora pode me ajudar?

Eva engoliu o frio que atingia seu âmago. Os braços, amarrados à frente, tremiam até os ombros.

— Ele não deveria beijar nosso solo sagrado antes de se dirigir a Vossa Majestade? — perguntou o taxidermista, olhando para Zim à espera de corroboração.

A boca da rainha abriu-se vagarosamente, como os hologramas que Eva vira de peixes respirando na água. A voz que saiu era gutural e irregular, como uma panela de ensopado espesso prestes a transbordar durante a fervura.

— O que você é? — perguntou ela.

Eva olhou rapidamente para Zim antes de responder.

— Eu... Eu sou Eva. Eva Nove.

— Uma Eva Nove, Rainha Ojo — repetiu Zim. — Fascinante.

A rainha andou ao redor da prisioneira, analisando-a.

— Havia outros com essa criatura? — perguntou ela.

— Não que Feraptor tenha mencionado — respondeu o taxidermista, seguindo a rainha.

— Vossa Majestade — implorou Eva. — Não sei bem por que estou aqui em seu planeta. Eu cresci em paz no lar subterrâneo que seu caçador, Feraptor, destruiu. Desde então, venho tentando encontrar meu povo. — Eva dirigiu-se aos outros espectadores no laboratório, que a observavam e escutavam. — Andri e Mater... ah, e Otto, e eu. Nós estávamos vindo para cá, para Consolu, na esperança de encontrar algumas pistas. Então, se me libertar, vou poder continuar minha busca. Vou embora agora mesmo, prometo.

Eva observou que as linhas escuras que compunham os olhos da rainha mudaram de cor enquanto a ouvia com atenção. Ojo virou-se para a mesa na qual os poucos pertences de Eva estavam arrumados.

— Então *existem* outros como você? Você não está sozinha?

Eva, sem saber ao certo como responder àquela pergunta, mexeu-se para o lado, nervosa.

— Como eu? — perguntou ela, afundando na cela. — Não. Não *exatamente* como eu.

— Então você é única?

A rainha encarava a menina.

— Eu... eu não sei. — A garganta de Eva estava ficando seca. — Espero que não.

Ojo analisou a reação dela. Com os olhos brilhantes perscrutando Eva, a rainha ordenou:

— Mande chamar nosso astucioso caçador Feraptor. Gostaria de trocar algumas palavras com ele.

— Aparentemente, e para todos os efeitos, a busca impossível na qual a senhora enviou-o transformou-se em um empreendimento muito produtivo — devaneou Zim.

— Sim, de fato — comentou a rainha, que manteve o olhar em Eva por mais um instante e então se virou para sair. — Prepare esse fóssil vivo e todos os seus objetos pessoais para a exposição. Será um acréscimo de destaque ao acervo de meu museu.

O coração de Eva parou. Seu corpo todo tremia enquanto ela batia no vidro:

— Não! NÃO! Por favor! Solte-me! Por favor, não faça isso! POR FAVOR!

A Rainha Ojo saiu do cômodo como um furacão, seguida por seus guardas reais. Zim flutuou para perto da cela.

— Vamos imobilizar o espécime primeiro. Gostaria de examiná-lo detalhadamente antes que seja preparado para a exposição.

— Como desejar — consentiu o taxidermista, animado.

— Não! Por favor!

Eva soluçava ao bater com as mãos no vidro. Ela deslizou para o chão da cela, perto da haste.

Pensou na primeira vez que ouvira a música de Otto...

...em Andrílio dando-lhe uma fruta-vox...

...em Mater entoando canções de ninar ao lhe dar banho quando tinha três anos...

...em uma imagem deteriorada de um robô de mãos dadas com uma menininha e um adulto, sorrindo. Felizes. Andando em frente, para um mundo maravilhoso e lindo.

— Pare! — a voz de Zim sibilou, alta e clara como uma cigarra.

Ele aproximou-se da parede da cela e examinou o braço esquerdo de Eva.

Seu pulso.

A marca em seu pulso.

Um círculo contido em outro.

— Onde você recebeu este glifo? — perguntou Zim, os pequenos olhos piscando.

Eva afastou o braço da parede da cela.

— Alguém me deu. Mas por que eu deveria lhe contar?

Ao enxugar as lágrimas, ela percebeu que Zim estava confuso. Ele zumbia pelo laboratório, falando consigo mesmo. O taxidermista também reparou essa mudança de comportamento.

— Deseja que eu prossiga, Curador? — perguntou.

— Não! — respondeu Zim, flutuando de volta até a cela. — Não. Preciso de uma análise viva desta espécie Eva Nove. Sim. Por favor, faça com que seja levado imediatamente para meu gabinete... Não. Melhor: solte o espécime agora, e eu o acompanharei pessoalmente até meu gabinete.

— Perdão, senhor — disse o taxidermista, o controle remoto apontado para a cela —, mas a rainha acabou de ordenar...

— Sim, sim — disse Zim, rapidamente. — Eu assumirei toda a responsabilidade e informarei a Sua Majestade as mudanças que pedi em relação às ordens dela quanto ao futuro deste exemplar.

— Como queira.

O taxidermista apertou outro botão, em outro controle. A haste na cela de Eva afundou novamente no chão e as paredes voltaram a parecer a membrana de uma água-viva. Eva saiu num pulo. Com os olhos vermelhos e o nariz escorrendo, ela encarou Zim e perguntou:

— E agora?

Ele pegou os pertences dela, incluindo o Onipod.

— Agora, você vai me acompanhar, Eva Nove.



CAPÍTULO 30: ESPERANÇA

— Antes de prosseguirmos, preciso que garanta que respeitará meu gabinete — disse Zim, flutuando pelo corredor mal-iluminado.

Eles se aproximaram de uma porta idêntica à que levava ao laboratório do taxidermista.

— Dê sua palavra, Eva Nove: nada de truques.

— Está bem — disse Eva, feliz por estar longe daquele laboratório horrível. — Não vou destruir seu gabinete. Você tem minha palavra.

— Muito bem — respondeu Zim, passando uma das mãos acima do olho central da porta, que deslizou e abriu-se. — Pode entrar.

— Vou lhe contar tudo sobre o glifo, mas antes de continuarmos... — Eva parou à porta, olhando o curador de cima a baixo — ...prometa que vai me ajudar a sair daqui.

— Ajudarei em sua libertação dentro do que for possível — respondeu Zim, cruzando os braços. — Tem minha palavra.

Eva assentiu com a cabeça e entrou no grandioso aposento de Zim. O cômodo com teto abobadado de vidro estava sombrio, enquanto o crepúsculo pintava de azul-escuro o mundo do lado de fora. Ornamentos gigantes com formato de tulipa circundavam a área de trabalho, com vários puxadores de gaveta em forma de losango. Uma mesa redonda baixa e ampla ocupava o centro do gabinete e estava coberta de plantas em miniatura, animais conservados em vidros, artefatos e muitas ferramentas. Logo acima, um lustre impressionante, que pendia do teto de treliça, lembrava a Eva uma estrela-do-mar encurvada, e cada pequena perna emitia um brilho igual ao da luz de velas.

— Por favor, permita-me remover isso — disse Zim, cortando as amarras de Eva. — Isso é uma *Morrenia laquem*, ou cordel-de-tensão, como é popularmente conhecida. — Ele colocou na mesa de trabalho as cordas que a prendiam. — É uma planta nativa, cujas hastes contraem-se naturalmente quando alguém tenta se libertar delas. Uma defesa inteligente contra prováveis herbívoros.

Eva massageou os pulsos no local em que o cordel-de-tensão estivera amarrado.

— É, eu percebi — comentou, pensando no momento em que Feraptor içara ela e Andri pelos pés.

— Agora já deve estar claro que não tenho intenção de machucá-la. — Zim pairou em frente a Eva, olhando para as marcas em seu pulso. — Então, elucide para mim a existência deste glifo misterioso. Diga-me, como você o adquiriu?

— Primeiro, responda-me uma dúvida — rebateu Eva, com o dedo em riste apontado para a criatura. — Por que você mata todos os seres que captura e depois os exibe em vitrines?

— Eu? — replicou Zim, parecendo ofendido. — *Eu* não elimino nenhuma forma de vida. Essa responsabilidade é do taxidermista. Minha função é adquirir conhecimento pela observação e pelo estudo. Somente assim é possível compreender de verdade um organismo.

— Como você pode entender uma coisa matando-a?

A menina afastava-se dele.

— É verdade, Eva Nove, ela morre, mas se torna representante, um expoente da espécie. — Os olhos de Zim brilharam quando ele flutuou pelo gabinete sob o céu escuro e nublado que se estendia do lado de fora. Ele prosseguiu: — É possível adquirir uma vasta gama de conhecimento simplesmente extraindo nossas camadas externas e examinando o que há no interior. Talvez você suponha que haja uma constante... ou um esquema, se preferir, válido para o que existe na parte interna de todo organismo vivo, independentemente de seu formato e ambiente. Mas sua teoria estaria equivocada. Não existem constantes, só variáveis, e ainda assim todos os organismos se esforçam para alcançar um objetivo comum.

— E que objetivo é esse? — perguntou Eva, olhando para a coleção de plantas e animais na mesa de Zim.

— Entender isso, Eva Nove, é entender um dos maiores mistérios do universo: por que estamos aqui?

Zim flutuou para perto dela com um olhar de autossatisfação no rosto arredondado.

— Mas você não poderia simplesmente perguntar? Falar sobre isso?

Eva abriu uma gaveta. Estava cheia de transcodificadores de voz. Ela pegou um e começou a falar sozinha:

— Há tanto mais a ganhar quando se convida o outro a entrar.

— O que você disse? — perguntou Zim, planando até ela.

— Nada. — Ela virou-se para ele. — Tenho certeza de que o urso-d’água que

você matou poderia ter lhe fornecido mais informações se você tivesse apenas perguntado.

— Não seja ridícula — disse Zim, fechando a gaveta. — Essas criaturas comunicam-se por meios primitivos, relacionados à socialização da manada, ao cuidado com os filhos e à reprodução. Já estudei várias formas de vida homólogas em muitos planetas similares.

— Você está errado. Eles falam — respondeu Eva, colocando a mão no quadril. — Eu tenho um urso-d'água de estimação chamado Otto e ele fala comigo o tempo todo.

— O que você está dizendo é uma bobagem sem precedentes.

Zim estava com seus muitos braços cruzados.

Eva passeou ao lado da mesa ampla.

— Bem, e o que me diz disto: se você *me* matasse e tirasse minha pele, jamais saberia onde e como obtive esta marca nem quem colocou isso em mim — retorquiu ela.

Zim desceu na frente de Eva, baixando também o tom de voz.

— Chega de joguinhos, Eva Nove. Preciso saber do paradeiro do indivíduo que colocou esse glifo em você.

— Por quê? — Ela também cruzou os braços.

— Por quê? Não vou satisfazer sua curiosidade. Simplesmente...

— Diga o porquê — interrompeu-o Eva. — E diga-me onde conseguiu o casacolete, os Onipods e os outros objetos... Só então eu conto.

— Casaco... lete? Onipods? São esses os nomes daqueles artefatos expostos na coleção do museu? — perguntou Zim.

— Quero saber onde você achou todos eles — disse Eva.

— Só se você contar primeiro. — A voz trinada de Zim aumentou de volume.

Eva não disse nada.

— Se você não colaborar, Eva Nove — ameaçou Zim, sacudindo um dedo curto no rosto da menina —, serei forçado a devolvê-la para o laboratório do taxidermista.

Eva engoliu em seco, controlando-se para não dar de ombros.

— Siga em frente. Faça isso.

Zim flutuou a apenas alguns centímetros do rosto de Eva. Ela viu que sua pele cor de marfim era coberta por uma penugem branca e fina, mais parecida com um pêssego que com a textura de cogumelo que Arius tinha.

Ela prendeu a respiração e manteve-se firme.

— Ah, está bem — disse Zim.

Ele piscou, virando-se de costas, e flutuou até a porta. Com um aceno, um mecanismo interno a trancou. Ele ainda estava de costas quando Eva deu um peteleco no sistema de monitoração do AnatoEscâner em sua túnica e procurou pelo Onipod. Estava na mesa lotada, junto com os outros objetos de Zim. Ela caminhou na direção deles.

— Você sabe o significado do símbolo que foi inscrito em você?

Zim subia e descia perto de Eva, que deu de ombros.

— Há várias interpretações — explicou ele, flutuando em volta da menina. — O círculo contido em um círculo. Pode significar “renascimento" ou “redespertar", como uma gema incubando dentro da casca de um ovo.

Eva descruzou os braços e olhou para a marca.

— Também pode ser interpretado como “um mundo contido em outro" ou “mundo escondido". — Zim parou na frente dela. — Isso é, caso você acredite em tais superstições. Se acreditar, então, só o tempo revelará o verdadeiro significado dele para você.

Eva observou enquanto Zim pegava sua mão. Ele passou os pequenos dedos pela marca e disse, em tom solene:

— É também a marca de alguém que conheço. Você se encontrou com minha irmã Arius. Uma irmã com quem não falo há muito tempo.

Eva continuou a escutar.

Zim suspirou.

— Sabe, somos quatro irmãos. Tenho um irmão e duas irmãs. Nós chegamos a este planeta há muitos séculos, convidados pessoalmente por Sua Majestade, o Rei Ojo, para acompanhá-lo na viagem até aqui, Orbona.

Eva pegou a NutriBarra da mesa e abriu a embalagem.

— Ele é o marido da Rainha Ojo? — perguntou ela.

— É o pai da Rainha Ojo — respondeu Zim. — Dizer que eu estava entusiasmado para viajar até aqui é pouco. Eu anseio pelas descobertas e esclarecimentos obtidos por meio da aventura em territórios desconhecidos. Depois que chegamos e começamos a construção da cidade, porém, surgiram... complicações.

Eva sentou-se no tampo da mesa, perto de seus pertences, com as pernas cruzadas. Deu uma mordida na barra cor de aveia.

— Complicações? — perguntou ela. — De que tipo?

Zim baixou o tom de voz.

— Principalmente com minha irmã Darius, que detestou este lugar. Assim que aterrissamos aqui, ela foi constantemente aterrorizada por visões do passado brutal e violento daqui... e que ela tentou bloquear. Mesmo assim, era

bombardeada por memórias macabras à noite, nos sonhos, e de dia, durante as meditações. Depois de algum tempo, saiu à procura de um refúgio. Um prado, um lago, uma montanha que tivesse um passado pacífico... um lugar tranquilo.

Zim flutuou perto do chão, como uma folha caindo.

— Ela isolou-se do restante de nós. E nunca mais ouvi falar dela.

Eva arqueou a sobrancelha.

— Mas eu não conheci Daria.

— Darius — Zim corrigiu-a, a voz gentil. — Não. Você conheceu Arius. Darius morreu sob circunstâncias suspeitas há algum tempo.

— Oh, não — disse Eva, largando a NutriBarra na mesa. — Sinto muito.

— Naturalmente, meu irmão e minha outra irmã ficaram tristes — disse Zim, flutuando para cima, para perto do teto de vidro. — Queriam encontrá-la e partir de Orbona logo em seguida.

Eva ficou observando enquanto ele olhava para o céu noturno.

— Mas você não queria, certo? — perguntou ela.

— Tinha dado minha palavra para a família Ojo de que permaneceria aqui como conselheiro. Não podia renegar minhas responsabilidades com eles, ou comigo mesmo. — Zim olhava para fora, imóvel. — Minha família abandonou-me, eles deixaram de falar comigo. — Havia um quê de ressentimento em sua voz. — Eles não conseguiam entender as pressões que eu sofria.

— Mas eles são seus irmãos — disse Eva, falando sério. — Você tem ideia de como tem sorte em *ter* um irmão e irmãs?

— Sorte não tem nada a ver com isso, Eva Nove — disse Zim, fungando. Ele flutuou de volta para perto dela. — Mas, do mesmo modo que você sugeriu que eu fizesse com o tardígrado, preciso falar com eles. Começando por Arius.

— Por quê? — quis saber Eva, inclinando-se para a frente, curiosa.

— Estou intrigado com as circunstâncias da morte de minha irmã. Mas isso não é de sua conta. — Claramente Zim estava perdendo a paciência. — Então, agora, diga-me. Onde Arius mora?

— Você vai até lá se encontrar com ela? — perguntou Eva, imaginando o que os alcioneus pensariam ao ver outra criatura como Arius flutuando pela cidade.

— Não saio da segurança desta área desde que me estabeleci aqui — respondeu Zim. — Mas sinto que chegou a hora. Preciso ver minha irmã.

— Ela previu meu futuro — disse Eva, olhando para a marca em sua pele.

— Ela previu? — Zim sorriu. — Você consegue se lembrar de alguma das divagações dela?

Eva fechou os olhos, concentrando-se nas palavras que Arius proferira.

— Ela disse algo a respeito de ser mantida em cativeiro.

A menina manteve os olhos fechados, tentando recordar o restante da previsão.

— Isso poderia muito bem ser em Consolu. — Zim coçava o queixo, pensativo. — Você, definitivamente, foi mantida aqui *contra* a sua vontade.

Um *flash* de memória cruzou a mente de Eva.

— Espere aí! Ela falou algo sobre um irmão que me colocaria em meu caminho... Talvez seja você!

Zim virou-se para Eva.

— Talvez seja. Que *caminho* você procura, Eva Nove?

Eva pensou no WondLa. Era apenas um fragmento de um objeto frágil e insignificante comparado a todos os itens no Museu Real. Mas, ainda assim, era *seu* fragmento. Ela o encontrara. Alguém o deixara lá para que ela o encontrasse.

— Quero saber onde estão todos os humanos. Meu povo. — Eva sentia um vigor renovado. — Vi todos aqueles objetos na exposição. De onde vieram?

— Existe um local remoto, a considerável distância daqui. Ouvi dizer que é preciso cruzar um deserto imenso e traiçoeiro para chegar a esse lugar amaldiçoado. Os poucos objetos que temos aqui foram obtidos com enorme esforço. Muitos exploradores aventuram-se por aquelas terras desoladas, mas poucos retornam. Entretanto, os que conseguem, descrevem os vestígios de tirar o fôlego de uma civilização antiga, enterrados na areia — disse Zim, inspecionando um garfo enferrujado.

Eva teve outro *flash* de memória.

Areia.

— Nas areias do tempo, a ninfa encontrará a resposta para a pergunta que atormenta sua alma — recitou ela.

Eva encarou Zim por um instante, processando aquele pensamento.

— Preciso ir até essa cidade antiga — disse Eva, encaixando as peças do quebra-cabeça na mente.

— E, de acordo com Arius, sou eu quem vai ajudar você — respondeu Zim.

— É lá que vou encontrar meu povo! — Eva estava exultante.

— Eu teria cautela com suas deduções, Eva Nove. — Zim flutuou para o alto, até chegar em frente a uma das gavetas superiores, e abriu-a. — Eu presumiria que seu “povo", como você diz, esteve lá em algum momento. Porém, com base nos itens que desenterramos, é provável que isso tenha acontecido em um passado muito remoto.

— Mas eles poderiam estar vivendo no subsolo, como eu.

Eva catou o Onipod e suas outras coisas e colocou-as nos bolsos.

— O lugar está em ruínas, Eva. Já vi isso muitas vezes. As civilizações não conseguem prosperar por muito tempo sem se destruir — disse Zim enquanto vasculhava a gaveta.

— Mas eu preciso ir — disse Eva, pulando da mesa. — Preciso tirar essa dúvida.

Zim planou de volta até ela. Em uma das mãos, segurava um cristal lapidado em forma de cubo, enquanto outra mão amarrava linhas coloridas nele. Quando terminou, Zim fez um laço amplo com as linhas, criando um colar, e colocou-o no pescoço de Eva.

— Isso lhe revelará o lugar para onde quer ir. Você só precisa deixar a luz entrar nele — instruiu Zim.

Eva pegou o cristal, estreitando as pálpebras ao observar como era fosco.

— Obrigada, Zim — disse ela, olhando para cima, para a criatura.

— De nada.

Seus pequenos olhos iluminaram-se enquanto ele a observava.

— Sua irmã está em Lacus. Ela mora em uma cabana pequena no nível mais alto da segunda torre, a partir do litoral.

Zim balançou a cabeça afirmativamente, agradecido.

— Espero que você a encontre e que vocês se entendam — disse Eva, fazendo o mesmo gesto com a cabeça. E pensou em Mater.

— Seja cautelosa, Eva Nove. — Zim cruzou seus vários braços. — Por que, na melhor das hipóteses, a esperança é amiga da onça.



CAPÍTULO 31: TUDO BEM

Eva enroscou-se debaixo de um cobertor grosso dentro de uma das gavetas grandes, no gabinete de Zim. A criatura que lembrava um gnomo tinha saído para informar à Rainha Ojo que ficaria “observando” Eva na esperança de aprender mais sobre sua misteriosa espécie.

Com o cômodo vazio e na penumbra, Eva tentou contatar Mater. Não tinha certeza de como Zim reagiria ao vê-la se comunicando com a robô, então esperou até ficar sozinha. Para alegria de Eva, já havia uma mensagem no Onipod.

“Eva, querida” disse a cabeça de Mater, pairando acima do dispositivo, “estou ilesa no momento. Feraptor capturou-me sobre a água, deixando o pobre sr. Kitt e Otto para trás. Fui, então, levada para um acampamento bem no interior da floresta, onde o terrível brutamontes manteve-me amarrada a uma árvore, ao lado de vários outros animais que ele capturara.” A estática causava interferência na mensagem enquanto a robô prosseguia: “De onde Feraptor estava, parecia se comunicar com alguém, mas não consegui descobrir quem seria. Não quis arriscar contatá-la do acampamento, pois tive medo de que ele descobrisse que você está bem. Porém, no momento, estou em uma rede pendurada no planador dele e, pelas paisagens que avistei, indo na direção de Consolu. Não sei quando chegaremos, nem qual será meu destino. Talvez você já o saiba. Mas espero que, mesmo assim, eu fique aí com você. Seja forte, minha querida."

— Fim da mensagem — completou o Onipod.

— Você pode contatar Mater, por favor? — sussurrou Eva para o Onipod.

— Tentativa de conexão de voz com a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis... — sussurrou o aparelho em resposta.

Eva espiou da cama improvisada. Ainda estava sozinha.

— Lamento, Eva Nove — disse o Onipod. — Estou sofrendo interferência proveniente da localização atual de Mater. Sugiro uma nova tentativa daqui a alguns instantes.

— Ela está bem?

Eva olhava fixamente para o olho central iluminado.

— Muito provavelmente — respondeu ele. — Sua última transmissão foi feita sobre as águas e havia considerável atividade elétrica na atmosfera. É o que deve estar interferindo em nossa tentativa de conexão agora.

— Certo.

A menina exalou num suspiro o estresse daquele dia. Ela olhou para a mão ferida. Sentia uma dor latejante acima das articulações dos dedos quebrados, mas eles estavam imobilizados, protegidos pela tala improvisada. A atadura na palma da mão havia endurecido por causa da cola e do sangue secos. Em breve teria de retirar o curativo e limpar o ferimento.

Mater poderá me ajudar, pensou ela. *Será perfeito. Feraptor vai trazê-la para cá. Vou convencer Zim a libertá-la e nós iremos para a cidade antiga, onde encontraremos outros humanos e viveremos felizes para sempre.*

Exausta, Eva puxou o cobertor para cobrir a cabeça e caiu em um sono profundo.

* * *

A luz do sol atravessou o teto abobadado de vidro e iluminou o rosto de Eva. Bocejando, ela espreguiçou-se e saiu engatinhando da cama-gaveta. Logo percebeu que o Onipod estava emitindo sons para atrair sua atenção. Deu uma olhada em volta, pelo cômodo. Nenhum sinal de Zim.

— Aqui é Eva Nove — disse ela. — Prossiga.

— Bom dia, Eva Nove — respondeu o aparelho. — Acompanhei o progresso de Mater zero-seis durante a noite, permitindo que você descansasse.

— Onde ela está agora? — perguntou Eva, calçando os botatênis.

— Neste edifício, no local em que você esteve aprisionada — relatou o Onipod.

— A sala de taxidermia!

Eva pegou o cobertor grosso, cobriu a cabeça como se fosse um capuz e saiu do gabinete de Zim.

O corredor que levava para o laboratório do taxidermista ficava perto. Mesmo assim, Eva manteve a cabeça baixa e andou com firmeza, temendo ser descoberta. Chegou à entrada do laboratório e aproximou o ouvido da porta fechada.

— Com certeza, há alguém falando lá dentro — murmurou para si mesma.

Mas quem?, pensou. *Se Feraptor estiver lá dentro, estou perdida.*

— Você consegue captar os sons dentro deste cômodo? — Eva sussurrou ao Onipod.

— Sim — respondeu o dispositivo. — Encoste o Onipod na parede e o ouvido nele.

Uma imagem 3-D animada ilustrou as instruções.

— Entendi — disse Eva, olhando para o corredor vazio enquanto apoiava o aparelho na parede.

— ...não entendi direito o que você quer que eu faça agora — dizia o taxidermista. — Já tentei a eutanásia habitual, mas não surtiu qualquer efeito. E isso não fala uma língua universal, portanto, não tenho nem ideia do que está dizendo.

— Hum — murmurou Zim lá dentro. — Feraptor vai encontrar-se com Sua Majestade e relatar o que sabe exatamente a respeito dessa dupla. Acho surpreendente o fato de uma raça antiga ter conseguido sobreviver em circunstâncias tão desfavoráveis.

— Isso é verdade — comentou o taxidermista. — O outro ainda está sob sua custódia? Não causou estragos por lá como fez aqui?

— De maneira alguma. — A voz de Zim era confiante. — Nós conversamos sobre a sociedade primitiva daquele ser ontem à noite, mas ele estava cansado, provavelmente sofrendo os efeitos do processo de aclimatação a este local. Espero poder descobrir mais antes de o prepararmos para a exposição.

Eva fez uma careta.

— Vamos preparar esses outros espécimes que foram entregues — ordenou Zim.

— Como desejar, Curador — respondeu o taxidermista. — E a máquina orgânica?

— É uma descoberta magnífica. — Havia entusiasmo na voz de Zim. — Um objeto bruto, porém ainda em funcionamento, fabricado por mãos extintas. Não vejo a hora de desmontá-la completamente para descobrir como funciona.

Ele está falando de Mater!

— Hora de sair daqui. Todos nós — disse Eva.

A menina colocou a mão no bolso da túnica e tirou de lá o controle remoto do guarda-pilar de Zim.

Dei sorte por ele não ter visto quando peguei este controle ao recuperar o Onipod, pensou ela. Apontando-o para o guarda-pilar mais próximo, Eva balançou a mão na frente das três luzes. Os olhos do guarda imenso se abriram,

focalizando a menina, e ele fez uma reverência.

— Siga-me — ordenou ela — e faça o que eu disser.

Eva abriu a grande porta circular do laboratório.

— Eva Nove! — Os olhinhos de Zim até aumentaram, tamanha foi sua surpresa. — O que é isso?

O guarda-pilar gigante deu um passo atrás dela.

— De novo, não! — gemeu o taxidermista, correndo para se esconder.

No meio do cômodo havia uma cela com um robô.

— Mater!

Eva ficou aliviada ao ver que a robô estava ilesa. Ela percorreu os olhos pelo laboratório à procura do taxidermista escondido. Avistou seu corpo atarracado atrás de uma cela cheia de insetos voejantes e dirigiu-se a ele:

— Liberte a robô, senão o guarda-pilar começará a destruição.

— Eva Nove — disse Zim, aproximando-se de Eva. — Esta não é a melhor maneira de lidar...

— Agora! — gritou Eva.

O taxidermista apontou um controle remoto para a cela de Mater, e as paredes desapareceram. A robô girou o corpo e se juntou a Eva.

— Venha, vamos embora! — disse a menina, mantendo o olhar fixo em Zim ao sair do laboratório para o corredor.

O guarda-pilar seguiu-a, e a grande porta fechou-se atrás deles.

— Tranque a porta! — ordenou ela para o guarda-pilar.

O gigante afundou uma de suas garras na porta, deformando-a de um jeito que não seria possível abri-la novamente.

— Você está bem? — virou-se Eva para Mater.

— Sim, querida! E você? — A robô abraçou-a. — Estou tão feliz em vê-la! — Ela parou, observando Eva com um olhar crítico. — Ah, querida! O que houve com sua mão?

— Não se preocupe, Mater. Vou ficar bem — respondeu Eva, timidamente. — Pelo menos dessa vez me lembrei da AMI.



CAPÍTULO 32: O PEIXE-DOURADO

— Temos de correr! Siga-me! — disse Eva, disparando pelo corredor. — E use isto aqui!

Ela jogou para Mater um transcodificador de voz, furtado do gabinete de Zim. A robô ativou-o e acelerou o passo atrás de Eva, com o guarda-pilar seguindo-as de perto. Logo após terem dobrado a curva, depararam com um pelotão de guardas reais. Confrontados por um guarda-pilar livre, um deles gritou:

— Peçam reforço!

Eva apontou para o guarda real, com o controle remoto em punho.

— Guarda-pilar, abra caminho! — ordenou ela.

O autômato gigante soltou um balido baixo quando passou por Eva e Mater, balançando os braços compridos e segmentados. Alguns guardas reais foram lançados na parede enquanto outros recuaram pelo corredor.

Em poucos instantes Eva e Mater chegaram em frente à porta que levava para o último andar do Salão Nobre. Eva olhou para trás. Zim surgia a uma distância segura, segurando outro controle remoto, e o taxidermista escondendo-se a seu lado.

— Você prometeu que não iria destruir este lugar — disse Zim, alarmado.

— Você disse que me ajudaria a fugir — disse Eva sarcasticamente.

Ela virou-se e atravessou a porta correndo com Mater. O guarda--pilar seguiu-as.

No último andar, os visitantes fugiam do guarda-pilar. Eva olhou para a rampa que levava até as saídas. Um pelotão inteiro de guardas reais subia, com varabuns em punho.

— Bem, aquele caminho está bloqueado — murmurou Eva, sacando o Onipod. — Aqui é Eva Nove. Você consegue ver se há outro modo de sair daqui?

— Saudações, Eva Nove. Radar explorando a estrutura superficial — gorjeou

o dispositivo. — O processamento pode levar alguns minutos. Por favor, aguarde.

— Não temos tempo!

Eva viu que os guardas do palácio estavam quase chegando ao último andar.

— Há algum outro caminho que nos leve até lá embaixo? — perguntou Mater ao analisar a área imediatamente ao redor delas.

— Não, a menos que pulemos — disse Eva, espiando o andar de baixo pela sacada. Ela olhou para trás, para o guarda-pilar, e ordenou: — Segure-nos com cuidado e pule para o andar térreo, por favor.

O guarda-pilar ergueu a menina e a robô, pulou por cima do guarda-corpo e aterrissou com firmeza apoiando-se em suas três pernas. O pouso sobre os ursos-d'água em exposição derrubou os espécimes gigantescos e aumentou a confusão entre os visitantes.

Ele colocou Eva e Mater no chão, ao lado de seu pé. Eva ouviu os guardas no último andar virando-se e indo para a rampa.

— Vamos! — gritou ela, agarrando Mater pela mão e guiando-a até a porta dos fundos.

Elas abriram caminho através da multidão de espectadores e seguiram para a saída do museu. Ao se aproximarem da porta, Eva avistou um grupo de reforço de guardas reais vindo do lado de fora e deu meia-volta.

— Por aqui! — berrou a menina, arrastando Mater por entre as pernas do guarda-pilar.

Enquanto elas corriam para a porta da frente, Eva observou que o pelotão estava no térreo, e aproximando-se delas.

— Não sei se esta é a melhor opção, Eva — disse Mater deslizando ao lado dela, a toda velocidade, sua voz podendo ser ouvida acima do ruído de seu motor.

— Estamos quase saindo! — exclamou Eva.

O guarda-pilar gigante as seguia. Eles já estavam quase atravessando a entrada principal do Salão Nobre quando Eva olhou de soslaio para o casacolete à mostra na sala de exposições. Ela hesitou... Em poucos segundos estariam colocando os pés do lado de fora da porta.

Em alguns minutos estariam além dos limites do poder real.

E em alguns instantes estariam ocultas, misturadas aos milhares de cidadãos extraorbonianos em Consolu.

Zim surgiu bem à frente de Eva e Mater.

— Você já foi longe demais, Eva Nove — disse ele, acenando com outro controle remoto de guarda-pilar. — Tenho ordens da rainha para detê-las e levá-

las para interrogatório. Por favor, desative o guarda-pilar e entregue-me o controle remoto.

A cabeça de Mater girou, analisando a situação. Guardas reais aproximavam-se, vindo de todas as direções.

— Perdão, senhor — disse ela —, mas minha filha e eu somos livres para ir aonde quer que nós...

— Não se dê o trabalho. Ele não passa de um mentiroso — disse Eva, encarando Zim. — Você mentiu para mim!

— Eu não menti — disse Zim com firmeza enquanto cruzava seus muitos braços. — Eu disse que faria o possível. E isso significou requisitar sua soltura a Sua Majestade, mas ela negou meu pedido. Sinto muito.

— Também sinto muito — disse Eva, encarando-o com os olhos semicerrados.

Do lado de fora, hordas de guardas reais subiam os degraus que levavam até a entrada principal do museu, varabuns sônicas em punho. Ela ouviu o barulho dos sapatos no chão encerado dos outros guardas que se aproximavam por trás. Sem se virar, deduziu que eles estavam na metade do corredor.

— Não faça isso, Eva — disse Zim. — Você deve render-se.

— Guarda-pilar — ordenou Eva —, pegue o controle de Zim.

Os olhos de Zim se arregalaram de pavor e ele bateu em retirada, esquivando-se da mão enorme e cheia de garras do guarda-pilar. Flutuando pelo Salão Nobre, Zim ativou os outros guarda-pilares, ordenando-lhes que capturassem a robô e a menina e desativassem o guarda-pilar delas.

Eva observou as enormes figuras esculpidas nos pilares abrirem os olhos luminosos e ganharem vida.

Ao desencaixarem os gigantescos corpos de suas bases, os guarda-pilares encheram o Salão Nobre com seus balidos. Deram um primeiro passo sincronizado. Os visitantes que ainda permaneciam no museu entraram em pânico e correram em todas as direções. Os guardas reais espalharam-se em meio à confusão, tentando dispersar os autômatos. Os gigantes marcharam para o centro do museu, estraçalhando tudo o que havia no caminho.

Mater sondou o caos.

— Não há saída, Eva — disse ela.

— Vamos! Por aqui!

Eva empurrou Mater na direção do Salão dos Artefatos. Os guarda-pilares mais próximos perseguiram-nas, passaram por cima das duas e giraram o corpo para bloquear o caminho.

Eva e Mater correram por entre as pernas dos gigantes. Um dos guarda-pilares

esticou o braço para pegar Eva, mas sua enorme garra errou o alvo e afundou no chão ladrilhado. Para driblar as garras quebradas, Eva soltou a mão de Mater, lançou-se para trás do guarda-pilar e escondeu-se atrás da vitrine do casacolete.

O autômato gigante deu meia-volta, tentando localizar sua presa, e esbarrou na máquina voadora suspensa. A engenhoca balançou nas vigas como um brinquedo pendurado. Os cabos que a prendiam se romperam um a um, e ela caiu em cima da vitrine perto de Eva.

Quando Eva saiu de debaixo dos escombros, percebeu que o casacolete amarelo da exposição estava agora caído no chão, perto dela, de baixo dos cacos de vidro.

— Casaco — anunciou o Onipod, ainda pendendo do pulso de Eva, e exibiu o holograma correspondente. — Vestimenta projetada para ser usada na porção superior do corpo. O comprimento pode ir até o quadril ou até a cintura. No século XIX, costumava ser chamado de “casaca". No final do século XXI, com a invenção da climatifibra, que revolucionou a indústria da moda, foram criados novos modelos bastante populares, como o casacolete sem manga. Devo prosseguir?

Eva levantou bem a tempo de ver um guarda-pilar avançar em sua direção. Ela disparou pelo corredor da mostra, mas aquele trecho curto simplesmente dava a volta, reconectando-se ao salão principal. Deu uma espiada na máquina voadora caída sobre a vitrine.

— Aerobarco modelo S cinco-trinta e um, também conhecido como Peixe-dourado — disse o Onipod. — Esse veículo, comumente chamado de “flutuboador", foi muito popular no...

— Isso funciona? — Eva teve de gritar por causa de todo aquele barulho.

Ela engatinhou por baixo de uma vitrine cheia de brinquedos e bonecos encardidos do Cuti-cuti, apontando o Onipod para o aerobarco.

— Enviando transmissão para o veículo e analisando dados. Favor aguardar — respondeu o Onipod.

Um guarda-pilar ergueu uma vitrine e atirou-a do outro lado do museu, procurando Eva.

— Depressa!

Eva levantou-se com dificuldade e partiu como um raio na direção de Mater.

Um pé gigantesco desceu em uma vitrine localizada entre as duas, causando uma explosão de vidro e metal.

Enquanto Eva tentava desvencilhar-se dos destroços, uma imensa mão com garras abaixou perto dela, trazendo um controle remoto. Ela olhou para cima e percebeu que seu guarda-pilar havia conseguido cumprir sua tarefa.

Eva examinou a cena de destruição no museu. Não havia qualquer sinal de Zim.

— Destrua o controle remoto — disse Eva, sorrindo.

O aparelho foi esmigalhado pela mão enorme e terrível do guarda-pilar.

Os outros guarda-pilares ativados começaram a deslocar-se sem controle, enlouquecidos e sem rumo, destruindo tudo o que havia ao redor.

Eva olhou para cima, para os três olhos luminosos do guarda.

— Você está livre — disse ela. — Não está mais sob o comando de ninguém. Entendeu? Agora vá!

O guarda-pilar ficou de pé, soltou um balido e saiu do Salão Nobre, quebrando o vidro da entrada principal.

— Atrás dele! — Eva ouviu um dos guardas reais gritar. — O restante de vocês, tirem todos daqui e desativem esses malditos guarda-pilares!

Eva seguiu rapidamente em meio a uma horda de visitantes apressados e então esgueirou-se para trás de uma vitrine alta que continha uma coleção de placas de sinalização enferrujadas. Ela apontou o Onipod para o aerobarco caído.

Um guarda-pilar correu na direção de Eva, pisando em vários guardas reais ao cruzar o museu.

— Abatam os guarda-pilares! Abatam os guarda-pilares! — gritou um dos guardas, sua voz sendo ouvida apesar de todo o barulho ao redor.

Com suas armas sônicas, os soldados da guarda real abriram fogo contra os autômatos gigantes.

O guarda-pilar que se aproximava rapidamente de Eva recebeu a primeira rajada. Uma de suas pernas explodiu em vários pedaços, e ele tombou para trás. Destroços voaram para todos os lados quando o gigante caiu, enchendo o salão do museu com uma densa nuvem de poeira.

— O aerobarco S cinco-trinta e um está ligado, embora funcionando com apenas quarenta e nove por cento de sua capacidade — relatou o Onipod. — Gostaria de consultar o manual do usuário?

— Sim!

Eva correu pela poeira, pegando Mater no caminho. Ela empurrou a robô na direção do aerobarco, entregando o Onipod na mão dela.

— Preciso que consulte o manual do usuário agora! — gritou a menina.

Eva pisou em uma vitrine esmagada e seguiu para o pequeno aerobarco. Subiu no veículo empoeirado e escorregou para o interior da cabine. O formato da nave fazia jus a seu apelido, pois ela realmente parecia um peixe-dourado voador. Havia dois bancos de couro rasgados na parte da frente da carroceria dourada cheia de mossas e uma série de barbatanas e estabilizadores projetava-se da

cauda.

— Chegue para lá. Eu piloto — disse Mater ao embarcar no Peixe-dourado segurando o Onipod firmemente.

Mesmo com toda aquela poeira, Eva viu luzes piscando rapidamente na robô e no Onipod. Com uma das mãos livres, Mater segurou o manche do veículo. Uma terceira mão forçou a abertura de uma escotilha no painel e puxou alguns fios dali.

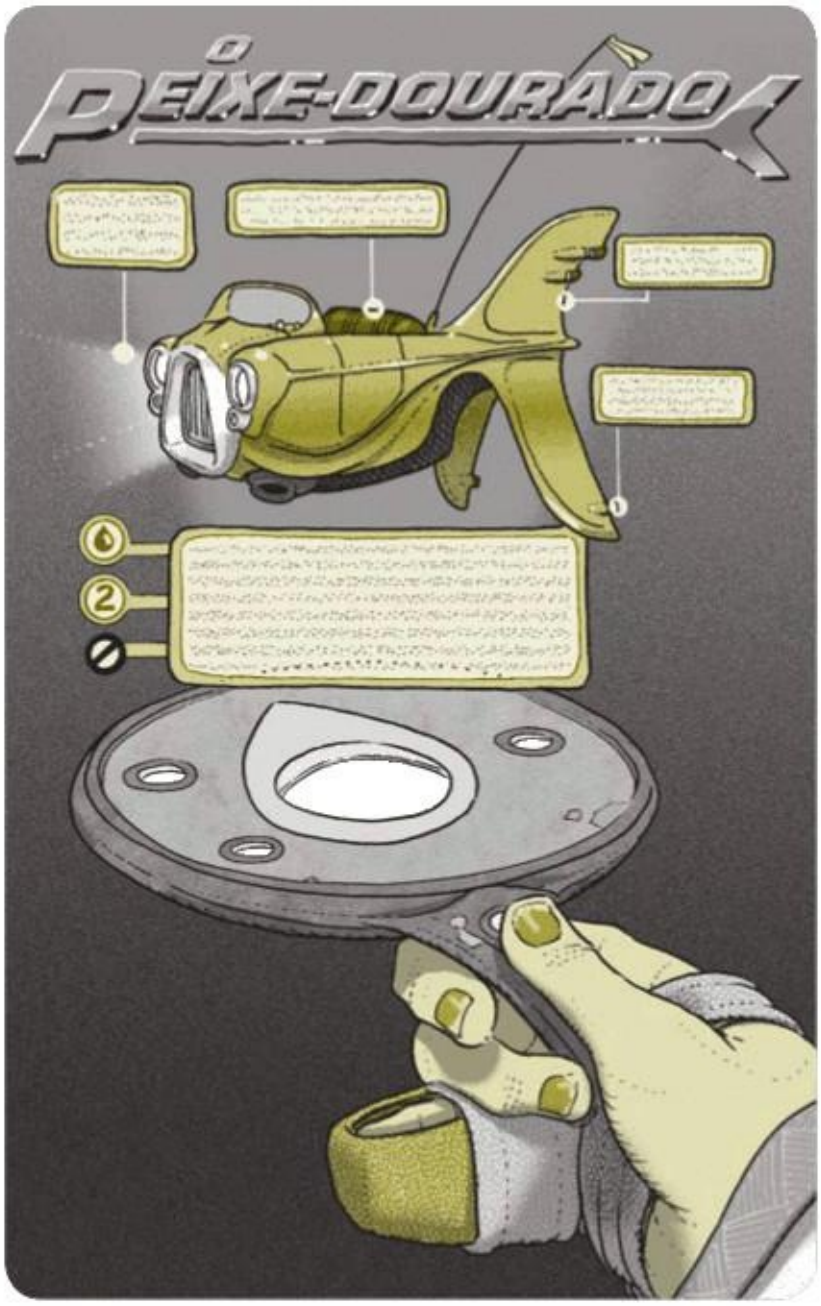
— Primeiro, tenho de dar uma pequena carga elétrica nele — disse Mater calmamente, enquanto conectava um fio a seu corpo.

Um pelotão de guardas reais passou correndo por elas, ignorando Eva e atirando no guarda-pilar que estava destruindo todas as vitrines na direção delas.

— Você precisa apressar-se — disse Eva quando uma perna gigante esmagou um esqueleto da exibição.

— Mais alguns segundos. Só estou com três braços operantes — disse Mater, apertando um botão no painel de controle, o que fez com que uma música começasse a sair dos alto-falantes. Ela desligou o som e apertou mais botões com enorme agilidade.

— Não sei se isso vai dar certo, Eva. Já faz uma eternidade que esta máquina não voa — disse ela.



Os guardas do palácio explodiram o guarda-pilar que ia ao encontro deles, desintegrando sua cabeça. O gigante decapitado girou sem controle, atingiu outro guarda-pilar e fez com que ambos tombassem para a frente, na direção do aerobarco.

— Você *realmente* tem de fazer isto andar AGORA!

Eva começou a bater no painel de controle quando a sombra do gigante em queda as cobriu.

— Consegui! — gritou Mater.

O Peixe-dourado fez barulho, como se estivesse engasgando, e uma lista holográfica tremeluziu no para-brisa. O veículo subiu mais ou menos um metro acima dos escombros e começou a mover-se, arrastando uma cauda-barbatana solta atrás. O guarda-pilar enorme caiu no rastro de poeira deixado pelo aerobarco. O impacto da queda foi tamanho que todo o museu tremeu.

Mater deu meia-volta com o veículo e seguiu para a entrada dos fundos. Ela pilotou com precisão através da multidão de guardas reais, que naquele momento estavam concentrados em abater os guarda-pilares restantes no caos.

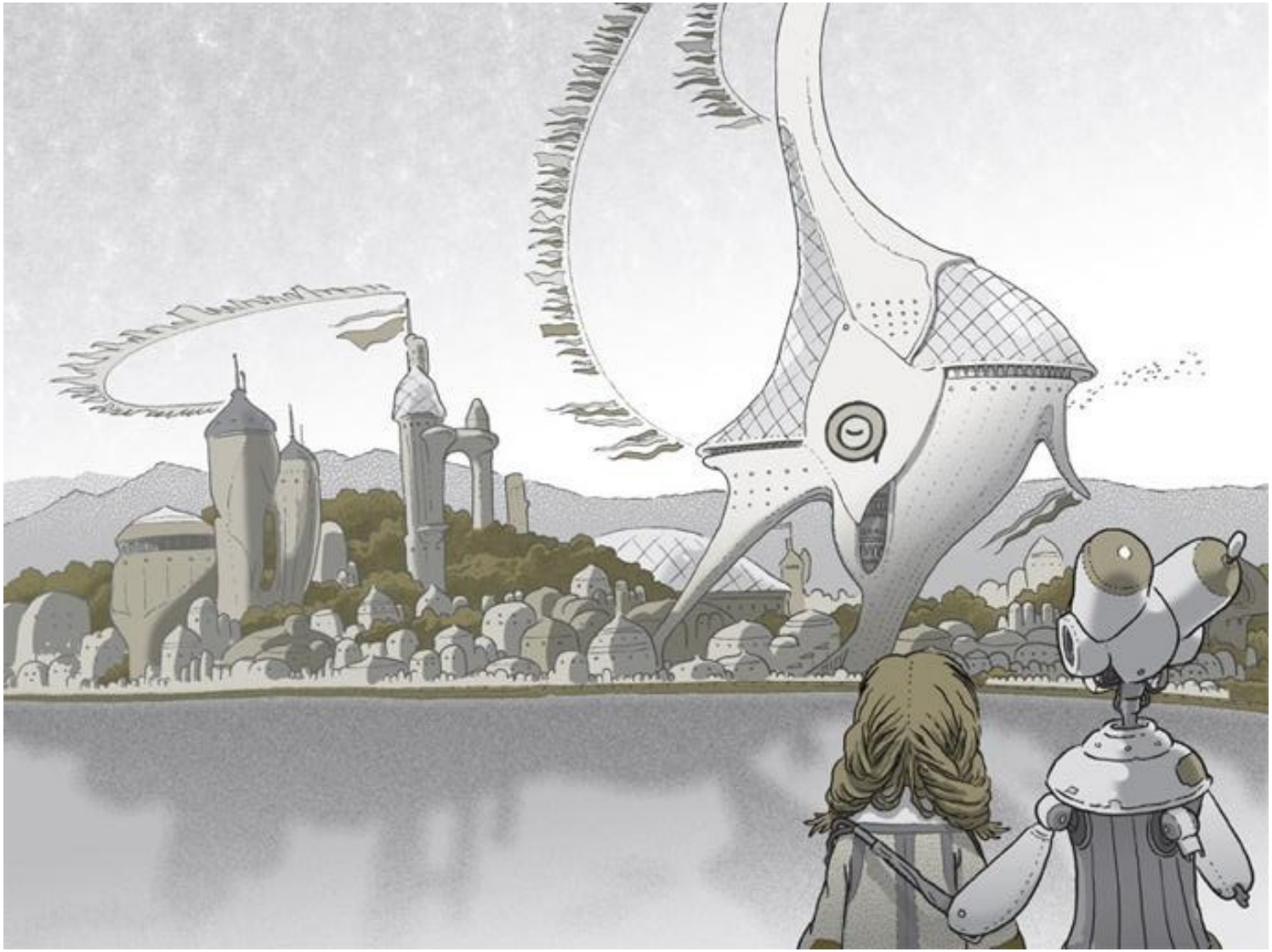
Seguindo a toda velocidade em direção aos jardins reais, Mater pilotou o Peixe-dourado defeituoso por entre espectadores, árvores e arbustos, deixando pelo caminho uma trilha de galhos e folhas caídos.

— Nível de combustível baixo — anunciou o veículo com uma voz quase incompreensível. — Por favor, pare e abasteça imediatamente.

— Está brincando? — disse Eva, olhando por cima do ombro.

Parecia que ninguém estava seguindo as duas.

— Este veículo funciona à base de água — disse Mater. Ela se esforçava para conduzi-lo, compensando o leme danificado da cauda, e guiou o veículo por um jardim de criaturas tubulares. — No momento, ele está puxando minha energia. Espero que possamos chegar a um local seguro para reabastecê-lo logo. Vamos torcer para que permaneça intacto por tempo suficiente para *nos levar* a um local seguro.



CAPÍTULO 33: ENCONTRO

Os habitantes saíam da frente quando o velho aerobarco manobrava pelas ruas movimentadas de Consolu. As ruas e calçadas estavam lotadas de seres de todos os tipos: cocheiros guiando grandes animais de carga emplumados em meio a multidões de pedestres, crianças voando em patinetes e pedindo moedas ao lado do Peixe-dourado e um ou outro comerciante em aerobarcos flutuantes vendendo toda e qualquer coisa que se imaginasse. Eva Nove achou aquilo fascinante.

Mesmo tendo acabado de escapar de um exército de guarda-pilares altíssimos e destruído o Museu Real, ela queria juntar-se aos cidadãos locais e conhecer cada recanto da cidade... mas sabia que aquilo não seria possível.

Quando o Peixe-dourado atravessou um beco sinuoso, afastando-se cada vez mais dos domínios reais, Eva reparou que as moradias passaram de grandes e fantásticas para bem simples, parecendo cabaças enormes com janelas e portas entalhadas. Ela olhou para a vizinhança silenciosa, ignorando os olhares curiosos dos eventuais passantes.

— Ninguém nos segue. Acho que estamos a salvo — disse, por fim.

— Graças às estrelas — respondeu Mater, e diminuiu a velocidade do Peixe-dourado. Ele voava devagar, a menos de um metro do chão, sacudindo e engasgando como a antiga máquina que era. — Essa lata-velha está quase acabando com minhas reservas de energia. Vamos procurar uma fonte de água e reabastecê-lo.

— Espere aqui — disse Eva, saltando do veículo.

Ela abordou um pedestre que parecia um coelho sem pelo, com braços curtos e que pulava em três pernas de pau. Eva levantou a mão, com a palma virada para a frente, como vira Andrílio fazer:

— Saudações — disse ela.

O pedestre com cara de coelho reduziu o passo, olhando para Eva com seus muitos olhos arredondados enquanto passava por ela.

— Será que você poderia nos dizer onde encontrar um pouco de água, por favor? — perguntou Eva em alto e bom som.

O pedestre passou por ela apressado e seguiu seu caminho.

— O quê? Ei, espere!

A menina virou-se e olhou para Mater.

— Ele é zó um menzageiro — disse uma voz do outro lado da rua. — Zó pode falar com zeu deztinatário.

Uma criatura grotesca e corpulenta com caroços na face andou até Eva. À frente de grandes olhos cor de mostarda, papadas azul-cobalto pendiam nas laterais de seu focinho e dente protuberante. O casaco pesado e elegante estava desbotado e puído e se arrastava no chão, escondendo a maior parte do corpo.

— Nomez Caruncle — disse a criatura, olhando para Eva. — Vozê eztá procurandoz zo porto?

— Hum, sim — disse Eva. — Seria ótimo achar o porto.

Ela sentiu-se pouco à vontade diante daquela criatura robusta. Ele tinha um cheiro azedo, como se tivesse mergulhado naquela bebida repugnante que Andrílio carregava para todo lado.

— Bem, éz logo aliz — disse Caruncle, fazendo um gesto com o braço retorcido e atrofiado.

— Certo. Obrigada, Carnucle.

A menina andou depressa na direção do Peixe-dourado.

— Caruncle — corrigiu ele. — Zuau! Vozê tenz uma máchina voadora? Vozê que a construiuz? Nunca vi nada parecidoz com eze modelo. Comoz vozê conseguiuz izo?

Eva entrou no veículo ao lado de Mater, que deu meia-volta com o aerobarco indo na direção apontada por Caruncle.

— Obrigada mais uma vez por nos indicar o caminho — repetiu Eva.

— E piloto autômatoz, também? — Caruncle apontou para Mater. — Ninguém em Consoluz tem ezaz coisaz além daz rainha. Vozê é uma rainha? Uma prinzeza?

— Não, sou apenas humana. — Eva acenou enquanto o aerobarco levantava voo. — Tchau!

— Vozê roubouz ele! Tenho zertezas! — gritou Caruncle atrás delas. — Zeu zeegredo está a zalfo comigo, Apenaz Humana!

* * *

— Está quase pronto — disse Mater, jogando água do lago no tanque de combustível do Peixe-dourado.

Elas estavam estacionadas em um estaleiro precário na periferia da cidade. Eva olhou para uma construção alta a distância, um espigão gracioso que se destacava acima de todo o restante.

— Aquele deve ser o palácio — disse ela, protegendo os olhos do sol com as mãos e analisando os detalhes daquela arquitetura de outro mundo.

Mater deslizou para perto dela.

— É uma maravilha — disse.

— O castelo? — Eva suspirou, lembrando seu encontro não tão maravilhoso assim com a Rainha Ojo. — É, acho que sim.

— Não, Eva. — Mater tirou a franja de Eva da frente de seus olhos. — É uma maravilha estar de novo com você.

— Também estou feliz por estarmos juntas — disse Eva, abraçando a robô.

A menina sentiu o calor que emanava do tronco reluzente de Mater e irradiava por seus dedos com ponta de borracha de silicone.

— Como está sua mão? — perguntou Mater. — O que aconteceu com ela?

Eva mostrou o machucado para a robô.

— Tive um pequeno desentendimento com um tocaieiro-do-areal. Quase não foi nada. Mas, mesmo assim, eu levei a pior.

— O curativo está benfeito — observou Mater. — Mas é provável que você fique com uma cicatriz. Vamos limpá-lo assim que chegarmos ao lugar para onde estamos indo.

— Para onde estamos ido? — perguntou Eva. — Não recebemos nenhuma resposta à transmissão de emergência enviada ao Santuário cinquenta e um.

— Vamos descansar em algum lugar e bolar um plano. Mas não aqui — disse Mater, apontando para as docas deterioradas e em seguida deslizando de volta para o Peixe-dourado. — Ainda podemos usar isso, mas não creio que nosso veículo de fuga consiga nos levar muito mais longe.

— Quando falei com Zim, sabe, o cara baixinho e flutuante — disse Eva ao pular para dentro do veículo —, ele me disse que havia um lugar de onde eles vinham desenterrando coisas... como este aerobarco.

— Muito bem. — Mater anuiu com a cabeça. — Esse poderia ser um bom lugar para procurar pistas.

— É, poderia — respondeu Eva —, mas ele disse que é muito longe. Cruzando um deserto. Um deserto bastante traiçoeiro.

— Sei. — Mater piscou, processando a informação. — Bem, talvez eu consiga consertar este aerobarco o suficiente para que nos leve até lá. Mas vou precisar

de tempo, e não temos mantimentos para você nem suprimentos para o Peixe-dourado.

Eva suspirou.

— Eu sei, mas acho que se não sairmos logo de Consolu...

Uma voz flutuou para dentro de sua mente.

Você. Mim. Encontrar.

Eva arregalou os olhos.

— É Otto!

— Otto? — Mater percorreu os arredores com os olhos, procurando o urso-d'água. — Não o vejo.

— Ele não está aqui — disse Eva, fechando os olhos e tentando concentrar-se. — Mas também não está muito longe — completou. Ainda concentrada, ela apontou: — Vá por ali. Pelo litoral e de volta à cidade.

Mantendo os olhos fechados, Eva guiou Mater pelos becos estreitos e sinuosos da cidade, que logo se transformaram em caminhos simples que levavam a uma miscelânea de campos de liquens e silos de sementes. Todas as trilhas sumiram quando a terra tornou-se mais seca e erodida, virando por fim um terreno desolado, grandioso e vasto em tons de cinza.

— Ali! — exclamou Eva, abrindo os olhos e apontando.

Mater guiou o veículo para o local indicado por Eva, perto de uma única árvore ambulante. Embaixo dela estava a forma inconfundível de um urso-d'água, assobiando à sombra. Antes que Mater pudesse parar o veículo, Eva saltou e correu até o amigo couraçado.

A salvo. Pequenina. De volta.

— Ah, Otto! — Eva estendeu as mãos e abraçou seu rosto, sentindo o bem-estar familiar que sua presença trazia. Sorrindo, ela deslizou os dedos delicados pela carapaça áspera do animal: — Obrigada, Otto. Obrigada por vir até aqui por minha causa — sussurrou ela.

— Eva Nove — veio uma voz de trás do tronco da árvore. — Minha companheira de viagem. Minha solucionadora de enigmas. — Uma criatura azul e esguia pulou de uma das plataformas folhosas da árvore. — Meu espírito alegra-se em vê-la viva e bem.

— Andri! — gritou Eva, e foi até seu amigo para dar um abraço apertado nele. — Estou tão feliz por você estar aqui! Estava preocupada com você. — Ela olhou-o de cima a baixo. — Sua cor... está mais viva. Você parece bem. Mais saudável.

— Obrigado — disse Andrílio, abraçando Eva.

— Você está aqui para se despedir, não está? — perguntou ela.

— Achei que fosse hora de partir — respondeu ele —, mas você e sua mãe claramente precisam de *alguém* que as mantenha longe de encrenca, não é mesmo?

Eva olhou para o rosto sorridente dele e sorriu também.

— Então vou acompanhá-las um pouco mais — acrescentou Andrílio. — Quero ver aonde sua jornada a levará, quer dizer, se não se importar.

— Não me importo nem um pouco.

Eva sorria.

— Otto, sr. Kitt — disse Mater ao deslizar para a frente. — Estou feliz por terem conseguido escapar.

— Você também, Mãe Robô. — Andrílio colocou uma das mãos no ombro de Mater. — Então, digam: como vocês duas conseguiram escapar de Feraptor?

Mater abriu um sorriso.

— Eva me salvou.

Andrílio anuiu com a cabeça.

— A mim também.

Otto emitiu um silvo, concordando.

Com os olhos marejados, Eva ficou parada, olhando para eles.

— Vocês também me salvaram.

— Ah, antes que eu esqueça — disse Andrílio, andando até Otto. — Seus pertences.

Ele devolveu a Eva o casacolete e a bolsa. Ela deu uma espiada na bolsa e viu que tudo estava lá dentro, exatamente como deixara, inclusive o WondLa. Passou os dedos nele e sorriu para Andri.

— Obrigada — murmurou.

— Sem problemas — disse ele, baixinho. — Embora eu presuma que, enquanto esteve aprisionada, não tenha tido sorte na busca por pistas sobre o paradeiro de seu clã.

— Na verdade, tive sim — disse Eva, recostando-se na lateral encouraçada de Otto. — Fica do outro lado de um grande deserto. Há uma cidade antiga por lá.

— As... as Terras Desoladas? — Andrílio estava de queixo caído. Ele apontou para a planície cinzenta que se estendia atrás deles. — É aqui. Nós estamos no limite dela.

Eva deu um passo à frente, saindo da sombra da árvore ambulante. Um terreno estéril e interminável estendia-se na direção do horizonte sob o sol do meio-dia. Não havia uma árvore sequer à vista, nem qualquer outro ser vivo, pelo menos até onde sua visão alcançava.

— Muitos já viajaram por essa terra desolada — disse Andrílio, em pé ao lado dela. — Muitos desapareceram. É uma área perigosa.

— Precisaremos encontrar comida e água, Eva. — Mater deslizou para o outro lado da menina. — O suficiente para você, para o sr. Kitt, para Otto e para a nave.

Andri olhou fixamente para a planície estéril.

— Vocês podem usar as provisões que eu juntei.

— Precisamos de coordenadas — continuou Mater. — Não creio que o radar do Onipod tenha o alcance necessário.

— A Mãe Robô está certa — concordou Andrílio. — Se não soubermos para onde estamos indo, caminharemos para a morte.



— Nós sabemos para onde estamos indo — disse Eva, e puxou o cristal que lhe fora dado por Zim e que pendia de seu pescoço. — Nós vamos encontrar a resposta para o enigma.

— Um guia de luz? Muito bem — cantarolou Andri, olhando para o cristal

cúbico. — Bom, então, estou pronto. Vamos encontrar seu WondLa, Eva Nove.

Otto aconchegou o focinho na mão de Eva.

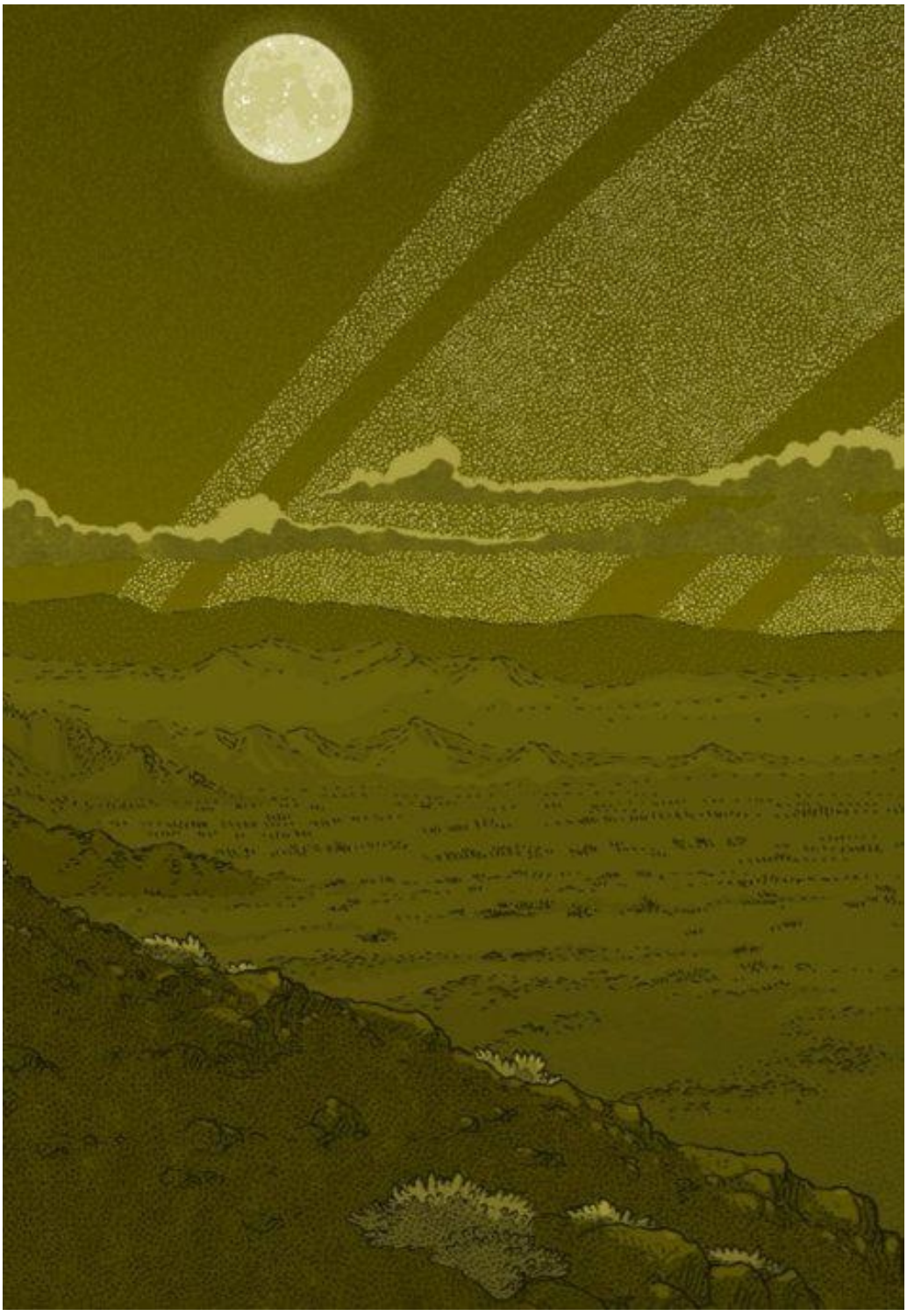
— Otto falou que também está pronto — disse Eva, olhando para Mater.

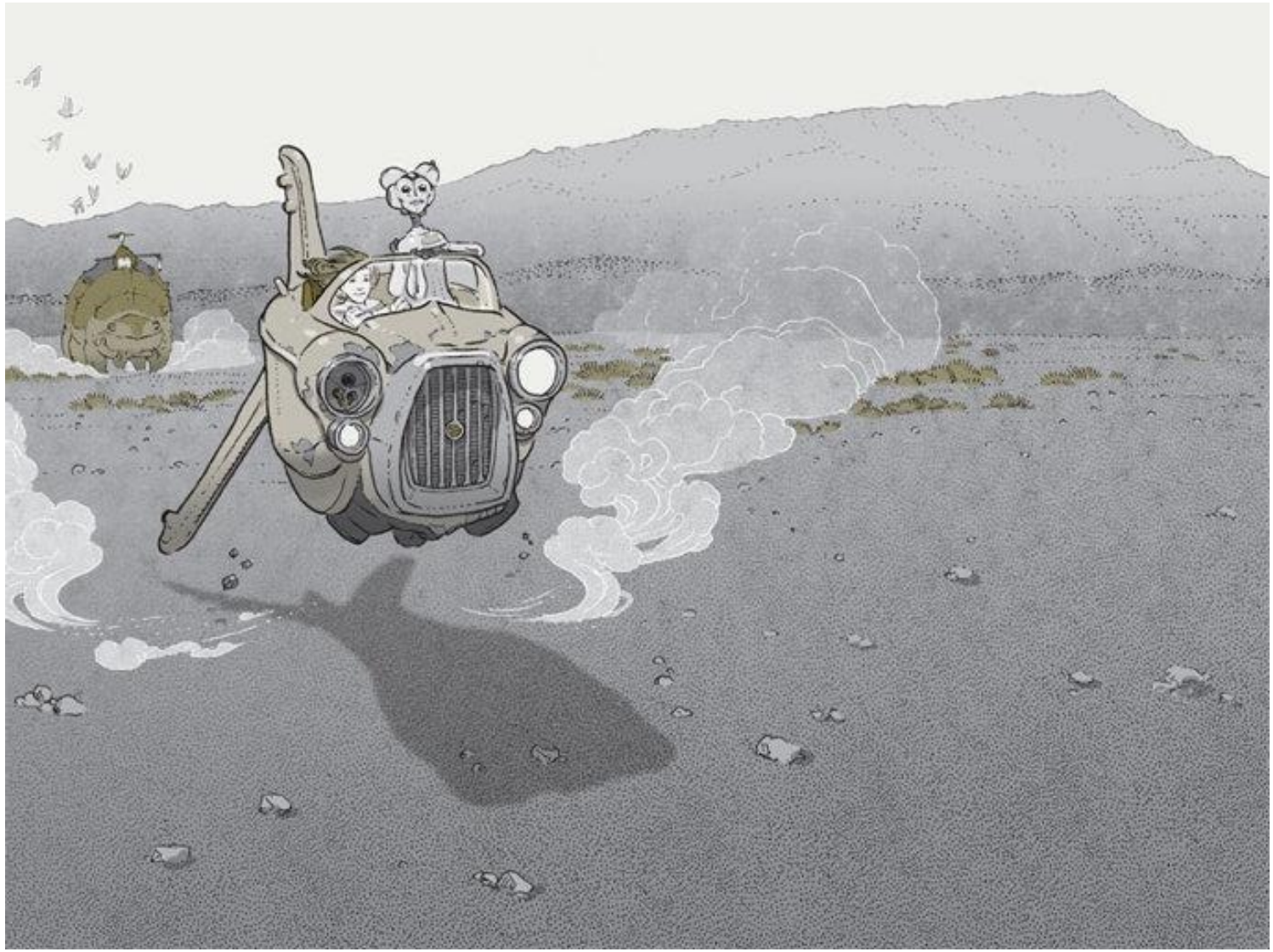
A robô desviou o olhar do vasto mar de areia e encarou a menina.

— Estou à sua disposição, Eva. Vá na frente.

Final da

PARTE III





CAPÍTULO 34: GRANDE MIGRAÇÃO

Um vento quente soprava rajadas de poeira pelo escuro terreno árido quando o grupo partiu. Andrílio ia montado em Otto, usando o guia de luz para indicar o caminho, enquanto Eva e Mater seguiam no Peixe-dourado. Eva estava recostada no banco, com os pés apoiados no painel de controle, olhando para o céu da tarde. Ela observava pedaços de azul-claro começarem a tomar o lugar das nuvens cinzentas que cobriam a atmosfera. Mesmo ainda sendo dia, avistou uma meia-lua distante, espiando-os lá de cima através da cobertura de nuvens, sua face cheia de crateras.

Eles seguiram por dunas em forma de crescente durante várias horas e pararam para reabastecer perto de uma cordilheira rochosa. Suada e nauseada, Eva saiu do Peixe-dourado e subiu nas costas de Otto. Sentou-se ao lado de Andrílio enquanto o urso-d'água seguia viagem, suas sombras estendendo-se pelas dunas.

— Está se sentindo melhor? — perguntou o amigo, olhando para o deserto sem-fim que se estendia à frente deles. — Sua cor voltou ao normal. Você parece estar bem agora.

Eva tomou um gole de Ener-G-suco.

— Pois é. Mater disse que fiquei enjoada por causa do balanço da nave. — Ela olhava para a robô que pilotava o veículo ao lado do urso-d'água. — Acho que ela está mais feliz em me ver aqui em cima de Otto, de qualquer modo. Pode parecer divertido andar naquele aerobarco, mas na verdade ele é só uma banheira velha.

— Não sou muito de confiar em máquinas — disse Andri, dando uma olhada no veículo. — Elas são sempre limitadas pelas mãos que as construíram.

Eva observou Mater no comando do Peixe-dourado.

— Eu só queria encontrar as mãos de uma pessoa que tenha construído *qualquer coisa.*

— Já conheceu alguém como você?

Andri parecia à vontade na sela improvisada com mantas e colchonetes.

— Não.

Os olhos de Eva perscrutaram a sombria paisagem.

— Então me diga, Eva: quem construiu sua casa? — Seu companheiro de viagem cutucou um dos dentes claros com a unha enquanto acompanhava o movimento das nuvens com o olhar. — Quem construiu a Mãe Robô?

Eva tinha ingerido sua bebida toda.

— Eu... eu não sei, na verdade. Vi escrita em objetos no Santuário a frase “Feito pela Dinastas Empreendimentos", mas Mater disse que não sabia do que se tratava. Só sabia que eu era muito especial. Que eu fazia parte de uma “visão futurística de mundo para a humanidade".

— O que isso significa? — perguntou Andrílio, olhando para Eva de soslaio.

A menina balançou a cabeça negativamente, sentindo que estava corada. Sentindo-se burra.

— Não sei.

— Bem, talvez estejamos perto de descobrir — disse ele, colocando a mão no ombro dela, num gesto de encorajamento. — Vamos chegar lá em uns dois dias, se eu tiver calculado a distância corretamente.

Eva assentiu.

— Certo.

Eles seguiram em silêncio por algum tempo enquanto o sol alaranjado afundava a oeste atrás deles. Com o céu agora escuro, Otto começou a emitir uma série de uivos graves e melodiosos.

— O que há, garoto? — perguntou Andri, dando tapinhas de leve no beemote.

— Está sentindo a presença de outros como ele. — Eva ficou de pé para analisar os arredores em meio ao lusco-fusco. — É a manada dele.

De algum lugar a distância, levado por correntes de ar peculiares, o coro de ursos-d’água flutuava e dançava no crepúsculo.

— Pelo som, parece que estão a nordeste — disse Andri, pegando a luneta. — Mas não vejo qualquer sinal deles. Devem estar bem longe.

— Otto está contando a eles sobre nós... sobre Feraptor.

Eva olhou para baixo, e a expressão em seu rosto foi tomada de pesar.

— E em seu canto ele fala sobre a perda de sua companheira.

— Isso é incrível — disse Andrílio, passando os dedos calejados nas placas encouraçadas de Otto. — Vi e ouvi muitas vezes esses tardígrados durante minhas viagens, mas sempre pensei neles como simples feras. Nunca imaginei que fossem tão interligados.

— Assim como a floresta, certo?

A menina sentou-se de novo.

Andri olhou para o céu.

— É, Eva Nove, assim como a floresta. Assim como tudo.

De repente, eles ouviram um ruído de algo engasgando. Eva olhou para baixo e viu o Peixe-dourado descer devagar e cair na areia fina e quente.

— Bem, acho que é o fim — disse Mater, soltando um suspiro eletrônico enquanto saía do aerobarco quebrado. — Apesar dos ajustes que fiz, Eva, não sei se poderemos seguir muito mais com esta máquina. O óleo hidráulico está vazando da cauda-barbatana, e só estou piorando a situação forçando-a a voar. A sujeira e a poeira estão entupindo os cabos da direção.

— Vamos descansar aqui esta noite, se pudermos — disse Andrílio. Ele então apontou para um amontoado de rochas arredondadas e cobertas de liquens semienterradas nas dunas. — Aquelas pedras ali na frente parecem ser um lugar seguro para acamparmos.

Ele saltou para o chão com suas pernas arqueadas para trás.

— Venha, Mãe Robô. Vou guiá-las a pé.

— Tenha cuidado, Andri! — disse Eva. — Otto falou que a manada viu o que eles chamam de mordedores de túnel, os tocaieiros-do-areal, por aqui.

— Viram? Bem, eu confio na palavra deles. — Andri começou a bater no solo arenoso com a bengala. — Avise se vir algo daí de cima.

Eva ficou de pé nas costas de Otto e correu os olhos pela linha do horizonte, em todas as direções.

— Não há sinal deles — anunciou. — Acho que estamos seguros aqui.

— Que bom.

Andrílio parou.

— Eva, Mãe Robô, vamos empurrar o aerobarco para o acampamento. Podemos vir a precisar dele.

Depois de rebocarem o Peixe-dourado até a enorme formação rochosa, Eva e Andrílio montaram acampamento no topo da maior rocha do conjunto. Aninhada logo abaixo, Mater continuou com o Peixe-dourado enquanto o Onipod lhe dava instruções para consertar o leme da cauda e a barbatana estabilizadora. Otto ficou ao lado da robô, removendo os liquens das rochas lapidadas pelo vento e lambendo a umidade.

Sentado na pedra alta coberta de musgos, Andri tirou da mochila um colchonete de tecido e desenrolou-o.

— Enfim a maioria das nuvens dissipou-se — observou ele. — Pode ser que nesta noite consigamos ver os anéis de Orbona.

— Anéis?

Eva olhava para o alto.

O vento frio do deserto balançou seu cabelo, fazendo a franja cair nos olhos. Com a chegada da noite, ela já não se sentia desconfortável por estar ao ar livre em um espaço tão vasto.

— Isso. — Andrílio pegava os lampiões na mochila superlotada. — Orbona é rodeada por um conjunto consideravelmente grande de anéis, formados por poeira e fragmentos de asteroides.

— Há quanto tempo eles estão aqui? Os anéis?

Eva analisava as nuvens escuras que vagavam no horizonte.

— Logo depois que Consolu foi fundada, descobriu-se que um enorme asteroide estava em rota de colisão direta com Orbona — explicou Andrílio enquanto acendia os lampiões. — A família Ojo utilizou uma arma sônica imensa, muito parecida com uma varabum, para desintegrar o asteroide a uma distância segura de nossa atmosfera. Com o tempo, os fragmentos começaram a orbitar o planeta, formando os anéis.

— Você viu isso acontecer? — perguntou Eva.

— Ah, não — respondeu ele. — Isso foi muito antes de eu sair do ovo. Mas ainda há registros disso em meu clã.

— Onde eles vivem? Seu clã...

Eva fixou o olhar no brilho do lampião que Andrílio lhe entregava. Deu uma espiada em Mater, que estava trabalhando no Peixe-dourado sob a pálida luz azul do Onipod. Com o sol tendo se posto havia muito tempo, o frio da noite entranhava na terra. Eva podia sentir as climatifibras da túnica e do casacolete aquecendo-a.

— Os cæruleanos, o meu clã, vivem a uma distância considerável daqui. Chegaram a Orbona muitas gerações antes de eu sair do ovo, durante o que ficou conhecido como a Grande Migração. Eles viajaram muitos anos-luz em uma nave cheia de passageiros, guiados pelo grande Rei Ojo — contou Andri enquanto passava um colchonete e uma manta para Eva.

— De onde eles vieram? — A menina levantou-se e desenrolou o colchonete. — Por que vieram para cá?

— Eles vieram de vários mundos, a maioria carregando só alguns pertences nas costas. A xamã de nossa aldeia era apenas uma ninfa quando chegou aqui, trazendo apenas um colar de sua mãe e o pé decepado de seu pai, um guerreiro assassinado.

Andri acendeu outro lampião. Ele encontrou a bolsinha de sementes e ofereceu algumas para Eva.



— Mas por que este lugar?

Eva pegou as sementes e jogou-as na boca. As cascas abriram-se assim que tocaram sua língua úmida, e de dentro delas saíram várias sementes menores, que tinham sabor amendoado. Eva cuspiu as cascas externas, como vira o amigo fazer, e colocou mais uma porção na boca.

— Muitos fugiam de planetas castigados pela guerra e que estavam à beira da destruição. — A voz de Andrílio estava distante e absorta em lembranças. — Sabe, a família Ojo tinha a habilidade de *redespertar* planetas mortos, tirá-los do torpor da hibernação. Eles escolheram Orbona por causa do clima e pela grande distância que nos separaria de nossos mundos... e de nosso passado.

Eva lembrou-se da pintura no teto da casa de Anfítria. O olho pintado no nariz da nave tinha o formato dos olhos da Rainha Ojo.

— Oih-ah! Olhe! — Andri apontou para o céu. — Ali estão eles. Dá para ver até o anel mais externo e mais tênue.

As nuvens escuras moviam-se como um rebanho colossal afastando-se das estrelas e revelando um arco brilhante que atravessava o céu. Eva seguiu o anel celestial com o olhar até o horizonte, onde o deserto escuro desaparecia na luz esmaecida. Com a lua oitante refletida na areia negra como ébano, ela imaginou o acampamento flutuando no meio do universo, onde seus amigos não podiam ser incomodados por ninguém... nem por nada.

— É lindo, não é?

Andrílio respirou fundo.

— Eu me sinto... tão... pequena. — Eva fruía toda aquela vastidão estrelada. — Tão... insignificante.

— Pequena, talvez. — Andri mantinha o olhar fixo nos anéis. — Insignificante, nunca, Eva Nove. Nenhum ser vivo é insignificante.



CAPÍTULO 35: GIRA-BARBATANAS

Um coro de piados baixos e suaves saudou a luz do dia. Embora ainda estivesse clareando, a maioria das estrelas já havia desaparecido. Com a cobertura de nuvens varrida para longe, os distantes Anéis de Orbona estendiam-se pelo céu violeta do pré-alvorecer. A brisa fria que açoitara o rosto de Eva agora se dissipava, escondendo-se do sol nascente.

Eva piscou para afugentar o sono e espiou, em busca da fonte dos piados. Três gira-barbatanas estavam empoleirados em uma pedra de cima da qual era possível ver o acampamento. Na névoa da manhã, Andrílio Kitt atirava-lhes pedaços de frutas velhas, e eles coletavam no papo do bico. Uma das criaturas aladas gorjeou e bateu as asas na direção da outra, tentando roubar seu prêmio.

— Gira-barbatanas. — Andri sorria enquanto acabava de alimentá-los. — Não sei como encontram você, mas encontram, não importa o quão longe da civilização esteja.

Ele enrolou seu colchonete.

— Gira-barbatanas — repetiu Eva ao estender os braços compridos e magros na direção do céu rosado. Seu movimento assustou os pássaros, fazendo com que batessem as asas, mas eles permaneceram empoleirados. — Pena que não haja lagos aqui por perto. Eles poderiam mergulhar e nos trazer o café da manhã.

— É mesmo uma pena... — Andri riu, olhando para cima e analisando um pequeno bando que voava em círculos logo acima deles. — Mas nunca se sabe. Pode haver alguma fonte de água em algum lugar por aí.

— Bom dia! — falou Mater lá de baixo. — Eva, querida, você dormiu bem?

Eva inclinou-se para a frente na plataforma rochosa e acenou.

— Dormi muito bem, obrigada — disse ela. — Como o Peixe-dourado está se comportando?

— Trabalhei nele a noite toda, e Otto me fez companhia. É muito simpático esse aqui. — Mater deu tapinhas de leve na cabeça de Otto. — O veículo deve

funcionar consideravelmente melhor agora. Atingimos oitenta e sete por cento da capacidade — relatou ao ligar o aerobarco.

Sob a luz do sol nascente, Eva constatou que o ronco do Peixe-dourado parecia melhor que no dia anterior. Ele agora pairava mais de um metro acima da areia. As barbatanas da cauda tinham sido recolocadas na posição e até mesmo o aparelho de som tocava baixinho.

— Impressionante!

Eva desceu depressa para juntar-se a Mater.

Otto aproximou-se da mão esquerda de Eva para que ela coçasse atrás de sua orelha.

— Oi, Otto. Você tomou conta de Mater enquanto ela consertava essa coisa?

O urso-d'água emitiu um ronronar de satisfação.

— Tive de usar um de seus Ener-G-sucos para limpar e desentupir os canos de combustível, mas isso deve melhorar muito o desempenho geral da nave — disse Mater, entregando uma NutriBarra a Eva. — Depois que tomarmos o café da manhã e cuidarmos de sua mão, posso ensiná-la a pilotar, se quiser.

— Uau! É sério?

Eva esqueceu-se completamente da comida e do machucado e arrastou-se até o assento do piloto, no qual uma série de botões e um pequeno manche de direção deram-lhe as boas-vindas. Projetados no para-brisa limpo e brilhante, um mostrador numérico e outros indicadores informavam a altura e a velocidade do veículo, além da direção do vento.

— Isso vai ser demais! — disse Eva, movendo o manche para trás e para a frente. Ela parou de repente. — Mas você não acha que vou enjoar de novo?

— Fiz uma pesquisa sobre náusea no Onipod. — Mater ergueu o dispositivo. — Aparentemente, a cinetose, ou enjoo de movimento, pode ser evitada se você estiver pilotando. Além disso, saber controlar um veículo é sempre uma boa habilidade a se desenvolver.

— Bem, então, vamos em frente! — Andrílio jogou a mochila tilintando na areia fofa ao lado do aerobarco. Em seguida, deu um salto para juntar-se a Eva, e entregou o guia de luz para ela. — Mas, antes de partirmos, vamos verificar nossa localização, para confirmar se estamos indo na direção certa.

Ele segurou a mão de Eva e posicionou o cristal cúbico em um ângulo que permitiu que os raios do sol da manhã entrassem diretamente em uma das faces.

Com o cubo agindo como prisma, a luz espalhou-se em um holograma plano. Eva percebeu que estava vendo um mapa virtual, em relevo, detalhado da superfície de Orbona. Ela reconheceu a miniatura da cidade de Consolu, ao lado do Lago Seranus. Podia ver até as pequenas colunas de Lacus, na costa oposta, e

a Floresta Ambulante além dela.

Andrílio indicou um ponto brilhante no mapa.

— Esta é nossa localização atual... — disse ele, e então se deslocou pelo holograma e apontou para um grupo de pináculos nodosos que ascendiam de uma depressão no solo. — E aqui, creio, é aonde queremos chegar.

— Isso é muito impressionante, sr. Kitt. — A cabeça de Mater mesclava-se à paisagem holográfica como uma grande esfinge do deserto. — Mas o que são essas áreas escuras?

— Terras não mapeadas — respondeu Andri, ajeitando os bigodes. — Esses guias de luz comunicam-se com outros guias, enterrados em várias localidades. A área que os exploradores de Consolu conseguiram registrar vai até aqui.

— O que é isso?

Eva apontou para um pequeno vale no mapa a meio caminho entre a posição atual deles e as ruínas antigas, o destino.

— Parece ser uma pequena fonte de água, talvez até mesmo um oásis.

Andrílio ajoelhou-se para ter uma visão melhor.

— Bem, com certeza seria bom ter um pouco mais de água. — Mater deslizou em seguida para analisar o holograma. — E não parece ficar muito longe da nossa rota.

— Não, não parece — confirmou Andri.

Ele levantou-se, mantendo o olhar fixo naquele ponto de referência. Então, perscrutou o horizonte na direção do oásis.

— Imagino se esses gira-barbatanas não vieram de lá.

— Vamos descobrir — disse Eva, entregando-lhe o cubo de volta.

— Está bem, Eva Nove. — Andri montou em Otto. — Guie-nos.

* * *

Sentado nas costas de Otto, Andrílio almoçava e alimentava os gira-barbatanas enquanto o urso-d’água gigante seguia o Peixe-dourado. Para todos os lugares que Eva olhava, parecia haver gira-barbatanas mergulhando para atacar presas e dando seus gritos característicos, como os hologramas que vira de gaivotas seguindo navios oceano afora.

Eva pilotou o veículo em direção à crista de uma duna linear e cinzenta.

— Mater, o que você acha que vamos encontrar nas ruínas? — perguntou.

A robô ficou em silêncio, exceto pelo estalar de suas pálpebras, enquanto

processava a pergunta de Eva.

— Não sei, Eva, querida. — Mater olhou para a linha do horizonte. Pequenas luzes piscaram na parte de trás de sua cabeça. — Para dizer a verdade, estamos tão além dos limites de minha programação que tenho tido de me reprogramar constantemente durante nossa jornada.

Eva guiou o Peixe-dourado até o topo da crista da duna e então desceu pela outra face.

— Sinto como se tivesse precisado reprogramar-me também — disse a menina. — Nenhuma câmara holográfica preparou-me para isso.

Mater concordou com um gesto de cabeça.

— Não posso deixar de me perguntar o que nossos criadores tinham em mente quando nos colocaram neste planeta. O ambiente aqui pode ser tão inconstante.

— Tem toda razão. — Eva ria enquanto conduzia o aerobarco até a duna seguinte. — Mas também é muito bonito.

— Concordo, mas, honestamente, nenhum de nossos programas foi fiel à realidade. — Mater deu um suspiro cheio de estática. — Sinto que falhei com você, Eva.

A menina virou-se para Mater. Com a cabeça baixa e olhando para as mãos cobertas de fios, a robô parecia deprimida.

— Você não falhou. E tudo vai ficar bem — disse Eva, acariciando a mão de Mater. — Nós vamos até esse lugar e tentaremos achar alguma pista, ou até mesmo outros seres humanos. E se não encontrarmos, continuaremos procurando, certo?

— Certo — repetiu Mater. — Só quero que saiba que tenho muito orgulho de você, Eva. Confio em você. Acho que estamos fazendo a coisa certa.

— Também acho.

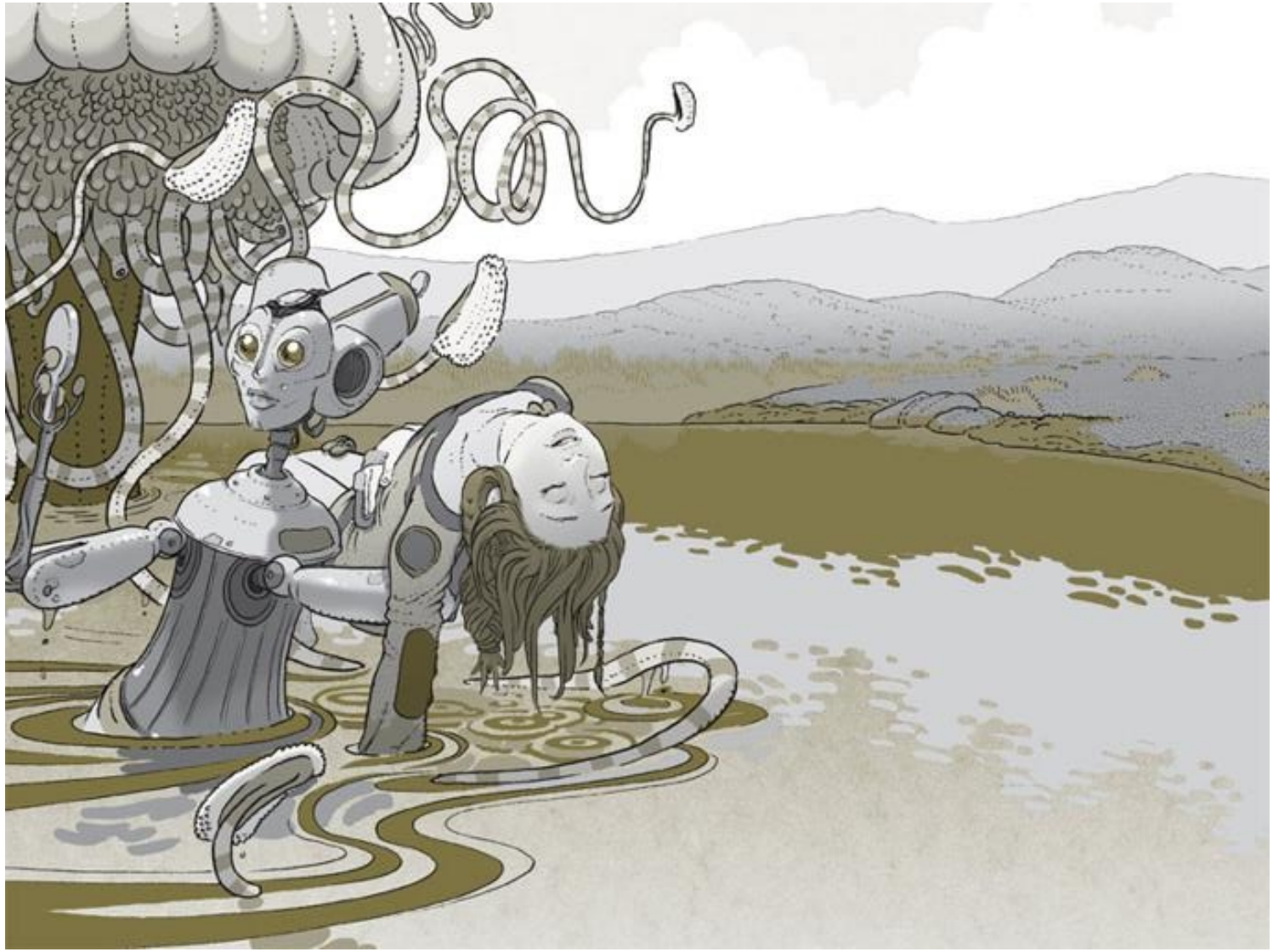
A menina sorriu e conduziu o Peixe-dourado para outra grande duna.

— Lá! — gritou Andrílio.

Eva virou-se e o viu de pé em cima de Otto, segurando os óculos de proteção. Ele apontava para a linha do horizonte.

— O oásis está ali!

Eva desviou o olhar na direção que ele apontava. A distância, bandos de gira-barbatanas voavam em círculos. Puxando a alavanca de aceleração, ela guiou o aerobarco na direção deles, deixando para trás rastros de areia girando em espiral.



CAPÍTULO 36: SEM FÔLEGO

Eva avistou um grupo de pequenas árvores ambulantes vagando em volta de um lago lamacento no meio das areias escuras daquelas terras desoladas. Como um espelho refletindo o céu azul-celeste, a superfície do lago era lisa como vidro, mesmo depois que um ou outro gira-barbatana aproximava-se da margem e servia-se de um gole rápido. No solo úmido que circundava o grande olho-d'água, vários liquens e musgos coloridos espalhavam-se pela areia do deserto.

— Agora, Eva, querida — aconselhou Mater enquanto Eva estacionava o Peixe-dourado à sombra de um pequeno monte —, deixe-me examinar a composição química da água antes que você use um tablete purificador para bebê-la.

— Tudo bem.

Eva pulou do veículo, jogou o casacolete no banco e andou até Andrílio.

— Só mais um pedido, Eva — disse a robô ao abrir uma tampa na lateral do aerobarco. — Se você pudesse trazer um pouco de água para reabastecer o Peixe-dourado, seria ótimo. Não pretendo utilizar todos os seus tabletes de hidratação para mantê-lo funcionando.

— Sem problemas — disse a menina, acariciando Otto ao passar.

O urso-d'água juntou-se a Mater e ao Peixe-dourado, à sombra.

— Otto não quer beber nada?

Andrílio olhou por cima do ombro enquanto caminhava ao lado de Eva.

— Ele disse que não precisa — disse a menina, andando na areia molhada em direção ao lago. — A manada dele não está muito longe daqui e Otto logo se juntará a eles, em um lugar onde há bastante água e comida.

— Ah, entendi — disse Andri, ajoelhado na margem e segurando várias garrafas.

Havia muitas pedras e gravetos, cobertos por uma fina camada de lodo, no

fundo do enorme lago cristalino e raso. Eva deixou-se cair pesadamente no chão e começou a tirar os botatênis e as meias.

— Ah, isso vai ser tão bom — disse ela, rindo e dobrando as pernas da calça. — Os botatênis deixam meus pés tão suados!

Andrílio afundou as mãos na água e lavou o rosto, removendo a sujeira. O conjunto de poros que compunham seu nariz farejou o líquido.

— Tem algo errado — sussurrou ele, jogando um pouco mais de água no rosto. — Eva Nove — chamou, ficando de pé e perscrutando a área ao redor. — Saia da água, agora.

Eva já afundara até a altura dos joelhos.

— Por quê? O que houve, Andri?

— Saia daí o mais rápido que puder. Olhe!

Ele apontou para um bosque de árvores ambulantes perto do lago. Eva avistou um pequeno bando de gira-barbatanas que os observava das árvores próximas.

— O quê? — perguntou ela.

— Não há nenhum gira-barbatana na água — respondeu Andrílio. — Saia!

Eva caminhou para a margem. Atrás dela, no meio do lago, emergiu o bulbo monstruoso de uma flor preso a uma haste grossa e cheia de pelos. Com os olhos esbugalhados, Eva parou, virou-se e viu o bulbo abrindo-se, sob os cálidos raios de sol, deixando à mostra uma flor imensa, salpicada de várias cores. Parecia uma gigantesca orquídea exótica liberando uma nuvem de pólen no ar.

— É tão lindo — disse Eva.

A menina ficou encarando, deslumbrada, o centro do bulbo. Os filamentos listrados da flor esticaram-se como tentáculos, desenrolando-se na direção dela.

Andrílio pulou na água, gritando:

— Eva, não acho... — Ele parou ao aproximar-se da menina, olhando para a flor gigante. — Tem razão — murmurou. — É uma flor adorável e magnífica.

Os filamentos estenderam-se na direção dos dois e as anteras revestidas de pólen aproximaram-se deles. Eva inspirou fundo quando a ponta macia acariciou seu rosto.

— É... maravilhosa... — disse ela, sem fôlego.

— Tão... sublime... — ecoou Andri, ofegando.

Da margem, Mater chamou-os ao observar a cena.

— Eva! Sr. Kitt! Recomendo que se afastem imediatamente dessa espécie vegetal desconhecida.

Otto uivou e moveu suas muitas patas para a frente e para trás na areia molhada.

— Fique aqui, Otto, querido. — Mater foi até o aerobarco e pegou o Onipod. — Não sei o que essa flor monstruosa está fazendo, mas parece que os colocou em algum tipo de transe hipnótico.

A robô entrou na água, indo na direção de Eva, que estava imóvel.

— Eva Nove, está me ouvindo? — gritou Mater. — Quero que você... Ah, não!

A pele de Eva estava azulada e seus olhos tremiam. Ela exalava um longo bocejo sufocado enquanto o ar era sugado de seus pulmões pela boca aberta.

— Os níveis de oxigênio nesta região estão perigosamente baixos para a respiração humana — falou o Onipod. — Favor evitar esta área se não estiver portando equipamentos de auxílio à respiração. Do contrário, poderá ocorrer hipóxia.

Mater pegou Eva nos braços e virou-se para a margem. Com o peso extra, a roda da robô afundou no lodo do fundo do lago. Otto começou a mover-se para a água.

— Não, Otto! Fique aí! — ordenou Mater, desceu ainda mais no fundo lamacento. — Essa planta é má!

Ela olhou para Andrílio, que permanecia imóvel enquanto a flor sugava o ar de seus pulmões. Já estava com água na linha da cintura e sua roda escavava cada vez mais a lama.

— Ignição remota do aerodeslizador S-cinco-trinta-e-um, por favor — comandou Mater para o Onipod enquanto mantinha o rosto inconsciente de Eva acima da água.

O lodo remexido revelava um leito sombrio, não de pedras e gravetos, mas sim de ossos e crânios.

— Ignição do aerobarco sendo iniciada — falou o Onipod. — Favor aguardar um instante.

— Não tenho “um instante"! — disse Mater. — Quero acesso à navegação virtual daquele veículo imediatamente!

O motor do Peixe-dourado ganhou vida e flutuou na direção de Mater conforme ela o guiava com a mão livre. A água formava uma garoa enquanto o Peixe-dourado vagava sobre a superfície do lago.

Otto gritou.

Mater virou a cabeça a tempo de ver os filamentos da flor enrolarem-se em torno de Andrílio, espremendo seus últimos suspiros. Já com a maior parte do tronco metálico submerso, a robô suspendeu o corpo inerte de Eva e colocou-a no Peixe-dourado. Ela agarrou-se firmemente à cauda do aerobarco enquanto o guiava até a margem, projetando-se para cima e libertando-se do fundo do lago.

Com o Peixe-dourado flutuando de volta para terra firme, a robô coberta de lama gritou para Otto:

— Pegue-a, por favor!

A porta do carona abriu-se e Otto levantou Eva, tirando-a do veículo com seu focinho protuberante e carregando-a para longe do lago. Mater pulou no banco do piloto e acelerou o Peixe-dourado de volta ao lago, na direção de Andrílio.

Ele parecia inconsciente, comprimido pelos tentáculos listrados da planta monstruosa. Assim que Mater aproximou-se dele, a flor soltou mais um jorro de pólen, cobrindo de pó a superfície laqueada de Mater. A robô pegou os tentáculos filamentosos que seguravam Andri e começou a retorcê-los e dobrá-los, conseguindo, por fim, arrancá-los do botão da flor.

Enquanto Mater esforçava-se para transportar o corpo inconsciente de Andri para dentro do Peixe-dourado, a planta lançou mais tentá culos na direção da nave, enrolando seus filamentos em qualquer coisa que tocasse. Com uma força tremenda, começou a puxar o aerobarco para a água.

— Onipod — disse Mater para o dispositivo ao observar a linha d’água que começava a encobrir a cauda do veículo. — Preciso saber como exterminar instantaneamente uma planta aquática.

— Se ela for uma variedade de água doce — respondeu o Onipod —, água salgada poderá afetá-la, ou chuva ácida, pesticidas, outras formas de contaminação ou falta de luz solar. Devo prosseguir?

— E quanto a eletricidade? — perguntou Mater, abrindo uma portinhola no painel de controle.

— Isso poderia realmente provocar um efeito instantâneo se...

— Ótimo! — Mater puxou um monte de fios de dentro do Peixe-dourado e enfiou-os na água. Uma onda elétrica espalhou-se pelo lago, fazendo com que a planta monstruosa afrouxasse e então se retraísse, submergindo novamente.

Mater levou um engasgado Peixe-dourado de volta à margem, onde Otto aguardava. Ela saiu, carregando Andrílio, inerte.

— Eva, querida, você está bem? Por favor, diga-me como se sente — disse Mater ao deitar Andri no capô do aerobarco.

— Vou ficar bem, acho — falou Eva, ofegante. Ela estava sentada à sombra, ao lado de Otto. — Mas estou com uma baita dor de cabeça — acrescentou.

— Precisamos ajudar o sr. Kitt, Eva, e devemos agir rápido — disse Mater.

Ela segurava o Onipod enquanto examinava o corpo dele com um laser vermelho.

— A fisiologia dele é completamente diferente da sua, portanto preciso que me revele qualquer informação que ele tenha mencionado a respeito de seu

funcionamento interno.

— Ele nunca mencionou nada — disse Eva, ainda ofegante. — Mas eu criei um arquivo para ele na AMI.

Mater abriu as pálpebras de Andrílio, revelando pupilas dilatadas. Enfiou dois dedos mecânicos na boca dele.

— Eva, querida, preciso que você venha aqui imediatamente — disse a robô, com a voz tranquila, ao abrir a tampa de um pequeno compartimento acima de sua roda.

Enquanto com uma das mãos tentava sentir a pulsação nos punhos grossos de Andrílio, com outra retirou do próprio corpo um tubo corrugado e colocou-o na boca dele.

— O que... o que você está fazendo? — perguntou Eva, tropeçando nas próprias pernas enquanto caminhava até Mater.

Ao se libertar de seu torpor, Eva deu-se conta da gravidade da situação. O programa da AMI estava desenhando um holograma em 3-D de Andrílio acima do olho central do Onipod. Mater analisou os gráficos que piscavam no dispositivo.

— Estamos tentando ressuscitar o sr. Kitt injetando sopros de ar controlados nos pulmões — disse Mater, e inclinou a cabeça dele para trás. — Vou fornecer o ar usando um de meus ventiladores de resfriamento interno. Mas, para isso, precisarei que você mantenha fechado os opérculos dele, essas coberturas das guelras, de modo que o ar desça até os pulmões. As coberturas estão localizadas abaixo do queixo, aqui. Depressa, querida, minhas mãos estão ocupadas.

Eva olhou para baixo. Com a cabeça de Andrílio inclinada para trás, ficaram visíveis duas fendas vermelhas logo abaixo da mandíbula, até então escondidas pelos barbilhões. Eva apertou a palma das mãos na coberturas das guelras para fechá-las. E engoliu em seco o medo que a fazia sentir um frio enorme na barriga.

Por favor, não morra. Por favor, não morra. Por favor, não morra.

Mater injetou duas lufadas de ar, com a duração de um segundo cada, na boca de Andrílio. Eva observou a barriga dele subir e descer. Subir e descer. Mater analisou o Onipod e repetiu o processo.

— Por favor, não morra, Andri — sussurrou Eva.

— Estou fazendo tudo o que posso, Eva — disse Mater ao jogar mais ar para os pulmões dele. — Ele possui muitos órgãos que o Onipod não consegue identificar. Por isso, não posso arriscar uma reanimação cardiorrespiratória.

— Por favor, Andri. — A menina tentou impedir que o medo fizesse suas mãos tremerem ainda mais. Ela as manteve firmes no pescoço da criatura esguia.

— Por favor.

Ela sentiu um espasmo...

...e uma tosse...

...e Andrílio Kitt piscou os olhos azul-escuros.

Mater retirou o tubo de sua boca e colocou-o de volta dentro da própria casca metálica. Com sua animada voz de estrela de cinema, disse:

— Bem-vindo de volta, sr. Kitt. Você nos deu um grande susto.



CAPÍTULO 37: SINAL

Naquela noite, o local escolhido para o acampamento foi a familiar entrada escondida de um Santuário subterrâneo. Como a porta fora arrancada havia muito tempo, a escadaria que conduzia ao interior estava cheia de areia do deserto. Mesmo assim, a entrada coberta oferecia algum abrigo na fria planície desértica varrida pelo vento, além de protegê-los dos tocaieiros-do-areal que caçavam e emitiam seus estalidos lá fora durante a noite.

— Amanhã, com certeza — disse Andrílio ao olhar para o mapa do guia de luz. — Se partirmos cedo, devemos chegar lá ao meio-dia.

Ele enfiou o guia na mochila, juntando-o aos outros itens.

— Nós avançamos bastante, apesar dos contratempos desta tarde — disse Mater ao olhar para Eva à luz do lampião.

Eva colocava tudo o que havia em sua bolsa para secar, porque ela ficara ensopada durante a luta no oásis. A menina olhou para Otto, que dormia um sono profundo ao lado do Peixe-dourado.

— Também acho que temos combustível suficiente para alcançar nosso destino — continuou Mater. — Ao chegarmos lá, poderemos localizar uma fonte de água que não contenha plantas tão malignas.

Andrílio riu e passou a mão no pescoço inchado.

— É, vamos torcer para isso.

Ele observou o reflexo de seus lampiões dançando e tremulando nos enormes globos oculares de Mater.

— Mãe Robô — disse Andrílio —, não é segredo para ninguém o fato de que eu não sou um grande fã de máquinas. Para falar a verdade, houve momentos em que cheguei a questionar sua forma de educar Eva, utilizando mecanismos como o Onipod, e até mesmo o Santuário.

Mater anuiu com a cabeça.

— Bem, creio que nós todos percebemos que as máquinas, inclusive eu, não têm respostas para tudo. Não acredito que alguém tenha, sr. Kitt.

— Você tem razão — respondeu Andrílio. — Sou também o primeiro a admitir quando estou errado a respeito de algo, e estou errado ao julgar o modo de ser de alguém como você. Por favor, aceite meus sinceros pedidos de desculpas pelos preconceitos de uma mente limitada.

— Não há necessidade de se desculpar, sr. Kitt — disse Mater. — Você me ensinou, e a Eva, muitas coisas sobre este mundo que não poderíamos encontrar em nenhum programa ou simulação. Sou eu quem deveria pedir desculpas por ter duvidado de você.

— Parece justo — disse Andrílio com um sorriso. — Parece justo.

Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento, lado a lado, na entrada do Santuário abandonado. Eva sentiu-se feliz com aquela reconciliação. Estava de costas para eles, e nenhum dos dois pôde ver sua expressão radiante de alegria ao passar os dedos na imagem úmida do WondLa.

* * *

— Acho que estou pegando o jeito — disse Eva na manhã seguinte, enquanto pilotava o Peixe-dourado sobre as dunas onduladas e escuras.

— Você está indo muito bem — respondeu Mater. — Só tome cuidado para ajustar o equilíbrio lateral quando chegarmos àquela área aberta e plana ali à frente. Está sujeita a rajadas de vento.

— Por que não aprendemos a pilotar um aerobarco lá em casa? — perguntou Eva ao se concentrar nos instrumentos projetados no para-brisa.

— Não sei bem ao certo — disse Mater. — Nós possuíamos informações sobre aerobarcos na biblioteca virtual, mas eu não tinha conhecimento de algum exercício que pudesse instruí-la a operar um desses.

Eva pensava ao esfregar um dedo livre no curativo e pegar o manche. Sentiu coceira na palma da mão machucada.

— Gosto muito de explorar. Eu me sinto tão energizada, tão animada, tão *viva* quando me aventuro por aí, sabe?

— Acho que entendo o que quer dizer. Você com certeza tem um grande espírito aventureiro, Eva.

Mater admirou a menina.

— Você sente falta do Santuário?

Eva olhou de relance para Mater e depois de volta para a paisagem à frente.

— Sinto falta de ter acesso a qualquer coisa quando preciso e também quando você precisa — respondeu a robô. — Fui projetada para controlar o ambiente à volta. Aqui fora parece que o ambiente está tentando me controlar.

Eva ficou em silêncio por alguns instantes enquanto ponderava a respeito daquilo.

— Mas acho que essa é a natureza da sobrevivência: viver e existir, apesar das dificuldades — continuou Mater.

— É — disse Eva. *Viver apesar das dificuldades.*

— Embora, devo confessar, sinta falta de nossos holoprogramas. Eu gostava de assisti-los com você.

— Sério? — Eva encarou Mater e abriu um sorriso. — Quais?

— Eu gostava de *Cuti-cuti e seus Amigos* — respondeu Mater. — Ver alguns dos episódios com você era bastante divertido.

Eva riu alto.

— Verdade? Você se divertia?

— Na verdade, eu me divertia mais observando você. Sobretudo quando era mais nova — disse Mater. — Quando o programa acabava, você fingia que era um dos personagens. Como você adorava aquele Cuti-cuti.

— Por que nunca me contou isso?

— Não sei ao certo. Acho que eu estava simplesmente muito ocupada certificando-me que você ficasse satisfeita — respondeu Mater.

— Ei, se encontrarmos outros seres humanos, talvez eles tenham alguns dos episódios antigos — disse Eva, sorrindo. — Nós duas vamos poder assisti-los de novo.

— Eu adoraria.

Mater retribuiu o sorriso com seus lábios de silicone.

— Ei! Eva! — gritou Andrílio, de pé nas costas de Otto. — Pare aí!

Eva diminuiu a velocidade do Peixe-dourado e fez meia-volta acima das dunas de areia escura. Ao parar ao lado do urso-d’água, a pintura metálica e manchada do aerobarco cintilou por baixo da camada de poeira sob sol do fim da manhã. Andrílio deslizou para a frente e sentou-se na enorme cabeça de Otto. Ele colocou o guia de luz de cristal no capô do Peixe-dourado e o prisma projetou o mapa em relevo.

— Bem — disse Andri ao analisar os pontos de referência. — Estamos quase lá. Fica logo depois dessa grande duna aí em frente.

— Vamos ver se conseguimos alguma pista — disse Mater, pegando o Onipod. Ela falou para o dispositivo: — Aqui é Mater zero-seis. Iniciar o

BioEscâner. Favor fazer uma varredura da área à procura de quaisquer outras formas de vida.

— Iniciando o BioEscâner — respondeu o Onipod.

Eva observou o holograma de radar do terreno diante deles. Mater estendeu o alcance do radar, revelando seu local de destino. Lá havia todo tipo de estruturas, assim como um monte de formas de vida brilhando no holograma. Formas de vida bem grandes.

— A primeira varredura mostra que há duzentas e quarenta e sete formas de vida de grande porte na superfície e na área indicada — relatou o Onipod. — Têm proporções elefantinas, e, baseado em imagens adquiridas recentemente por meio da Identicaptura, é provável que se trate de tardígrados gigantes.

Otto emitiu um uivo longo.

— É a manada do Otto — acrescentou Eva. — Eles estavam aqui esperando que ele os reecontrasse.

— Sério? — perguntou Mater.

— Otto contou para eles aonde estávamos indo — disse Eva, dando tapinhas de leve no amigo, que começou a ronronar. — Acho que sabem onde ficam as ruínas. Aparentemente há muita comida para eles por lá.

— Você sempre me surpreende, Otto. — Andrílio montou novamente em sua sela, espantando os vários gira-barbatanas que tinham tomado o lugar em sua ausência. — Muito bem, Eva Nove. Mostre o caminho!

* * *

Demorou algum tempo para que o grupo escalasse a face da qual o vento soprava na maior duna linear que tinham visto até então naquelas terras desoladas sem-fim. Grãos de areia escura os atingiam enquanto o aerobarco subia em um ângulo cada vez mais íngreme na direção do cume. Eva estacionou o Peixe-dourado e desembarcou. Seus amigos logo se juntaram a ela, olhando impressionados para a visão monumental que agora se revelava.

Na vastidão do vale que se estendia por todo o horizonte, havia centenas, talvez milhares de pináculos, paredes e grandes porções de ruínas de construções semienterradas nas montanhas escuras de areia do deserto.

Liquens extraordinários, os maiores e mais coloridos que Eva já vira, cresciam no que restara das pontes, torres e outras construções daquela civilização extinta. Inúmeros gira-barbatanas voavam em círculos e empoleiravam-se por entre as

ruínas, enquanto, a distância, uma enorme manada de ursos-d’água pastava em volta das estruturas.

— Oih-ah! — Andrílio, que estava nas costas de Otto, assoviou e espiou pela luneta. — Este é um grande achado, Eva Nove. Um lugar diferente de todos os que já vi!

O vento quente bagunçou a franja castanho-clara de Eva. Ela não conseguia desviar o olhar ou dizer uma palavra, tentando absorver a amplitude do local. O motor de Mater reclamou quando a robô aproximou-se.

— Isso já foi nosso, não foi? Nós tínhamos colonizado Orbona, não tínhamos? — sussurrou Eva.

— Certamente é o que parece, não é? — respondeu Mater.

Ambas observaram as ruínas projetas em direção ao céu, como se tentassem escapar das areias do tempo que, pouco a pouco, as consumiam.

— A estupidez da humanidade é acreditar ser imune ao declínio — disse Mater.

O Onipod emitiu alguns bipes quando as luzes começaram a piscar em sequências confusas.

— O que foi? — Eva desviou o olhar da paisagem à sua frente. — O que está havendo?

— Nunca vi o Onipod agir assim — disse Mater, lendo a grande quantidade de informações que apareciam na tela. — Vamos nos aproximar.

Com Eva pilotando o Peixe-dourado, Mater guiou o grupo pelo grande declive da duna em direção às ruínas. Enquanto se aproximavam, Eva percebeu que os pináculos erodidos eram colossais, agigantando-se acima deles no céu da tarde. Bandos de gira-barbatanas mergulhavam em volta e rodopiavam por entre as construções. Seus piados haviam se transformado em um ruído ensurdecedor quando os exploradores chegaram à base dos caminhos arenosos.

Uma luz piscou no fundo da mente de Eva. A menina olhou para trás, para Otto e Andrílio.

— O que foi? — perguntou Mater, observando-a.

— É Otto. — Eva fechou os olhos por um segundo, tentando entendê-lo melhor. — Ele está desconfortável por algum motivo. Algo o está incomodando... Talvez sejam todos esses pássaros.

— E tenho certeza de que ele está ansioso para se reunir à manada — disse Mater.

— Você deve ter razão. Aposto que Otto não consegue ouvir o canto deles com toda essa algazarra.

Eva concentrou-se em pilotar, ainda não muito à vontade. Guiou o veículo por

baixo dos restos de um magnífico arco de aço.

— Então, o que o Onipod está dizendo? — perguntou a menina.

Mater continuava a ler os gráficos apresentados pelo aparelho.

— Bem, de acordo com ele, parece haver algum tipo de rede de computadores on-line aqui.

Eva arregalou os olhos.

— Está falando sério?

— Eu diria que é improvável, mas, pelo que estamos vendo, parece que é verdade — disse Mater enquanto Eva levava o Peixe-dourado para a lateral das ruínas de um prédio. — O sinal é fraco. Está vindo de uma fonte subterrânea.

— Um Santuário!

O coração de Eva disparou.

— Não há como ter certeza disso até investigarmos — disse Mater, analisando a localização do sinal.

Eva cutucava o canto da unha do polegar enquanto segurava o manche com firmeza. Quando ultrapassaram os restos de uma torre que ainda se mantinha de pé, ela olhou para o Onipod.

— Ele está... ele está detectando alguém como eu? Algum ser humano?

— Até este momento, não — disse Mater, com os olhos fixos no dispositivo. — Mas isso não significa que não vamos encontrar alguma pista por aqui.

Elas se aproximaram de duas pedras semelhantes e cobertas de liquens.

— Pare, Eva! É aqui — disse Mater.

— Andri! — gritou Eva ao estacionar o Peixe-dourado. — Aqui!

— Estamos a caminho — gritou Andrílio em resposta, enquanto ele e Otto davam a volta para se juntar a elas.



— De acordo com o Onipod — disse Mater ao sair do veículo segurando o aparelho —, há um sinal fraco vindo da área diretamente abaixo de nós. Mas o Onipod não é muito bom em detectar elementos subterrâneos.

Eva saiu do Peixe-dourado e pisou em uma pedra larga e plana que estava meio enterrada na areia.

— Ei, Andri, é seguro andar por aqui? Há algum tocaieiro-do-areal nos arredores?

— Aqui não, Eva — respondeu ele, e saltou das costas de Otto. Olhou então para o alto, para os monumentos antigos que os rodeavam. — Para nossa sorte, eles preferem áreas abertas.

— Olhe! — A menina limpava a areia depositada na pedra em que estava. — São degraus.

— Sim — disse Andrílio. — Degraus que descem para... algum lugar.

Ela pulou o degrau parcialmente oculto, foi até Otto e colocou a palma da mão na testa dele.

Você está bem?, pensou.

A salvo. Você. Eu.

Nós estamos a salvo?

Barulho. Dói.

É o som dos pássaros, não é?, respondeu ela silenciosamente. *Eles são muito barulhentos.*

Dói. Barulho.

Eva olhou em volta e percebeu que não havia muitos gira-barbatanas naquela área descampada. Ainda que quisesse desesperadamente explorar o local, ficou perto de Otto. O urso-d'água deslocou-se até uma das pedras estranhas que sobressaíam da areia e arrancou dela um tufo de um grande líquen.

— Eva — disse Mater, levantando uma das folhas largas e cinzentas. — Você pode pedir a Otto que retire todo esse líquen?

— É claro.

Eva andou até a formação rochosa acima dos degraus. A outra formação, quase idêntica em tamanho e forma, estava a muitos metros de distância dali. Parecia que eram grandes pilares de apoio no alto de uma ampla escadaria de pedra.

Otto abocanhou o líquen com o focinho curto e afiado e arrancou-o. Enquanto ele mastigava, deliciando-se com sua refeição, Eva reconheceu a pedra envelhecida e desgastada que havia abaixo das plantas.

Era uma escultura.

A escultura de um leão.



CAPÍTULO 38: RUÍNAS

— Essas duas esculturas são de leões — disse Mater, repassando uma infinidade de informações no Onipod. — Estou certa de que isso tem algum significado, mas pode ser que leve algum tempo até que possamos determinar exatamente qual é.

— Provavelmente seria melhor escavar o solo até onde esses degraus levam e dar uma olhada por lá — observou Andrílio. — Com certeza mais pistas virão à tona.

— Ótima ideia, sr. Kitt — disse Mater, desviando o olhar do Onipod. — No momento não detecto nenhuma forma de vida de grandes proporções nesta área, e você garante que nenhum tocaieiro-do-areal vai nos atacar, certo?

— Certo. — Andri bateu com a bengala nos degraus de pedra várias vezes. — Além disso, não conheço muitas criaturas que habitariam um lugar antigo destes, onde ainda pode haver espíritos rondando.

A atenção de Mater voltou-se novamente para o mostrador do Onipod.

— Olhe aqui. Parece haver uma caverna, ou uma câmara, que poderíamos explorar. Mas fica a uma distância considerável da superfície. Vai levar algum tempo para conseguirmos chegar até lá.

— Aposto que Otto poderia fazer isso — disse Eva.

— Sério? — Mater olhou para o beemote.

— Deixe-me perguntar para ele.

Eva fechou os olhos e passou a mão na lateral do corpo de Otto.

— Sim. Ele disse que vai fazer isso antes de se juntar à manada. — A menina coçou o queixo do urso-d’água gigante. — Apenas indique para ele onde você quer que cave.

* * *

Eva, Mater e Andrílio sentaram-se sob as ruínas de uma enorme arcada, protegendo-se do sol do fim de tarde. Em seu acampamento improvisado, eles observavam Otto cavando um túnel na areia. Os movimentos lembravam a Eva os hologramas de texugos escavadores. O urso-d'água cavava com as patas dianteiras e jogava a areia para trás, na direção das patas traseiras, usando-as depois para chutar a areia para longe do enorme buraco.

Um jato do último chute de Otto caiu sobre Eva. Ela levantou-se e sacudiu a areia.

— Se você concordar, será que eu e Andrílio poderíamos dar uma olhada por aí enquanto Otto cava o túnel, Mater? Talvez possamos achar mais pistas.

— Só se o sr. Kitt concordar em acompanhá-la, Eva — respondeu a robô, ainda olhando para Otto. — Eu posso rastrear sua localização com o Onipod.

— É claro — disse Andrílio, pegando a bengala. — Não iremos muito longe. Avise quando tiver encontrado a fonte do sinal, Mater.

— Está certo. Tomem cuidado.

Mater ficou observando os dois se afastarem.

— Tomaremos — respondeu Eva, acenando.

A menina parou por um instante e olhou para Mater. A robô estava de pé, equilibrada em sua roda, no meio do deserto e da escavação das ruínas. Mater afastara-se bastante do mundo isolado que era o Santuário. Ambas haviam se afastado.

— Talvez esta fosse uma cidade muito antiga de pessoas que adoravam leões — disse Eva enquanto bisbilhotavam. — Talvez os leões fossem criaturas míticas para eles.

— Eu nem mesmo sei o que é esse tal de *leão* — disse Andrílio, virando uma pedra achatada com o pé.

— Ah, leões eram gatos selvagens, peludos, gigantescos e caçadores ferozes. — Eva imitou garras ameaçadoras num gesto com as mãos, para acrescentar realismo à descrição. — Eles entraram em extinção em meu planeta e só existiam em zoológicos.

— É curioso o fato de um animal selvagem como esse ficar aprisionado — disse Andrílio.

Ele pegou um tijolo do chão e cheirou-o.

Eva ficou em silêncio por algum tempo enquanto caminhava ao lado dele, pensando no tocaieiro-do-areal aprisionado no laboratório do taxidermista. Pensou em si mesma aprisionada, como um animal selvagem em uma cela... Aprisionada no acampamento de Feraptor... Aprisionada no próprio quarto. Olhou para cima, para o sol da tarde que se escondia por trás dos Anéis de

Orbona, e sorriu, feliz por estar livre.

— Espero que Mater e Otto consigam encontrar um caminho que leve ao subsolo — disse ela.

Andrílio ajoelhou-se e remexeu um montinho de cascalho.

— É, fico imaginando o que haverá lá, intocado, naquelas câmaras antigas — acrescentou. — Será...

Um grande bando de gira-barbatanas alçou voo de seus poleiros, gerando um barulho ensurdecedor, e foi para todas as direções de uma só vez.

— O que foi isso? — perguntou Eva, sentindo os batimentos cardíacos se acelerarem antes mesmo que a túnica avisasse.

Andrílio ficou parado e observou os pássaros.

— Há algo errado aqui — disse ele. — Vamos voltar para onde está Mater.

Os dois voltaram para o acampamento correndo. O canto de Otto penetrou a mente de Eva como um tufão:

Barulho. Não. A salvo.

— Você tem razão, Andri. — Eva parou e fechou os olhos. — Otto está preocupado.

— Eu não sei exatamente o que está acontecendo. — Andrílio perscrutou o céu. — O que assustou aquele bando?

Ambos ouviram a resposta àquela pergunta. Um aterrorizador zumbido baixo ecoou pela paisagem.

Uma parede em ruínas próxima a eles virou pedaços de pedra e poeira quando uma onda sonora a atingiu.

— Corra! — gritou Andrílio.

Ele empurrou Eva para trás de uma grande parede de tijolos antigos e jogou-se atrás de outra construção.

Eva escalou a parede apoiando os pés nos tijolos. Espiou pela abertura de uma janela e reconheceu o formato familiar de um planador. Ficou sem fôlego ao ver que havia vários exatamente iguais a ele. Todos voavam através do bando de gira-barbatanas em sua direção.

Feraptor os encontrara.

E trouxera reforços.

Eva perdeu o apoio e caiu de costas no chão, soltando um grito, no momento em que a parte de cima da parede explodiu em mil pedaços. O planador de Feraptor cruzou o céu rápido como um raio.

— Ele está voltando! — gritou Andrílio, correndo para ajudar Eva a levantar-se. Sangue vermelho-escuro escorria por sua têmpora. — Não temos muito

tempo. Vamos logo!

Ele segurou Eva pela mão enquanto corriam pelas ruínas.

— Onde vamos nos esconder? — gritou Eva quando um bando de gira-barbatanas assustados passou por eles voando.

— Não sei, mas Feraptor trouxe alguns guardas reais de Consolu — respondeu Andrílio. — Vamos voltar para onde Mater e Otto estão.

Eles saíram em disparada por um beco estreito em ruínas, que levava até uma construção arrebentada. Feraptor e o pelotão deslocaram-se com agilidade, explodindo com suas armas uma das paredes do beco, que tombou por cima da outra.

Eva e Andrílio quase caíram quando as ruínas desmoronaram em um dilúvio de pedras sobre eles. Os dois pularam para fora do beco quando as paredes foram ao chão, o que produziu uma nuvem enorme de poeira. Rolaram por degraus de pedra e bateram no porão de uma construção havia muito abandonada. Assim que recuperaram o fôlego, os dois desceram em meio aos escombros e à poeira até a escuridão subterrânea.

— Não faça... nenhum... barulho — sussurrou Andri, arquejante.

— Não... brinca — disse Eva.

— Esta câmara... está cheia de... caranguejos-navalha. — Ele apontou para cima. — Se acordarem... estamos perdidos.

Eva olhou para o alto e viu que o teto estava abarrotado de pequenas criaturas grotescas, parecidas com caranguejos, que dormiam. Exatamente como as que vira no antigo Santuário de Andrílio.

Eles escutaram uma explosão distante, vindo de fora. Parecia um trovão sobre o Lago Seranus.

— Eles estão tentando... nos forçar a sair — murmurou Andrílio.

O chão tremeu. Choveu poeira do teto. Alguns dos caranguejos-navalha abriram os olhos luminosos e guincharam, mas voltaram a dormir.

— Espero que Mater esteja bem.

— É. Espero que ela e Otto... — Andri encolheu-se ao ouvir outra explosão — ...tenham conseguido se esconder.

— Eu também — disse Eva.

Calafrios percorreram o corpo de Eva quando ela pensou na possibilidade de eles tornarem-se objetos de exposição no Museu Real depois de terem a pele removida.

— Você acha... — Andrílio fez uma pausa, mantendo o olhar atento no bando logo acima — ...que a pessoa que lhe deu o guia de luz também deu um para Feraptor?

Eva ponderou aquilo em silêncio por alguns instantes. Zim não parecia ser do tipo que denunciaria Eva. Por outro lado, ele mentira sobre ajudá-la a fugir... e ela havia destruído o museu.

— Não tenho certeza — disse ela. — Mas acho que não. — Ela lembrou-se do encontro com a profetisa, Arius. — Acho que ele queria realmente que eu encontrasse este lugar.

Mais uma vibração, dessa vez muito mais próxima, estremeceu as paredes de seu esconderijo. Eva e Andrílio cobriram os olhos para se proteger da poeira e da areia. A poeira assentou e eles ergueram os olhos para o teto, iluminado por centenas de olhinhos acesos.

— Hora de ir! — gritou Andrílio, empurrando Eva escada acima.

Centenas de caranguejos-navalha voaram depressa, picando e mordendo pelo caminho. Eva e Andri fugiram para a superfície e depararam com Otto.

— Otto! — exclamou o amigo.

— Onde está Mater? — perguntou Eva.

Escondida. A salvo. Venha.

Eva e Andrílio dispararam atrás de Otto quando ele começou a correr com suas seis patas. Otto guiou-os para depois do túnel que estivera cavando, até a área descampada em volta das ruínas, e começou a urrar bem alto. Mesmo com os gritos dele, Eva pôde ouvir o barulho dos planadores dando a volta.

— Eva Nove — Andrílio olhou para trás, para o pelotão lá no céu —, espero que Otto tenha algum plano, porque aqui somos alvos fáceis.

Eva continuou correndo e gritou por cima do ombro:

— Ele tem. Pode acreditar!

— Aí vêm eles! — berrou Andri, apontando para cima.

À frente do pelotão, Feraptor liderava os guardas reais em direção a Eva. Ela ouviu o zumbido das armas sendo carregadas misturado ao ruído das máquinas voadoras.

A manada de Otto surgiu de seus esconderijos nas ruínas.

Utilizando suas caudas propulsoras, uma saraivada de ursos-d’água lançou-se no ar, como foguetes sendo atirados contra Feraptor e o pelotão.

O caçador manobrou habilmente o planador, desviando da primeira onda de gigantes saltadores, mas muitos guardas reais foram atingidos. Eles perderam o controle, caíram em espiral, de ponta-cabeça, e atingiram o chão com explosões luminosas.

Eva e Andrílio encolheram-se atrás do corpo couraçado de Otto quando a segunda onda de ursos-d’água se lançou. Como balas de canhão gigantes, eles mandaram pelos ares o que sobrara do pelotão real. Para desgosto de Eva,

Feraptor mais uma vez se desviou deles, dando uma guinada para o alto com seu veículo para uma distância que os ursos-d'água não conseguiam alcançar.

— Boa tentativa, amigoz! — gritou o caçador para eles. — Mal pozoz ezperar para caçar vozêz todoz!

A manada continuou a pular, tentando atingir o caçador. Os ursos-d'água caíam ao redor de Eva, Andrílio e Otto a velocidades espantosas, jogando areia e poeira em todas as direções.

Andri pegou Eva pela mão.

— Temos de ir para um local seguro! — disse ele, apontando para uma grande torre de aço afastada do campo de batalha. — Por aqui! Acho que foi ali que deixamos sua mãe.

Os dois correram na direção da torre na hora em que o planador de Feraptor passou zunindo acima deles.

Uma onda sonora causou um estrondo ao atingir a base da torre, que desmoronou na frente de Eva e Andrílio. Ela atingiu o chão com tanta força que espalhou escombros para todos os lados e fez os dois caírem para trás.

Eva levantou-se, tossindo e limpando a areia dos olhos.

— Andri? Andri! Onde está você? — gritou ela, tateando o caminho pelo meio dos destroços.

Não demorou muito para encontrar o amigo, caído, imóvel como um boneco e parcialmente coberto por uma pilha de pedras.

— Não! — urrou Eva.

Seu coração disparou. O pânico invadiu seu corpo junto com a respiração acelerada e fez seu estômago revirar. Ela deu alguns leves tapas no rosto do amigo.

— Acorde, Andri! Acorde!

Ela sacudiu os ombros dele, mas não houve qualquer reação.

Um ganido fez-se ouvir de algum lugar a distância, em meio à poeira, seu som intensificando-se.

— Mater? Otto? — perguntou Eva.

Mal se podia ouvir suas palavras por causa da respiração ofegante. A poeira do deserto embaçou sua visão e entupiu seu nariz. Ela tateou no escuro. Gritou novamente. Enquanto esperava por uma resposta, ouviu aquele ganido alto... e uma voz.

— Meu prêmio ezquiivo. Minha pequenha fugitiva — disse uma voz grave.

Do meio das trevas surgiu a forma robusta de Feraptor. Ele pulou para cima da base da torre demolida e carregou sua varabum.

— Sheesu. — Ele riu. — Vozêz deixou a Rainha Ojo muito chatcheada. Ela

ordenouz que oz guardaz reaiz levazem vozêz de volta para zer interrogadaz. Maz oz guardaz prezizavam de um raztreador para liderars elez. Felizmente, oz giraz-barbatanaz que vozêz vêm alimentando fizeram com que vozêz fozem fazilmente localizadoz por ezaaz terraz desoladaz. Então, agora, Feraptor vaiz levar vozê de volta, viva e, pronto... minha tarefa impozível eztáz completa. Manaptor eztá livre.

Eva ficou de pé. Areia e poeira cobriam-na totalmente, das tranças até os botatênis. O ganido chegou mais alto e mais agudo a seus ouvidos.

— Eu não vou voltar com você. Vai ter de me matar primeiro!

Feraptor deu uma risada gutural.

— Nada de matarz. Eu prometii àz rainha. Maz, vozê zabe, acidentez acontezem.

Então o caçador dorceano atirou em Eva Nove com sua varabum.



CAPÍTULO 39: SUPERFÍCIE

Eva cobriu o rosto com as mãos quando a intensa potência da arma sônica explodiu em sua frente. Tudo o que ouviu foi um grito eletrônico... e, depois, silêncio.

Com os ouvidos zumbindo, Eva abriu as pálpebras úmidas e cobertas de areia e percebeu que estava caída de cara na terra macia e quente, perto de um monte de metal retorcido. Ela cuspiu a poeira dos lábios e esperou que a mão pesada de Feraptor a erguesse mais uma vez e a levasse embora, mas isso não aconteceu.

Seus olhos focaram os destroços ao lado. As letras de cabeça para baixo formavam a palavra “Peixe-dourado”.

— O quê? Ah, não!

Eva imediatamente começou a engatinhar, esquadrinhando a área ao redor. Suas mãos trêmulas sentiram um objeto sólido e arredondado, como um tronco largado no chão de uma floresta.

Ela entendeu o que acontecera.

Mater estava deitada de costas, os olhos escuros como a noite. A robô interceptara o tiro de Feraptor para salvar Eva.

— Não, não, não — choramingou Eva.

Ela tentou levantar a robô, mas era muito pesada. Eva olhou para Mater e viu que estava faltando uma tampa em sua cabeça. Ela examinou os estragos causados ao crânio de porcelana, dentro do qual havia um globo de vidro. Dentro do globo ficava um cérebro marfim, ligado por vários eletrodos.

O globo estava rachado.

Um líquido espesso e cor-de-rosa pingava lentamente na areia.

Eva colocou a mão na rachadura e tentou impedir que o líquido espesso vazasse. Uma luz âmbar tremulou nos olhos da robô, mas sumiu novamente. Eva sentiu um cutucão gentil nas costas.

Você. Não. A salvo.

— Otto — disse Eva —, Mater está muito machucada.

Venha. Não. A salvo. Otto cutucou-a mais uma vez.

— Não! — As lágrimas faziam os olhos de Eva arderem. — Temos de consertá-la. Venha. Ajude-me a achar o Onipod.

Abrindo a mandíbula, o urso-d'água cuspiu o Onipod no chão à frente dela. Eva arregalou os olhos ao pegar o aparelho, impressionada por Otto já tê-lo encontrado.

Não. A salvo. Mordedores de túnel. Otto agarrou a túnica de Eva com o focinho e puxou-a.

— O quê? Não, Otto. Eu preciso...

A voz de Feraptor chamou-a. Eva ficou de pé, tentando ver através da névoa de poeira e areia que se assentava.

— Pequeninha, chega de brincadeiraz — o caçador gritou em meio ao zumbido de sua varabum sendo carregada. — Apareça, apareça, de onde quer que vozêz eztejaz!

Venha. A salvo. Comigo.

Eva desviou os olhos de Mater, caída sob o aerobarco destruído, e montou na cabeça de Otto. Ele carregou-a do local do acidente para uma área descampada depois das ruínas. Eva escalou as costas dele e viu que sua manada havia cercado Feraptor e seu planador.

Por que não acabaram com ele?, pensou ela. *Você quer que eu assista a isso, Otto?*

Não. Venha. Veja.

Eva entendeu o que Otto queria dizer logo que ele se deslocou até a frente da manada.

Um atordoado Andrílio Kitt estava amarrado e preso na parte de trás do planador. Feraptor estava de pé, imóvel, esperando pacientemente com o cano da varabum apontado para a cabeça de Andri.

— Aha! Aí vem elaz! — vangloriou-se Feraptor. — Ela éz inteligeente, no fim daz contaz, não é, cæruleano?

— Não faça o que ele diz, Eva Nove — gritou Andri. — Salve-se, e a Mater. Saia daqui!

— Bazta! — gritou Feraptor, açoitando Andrílio com a parte de trás da varabum. Ele apertou o cano da arma contra o rosto de Kitt. — Vozêz vem até aqui e zobe no meuz planador, prêmio pequeninho, ou ezez aqui morrez. Agora!

Eva escorregou das costas até a cabeça de Otto.

Mordedores de túnel. Não. A salvo.

Otto, pensou Eva quando parou na cabeça do urso-d'água, *diga à manada*

para se afastar.

O urso-d’água emitiu um uivo gutural e rouco.

— Chega de converza fiada — rosnou Feraptor, apontando a varabum para Otto. — Ou eu termino o que comezeiz com ezte hipopótamo. Venha aqui! Não vou falar de novo.

A manada de Otto afastou-se e abriu um círculo em volta do caçador.

— É, azim eztá bem melhoor — disse Feraptor, acenando com a arma para a manada. — Agora venhaz até aqui, pequeninha.

Eva levantou-se, sacando o Onipod.

— Não, não, não. — Feraptor abanou o dedo com garra para ela. — Nada de truquez com zeuz brinquedoz. Dê izto pra mim. Vamoz.

Eva segurou o Onipod bem no alto.

Feraptor apontou a varabum para ela.

Uma rajada de vento quente balançou as tranças finas e enfeitadas de contas de Eva enquanto ela encarava o caçador.

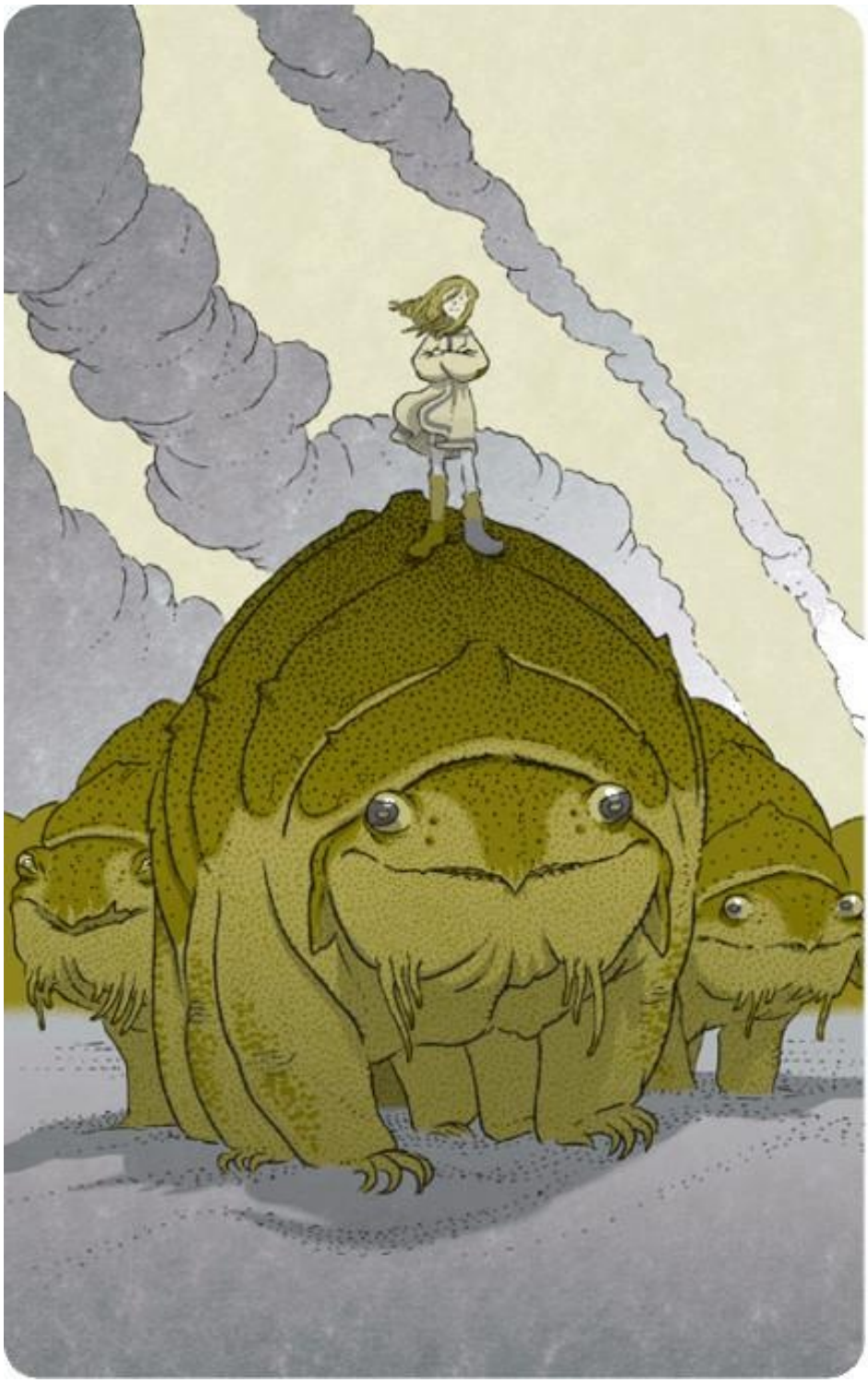
Feraptor semicerrou os olhos, o tórax subindo e descendo a cada respiração. A varabum, zumbindo e carregada, continuava apontada para a menina, inabalável.

Ela encarou-o.

Ele estreitou ainda mais os olhos.

Eva piscou e então deu de ombros com um suspiro, atirando o Onipod no chão. O aparelho aterrissou na areia bem no meio do círculo criado pela manada de Otto.

— Muito beem.



Com calma e firmeza, Feraptor aproximou-se do dispositivo, que emitia estalidos. Com um dos pares de braços ele tateou a areia tentando encontrar o Onipod, sem tirar os olhos, ou desviar a mira, de Eva. Pegou o dispositivo e segurou-o com força entre as suas garras.

— Agora venhaz aqui e vamoz embora. Devagarz e direitinhoz.

Eva engatinhou novamente para o topo das costas de Otto. Virou-se para o caçador e cruzou os braços. Ao fazê-lo, a manada abriu mais ainda o círculo, dando mais espaço para Feraptor.

Eva manteve-se parada, em silêncio. Observando.

— Sua bruxinha malditaz! Nada de truquez! — gritou Feraptor. — Venhaz aqui AGORA!

Eva não se mexeu um centímetro. Tudo o que se podia ouvir eram estalidos.

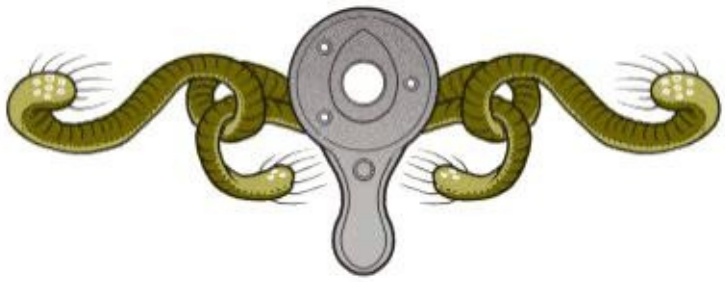
— Que zejaz. — O tom de voz de Feraptor era frio. — Mato zeu amigo.

Ele virou-se na direção do planador para atirar em Andrílio, mas deu de cara com um enorme tocaieiro-do-areal emitindo os mesmos estalidos da gravação que estava sendo reproduzida no Onipod.

Antes que o caçador pudesse atirar, um par de patas pontiagudas perfurou seu corpo. Atônito, Feraptor largou a varabum e tentou libertar-se.

A arma caiu perto do tocaieiro-do-areal gigantesco no mesmo instante em que dezenas de filhotes emergiam da areia. Eles também enfiaram suas pinças no caçador e emitiram estalidos extremamente agudos.

Feraptor foi arrastado para baixo das areias escuras de deserto daquelas terras desoladas pelo tocaieiro-do-areal e sua ninhada, para nunca mais voltar.



ATER-06

CAPÍTULO 40: ESCURIDÃO

— Andrii! Andrii! Você está bem?

Eva pulou de cima de Otto e correu até o planador. A manada de ursos-d'água dispersou-se, emitindo silvos de alegria pela morte de Feraptor, que os caçara.

— Um pouco machucado, mas não é nada que um pouco de musgo e uma bebida não curem — disse Andrílio com um sorriso fraco.

Ele remexeu-se, ainda amarrado. Um dos olhos estava tão inchado que ele nem conseguia abri-lo. Sangue seco misturado com areia encobriam a pálpebra.

— Espere — disse Eva ao remexer os pertences de Feraptor. — Deve haver uma faca em alguma dessas bolsas.

Andrílio rolou para o lado.

— Aqui. Na bolsinha na parte de trás de meu cinto.

Eva encontrou a forma familiar de uma pequena faca curva, a mesma que usara para libertar seu amigo do acampamento do caçador. Logo Andrílio estava livre.

— Estou tão feliz por estar tudo bem com você.

Eva enterrou o rosto no casaco dele e ensopou a manga de lágrimas. Andri interrompeu o abraço e olhou em volta.

— Onde está Mater? — perguntou ele.

— Mater! — Eva colocou o braço em volta do amigo. — Vamos, depressa!

Os dois mancaram juntos até os destroços do Peixe-dourado.

Quando se ajoelharam ao lado de Mater, Eva reparou que mais líquido espesso havia vazado da cabeça da robô, empapando a areia em volta. A menina colocou, com cuidado, a palma da mão enfaixada na rachadura, do mesmo jeito que fizera antes, e ergueu a cabeça de Mater. Um brilho dourado retornou aos olhos da robô.

— Veja. Isso já aconteceu antes — disse Eva. Ela olhou para o rosto de Mater

e esperou que a robô falasse. — Se eu segurá-la nesse lugar aqui atrás, ela volta a funcionar.

— É a sua energia, a eletricidade dentro de você, Eva Nove, que a revive temporariamente — disse Andrílio, olhando para a cabeça fraturada. — Mas receio que seja impossível consertar os estragos que ela sofreu.

A estática sibilou da boca da robô:

— Eva, querida. — A voz de Mater soava distante, diferente do modo como Eva sempre a ouvira falar. — Pelo menos pude vê-la uma última vez. Feraptor se foi?

— Sim, ele se foi — respondeu Eva.

Andrílio acariciou o rosto de Mater com os dedos grossos.

— Ele nunca mais incomodará ninguém, graças à sua engenhosa filha — disse ele.

— Nós estamos livres e vamos conseguir sair dessa situação — disse Eva, tentando permanecer forte. — Você vai nos dizer o que fazer, e Andrílio e eu vamos consertá-la. Você vai ficar bem.

— Eva... — disse Mater, levantando o braço para apertar a mão da menina com força. Sua pegada era fria e metálica. Mater fez uma pausa quando uma corrente elétrica dançou sobre sua cabeça aberta, provocando comichões na pele da menina. — Eva, esta é minha hora de partir.

— Não, não — disse Eva. Uma lágrima escorreu por seu rosto, como um riacho cristalino na bochecha coberta de sujeira. — Você vai ficar bem. Nós vamos consertá-la.

Mater virou a cabeça para olhar bem nos olhos de Eva.

— Você me consertou, Eva. Você não percebe?

— Não, tudo isso é culpa minha. Nós deveríamos ter ido para o outro Santuário. — A voz de Eva era tão baixa que mal se podia ouvi-la. — Sinto muito. Nada disso teria acontecido se eu tivesse lhe dado ouvidos.

Um dos braços de Mater estava até então parcialmente enterrado na areia. Agora ele surgia, segurando um objeto. Esforçando-se para abrir um pequeno sorriso, ela entregou a Eva um pedaço surrado de revestimento de parede.

Era a imagem de uma menina, um robô e um adulto. Sorrindo. Seguindo em frente.

— Meu WondLa? — Eva pegou-o. — Não estou entendendo.

— Eva... — A voz de Mater era baixa e lenta, como um relógio cuja bateria estivesse acabando. — Você sabia que meu WondLa, o *meu* desejo, era experimentar este mundo maravilhoso com *você*, minha filha? Meu triunfo. Minha alegria. Tudo o que sempre quis foi que *você* estivesse feliz e em

segurança. Isso é tudo o que eu sempre quis... E agora sei que você conseguiu essas duas coisas.

Eva enxugou os olhos na manga da túnica.

— Mas, sem você, eu...

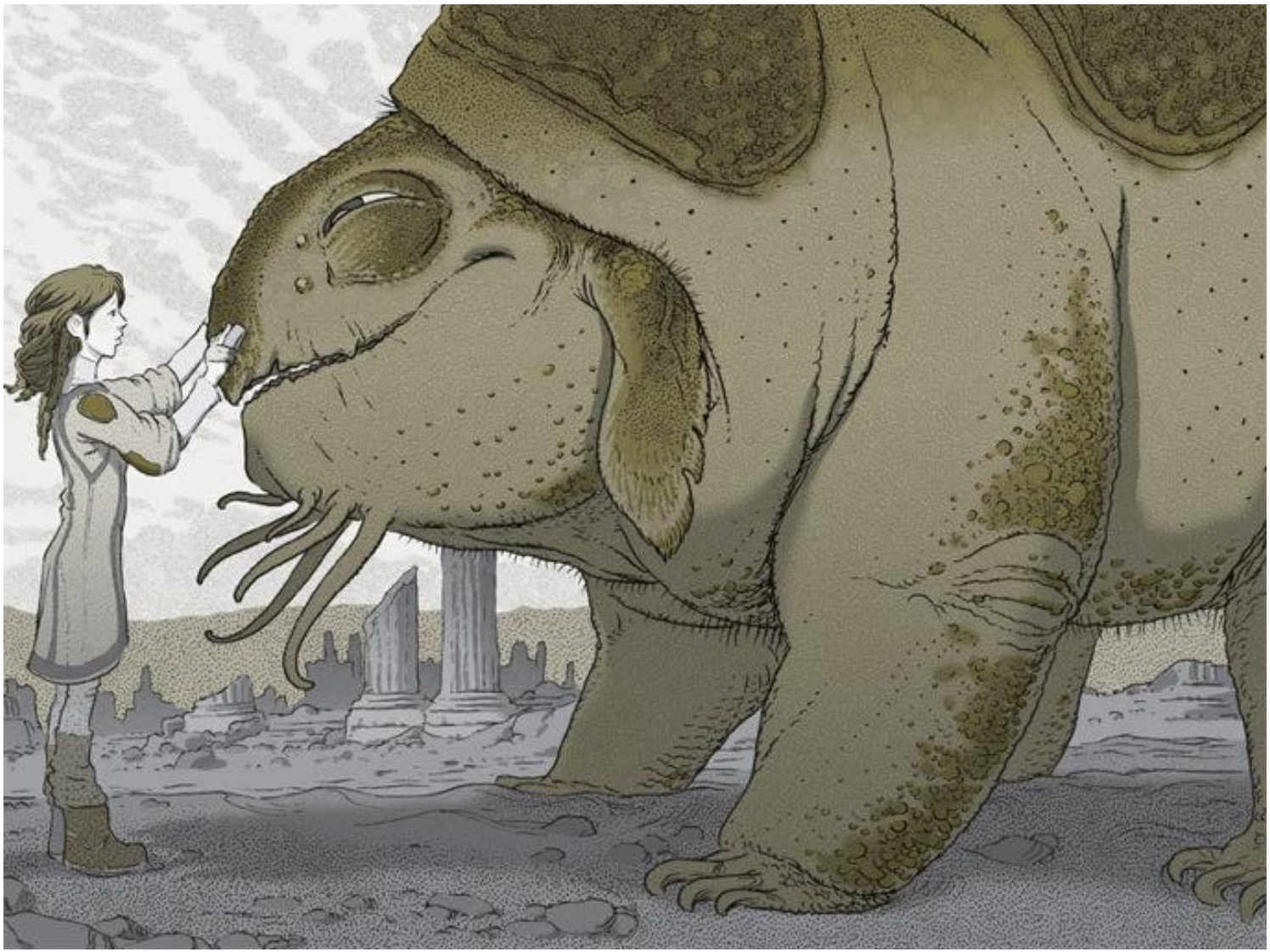
— Chegou minha hora, Eva — sussurrou Mater. — Chegou minha hora.

Eva retirou a mão de debaixo da cabeça de Mater e apoiou-a no chão.

— Você sempre será minha mãe. — A menina então inclinou-se para a frente e beijou a máquina na testa. — E eu sempre amarei você.

— Eu amo você, Eva. Você se tornará uma mulher admirável. — A voz de Mater era praticamente um suspiro. Estática ao vento. — Eu tenho... tanto orgulho de você.

Com isso, os olhos de Mater escureceram.



CAPÍTULO 41: VERDADE

Uma pequena fogueira crepitava vivamente sob um magnífico céu lavanda no acampamento nas ruínas. Sentada sob um arco de aço havia muito abandonado, Eva Nove olhava fixamente para as chamas dançantes e pensava em sua vida antes de sair do Santuário. Pensou em Mater, e uma pontada oca de solidão a invadiu.

Ela sentiu o aconchego familiar de um focinho em suas costas e ouviu um ronronar. Uma língua quente e áspera começou a lamber sua cabeça.

Pequenina, você está a salvo.

Eva levantou-se e enxugou o rosto com a manga da túnica. Ela virou-se, achando que veria Otto, mas em vez disso deparou com o rosto de outro urso-d'água gigante, que a observava com os olhos anuviados. Sua carapaça era coberta por vários recortes e saliências unidos por tufos espessos de musgos e algas. Atrás do animal estavam os muitos outros rostos da manada, todas reunidas para ver Eva. Os ursos-d'água começaram a sibilar em uníssono:

Você é aquela, cantaram eles, *aquela que arriscou a vida para salvar um de nós... aquela que nos tratou de igual para igual.*

Eva piscou quando os pensamentos deles invadiram sua mente, preenchendo-a. Eles a despertaram e energizaram.

Agora você, pequenina, é uma de nós. Nós somos um. E que assim seja.

Um beemote grande deu um passo à frente. Eva sorriu ao reconhecer o rosto bondoso de Otto. Ela colocou a palma da mão em sua testa áspera.

Você sempre será meu amigo, Otto.

Manada. Devo. Ir.

— Eu entendo — disse Eva, tentando conter as lágrimas. — Talvez nos vejamos de novo, algum dia.

Só. Chamar.

— Ah, eu amo você, Otto. — Eva envolveu seu largo pescoço com os braços

finos. — E vou sentir saudades.

Eu. Também. Pequenina.

A manada começou a afastar-se das ruínas, atravessando as misteriosas dunas escuras. Ao se virar para partir, Otto dirigiu os grandes olhos inchados a Eva.

Vá. Veja. Verdade.

O urso-d'água seguiu seu caminho para se juntar ao restante da manada. Atrás dele, o enorme túnel que havia escavado sob as esculturas dos leões aguardava nas sombras enquanto o crepúsculo inundava a terra.

Eva pegou um lampião e andou, por entre as silhuetas das ruínas, na direção do túnel gigante.

— Andri? — sussurrou ela.

Sentado em uma das esculturas de leão, sozinho no crepúsculo, Andrílio Kitt olhava fixamente para o céu enquanto o topo do sol mergulhava na linha do horizonte da paisagem escurecida. Eva o ouviu falando com alguém, embora fosse difícil identificar quem era, porque ele estava de costas.

— Ei — disse ela, aproximando-se.

— Olá, Eva Nove. — Ele deu uma golada na garrafa. — Você está bem?

— Estou... bem... acho. Não sei. — Ela subiu para perto dele. — E você?

— Estou triste por você e por mim — disse ele, e tomou um pouco mais da bebida. — Estou de luto por Mater.

— Também estou triste.

Eva abraçou os joelhos perto do peito. Sentia falta de um pedaço de si mesma que, ela sabia, nunca mais encontraria.

— É engraçado. Nós nos adaptamos para viver em um *mundo novo*. Uma t*erra nova*. — Andrílio bebeu mais um gole. — Nós viajamos longas distâncias, enfrentando diversos perigos... vários obstáculos.

Eva continuou em silêncio.

— E o que acontece? Qual é nossa recompensa por essa jornada tão penosa? Isto?

Andrílio soltou uma risada de sarcasmo ao apontar para as ruínas ao redor.

O olhar de Eva era de desalento.

— Isto não é justo! — gritou Andri, atirando longe a garrafa, que se chocou contra uma parede solitária. — Você não merece isto.

Eva baixou a cabeça.

— Deveria... deveria ter sido eu! — Ele tinha ira na voz. — Isto não está certo!

— Não diga isso, Andri.

Eva fungava. Seu corpo estava dormente.

— Não! — Andrílio ficou de pé, gritando. — Eu deveria ter morrido! Não deveria ter sido Mater. Não deveria ser *nenhuma* mãe... não as que têm filhos pequenos. — Ele curvou-se para a frente e levou as mãos à cabeça. — Não as que têm filhos pequenos. Elas não merecem isso. Deveria ter sido eu. — Ele soluçava. — Deveria ter sido eu.

Eva foi até Andrílio e colocou o braço no ombro dele. Eles ficaram ali, sentados, em silêncio enquanto a lua azul e cheia vagava pelo céu noturno e nublado de Orbona.

* * *

Eva despertou ao som do crepitar da fogueira no meio da noite. Enrolada em uma manta grossa, ela espiou o acampamento. Andrílio estava sentado próximo a ela e olhava para o fogo como se estivesse hipnotizado. Ao lado dele, sua enorme mochila estava totalmente aberta, e vários itens espalhados.

Um a um, ele pegava os objetos e jogava-os nas labaredas. Eva piscou, tentando despertar completamente, e sentou-se.

— Andri, o que você está fazendo?

A voz dele estava calma, tranquila, como se falasse com as chamas.

— Estou finalmente limpando meu espírito, Eva Nove.

Ela esfregou os olhos com o dorso da mão.

— O quê?

Andrílio pegou o colar enfeitado de dentro da mochila.

— Essas coisas não são nada mais que... coisas — disse ele, e deixou o colar cair na fogueira.

Eva sentou-se na manta embolada, observando as chamas consumirem o colar.

— Elas não são lembranças... — Ele encheu a mão com mais pertences e lançou-os na fogueira. — Elas não estão vivas... — Pegou outro punhado. — Nunca vão substituir aqueles que perdemos.

Então, ele se levantou e acabou de descarregar na labareda crescente o que sobrara de suas antigas posses.

Eva ficou de pé, ainda enrolada na manta áspera. Pegou sua bolsa, andou até a fogueira e virou-a de cabeça para baixo. O que restara dos comprimidos de comida, dos tabletes purificadores de água, dos Ener-G-sucos e das NutriBarras caiu nas labaredas crepitantes. Ela sentou-se ao lado de Andrílio e sorriu. Não

foi um sorriso de felicidade, e sim de cumplicidade.

Naquele momento, veio-lhe outra lembrança. Eva foi até o colchonete e pegou um objeto pequeno e plano que estava enfiado sob seu casacolete enrolado. Ela contemplou o WondLa uma última vez antes de tentar jogar a imagem nas chamas... mas a mão calejada de Andrílio segurou seu pulso.

— Esse, não — falou ele com um tom de voz sério. — Você deve honrar Otto, a mim e sua mãe ao garantir que vai encontrar o que vinha procurando.

— Mas... — Eva piscou, surpresa. — E qual é a importância disso, agora?

— *Agora* é que isso é mais importante, Eva Nove — respondeu Andri, soltando sua mão. — Honre a si mesma.

A menina viu a pulseira da amizade desfiada no pulso dele.

Eva olhava a fogueira, que terminava de lamber todos os objetos que pertenciam a seu passado... ao passado de Andrílio. Logo aquelas cinzas estariam indistintamente misturadas às areias escuras do deserto que os rodeava. Ela largou o WondLa no chão e pegou o casacolete.

— Aonde você pensa que vai? — O amigo levantou-se. — Já passou de meia-noite.

Eva vestiu o casacolete e acendeu um lampião.

— Vou terminar o que comecei.

Um dos leões de pedra estava enterrado sob a enorme quantidade de areia que Otto escavara. Esmagando os finos grãos com os botatênis, ela olhava para cima, para o céu azul-safira agora completamente aberto. Os Anéis celestiais de Orbona brilhavam como fitas largas estendidas pelo ar. Ela parou na entrada do túnel. Com o lampião suspenso acima da cabeça para enxergar melhor, Eva sentiu um calafrio ao perceber que ele quase não iluminava nada à volta. A luz de outro lampião surgiu atrás dela.

— Você não achou que eu a deixaria fazer isso sozinha, achou? — disse Andrílio, alcançando Eva com suas pernas arqueadas para trás. — Está pronta?

— Estou. — Eva olhou para ele sob a luz dourada e tremeluzente. — Preciso encontrar a resposta do enigma.

Ele abriu um sorriso largo, mostrando todos os dentes.

— Eu sei, Eva Nove. Essa é uma das coisas de que eu mais gosto em você.

Como fizera Mater, ele esticou o braço e Eva colocou a mão sobre a dele. Juntos, eles se aventuraram pelo túnel gigantesco adentro.

O duto largo seguia bem íngreme para baixo por uma distância curta e depois fazia uma curva, transformando-se em uma descida em ângulo mais gradual. Ele se enredava pelo chão úmido e frio, por fim nivelando-se a uma passarela subterrânea.

— Oih-ah! Um ótimo escavador esse Otto! — Andrílio analisava as paredes do túnel com o lampião, agora preso à ponta da bengala. — Olhe isto aqui.

Eva ajoelhou-se. O chão era duro e firme. Ela espanou a areia com as mãos e encontrou vários paralelepípedos pequenos dispostos em um padrão perfeito. Olhou para paredes e teto de argila acima.

— É parecido com o Peixe-dourado, não é?

Andrílio aproximou seu lampião do dela. A frente de um aerobarco sobressaía nas paredes cobertas de areia acima deles. Os bocais vazios dos faróis observavam os dois passando logo abaixo. Eles continuaram a percorrer a trilha do túnel, onde Eva reconheceu vários itens que a cumprimentavam silenciosamente de seus locais de descanso: sinais de trânsito, mais aerobarcos e até mesmo os restos enferrujados de um robô. Mais à frente, um portal escurecido em forma de arco marcava o fim do túnel.

Andrílio levou seu lampião até o arco. Eva percebeu que eram duas grandes portas fechadas, cobertas com uma camada de terra e fuligem. Embora uma das portas ainda estivesse parcialmente enterrada no material sedimentado, Eva viu que havia algo escrito nela. Algo que lhe era familiar.

Com a manga da túnica, limpou a sujeira da superfície visível da porta. Em letras totalmente preservadas, lia-se:

BIBLIOTECA PÚBLICA DE NOVA YORK
ACERVO DE OBRAS RARAS



CAPÍTULO 42: WONDLA

Fazendo muita força, Andrílio Kitt empurrou a porta havia muito abandonada. Um cheiro de mofo deu as boas-vindas aos exploradores quando eles espiaram dentro do ambiente escuro. Andrílio fez um gesto afirmativo com a cabeça e entrou. Eva seguiu-o e viu que estava no meio de um cômodo circular e bastante amplo.

Ela levantou a cabeça para a estrutura arquitetônica que se desintegrava diante de seus olhos. Um teto abobadado, sustentado por tijolos e pedras, ainda se preservava naquele espaço sem janelas. Elevando-se à frente de Eva, vários níveis circundavam a câmara escura, cada um totalmente revestido por prateleiras, por sua vez abarrotadas de volumes pertencentes a um passado bem distante. Livros desgastados de capa marrom de todos os formatos e tamanhos estavam deitados; alguns deles tinham caído, formando pilhas; outros estavam em exposição, como borboletas e mariposas enormes e amareladas, em vitrines trincadas. Eva andou até o meio da grande biblioteca, e só o que ouviu foi o ruído de sua própria respiração e de seus passos naquele silêncio opressivo.

— Ninguém aparece por aqui há muito, muito tempo — disse Andrílio, sua voz ecoando pelo amplo cômodo abobadado.

Mesas grandiosas com cadeiras quebradas estavam dispostas em filas no centro do piso empoeirado. Parte das mesas tinha sido devorada por insetos e virado serragem... Ao mesmo tempo, outras mantinham-se maciças e resistentes aos efeitos do tempo.

— Você acha que Mater tinha ideia do que exatamente você encontraria aqui que pudesse ajudá-la? — sussurrou ele.

— Não sei — disse Eva, tentando não pensar em Mater.

— O que são estas coisas guardadas neste lugar, Eva?

Andrílio pegou um volume caindo aos pedaços e entregou-o à menina.

— São livros — disse Eva, enquanto pedaços amarelados de papel soltavam de sua mão e caíam no chão. — Muito tempo atrás os seres humanos os usavam

para fazer todos os seus registros escritos.

Andrílio piscou, perplexo, ao absorver toda a informação visual contida no enorme cômodo.

— Então, isto é um banco. Todo o conhecimento antigo de seu povo está guardado aqui. É isso?

— Não sei — disse Eva, apoiando os restos do livro em uma mesa. — Nunca li um desses. Nós não tínhamos isso no Santuário. Eles são velhos. Não possuem hologramas nem quaisquer outros elementos interativos.

— Então são inúteis?

Andrílio pegou o livro novamente. A capa dura separou-se do miolo; a cola que mantinha as duas partes grudadas perdera a aderência fazia muito tempo. Ele estreitou os olhos ao examinar a capa e limpar a poeira dela. O tamanho e o formato eram... familiares.

— O Onipod avisou que estava recebendo um sinal desta área — disse Eva. — O sinal tinha de estar vindo deste cômodo.

Ela olhou em volta, na escuridão, desejando que o Onipod estivesse ali.

Desejou que Mater estivesse ali.

Eva foi até o meio do cômodo, onde uma impressionante mesa circular com tampo de mármore mantinha-se intacta.

— Andri, venha aqui!

— O que é?

Andrílio correu até ela, o movimento de seu lampião espalhando uma luz dançante pela câmara inteira.

Eva espremeu-se por trás da mesa e tocou a grande tela de vidro embutida no tampo. A superfície tremeluziu com estática por alguns instantes e então ligou-se, emitindo uma luz pulsante e fraca.

— Pfff Pública de Nova Yo-pfff, Acervo de Obras Raras. Como pfff ajudá-lo?

— Oh, céus! — assustou-se Eva. Com os olhos esbugalhados de descrença, ela ficou olhando fixamente para as palavras de uma lista, através das rachaduras que parecem teia de aranha no vidro coberto de sujeira. A menina, colocando a mão no vidro, falou: — Aqui é Eva Nove. Existe algum humano nesta área?

— Títulos sobre humanidade estão pfff andares três pfff quatro — respondeu a mesa.

— Não. — Eva inclinou-se mais para perto da mesa e falou devagar: — Existe... algum... outro... ... humano... nesta... área?

O computador ficou em silêncio por um momento. Andrílio colocou a mão no ombro de Eva. Observando. Esperando.

— Lamento pfff. Não pfffftendo sua pfff. Títulos do assunto humanidade estão

pfff andares três pfff quatro — repetiu a mesa.

Andrílio tocou a tela. Surgiu um desenho da câmara inteira, com menus interativos para cada nível, prateleira e livro.

— Eva, esta máquina pode não ser exatamente como seu Onipod. Acho que ela só tem conhecimento dos itens que guarda.

Uma Eva sem esperanças curvou os ombros para a frente.

— Bem, então acho que é isso — murmurou ela.

— Sua resposta está aqui — disse Andrílio, fazendo um gesto mostrando a biblioteca. — Esta é a história de seu clã. Eles já viveram aqui, e agora você deve aprender tudo sobre eles.

Eva suspirou e perscrutou a escuridão.

— Deixe que eu lhe mostre — falou Andrílio, apontando para a mesa. — Pergunte à máquina onde estão os livros sobre Orbona.

Eva fez o que ele pediu.

— Pfffologia romana está localizada na seção de Mitologia. Os títulos estão na pfff cinco — respondeu a mesa.

Eva falou de um jeito mais claro e sucinto:

— Não. Eu preciso de informações a respeito dos seres humanos que colonizaram o planeta Orbona.

— Lamento pfff. Não pfffftendo sua pfff. Pfffologia romana está localizada na seção de Mitologia. Os títulos estão na pfff cinco — repetiu a mesa.

— Estranho — disse Andrílio, alisando a barba.

— Não. Não é estranho. — Eva falou mais uma vez com a mesa: — Por favor, diga-me onde posso encontrar livros sobre *este* planeta.

— Títulos pfff a Terra estão na seção de Astronpfff, na seção de Geolopff e na seção de Mitologia. Qual pfff você gostaria pfffir? — respondeu a mesa.

— Você disse que Orbona era um planeta adormecido, um planeta morto, quando o Rei Ojo trouxe todos para cá, certo?

Eva olhou para Andrílio, seu rosto iluminado pela luz que piscava da tela na mesa.

— Certo, mas...

Andri arqueou as sobrancelhas enquanto juntava as peças do quebra-cabeça.

Eva arregaçou a manga esquerda, mostrando para ele a marca que recebera de Arius.

— Zim me disse o que isso significa. Você sabe o que é?

Andrílio balançou a cabeça negativamente.

— Significa — disse Eva, passando o dedo nos dois círculos — um mundo

contido em outro mundo. Um planeta contido em um planeta.

— Orbona *era* a Terra — sussurrou Andrílio.

— A Terra é Orbona. — Eva balançava a cabeça, concordando.

— Oih-ah! — o amigo estava impressionado. — Isso explica muita coisa.

Eva sentou-se no chão frio de mármore. Ela abraçou os joelhos e inclinou a cabeça para trás, encostando-a na mesa.

— Não explica o que aconteceu com a humanidade, ou por que fui a única a sobrar aqui.

— Isso faz alguma diferença?

Andrílio sentou-se ao lado dela e apoiou a bengala na mesa. Eva fungava.

— O que você quer dizer?

— Você está sozinha, Eva Nove?

— Bem, Mater se foi... e Otto teve de juntar-se à manada dele.

Ela enxugou os olhos com a manga da roupa.

— Mas?

— Mas o quê? Quer dizer, você está aqui comigo — disse ela, olhando para a criatura esguia.

Andrílio Kitt a abraçou.

— E eu sempre estarei aqui com você, Eva. Vou tomar conta de você e lhe ensinar tudo o que sei.

— Você promete? — Ela fungou novamente. — Você... você não vai embora?

— Prometo.

Andrílio apertou ainda mais o abraço.

Os dois levantaram-se do chão de mármore atrás da mesa. Eva olhou a grande câmara de livros.

— Bem — ela respirou fundo —, acho que há vários livros que eu poderia ler... e várias histórias a aprender. Por onde devemos começar?

— Vamos começar com isto.

Andrílio pegou de seu bolso o WondLa queimado. Ele colocou-o na mesa e arrastou-o até Eva.

Antes que a menina o pegasse, a mesa soou e começou a falar:

— *The* **Wond***erful Wizard of Oz* pfff **L**. Fr**a**nk Baum. Publicado pfff 1900. Literatura Infant-pfff, segunda pfff.

A capa dele, em perfeitas e impecáveis condições, apareceu na tela. Eva deslizou o WondLa por cima dela, alinhando-o para ver as letras e palavras que faltavam. Ela fitou a imagem da menina de braços dados com um robô e um homem com um chapéu de abas largas, andando alegremente naquele mundo

maravilhoso. Eles estavam sorrindo. Eles estavam felizes.

Eva tocou um ícone no canto da tela e a mesa exibiu um diagrama da biblioteca, mostrando exatamente em qual prateleira o livro estava. Ela deixou o WondLa na mesa e olhou para Andrílio.

— Bem, Eva Nove — disse ele. — O que você está esperando?

* * *

Na tarde seguinte, Eva despertou no acampamento. Ela e Andrílio tinham explorado exaustivamente os volumes em decomposição da grande câmara abobadada, até que foram vencidos pelo cansaço. No almoço, comeram gira-barbatanas assados. Andrílio os capturara e assara pela manhã. Como ele bem dissera, eram deliciosos.

Mais tarde, quando o sol alaranjado começou a se pôr, um zumbido amaldiçoado aproximou-se de onde Eva estava sentada. O planador de Feraptor, agora pilotado por Andri, pousou perto do acampamento. Ele saltou e estendeu a mão para Eva.

— Chegou a hora. Venha — disse ele.

Eva subiu no planador e tomou o assento atrás do amigo. Ele pilotou o veículo cada vez mais para o alto, invadindo o céu pálido. Planaram sobre as ruínas no crepúsculo e desceram no topo da estrutura mais ampla que havia ali. Com lampiões em punho, a dupla desembarcou da aeronave e percorreu o telhado cheio de gira-barbatanas empoleirados em grandes tufos de liquens e musgos.

No meio da cobertura, deitada de costas e rodeada de flores coloridas, estava a MultiAssistente de Tarefas Elementares Robótica zero-seis.

Eva olhou para baixo, para as pálpebras fechadas e o rosto de borracha de silicone. Sua mente inquieta sossegou quando o anoitecer inundou tudo ao redor. Andrílio colocou um braço em volta dela.

— Espero que tudo esteja como você esperava, Eva Nove — disse ele, baixinho.

Eva fungou.

— Agora ela poderá ver o verdadeiro sol e a verdadeira lua para sempre.

Andrílio ajoelhou-se à frente de Eva.

— Sua mãe possuía um espírito bom. Um espírito amoroso. Um espírito que não deixará de existir.

Eva olhou para ele, franzindo o cenho.

Andri colocou o braço no ombro dela.

— Então, ela vive dentro de você agora, em todas as lições que lhe ensinou. Lições que você nunca esquecerá. Lições que levará sempre consigo... e que um dia vai passar adiante.

Eva fez que sim com a cabeça. Pegou na bolsa o livro sobre o mágico de Oz. Inclinou-se para a frente e colocou o livro, imaculado, nos dedos emborrachados da robô. Em cima do coração dela.

— Obrigada — sussurrou ela.

— Seu WondLa — disse Andrílio, olhando para o livro. — Você não o quer mais?

— Está tudo bem, Andri — disse Eva, e deu-lhe a mão. — Já encontrei o que estava procurando.





EPÍLOGO

— Então você acha que isso vai nos levar até lá? De volta à sua aldeia?

Eva e Andrílio estavam de novo no acampamento e carregavam sua pequena bagagem para o planador.

— Acho. Pode ser que demore alguns dias, e vamos precisar reabastecer com frequência, mas, se o clima estiver bom, será uma viagem agradável — respondeu Andrílio, ajeitando a mochila.

Eva notou que a bagagem dele havia diminuído consideravelmente quando o viu colocando-a em seus ombros estreitos. Também percebeu que ele mudara de cor. As marcas cerúleas desbotadas na pele tinham mudado para um azul fantástico, parecido com o que vira nos hologramas de pavões. Azul-pavão.

— Está preparada para voar? — perguntou ele.

Eva lembrou-se da primeira vez que estivera na superfície e de seu desejo de planar pelo mundo e de vê-lo da segurança das nuvens. Aquilo havia acontecido pouco mais de uma semana antes, mas parecia que tinha sido há um ano.

— É — respondeu ela, sorrindo. — Acho que vou ficar bem.

— Que bom.

Andrílio retribuiu o sorriso.

Olhe. Cima. Estrelas.

Eva fechou os olhos. A distância, pôde ouvir os pensamentos esmaecidos de Otto cantando para ela.

— O que foi?

Andrílio olhou para Eva. Eva abriu os olhos verde-claros.

— É Otto. Ele quer que eu olhe para cima, para as estrelas.

Eva e Andrílio levantaram a cabeça para admirar a atmosfera noturna. A lua minguante iluminava o céu, muito além dos Anéis da Terra. Como um arco de diamantes, os fragmentos de asteroides e a poeira espacial cintilavam ao orbitar em torno do planeta, cada fragmento brilhando como uma estrela.

Uma estrela bruxuleando perto da linha do horizonte caiu.

— Você viu aquilo?

Eva estreitou os olhos ao acompanhar aquela luz esmaecendo, tentando enxergá-la melhor.

— Deve ser um meteorito — disse Andrílio, e pegou a luneta.

O ponto luminoso desceu próximo ao solo, mas não atingiu a superfície. Em vez disso, ficou mais brilhante, mais intenso... e maior.

Na suave brisa noturna do deserto, Eva escutou um ruído distante. Foi um ruído eletrônico... quase como o do Peixe-dourado.

— Você ouviu isso?

— Não é um meteorito.

Andrílio tirou os óculos de proteção e semicerrou os olhos ao observar a estrela que se aproximava.

Uma grande nave arredondada desceu da escuridão, levantando poeira e areia do solo. Enquanto Eva e Andri protegiam os olhos com as mãos, viram o veículo aterrissar em três robustos apoios.

— Isso veio de Consolu? Da Rainha Ojo? — perguntou Eva.

— A Rainha Ojo não tem naves tão grandes. — Andrílio analisou a insígnia arranhada e descascada. — Nada parecido com isso.

A nave era velha, estampada com um quadriculado amarelo-claro e preto. A janela da cabine de comando era redonda e localizava-se no nariz da nave. Dois motores de tamanho considerável projetavam-se da parte traseira, suas turbinas barulhentas roncando enquanto a velocidade diminuía. Vários propulsores pequenos contornavam o veículo. Com um silvo, uma rampa hidráulica abriu-se da barriga da nave.

Eva estava imóvel ao lado do amigo, admirada, esperando que o piloto do veículo aparecesse.

De dentro da nave ouviu-se uma música alta, mas que cessou de repente. Um par de botatênis quadriculado e sujo apareceu no início da rampa. Quando começaram a descer pela plataforma, Eva viu que pertenciam a um menino.

Um menino humano.

— Olá — disse o garoto.

Ele parecia ser alguns anos mais velho que Eva. Sua pele era bronzeada, e seu cabelo mesclado de castanho e azul balançava ao vento, deixando-o ligeiramente descabelado.

— Meu nome é Hailey. — Ele estendeu o braço e oferecendo a mão para um cumprimento.

Eva e Andrílio entreolharam-se.

Um meio sorriso brotou no rosto sardento de Hailey. Com uma risadinha, ele disse:

— Não tenha medo. Segui você de muito longe. Estou aqui para levá-la de volta para casa.

Fim do

LIVRO I


Mapa da Região de
ORBONA
FORA DE ESCALA
N
S
L
Consolu
Lago Seranus
Acampamento de Feraptor
Acampamento
Terras Desoladas
Oásis
Lacus
Santuário de Andrílio Kitt
Floresta Ambulante
Santuário de Eva Nove
Santuário Abandonado
Cordilheira Sômbria
Ruínas Antigas

O Alfabeto Orboniano

Os habitantes de Orbona utilizam um alfabeto básico. A tabela a seguir é a chave para decifrar a escrita desse povo. O alfabeto principal é composto por trinta e dois caracteres (diferentemente de nosso alfabeto), e muitos deles derivam de símbolos que representam objetos, ações ou conceitos. Eles estão apresentados aqui mais ou menos em ordem alfabética, embora essa não seja a ordem usada pelos orbonianos. Eles alinhariam símbolos semelhantes lado a lado de modo que os jovens pudessem identificar suas diferentes características com facilidade.

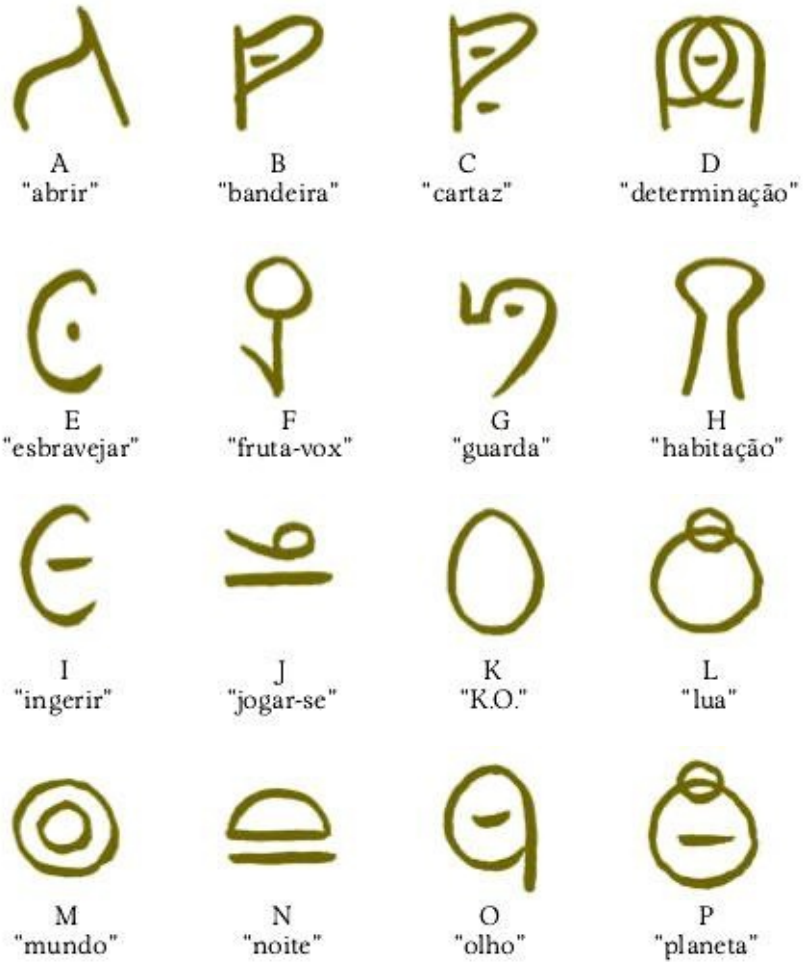
Os orbonianos escrevem na vertical e da esquerda para a direita. Palavras compostas são quase sempre desmembradas, e as partes individuais escritas lado a lado, como se pode ver aqui em “Terras Desoladas”:



Letras maiúsculas são versões maiores das minúsculas. Nomes próprios utilizam uma versão grande da letra inicial, seguida pelo restante da palavra, que é escrito ao lado dela, como se pode ver aqui na palavra “Lacus":



Há vários símbolos abreviados para monossílabos como “de" ou os artigos “a" e “o" — ocorrências incluídas na tabela. No entanto, o foco aqui é o alfabeto principal, para que os leitores sejam capazes de decifrar a escrita orboniana neste e nos próximos livros.





Q
"queima-roupa"



R
"rainha"



S
"sobre"



T
"topo"



U
"universo"



V
"vida"



W
"vitimar"



X
"xeretar"



Y
"hibernar"



Z
"Zim"



Æ



gu



qu



lh



nh



ch



a, o



de

AGRADECIMENTOS

Todo livro tem um caminho próprio — uma jornada na qual o contador de histórias deve embarcar para encontrar o propósito de seu conto a fim de que as outras pessoas consigam desfrutar totalmente do que ele tem a dizer. Apesar de só haver um nome na capa deste livro, muitos amigos me ajudaram a compor a história que você acabou de ler.

Em primeiro lugar, minha maravilhosa empresária, Ellen Goldsmith-Vein, e sua sócia, Julie Kane-Ritsch, que ficaram empolgadas com a ideia da história de Eva desde o início. Com elas, Rick Richter e Kevin Lewis, W*ondLa* garantiu seu lugar na Simon & Schuster.

A equipe responsável pelos livros para jovens-adultos da Simon & Schuster vem me apoiando muito, e tenho o orgulho de, com a publicação desta história, completar uma década de criação literária com eles. Do meu editor, David Gale, e da diretora de arte, Lizzy Bromley, até minha copidesque, Dorothy Gribbin, agradeço a todos por me ajudarem com as palavras e as ilustrações. Chrissy Noh também me inspirou com seu entusiasmo incansável e ideias de marketing inovadoras. Jon Anderson, Justin Chanda e Anne Zafian: sinto-me pequeno diante da paixão que vocês e sua equipe levaram ao mundo de Eva.

Conforme a história foi tomando corpo, tive o *feedback* e o apoio da minha família e de meus amigos, que me ajudaram a entender sobre o que, na verdade, essa história tratava. Tive vários diálogos fundamentais com minha mãe sobre a razão dessa história, e uma quantidade ainda maior de bate-papos com meu ex-assistente Will Lisak sobre cenários futurísticos possíveis para o planeta Terra. Minha sogra, Linda DeFrancis, e meus grandes amigos Donato Giancola e Holly Gibson também me presentearam com suas opiniões e me estimularam a seguir em frente.

Em uma fase inicial, tive o apoio de escritores que admiro muito, como Kate DiCamillo, Guillermo del Toro e Holly Black, que me encorajaram a escrever este conto. Dois escritores fantásticos foram meus leitores cativos — Ari Berk e

Steve Berman. Suas ideias e os desafios propostos quando eu trabalhava nos vários rascunhos fizeram com que eu me tornasse um contador de histórias melhor. Tenho uma dívida eterna com vocês dois.

Alguns outros amigos, que são também professores, colaboraram com as noções a respeito do mundo de uma menina de doze anos. Lauren Decker me lembrou de como é a vida de alguém com essa idade, em que um pé está plantado na infância, enquanto o outro dá um passo em direção à vida adulta. Kim Pilla me deu várias ideias sobre passatempos que perpassam gerações, como, por exemplo, a confecção de pulseiras da amizade. (Andrílio usa a dele até hoje.)

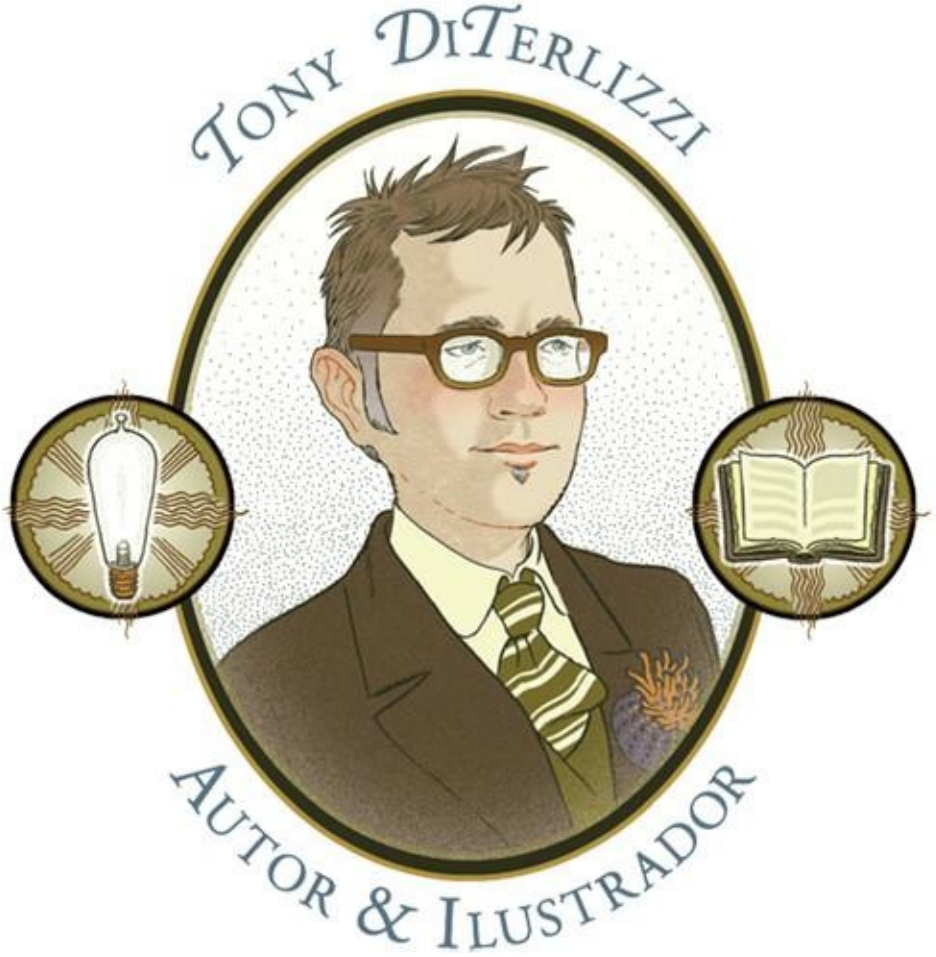
Também tive a visita, ao fim do processo criativo, de alguns bibliófilos incríveis e experientes, que compartilharam comigo seu vasto repertório de leituras. Lisa Von Drasek, Joan Kindig, Ed Masessa e Heidi Stemple me chamaram a atenção para alguns últimos detalhes da história que me permitiram poli-la e deixá-la com um brilho radiante.

Ilustrar um livro baseado nos processos de composição individual de cores da virada do século não é uma tarefa fácil. Para me inspirar e compreender a riqueza desse estilo, tive a ajuda de Peter Glassman, que compartilhou comigo as artes originais de *Oz* de sua coleção e que permitiu que eu visse seus tão valiosos exemplares das primeiras edições. A criação da arte em si teve a ajuda de Bryant Paul Johnson e John DesRoches. Ambos me ajudaram a criar as pranchas em duas cores. Um agradecimento enorme vai para John Lind, que esteve comigo desde o início criando a arte e me ajudou com o design, com as ilustrações e com sugestões constantes que me ajudaram a dar vida à visão que eu tinha. Você estava certo, John, um designer de logo realmente iria fazer com que o título do livro ficasse com uma aparência espetacular, e Tom Kennedy fez um ótimo trabalho.

Ao chegar perto do término do livro, palavras entusiasmadas foram espalhadas aos quatro ventos por meio do fantástico trabalho de divulgação de Maggie Begley e do time na Media Masters.

Por fim, as duas pessoas mais importantes na minha vida e que estiveram ao meu lado a cada passo na jornada da criação deste livro. Um abraço enorme vai para minha mulher, Angela, e um beijo para minha filha, Sophia. Seu amor, apoio e paciência me sustentaram todos os dias, sem exceção. Vocês são meu WondLa.

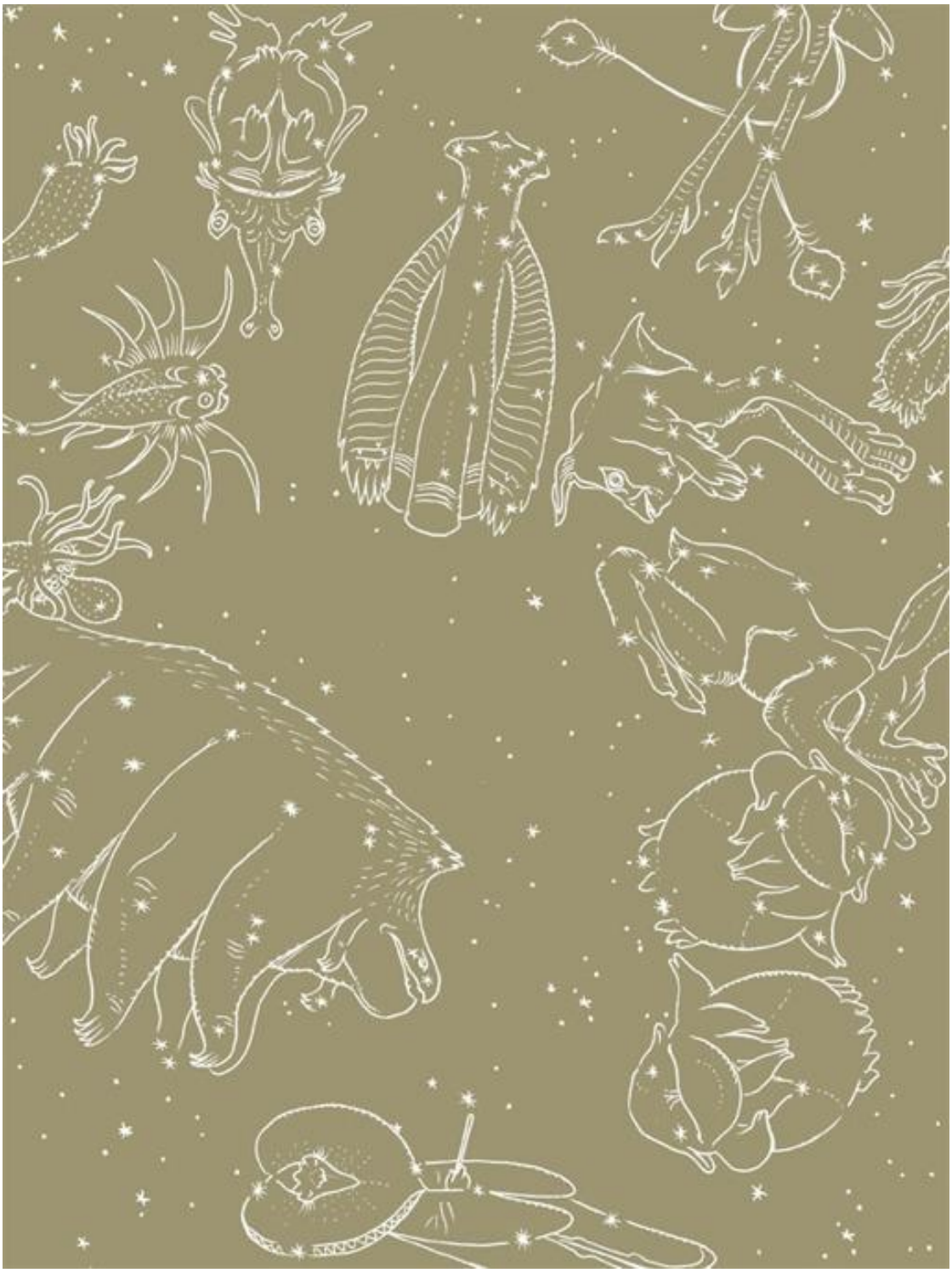
Nunca deixem a imaginação de lado.


Tony DiTerlizzi
Autor & Ilustrador

Dragões, monstros espaciais, goblins e insetos: os personagens que habitam o mundo de TONY DITERLIZZI são os mesmos desde que ele era garoto. DiTerlizzi nasceu em Los Angeles, na Califórnia, em 1969, e é o mais velho de três irmãos de uma família ligada às artes. Ainda criança ele começou a desenhar, inclusive usando lápis de cor nas paredes recém-pintadas de seu quarto para ilustrar um Ursinho Pooh.

Ao concluir o ensino médio, sonhava em fazer livros infantis. Estudou em várias escolas de arte, dentre elas a Florida School of the Arts e o Art Institute of Fort Lauderdale, e formou-se em design gráfico em 1992. É ilustrador e co-autor da série *As crônicas de Spiderwick*, que já vendeu milhões de exemplares no mundo todo e foi adaptada para o cinema.

Tony trabalha com a esposa, Angela, e eles moram em Amherst, Massachusetts, com a filha.



Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Mídias Sociais
Sumário
Epígrafe
Parte I
- Capítulo 1: Sozinha
- Capítulo 2: Habilidades
- Capítulo 3: Segredos
- Capítulo 4: Bum
- Capítulo 5: Na superfície
- Capítulo 6: Onipod
- Capítulo 7: Formas de vida
- Capítulo 8: Presa
- Capítulo 9: Em pedaços
- Capítulo 10: Corra

Parte II
- Capítulo 11: Feridas
- Capítulo 12: Tocaieiro-do-areal
- Capítulo 13: Santuário
- Capítulo 14: Cinzas
- Capítulo 15: Sentido anti-horário
- Capítulo 16: Quebra-cabeça
- Capítulo 17: Portas
- Capítulo 18: Subsistência
- Capítulo 19: Floresta
- Capítulo 20: Água
- Capítulo 21: Nevoeiro

Parte III
- Capítulo 22: Lacus
- Capítulo 23: Trançado
- Capítulo 24: Presentes
- Capítulo 25: Salto
- Capítulo 26: Muito longe

- Capítulo 27: Mensagens
- Capítulo 28: Artefato
- Capítulo 29: Marcas
- Capítulo 30: Esperança
- Capítulo 31: Tudo bem
- Capítulo 32: O Peixe-dourado
- Capítulo 33: Encontro

Parte IV

- Capítulo 34: Grande migração
- Capítulo 35: Gira-barbatanas
- Capítulo 36: Sem fôlego
- Capítulo 37: Sinal
- Capítulo 38: Ruínas
- Capítulo 39: Superfície
- Capítulo 40: Escuridão
- Capítulo 41: Verdade
- Capítulo 42: WondLa
- Epílogo

Mapa da região de Orbona
O Alfabeto Orboniano
Agradecimentos
Sobre o autor